

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia

Número 31/32, janeiro de 2005/dezembro de 2005

# ESTUDOS

Linguísticos e Literários

ISSN 0102-5465

---

# ESTUDOS

Linguísticos e Literários

Universidade Federal da Bahia

Reitor

**Naomar de Almeida Filho**

Instituto de Letras

Diretor

**Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio**

Vice-diretor

**Noélia Borges de Araújo**

O corpo Editorial da revista Estudos Lingüísticos e Literários interfere apenas nos aspectos técnicos de formatação dos artigos.

Estudos Lingüísticos e Literários, n. 25-26, Salvador, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Universidade Federal da Bahia, janeiro-dezembro 2000, 412 p. 20,0 x 26,0 cm.

1. Letras – Periódicos I. Mestrado em Letras, Universidade Federal da Bahia.

CDU 8 (05)

ISSN 0102-5465

# ESTUDOS

Lingüísticos e Literários

Número 31/32, janeiro de 2005/dezembro de 2005



Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística  
Universidade Federal da Bahia



# ESTUDOS

Linguísticos e Literários

Número 31/32, janeiro de 2006/dezembro de 2006

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Universidade Federal da Bahia

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL  
Coordenadora do PPGLL  
Evelina Hoisel

Editora  
Susana Alice Marcelino Cardoso

Co-editora  
Ligia Guimarães Telles

Conselho Editorial  
Célia Marques Telles (UFBA/PPGLL)  
Cátia de Araújo Scheinowitz (UFBA/UEFS)  
Délio Torres Cruz (UFBA/PPGLL)  
Evelina Hoisel (UFBA/PPGLL)  
Iza Maria de Oliveira Ribeiro (UFBA/PPGLL)  
Jacques Salah (UFBA/PPGLL)  
Lisár Aronjo Alves (UCSal)  
Luiz Antonio Marcuschi (UFPE)  
Marta Helena Mira Mateus (Univ. de Lisboa)  
Marta Teresa Abadia Alves (UEFS)  
Myriam de Castro Lima Fraga (FCJA)  
Norma Lopes (UNEB/FJA)  
Regina Elbermann (UFRGS)  
Rita Olivier-Godet (Univ. de Rennes II)  
Rosa Virginia Mattos Oliveira e Silva (UFBA/PPGLL)  
Serafina Maria de Souza Pondé (UFBA/PPGLL)  
Sylvia Rita Magalhães de Olanda (UEFS)  
Vanderlei de Andrade Aguiar (UEL)

Revisão do texto  
Jane Lemos

Projeto Gráfico  
Humberto Villares

Editoração  
Virginia Oliveira



INSTITUTO DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Rua Saão de Geremão, 147  
Campus de Ondina, CEP 40.170-290, Salvador, Bahia, Brasil  
Telefones (71) 3263-6208/6212  
Fax: (71) 3263-6208  
E-mail: pgl@ufba.br

# Sumário

Estudos Linguísticos e Literários: histórico de uma revista universitária <i>Celina Scheinowitz</i>	7
<b>Linhas de pesquisa</b>	
Linha Diversidade linguística no Brasil: trajetória <i>Suzana Alice Marcelino Cardoso</i> <i>Jacyra Andrade Mota</i>	17
Evolução e tendências da linha Língua estrangeira: ensino-aprendizagem e tradução <i>Denise Scheyerl</i> <i>Luiz Angélico da Costa</i>	33
Sobre o Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) e sua inserção no Projeto Nacional Para a história do português brasileiro (PHPB) <i>Rosa Virgínia Mattos e Silva</i>	53
Um breve histórico da linha de pesquisa Aquisição e ensino do português <i>Elizabeth Reis Teixeira</i>	65
O trabalho filológico: mudança linguística e crítica textual <i>Célia Marques Telles</i> <i>Rosa Borges Santos Carvalho</i>	75
Documentos da memória cultural <i>Eneida Leal Cunha</i>	91
Estudos de teorias e representações literárias e culturais: tendências e projetos <i>Evelina Hoisel</i>	101

## Artigos

- O ambiente virtual e o texto em movimento  
*Silvia Maria Guerra Anastácio*  
*Denise Chaves de Menezes Scheyerl*  
*Célia Nunes Silva* 123
- O russo instrumental (Uma proposta de ensino)  
*Olga Belov* 133
- Língua falada e língua escrita: diferentes ontem e hoje  
*Rute Paranhos Silva Mendes* 151
- A denominação dos índios canadenses na língua francesa do Quebec, em uma perspectiva histórica e comparativa  
*Celina Scheinowitz*  
*Humberto Luiz L. de Oliveira* 161
- Os domínios do léxico  
*Claudia Xatara*  
*Tatiana Rios* 171
- Las naciones imposibles y el mundo del mulataje en el Caribe  
*José F. Buscaglia* 193
- Amizades literárias: Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa  
*Maria Zilda Ferreira Cury* 203
- Cantoria nordestina: aspectos da cultura oral na atualidade  
*Elba Braga Ramalho* 215
- Livros e revistas 229

# Estudos Lingüísticos e Literários: histórico de uma revista universitária

Celina Scheinowitz

Universidade Federal da Bahia



Vinte anos representam um lastro sólido de experiência na história de uma revista universitária. *Estudos Linguísticos e Literários* nasceu em maio de 1984, criada por um grupo de professores do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia, em funcionamento desde 1976 e então recém-credenciado pelo Conselho Federal de Educação para funcionamento pleno, pelo Parecer 416/83. Com 31 números publicados (na contagem do conjunto que precede o presente volume duplo, nº 31-32, estamos acrescentando o número especial de 1996, sem numeração, em homenagem ao septuagésimo aniversário do Prof. Nilton Vasco da Gama), a existência do periódico, ao longo desse espaço, merece ser lembrada, para que se marque sua preservação na memória da instituição a que ele se vincula, além de constituir-se a ocasião em instante privilegiado para fazer-se um balanço salutar visando à compreensão do papel que tem exercido na comunidade universitária em que se insere e permitir que melhor se vislumbrem os caminhos que anunciam o seu futuro. Nesse momento, a avaliação faz-se ainda mais significativa pelos parâmetros humanos que o período decorrido estabelece, favorável a uma imersão auto-avaliativa, com os membros da equipe que a criou ainda se encontrando direta ou indiretamente implicados no projeto: trata-se, num procedimento arqueológico, de uma descida dentro de nós mesmos, para olhar nosso próprio trabalho pretérito, o que pretendemos aqui realizar.

Ao ser criada, a publicação objetivava abrir lugar para os pesquisadores do Instituto de Letras discutirem idéias e veicularem informações, propiciando-lhes a oportunidade de escoar sua produção e integrá-la ao desenvolvimento científico nacional. Pretendia ainda servir de instrumento de compromisso com a realidade regional, encetando um diálogo com os diversos segmentos da sociedade. Parece-nos que a revista cumpriu este papel e que o espaço criado para divulgar a produção docente e entrosar os diversos segmentos da instituição e da comunidade foi rastreado com interesse, denodo e regularidade pelos professores do Instituto de Letras, apesar das dificuldades enormes com que se deparou, inclusive obrigando-a a publicar números duplos em 1998, 1999, 2000, 2001, 2002 e 2003, bem como o atual, de 2004, a fim de manter sua periodicidade.

O nº 2 de *Estudos Linguísticos e Literários* inaugura uma especificidade que marcaria o periódico no início de sua carreira: o volume é inteiramente dedicado a Franz Kafka, havendo reunido o ciclo de conferências sobre o escritor tcheco, realizadas de 25 a 28 de setembro de 1984, no Instituto de Letras, em uma programação comemorativa do centenário de seu nascimento (1983), organizada conjuntamente com o Instituto Cultural Brasil-Alemanha de Salvador, que financiou a publicação. Na história da revista, foram seis os números temáticos voltados para os estudos literários (além do nº 2, os números 7, sobre literatura oral, mais especificamente sobre a presença do Romancista hispânico em Salvador; 8, consagrado à obra de Guimarães Rosa; 9, a Emily Dickinson; 15, em torno da obra literária de Judith Grossmann, e 20, sobre a Crítica Genética), quatro centrados nos estudos linguísticos (5, focalizando temas de Dialectologia; 11, com coletânea de trabalhos baseados nas investigações do Projeto NURC, da Norma Linguística Urbana Culta, no Brasil; 17, enfocando os estudos de Fonologia do Português, e 19, os de Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa) e três números híbridos, o 13, em comemoração aos 500 anos de América, publicado em 1992, com financiamento do Consulado da Espanha em Salvador, e o 16, consagrado aos estudos franceses, que contou com o apoio da Aliança Francesa de Salvador. Inclui-se, ainda, neste rol, a tiragem de setembro de 1996, número especial intitulado *Studia Philologica*, miscelânea em homenagem ao Prof. Nilton Vasco da Gama, que agregou oito estudos filológicos, seis estudos lexicais, nove estudos linguísticos e quatro estudos literários.

Percebe-se, por um lado, a filiação direta desses números com algumas linhas de pesquisa desenvolvidas no Instituto de Letras, ostentando seu temário um longo espectro de enfoques, que se situam no campo da narrativa roseana, da obra literária de Judith Grossmann, a qual tem servido de foco para numerosas investigações de seus colegas e discípulos, estudos da Literatura oral, a Crítica Genética, a Dialectologia, a Linguística Histórica e a História da Língua Portuguesa, a Lexicologia, sem esquecer questões ligadas à literatura de língua inglesa e aos estudos franceses. Esses são, justamente, alguns dos alvos visados na pesquisa do Instituto de Letras – mas não todos –, que marcaram com destaque – ou continuam marcando, na maioria dos casos – pontos fortes, reconhecidos como tais nacionalmente. E até mesmo fora de nosso país. Por outro lado, percebe-se ainda, nessa organização editorial, a preocupação da revista em inserir-se no mundo, marcando sua presença no espírito do tempo e buscando uma aproximação com instituições culturais que põem em relevo a diversidade do pensamento humano, a heterogeneidade e a alteridade.

A voga de organizarem-se volumes temáticos não prosseguiu, a partir do 20º número da revista, provavelmente devido ao fato de algumas publicações especializadas terem vindo a lume, sob a forma de livro, como no caso das publicações pessoais ou coordenadas pelas professoras Rosa Virgínia Mattos e Silva, Suzana Alice Cardoso, Célia Marques Telles, Maria del Rosario Albán e Doralice Alcoforado.

Se considerarmos os números em aberto da revista, sem núcleo temático condutor, verificamos a recorrência de focos de abordagem ilustrativos da participação de pesquisadores locais, quer com investigações ligadas a uma equipe, quer com pesquisas individuais. Entre as linhas de pesquisa da instituição que emergem em trabalhos publicados ao longo desses 20 anos, salientam-se a Crítica Textual, Documentos da Memória Cultural, Lexicologia Contrastiva, Lingüística Aplicada, Representação e Leitura, Estudos Culturais, a Ética na Literatura, sem falar dos numerosos ensaios relacionados aos projetos da Diversidade Lingüística no Brasil e da Lingüística Histórica que, juntamente com as duas primeiras linhas aqui citadas, constituem campos em que a pesquisa da casa mostra-se sedimentada e altamente produtiva.

Procedendo-se, nos números em aberto publicados precedentemente ao atual, a um levantamento objetivando verificar o campo de estudos a que se filiam os ensaios, verificamos os dados que se seguem: no nº 1, há quatro trabalhos que se inscrevem no domínio dos estudos lingüísticos (LING), dois nos literários (LIT) e um no campo da comunicação; no 3, dois em LING, dois em LIT, um sobre leitura, além de um documento; 6, seis LIT, uma entrevista e um documento; 10, seis LING e três LIT; 12, sete LING e nove LIT; 14, cinco LING, cinco LIT e um estudo de transição entre o lingüístico e o literário; 18, cinco LING e sete LIT; 21-22, sete LING e nove LIT; 23-24, 14 LING, nove LIT e dois sobre leitura; 25-26, cinco LING, nove LIT, um artigo de transição entre o lingüístico e o literário e sete trabalhos voltados para questões culturais, didáticas e acadêmicas; 27-28, dez LING e 11 LIT e 29-30, com 12 LING e seis LIT. A soma de 78 trabalhos ligados à área dos estudos lingüísticos e 82 aos estudos literários conduz-nos a concluir por uma equivalência na força das duas áreas com relação à pesquisa realizada no Instituto de Letras da UFBA, o que nos parece constituir-se em um indicador expressivo da diversidade referente à investigação científica praticada na casa, bem como de sua vitalidade.

Uma característica marcante de *Estudos Lingüísticos e Literários* são os elos que mantém com outros pólos de investigação do país. Trabalha-se em sintonia com o desenvolvimento científico nacional, lançando pontes, estabelecendo diálogos e, inclusive, cultivando, desde o início, o sistema de permuta com revistas e publicações de outros centros universitários, facilitador da circulação de idéias e divulgador da produção acadêmica brasileira. O primeiro sinal desse alargamento de visão despontou com a abertura da revista para os pesquisadores de fora da UFBA publicarem seus trabalhos, havendo Regina Zilberman, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, iniciado a prática no nº 3, de julho de 1985, com sua contribuição *Leitura e sociedade brasileira*. No número seguinte, Maria Bernadette Velloso Porto, da Universidade Federal Fluminense, publica seu artigo *O espaço do sagrado em "Gouverneurs de la rosée", de Jacques Roumain*, e o volume 5, de dezembro de 1986, em homenagem ao centenário de Antenor Nascentes e voltado para temas de Dialectologia, intensificou a experiência, incluindo trabalhos de 11



pesquisadores ligados à Universidade de Lisboa (Maria Helena Mira Mateus), Universidade de Campinas (Brian Head), Universidade Federal da Paraíba (Maria do Socorro Silva de Aragão), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Vera Lúcia M. Maia), Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dinah Callou, Yonne Leite, Odirce Cid, Maria Cristina Costa e Célia T. Oliveira), Universidade Federal de Santa Catarina (Oswaldo Furlan) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Leda Bisol). A partir daí instalou-se o hábito de acatar, em maior ou menor proporção, trabalhos de outros centros, o que conferiu à revista uma dimensão nacional, tirando-lhe o *esprit de clocher* em que submergia inicialmente. Por outro lado, ainda no sentido de dinamizar os laços e as trocas interuniversitárias, a composição do Conselho Editorial da publicação, formado por seis membros oriundos do corpo docente da Universidade Federal da Bahia, foi remanejada, a partir do nº 7, de outubro de 1988, a fim de, continuando com seis membros, incluir dois nomes externos à UFBA, a saber, o do Prof. Luiz Antônio Marcuschi, da Universidade Federal de Pernambuco, e o da Profa. Regina Zilberman, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Uma representação certamente significativa no campo das Letras do país: além de cobrir as duas áreas de estudo, a Linguística e a Literatura, os dois nomes mapeavam ainda um largo espaço da latitude brasileira, considerada em seu percurso norte-sul. Ambos os professores continuam, até o presente número agora apresentado ao público, compondo o Conselho Editorial de *Estudos Linguísticos e Literários*, Conselho que permaneceu com seis membros até o nº 21-22, sendo acrescido, a partir do nº 23-24, para 14 membros, o que permitiu a introdução de nomes vindos de outras universidades e fundações da Bahia (Universidade Católica do Salvador (UCSal), Universidade Salvador (UNIFACS), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA)). No presente número 31-32, o Conselho Editorial se ampliou novamente, passando a abranger mais quatro nomes, sendo três universitários de fora da Bahia, Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina, Maria Helena Mira Mateus, da Universidade de Lisboa, e Rita Olivieri-Godet, da Universidade de Rennes 2, na França, além de Norma Fontes, das Faculdades Jorge Amado, de Salvador.

Na história da revista, uma guinada no seu *layout*, *design* e concepção gráfica foi dada com o nº 25-26, comemorativo dos 30 anos do Instituto de Letras: a publicação assumiu proporções materiais mais vastas, correspondendo a estas um maior volume da produção apresentada ao público. Com 412 páginas em formato maior (20,0 x 26,0 cm, ao invés de 15,5 x 22,5 cm), o número abriga, além da apresentação, dois documentos sobre o Curso de Letras da UFBA, seis discursos pronunciados pelos professores eméritos da Universidade Federal da Bahia, pertencentes ao corpo docente do Instituto de Letras e remanescentes da antiga Faculdade de Filosofia, nove conferências apresentadas no último concurso para professor titular e cinco artigos: com tal sumário, o volume encerra um valor histórico relevante. Fechando o número, registra-



mos ainda a seção *Livros e revistas*, que havia sido introduzida no nº 21-22 e suprimida no seguinte, seção que retoma a relação das publicações doadas ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, em um sistema de intercâmbio com a revista *Estudos Linguísticos e Literários*. O número seguinte, 27-28, de janeiro/dezembro de 2001, contém 366 páginas, com uma apresentação, nove trabalhos na área dos estudos linguísticos e 11 dos estudos literários, dando prova de uma diversidade que ratifica a multiplicidade de perspectivas teóricas e críticas disseminadas através dos grupos de pesquisa na área de Letras. O último número que veio a lume, 29-30, referente aos anos de 2002 e 2003, com 300 páginas, apresenta um texto introdutório, 12 ensaios que abordam questões da Linguística e seis que focalizam os estudos literários, uma resenha, concluindo com *Livros e revistas*, seção que agora se pretende que ocupe lugar permanente na publicação.

Cabe aqui lembrar, a fim de que se grave na memória do curso, que o nº 3 da revista, de julho de 1985, elencou, às p. 123-128, a relação das dissertações apresentadas ao Curso de Mestrado de 1979 a 1984, distribuídas nas três áreas de concentração então em vigor, com 15 dissertações em Língua Portuguesa, 19 em Linguística e 22 em Teoria da Literatura. Outra observação pertinente diz respeito à mudança da denominação "Curso de Mestrado em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia" para "Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia", instância institucional a que se filia a revista, mudança que ocorreu no nº 19, de março de 1997.

Antes de concluir, referir-nos-emos às instituições de fomento que, com a alocação de recursos, têm garantido a publicação de *Estudos Linguísticos e Literários*. O nº 1 contou com financiamento da CAPES, cuja verba destinada à melhoria do Curso de Mestrado foi revertida, em parte, na publicação. Também o CNPq contribuiu para a continuidade do periódico, havendo apoiado os números 11, de agosto de 1991, 12, de dezembro de 1991, 19, de março de 1997, e 20, de setembro de 1997. O nº 21-22, de junho/dezembro de 1998, contou com a subvenção da CAPES/CADCT e o 27-28, de janeiro/dezembro de 2001, com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, a FAPESB. Outras parcerias foram buscadas, com sucesso, junto a instituições culturais, como a que se concretizou para a entrega ao público do nº 2 de *Estudos Linguísticos e Literários*, de novembro de 1984, financiado pelo governo alemão, através do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, de Salvador, o nº 13, de julho de 1992, apoiado pelo Consulado da Espanha em Salvador, e o 16, de 1994, que recebeu auxílio da Aliança Francesa de Salvador. Sobretudo, cumpre destacar a liderança e o apoio prestados ao periódico pelos sucessivos diretores do Instituto de Letras, na origem de incentivos de todo tipo que possibilitaram não somente a publicação, mas ainda a divulgação da revista, bem como pelos diferentes coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e as diversas equipes responsáveis pelo periódico, à frente

das quais se colocam o editor e o co-editor. Uma disposição hercúlea para o trabalho os guiou, deixando em seu rastro uma sensação de missão cumprida, sempre recomeçada.

Só nos resta agradecer ao atual editor da revista, a colega Suzana Alice Cardoso, pelo carinho e confiança demonstrados em seu convite para redigir este histórico, bem como aos que apoiaram sua proposta, em especial a diretora do Instituto de Letras da UFBA, Profa. Rosaura Poggio, a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Profa. Ilza Ribeiro, e as professoras Evelina Hoisel e Célia Marques Telles, representantes da equipe precedente responsável pela revista, como editor e co-editor. Nosso vínculo com *Estudos Linguísticos e Literários*, com efeito, era tão estreito, uma vez que coordenávamos o Curso de Mestrado em Letras no momento de sua criação, em 1984, e fomos seu editor de 1985 a 1997 (havendo acumulado a função de editor com a de diretora do Instituto de Letras, cargo que ocupamos de agosto de 1984 a agosto de 1988), que, mesmo aposentada da UFBA, em 1991, continuamos por sete anos como seu editor. Só abandonamos este cargo em decorrência de função homônima que nos foi atribuída na Universidade Estadual de Feira de Santana, que nos impedia moralmente de acumulação, pelo menos assim pensamos naquele momento. Após uma trégua de dois anos nessa labuta editorial na UFBA, voltamos a colaborar com a revista em 1999, como membro do seu Conselho Editorial, posto que ocupamos ainda hoje. Foram instantes de intensa alegria, inesquecíveis, os que vivemos para levar à frente nossa revista. Colaboraram para esse convívio amistoso, além dos nomes já citados, os de Rosa Virgínia Mattos e Silva, Serafina Pondé, Aurélio Lacerda e Heliana Castro Simões, o primeiro editor.

Linhas de pesquisa

# Linha *Diversidade* *lingüística no Brasil:* trajetória

Suzana Alice Marcelino Cardoso

Universidade Federal de Bahia/CNPq

Jacyra Andrade Mota

Universidade Federal de Bahia/CNPq

## RESUMO

O artigo trata da Linha de Pesquisa *Diversidade Lingüística no Brasil*, apresentando as atividades desenvolvidas e a caracterização do trabalho empreendido. Iniciada por Nelson Rossi, em meados do século XX (finais da década de 50), tem produzido estudos em diferentes perspectivas das quais destacam-se a pesquisa no campo da Dialetologia do Português, com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), primeiro atlas lingüístico brasileiro, o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (em curso), os estudos da variação e da mudança lingüística com o Projeto NURC (iniciado em 1969) e o Projeto Vertentes (iniciado em 2001).

## ABSTRACT

This paper is about the line of research *Linguistic Diversity in Brazil*. It presents the activities and the characterization of the work developed by the group, a work initiated by Nelson Rossi in the late 50s. The group has produced studies on several perspectives, especially those in the field of Dialectology of Portuguese. These studies have resulted in the *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), the first Brazilian linguistic atlas and in the project Linguistic Atlas of Brazil (work in progress). This line of research has also yielded studies on varieties and linguistic changes with the NURC project (initiated in 1969) and with the Vertentes project (initiated in 2001).



As atividades de pesquisa na área da diversidade lingüística no Brasil têm o seu marco em 1955, com a chegada de Nelson Rossi, convidado pelo reitor Edgar Santos para ocupar a cátedra de Língua Portuguesa, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Bahia. Iniciam-se com os estudos de Fonética Experimental desenvolvidos no, por ele instalado, Laboratório de Fonética, implantado segundo o modelo do existente em Coimbra, mas, desde cedo, revelam a filosofia fundamental ao trabalho que, já por meio século, orienta.

Três princípios, que se não o foram na sua intenção explicitados, pelo menos *a posteriori* se delinçiam, nortearam o seu trabalho: (i) o entendimento de que ensino e pesquisa são indissociáveis e por isso para bem ensinar é preciso também pesquisar; (ii) a crença fiel, da qual nunca se afastou nem ele nem o grupo que solidamente construiu, na importância da pesquisa em grupo, pela consistência que dá ao trabalho e pelas possibilidades de aprofundamento e crescimento que permite, ainda que não se conflite nem impeça, muito pelo contrário, estimule, a produção individual; e (iii) a importância do envolvimento dos estudantes, no início apenas estudantes de graduação – a pós-graduação, na área, só muito posteriormente se implanta –, na atividade de investigação científica.

No tocante à participação estudantil na atividade de pesquisa, merece memória o trabalho executado e apresentado com estudantes dos cursos de Letras da UFBA, em 1958, *in illo tempore*, em que não havia bolsa PIBIC, nem bolsa de iniciação científica, nem financiamento assegurado à pesquisa na área de Humanidades, particularmente das Letras, no tempo em que havia tantos *nãos*. Nesse tempo, Nelson Rossi mostrou que era possível trabalhar com alunos, e com alunos de Letras – muitas vezes estigmatizados e preteridos. Trata-se da comunicação intitulada *Comércio de ervas medicinais na Feira de Água de Meninos*, primeiro trabalho do gênero – porque de outro não se tem notícia –, apresentado ao I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, realizado em Porto Alegre, de 1º a 7 de setembro de 1958. Dessa comunicação, coordenada por Rossi e com a colaboração de Nadja Andrade, o Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras detém um exemplar devidamente autografado pelos estudantes-autores, que assim se identificam: Antônio Matheus do Amaral Leal, Denise Santos Drummond, Dilce

Sônia de Sant'Anna, Etienete Marilza Guimarães, Lenna Maria Simões, Linda Jereissate Mujaes, Lúcia Maria Pereira, Lya Lins de Araújo, Maria Antonieta Frank, Maria de Lourdes Rocha, Regina Tosta de Oliveira, Renilda Maria Reis Argollo, Solange da Silva Rego, Terezinha Ferreira de Almeida, Yêda Antonita Carneiro Pessoa e Yoni Ribeiro da Silva Gomes. Estava dada a largada para o trabalho em equipe, para a pesquisa de campo, para a investigação da variação dialetal.

A presença de estudantes junto às atividades de pesquisa, na linha de estudos dialectológicos e sociolinguísticos, amplia-se e consolida-se, a partir de 1985, quando se iniciam os programas de iniciação científica e de aperfeiçoamento para estudantes de graduação, com financiamento do CNPq, diretamente ou através da UFBA (PIBIC, PEP), e, nos últimos anos, de outras agências de apoio à pesquisa, como, por exemplo, a FAPESB.

Comprova-se o interesse desses programas não só pelo desempenho dos estudantes enquanto bolsistas, mas, principalmente, pela sua atuação em programas de pós-graduação, em prosseguimento à iniciação que as bolsas e os orientadores lhes propiciaram. Grande número de bolsistas ocupa hoje funções docentes e de pesquisa em instituições de ensino superior, destacando-se, no que se refere ao atual quadro de docentes de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA, os professores Dante Lucchesi, Tânia Lobo, Carola Rapp e Silvana Ribeiro.<sup>1</sup>

A importância atribuída ao trabalho em equipe levou a que se constituíssem, desde os primeiros momentos, grupos interessados em aprofundar as questões da língua portuguesa e, especificamente, do português do Brasil.

Foram, inicialmente, quatro as subáreas para as quais se dirigiram as pesquisas: (1) fonética do português, na perspectiva experimental; (2) história da língua portuguesa, inicialmente focalizada na edição crítica de textos medievais; (3) dialectologia do português; e (4) sociolinguística do português.

Os estudos de fonética do português, de cunho experimental, pelos requisitos que a natureza da investigação impunha e pela dificuldade em atendê-los, desenvolvem-se no período de 1955 a 1960. Esse caminho não é, porém, o que se consolida. Dificuldades de natureza diversa, mormente no que diz respeito à atualização de equipamento para análise, restringiram essa vertente, facultando a ampliação do espaço para outras que se encarregariam do conhecimento da diversidade de usos da língua.

A história da língua portuguesa, com uma produção inicial, a edição crítica do *Livro das Aves*, da lavra de Rossi e estudantes que concluíram o curso em 1961 – Jacyra Mota, Rosa Virginia Mattos e Silva e Vera Rollemberg, hoje professoras

<sup>1</sup> Para a relação dos bolsistas de 1985 a 2000, orientados por Suzana Cardoso, Jacyra Mota e as professoras aposentadas Carlota Ferreira, Judith Freitas, Myriam Silva e Vera Rollemberg, consulte-se CARDOSO; MOTA, 2000.

geolinguísticos no Brasil, vontade esta que fez com que não só aqui se fizesse o primeiro atlas linguístico brasileiro, mas dois outros – o *Atlas Linguístico de Sergipe* (1987) e o *Atlas Linguístico de Sergipe-II* (2002) – e também, aqui, renascesse, ou de fato nascesse, a concretização de um projeto de realização de um atlas linguístico do Brasil – o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

Nesta memória que se faz dos trabalhos de cunho dialetal, dá-se, portanto, prioridade à notícia no campo da Geolinguística.

O papel da UFBA nos estudos dialetais brasileiros está marcado por quatro empreendimentos dos quais se apresenta notícia.

#### *Atlas Prévio dos Falares Baianos*

Primeiro atlas linguístico produzido em terras brasileiras, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), tendo como autor Nelson Rossi e co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee, trouxe à Universidade Federal da Bahia o pioneirismo no campo da Geolinguística no Brasil. Da coleta de dados participaram Carlota da Silveira Ferreira e Dinah Maria Isensee (como colaboradoras principais), Ana Maria Dantas, Ana Maria Garcia, Cyva Leite, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta, Judith Freitas, Maria Francisca Pimenta, Maria Thereza Gomes e Tânia Pedrosa. Recobre todo o estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais, 13 das quais coincidentes com os pontos, num total de 30, sugeridos por Nascentes (1958, p. 20).

O *questionário linguístico* usado nas localidades da Bahia é de pouca extensão e tem um total de 179 perguntas (numeradas de 1 a 164, mas com algumas delas desdobradas em a, b e c), selecionadas a partir de material recolhido anteriormente em quatro localidades, onde foi aplicado um questionário experimental de cerca de 3.600 itens. Os informantes, em número de 100, contemplam ambos os gêneros, não são alfabetizados ou têm apenas os primeiros anos de escolaridade e são filhos da localidade inquirida.

Os investigadores do *APFB*, além do seu coordenador Nelson Rossi, foram oito licenciadas recém-formadas que, ainda como estudantes, tiveram ampla formação não apenas teórica, mas também prática em Dialectologia e no método da Geolinguística. São elas inquiridoras e também colaboradoras do *APFB*, pois participaram, em grau distinto, das etapas posteriores de análise de dados e elaboração das cartas.

O atlas constitui-se de um conjunto de 209 cartas, assim distribuídas: 198 cartas linguísticas, 44 das quais são resumos das cartas fonéticas, e 11 cartas introdutórias que fornecem dados complementares de caráter geral. As cartas linguísticas vêm acompanhadas de notas que contêm ou o discurso dos autores ou o discurso dos informantes, estas últimas, sem dúvida, as mais importantes, pois ampliam os dados linguísticos não apenas no nível do léxico ou da fonética, mas também no da morfossintaxe, e refletem melhor o ambiente cultural em que vive o informante.



Esgotada a edição e decorridos já quase 40 anos de sua publicação, foi preparada, em 1998, sob a orientação de Jacyra Mota, pelos estudantes Américo Venâncio Lopes Machado Filho, Sandra Cerqueira Pereira Prudêncio e Sílvia Santos da Silva, como atividade de uma das disciplinas da área "Diversidade Lingüística no Brasil" do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA, uma edição informatizada do *APFB*, que circulou, a princípio, em caráter restrito e dela se prepara, agora, uma edição de caráter amplo.

### *Atlas Lingüístico de Sergipe*

A escolha do estado de Sergipe para dar prosseguimento ao trabalho feito na Bahia deve-se à continuidade geográfica, ao fato de Sergipe incluir-se na área do "falar baiano", segundo a divisão dialetal proposta por Nascentes (1953), assim como à maior facilidade de acesso.

O *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)* dá mais alguns passos à frente na metodologia adotada no *APFB*, a saber:

- a) Aplicação de inquéritos preliminares, gravados, nas 15 localidades que constituíram a rede de pontos. Esses inquéritos foram realizados por estudantes que concluíram os seus cursos de graduação em 1963 e 1964, com acompanhamento dos professores.<sup>4</sup>
- b) Maior amplitude do questionário definitivo em relação ao aplicado na Bahia: com cerca de 700 perguntas, nele incluídas as que compõem o Extrato de Questionário da Bahia, acrescidas de outras que os inquéritos preliminares em Sergipe sugeriram.
- c) Formulação por escrito, no próprio questionário, da maneira de perguntar-se sobre o item, com o objetivo – alcançado – de garantir maior homogeneidade nos inquéritos, eliminando-se, assim, possíveis dificuldades no momento da exegese.
- d) Registro magnetofônico integral dos inquéritos realizados, procedimento que não pôde ser aplicado nos inquéritos realizados na Bahia, pela ausência de recursos técnicos à época, e que, imprescindível a partir da disponibilidade de aparelhos portáteis, permite maior segurança aos dados coletados em campo.

Os inquéritos definitivos foram realizados em 1966 e 1967 e perfazem um total de 150 horas de gravação. Desse material foi examinada, prioritariamente, a parte correspondente às cartas do *APFB*, do que resultou um conjunto de 171

<sup>4</sup> Dezoito estudantes da então 4ª série de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia participaram, em 1963, das primeiras sondagens para elaboração do questionário lingüístico em quatro localidades de Sergipe. Em 1964, participaram dos inquéritos realizados em mais 11 localidades: Ana Maria Viveiros, Maria Eliza Bacelar, Maria Theresa Figueiredo, Maria Vitória Oliveira, Roberto Joaquim Oliveira e Vânia da Silva, que, no ano seguinte, analisaram parte do material trazido do campo.



cartas lingüísticas, sendo 12 duplas – as cartas Bahia-Sergipe –, pois conjugam aos dados recolhidos em Sergipe os da Bahia que não foram cartografados no APFB por razões específicas que vêm mencionadas no volume de introdução (ROSSI, 1965).

Como os registros magnetofônicos para o ALS realizaram-se em fitas do tipo rolo, hoje de difícil uso, foi necessário proceder-se à cópia desse corpus em fitas cassetes. Dessa atividade ocuparam-se alguns bolsistas, sob a orientação de Suzana Cardoso, desenvolvendo, de 1993 a 1996, o projeto Informatização do corpus de Sergipe.

Trabalho complementar a esses dois atlas desenvolvem Carlota Ferreira e Suzana Cardoso com o projeto *O Léxico Rural Bahia e Sergipe*, que contou com a colaboração, entre 1990 e 1997, de bolsistas de iniciação científica, e de que resultou a publicação de *O léxico rural. Glossário. Comentários* – “conjunto de 880 verbetes, que somam um total de 4.106 variantes fonéticas”, que tem como objetivo principal facilitar “o acesso aos dados, sobretudo para os leitores interessados e que não dispõem das obras originais”, conforme explicitam as autoras na Apresentação (CARDOSO; FERREIRA, 2000, p. 11).

O material recolhido em Sergipe, só em parte incluído no *Atlas Lingüístico de Sergipe*, foi também analisado, no que se refere à área semântica ANIMAIS, por Maria Eline de Campos Mendes, na dissertação de mestrado – *O “cavalo” em Sergipe: um estudo geolingüístico* – realizada sob a orientação de Suzana Cardoso e defendida em 1992.

### *Atlas Lingüístico de Sergipe – II*

Um terceiro passo no campo da Geografia Lingüística foi dado com a análise, por Suzana Cardoso, dos materiais de Sergipe ainda inéditos, com vistas a se constituir no volume II do atlas de Sergipe. O *Atlas Lingüístico de Sergipe-II* (2002), apresentado como tese de doutorado (Universidade Federal do Rio de Janeiro), contempla a área semântica HOMEM e traz o controle, em carta, não só de dados diatópicos, mas também de variáveis sociais. Apresenta-se, assim, como um atlas de “segunda geração” (CONTINI, 1994), uma vez que une aos dados diatópicos informação diagenérica, controlados cartograficamente, agregando, ainda, comentários às cartas, um glossário fonético e um outro onomasiológico.

O ALS II constitui-se de dois volumes. No volume I, encontra-se o conjunto de cartas, numeradas de 1 a 108, das quais as três primeiras são introdutórias e as demais apresentam dados lingüísticos. As cartas lingüísticas, além da informação diatópica e diagenérica, apresentam o tratamento estatístico das ocorrências e algumas delas trazem ilustrações que exibem o lado etnográfico dos dados.

Espera-se, em breve tempo, editar-se a obra para possibilitar uma maior circulação dos dados.

## Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB)

O Projeto *Atlas Lingüístico do Brasil* (ALiB), de maior amplitude e de caráter nacional, em desenvolvimento, constitui-se no quarto amplo projeto no campo geolingüístico e tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa. Constitui-se em mais uma iniciativa da Universidade Federal da Bahia que se concretiza a partir do seminário nacional *Caminhos e perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, realizado no Instituto de Letras, em novembro de 1996.

É coordenado por um comitê nacional constituído por um diretor-presidente – Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA) –, um diretor executivo – Jacyra Andrade Mota (UFBA) – e sete diretores científicos – Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMG), Cléo Wilson Altenhofen (UFRGS), Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB/UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRGS).

Concebido como um projeto nacional, assenta-se a filosofia do Projeto ALiB numa base fundamental e necessária que precede à própria idealização do projeto: a sua execução não vem de encontro aos atlas regionais. Tem, desde a sua implantação, funcionado como estímulo à ampliação da pesquisa geolingüística no Brasil.

Fundamentado nos princípios gerais da Geolingüística e atento às implicações de natureza social de que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar, o Projeto ALiB tem como objetivos:

1. Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas, consideradas na perspectiva da Geolingüística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (lingüistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. –, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e do desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer, aos interessados nos estudos lingüísticos, um diversificado e amplo volume de dados que permita estudos nas diferentes interfaces dos



estudos geolinguísticos com outros ramos do conhecimento cientificamente organizado.

6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Como se depreende dessa enumeração, o Projeto ALiB está direcionado para atingir quatro grandes objetivos: (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas; (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado; e (iv), por fim, mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro com a variedade de normas de uso que o constituem.

No momento de conclusão deste artigo, o balanço que nos oferece o andamento do Projeto ALiB é o seguinte:

- 64 localidades (das 250 programadas) com os inquéritos concluídos;
- 9 localidades com os inquéritos iniciados;
- 4 estados com o levantamento integralmente concluído: Amapá, Mato Grosso do Sul, Paraná e Roraima.

### Os caminhos da Sociolinguística

As pesquisas de natureza Sociolinguística iniciam-se em 1969, voltadas para os dialetos urbanos. Nesse ano, implanta-se o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), apresentado por Nelson Rossi, em 1968, durante o IV Simpósio do Programa Interamericano de Linguística y Enseñanza de Idiomas (PILEI), à Comissão de Linguística e Dialectologia Ibero-Americanas (CLDI). O Projeto NURC filia-se, assim, ao *Proyecto de estudio conjunto y coordinado de la norma lingüística urbana culta de las principales ciudades de Hispanoamérica y de la Península Ibérica*, criado em 1964, por ocasião do II Simpósio do PILEL realizado em Bloomington, por iniciativa de Juan Lope Blanch.

Dentro da perspectiva sociolinguística, com diversa orientação teórica e metodológica, implantam-se, posteriormente, outros projetos, dos quais participam também professores vinculados ao Setor de Língua Portuguesa. Destaca-se, aqui, o projeto *Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*, sob a coordenação de Dante Lucchesi, implementado desde 2001.

### O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC)

Ao examinar a possibilidade de desenvolver-se no Brasil a versão em língua portuguesa do *Proyecto de estudio conjunto y coordinado de la norma lingüística urbana culta de las principales ciudades de Hispanoamérica y de la Península Ibérica*, Rossi considera que a realidade brasileira exigia não só a exclusão da capital, a então recém-fundada Brasília, não representativa, do ponto de vista lingüístico, como a inclusão de mais de uma capital, ao contrário do que se pensara para os países americanos de língua espanhola, para os quais se estabelecera o estudo de uma única cidade em cada país, obrigatoriamente a capital da nação.

Em razão disso e levando em conta os critérios adotados pelo *Proyecto* para a escolha dos centros mais representativos da América Hispânica – ter população superior a um milhão de habitantes e tempo de fundação que lhes propiciasse “a condição de pólo de desenvolvimento e centro de irradiação cultural já amplamente sedimentado e consolidado” –, Rossi (1970, p. 50) propõe a inclusão de cinco capitais, “distribuídas harmoniosamente por nossa extensão territorial mais densamente povoada: duas na região Centro-Sul (Rio de Janeiro e São Paulo), duas no Grande-Nordeste (Recife e Salvador) e uma na região Sul (Porto Alegre)” (Rossi, 1970, p. 51).

Desse modo, se, como observa Silva Corvalán (1989, p. 8), “el proyecto de estudio coordinado de la norma lingüística urbana culta de las principales ciudades de Hispanoamérica y de la Península Ibérica ilustra una especie de puente de unión entre metodologías e intereses dialectológicos y sociolingüísticos”, essa ponte torna-se mais explícita no Projeto NURC, somando-se variáveis sociais (diagenéricas, diastráticas, diageracionais ou diafásicas) a variáveis diatópicas, aspecto que tem sido aproveitado por inúmeros pesquisadores, ao confrontarem fatos lingüísticos de cinco diferentes áreas do português do Brasil.

Para a análise das variáveis sociais, o Projeto NURC prevê a seleção de informantes distribuídos pelos dois gêneros e por três diferentes faixas etárias – a primeira, de 25 a 35 anos, a segunda, de 36 a 55 anos, e a terceira, de 56 anos em diante –, assim como o registro de três distintos tipos de elocução – em situação formal (EF), em diálogos entre o informante e o documentador (DID) e em diálogos entre dois informantes (D2). Uma quarta categoria de texto – as gravações secretas (GS) –, adotada para o *Proyecto* nos países hispânicos, foi inicialmente incluída e posteriormente abandonada, em face das dificuldades que o contexto político-social apresentava, nas décadas de 1970 e 1980, para o registro de textos desse tipo. A inclusão de informantes de apenas um nível de escolaridade, o universitário, fornece dados que permitem a análise diastrática, a partir do confronto com outros *corpora*.

Em Salvador, o *corpus* do Projeto NURC, constituído entre 1973 e 1983, compreende 360 inquéritos, que registram o desempenho de 461 informantes – 58 em elocuições em situação formal, 201 em diálogos entre informante e documentador e 101 em diálogos entre dois informantes.



Atuaram como documentadores para a constituição do *corpus*, Carlota Ferreira, Judith Freitas, Maria da Conceição Brandão, Maria del Rosário Albán, Myrian Silva, Nadja Andrade, Vera Rollemberg e Nelson Rossi (coordenador da equipe em Salvador e coordenador nacional por diversos períodos) – hoje aposentados; Rosa Virgínia Mattos e Silva – atualmente coordenadora do PROHPOR –, Jacyra Mota, Suzana Cardoso e Silvana Ribeiro, atuais responsáveis pelo Projeto NURC em Salvador. Essa fase contou ainda com a participação de estudantes das disciplinas de Língua Portuguesa que incluem o Projeto NURC em seus programas.

A publicação, em transcrição grafemática, de amostras parciais do Projeto NURC/Brasil, com o objetivo de facilitar a consulta para a elaboração de trabalhos – artigos, comunicações a congressos ou monografias para obtenção de títulos de pós-graduação –, vem sendo feita pelas cinco cidades que dele participam.<sup>1</sup> Em Salvador, o primeiro volume publicado, organizado por Mota e Rollemberg (1994), refere-se aos DIDs, encontrando-se no prelo o segundo, com um conjunto de EFs. O terceiro volume programado, com a transcrição de cinco D2, deverá também ser publicado em breve.

Desde 1993, desenvolvem-se os projetos *Informatização do "corpus" do Projeto NURC/Salvador e Estudo da Variação em Tempo Real*. O primeiro tem como objetivo facilitar a consulta aos materiais do Projeto NURC, com a transcrição grafemática dos registros.

O projeto de *estudo da variação em tempo real* volta-se para a análise de fatos lingüísticos documentados em diferentes épocas, dentro da tendência atual da Sociolingüística laboviana, que busca verificar, em uma comunidade lingüística, a existência de padrões de mudança individual, quando se registram os mesmos informantes que constituíram o *corpus* da época anterior, em estudos em painel (*panel study*), ou mudança coletiva, quando se constitui uma nova amostra, com outros informantes, em estudos de tendência (*trend study*), como sugere Labov (1994). Nessa linha, situa-se a tese *O <s> em coda silábica na norma culta de Salvador* (MOTA, 2002a) com a análise, dentro dos princípios metodológicos da sociolingüística quantitativa laboviana, de realizações alveolares e palatais, registradas na década de 70 do século passado, quando se constituiu o *corpus* do Projeto NURC, e na de 90, quando se realizaram os inquéritos que integram uma segunda amostra, com informantes que apresentam o mesmo perfil dos primeiros. O confronto entre as duas épocas revela modificação no comportamento lingüístico dos falantes, predominando, em posição final de sílaba, em 1970, as variantes palatais, possivelmente por influência da norma carioca, e, em 1990, as alveolares, fato que se admite relacionar-se com as mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas em Salvador, a partir de 1970.

<sup>1</sup> Esses inquéritos integram, em sua maioria, o chamado *corpus* compartilhado, conjunto de 90 inquéritos, 18 de cada uma das cidades participantes (três EFs, dez DIDs e cinco D2). As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo já publicaram amostras dos três tipos de elocução que constituem o *corpus* do Projeto NURC/Brasil. Recife e Porto Alegre publicaram apenas um volume dessas amostras.

### Projeto *Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia* (Projeto *Vertentes*)

O Projeto *Vertentes*, iniciado em 2001, tem como principal objetivo o estudo de falares rurais do estado da Bahia, com vistas a analisar a história sociolinguística desses falares, em especial daqueles em cuja origem se detecta um contato mais estreito entre a língua portuguesa transplantada, as línguas indígenas aqui existentes e as línguas africanas trazidas durante os anos de escravidão do povo africano.

Como antecedente desse projeto pode-se citar *Vestígios de dialetos crioulos de base portuguesa em comunidades afro-brasileiras isoladas*, projeto interinstitucional desenvolvido por Alan Baxter, professor da Universidade de La Trobe, Melbourne, e Dante Lucchesi, de 1993 a 1995, com financiamento do *Australian Research Council*.

No projeto *Vertentes*, incluem-se, como representantes da fala vernácula do português afro-brasileiro, cinco comunidades rurais do estado da Bahia: a de Barna e Bananal, no município de Rio de Contas; a de Helvécia, no município de Nova Viçosa; e as de Cinzento e Sapé, no município de Planalto.

Em Helvécia haviam estado, em 1961, Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa, quando, ao realizarem inquéritos para o *APFB*, em Ibiranhém (ponto 50), aproveitaram a proximidade entre essa localidade e Helvécia e para lá se deslocaram, levadas pela curiosidade e pelo interesse “de apurar se eram verídicas as informações verbais de que existiam ainda, naquela área, vestígios de um falar crioulo na boca de uma população quase toda de negros” (FERREIRA, 1994, p. 21).

É também sobre Helvécia a tese de doutorado de Lucchesi, *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira*, defendida em 2000, com a análise dos dados coletados entre 1993 e 1995 (LUCCHESI, 2000).

Em cada uma das quatro comunidades que integram o projeto *Vertentes* foram entrevistados 12 informantes, naturais da comunidade ou que para lá tinham ido durante o primeiro ano de vida, distribuídos pelos dois sexos e por três faixas etárias – faixa I: de 20 a 40 anos; faixa II: de 40 a 60 anos; faixa III: mais de 60 anos –, em um total de 48 entrevistas. As entrevistas, com duração entre 40 minutos e uma hora, desenvolveram-se sob a forma de uma conversa informal entre o informante e o pesquisador.

Um recorte desse acervo constitui o que se considera o *corpus* base do português afro-brasileiro do estado da Bahia: conjunto de 24 entrevistas – seis de cada uma das quatro localidades, distribuídas pelos dois sexos e pelas três faixas etárias –, acrescido de outras quatro entrevistas realizadas com os dois informantes mais velhos de cada sexo, que vão representar, na amostra, uma quarta faixa etária.

A análise dos dados empíricos, baseada nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, tem produzido vários trabalhos – teses, dissertações, artigos, comunicações a congressos –, entre os quais se citam *O português se teria criouloizado no Brasil? – refletindo sobre uma velha questão* (LUCCHESI,



2002) e as comunicações (a) *O contato entre línguas na formação do português brasileiro: parâmetros sintáticos e sociolinguísticos* (LUCCHESI, 2002); (b) *Reestruturação morfossintática do português afro-brasileiro: as regras de concordância* (LUCCHESI, 2003), apresentadas por Lucchesi no Encontro da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, em Lisboa, em 2002, e no III Congresso Internacional da ABRALIN, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2003, respectivamente.

Integram a equipe do Projeto *Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*, além do seu coordenador, os professores Jorge Augusto Alves da Silva, Maria Cristina Figueiredo, Silvana Araújo, Sônia Coutinho e Patrícia Ribeiro de Andrade e, desde agosto de 2002, bolsistas de iniciação científica, financiados pela FAPESB e pelo CNPq.

### Arquivos sonoros

Ocupando-se da análise da fala sob distintas perspectivas, a linha de pesquisa *Diversidade Linguística no Brasil* conta com representativo acervo sonoro em Língua Portuguesa, especialmente quanto a amostras de normas brasileiras consideradas cultas e de falares marcadamente regionais, entre as quais se destacam, por sua sistematicidade e amplitude: (i) o *corpus* do Projeto NURC/Salvador e do Projeto NURC/Brasil com amostras de Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre; (ii) os registros realizados para a elaboração do *Atlas Linguístico de Sergipe*; (iii) a documentação que está sendo constituída, desde 2002, como base para a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*; (iv) o acervo do *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*.

Esses arquivos sonoros, constituídos por docentes de Língua Portuguesa, ao longo dos últimos 50 anos, têm sido postos à disposição da comunidade científica e fornecido dados para a realização de trabalhos de diversa natureza.

### Apoios

Os projetos aqui citados têm recebido apoio de instituições financiadoras, tais como CNPq e FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia –, quer sob a forma de bolsas a pesquisadores e a estudantes, quer sob a forma de financiamento à pesquisa (aquisição de aparelhos e de material diversos, custeio de viagens para levantamento de dados, recursos para a realização de encontros, etc.). No caso do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*, dado o seu caráter interinstitucional, registra-se também importante apoio através de outras universidades e instituições de financiamento.

## Referências

- CARDOSO, Suzana (2002). La dialectologie au Brésil. Aperçue historique et bilan actuel. *Géolinguistique Hors Série. La Géolinguistique en Amérique Latine*, Grenoble, v. 2, p. 197-229. 2002.
- CARDOSO, Suzana (2003a). Arco-íris, estrela cadente e via láctea: que traçados fazem do português do Brasil? *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 24, n. 1, p. 77-100.
- CARDOSO, Suzana (2003b). Para uma visão sócio-espacial do português brasileiro: o Projeto ALiB. In: *Razões e emoções. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 1, p. 147-162.
- CARDOSO, Suzana (2005). *Atlas Lingüístico de Sergipe – II*. Salvador: EDUFBA.
- CARDOSO, Suzana (2005). Sergipe: um estado com dois atlas. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). *A Geolinguística no Brasil. Trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, p. 107-142.
- CARDOSO, Suzana, FERREIRA, Carlota (2000). *O léxico rural: Glossário. Comentários*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA.
- CARDOSO, Suzana, MOTA, Jacyra (2000). Duas vertentes da pesquisa em língua portuguesa no Instituto de Letras: dialectologia e sociolinguística. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 25/26, p. 323-351.
- CARDOSO, Suzana, MOTA, Jacyra (2003a). Um passo da Geolinguística brasileira: o Projeto ALiB. In: RONCARATTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro. Contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Sete Letras, p. 39-49.
- CARDOSO, Suzana, MOTA, Jacyra (2003b). A Geolinguística no Brasil e o Projeto ALiB. *Bollettino dell'Atlante Linguistico Italiano*, III Serie, Dispensa n. 27, p. 255-267.
- CONTINI, Michel (1994). Un projet européen de géolinguistique: l'Atlas Linguistique Roman. In: MOUTON, Pilar Garcia (ed.). *Géolinguística. Trabajos europeos*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 94-110.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson (1987). *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- FERREIRA, Carlota (1994). Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia-Bahia). In: FERREIRA et al. (Orgs.) 1994. *Diversidade do português do Brasil*. Estudos de dialectologia rural e outros. 2 ed. revista. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p. 21-32.
- LABOV, William (1994). *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge: Blackwell, v. 1.
- LUCCHESI, Dante (2000). *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LUCCHESI, Dante (2002). O português se teria criouloizado no Brasil? – refletindo sobre uma velha questão. *ABP*, Frankfurt, v. 2, p. 25-43.
- LUCCHESI, Dante (2002). O contato entre línguas na formação do português brasileiro: parâmetros sintáticos e sociolinguísticos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DE CRIoulos DE BASE



LEXICAL PORTUGUESA E ESPANHOLA, Lisboa. *Comunicação...* Lisboa, Portugal.

LUCCHESI, Dante (2003). Reestruturação morfosintática do português afro-brasileiro: as regras de concordância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Comunicação...* Rio de Janeiro: UFRJ.

MENDES, Maria Eline Campos. (1992). *O "cavalo" em Sergipe: um estudo geolinguístico*. Tese (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MOTA, Jacyra (2002a). *O <s> em cada sílábica na norma culta de Salvador*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOTA, Jacyra (2002b). O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e os estudos geolinguísticos no Brasil. *Signum*. Estudos da Linguagem, Londrina, v. 5, p. 365-374.

MOTA, Jacyra (2003). A variação diafásica no português do Brasil. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 24, n. 1/2, p. 70-74.

MOTA, Jacyra (2004). Constituição do corpus do Projeto ALiB: procedimentos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra (Orgs.). *Documentos 1*. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, p. 31-44.

MOTA, Jacyra (2005). A Dialectologia na Bahia. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). *A Geolinguística no Brasil*. Trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Ed. UEL, p. 15-46.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Orgs.) (1994). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador – Materiais para seu estudo*, v. 1 – Diálogos entre informante e documentador. Salvador: Instituto de Letras da UFBA.

NASCENTES, Antenor (1953). *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões.

NASCENTES, Antenor (1958). *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, v. 1.

PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves; POGGIO, Rosaura Maria Fagundes (Orgs.) (2000). *Catálogo de teses e dissertações*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA.

ROSSI, Nelson (1965). *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Introdução. Questionário comentado. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro.

ROSSI, Nelson et al (1958). *Comércio de ervas medicinais na Feira de Água de Meninos*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Datilografado.

ROSSI, Nelson, FERREIRA, Carlota, ISENSEE, Dinah (1963). *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro.

ROSSI, Nelson (1970). O projeto no Brasil. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Projeto de Estudo da norma linguística culta de algumas das principais capitais do Brasil*. Marília: Conselho Municipal de Cultura, p.45-57.

SILVA-CORVALÁN, C (1989). *Sociolinguística: teoria y análisis*. México: Alambra, 1989.

SITES: [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br); [www.vertentes.ufba.br](http://www.vertentes.ufba.br).



# Evolução e tendências da linha *Língua estrangeira: ensino- aprendizagem e tradução\**

Denise Scheyerl

Universidade Federal de Bahia

Luiz Angélico da Costa

Universidade Federal de Bahia

RESUMO

Pretende-se historiar as mais significativas experiências no campo dos estudos lingüísticos e literários em língua estrangeira, vivenciadas pelos departamentos de Letras Românicas e Germânicas da UFBA, que conduziram à construção de pesquisas solidificadas hoje na área da Lingüística Aplicada ao ensino-aprendizagem em LE e aos estudos tradutológicos. Paralelamente, destacam-se não só projetos e publicações dos docentes vinculados à linha na pós-graduação, mas também monografias, dissertações e teses resultantes de sua interação com os estudantes multiplicadores da pesquisa em língua estrangeira.

ABSTRACT

This account is intended to trace the most significant accomplishments of the Departments of Romance and Germanic Languages of UFBA related to linguistic and literary studies of foreign language. Findings of the Departments' research studies are now incorporated in the area of Applied Linguistics, in the teaching/learning of foreign languages and in translation studies. Accordingly, emphasis is placed both on individual projects of academics involved in post-graduate education, and on works, masters dissertations, and doctoral theses stemming from their interaction with students, researchers, and numerous others involved in foreign language research.

\* Os dados contidos no presente artigo foram, em sua grande parte, fornecidos pelos colegas dos departamentos de Letras Germânicas e Românicas e, principalmente, pelos pesquisadores da linha. A todos, agradecemos pelas informações, ao tempo em que os parabenizamos pelo esforço em prol do crescimento dos estudos lingüísticos em língua estrangeira, bem como dos estudos em tradução.

## Visão geral

Com a reestruturação dos cursos de pós-graduação do Instituto de Letras da UFBA em 1995, o novo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística incluiu uma área dos estudos linguísticos até então pouco explorada do ponto de vista mais contemporâneo, a da Linguística Aplicada, enfocando tanto o ensino de uma segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE) como os problemas relativos à tradução.

Inicialmente, área e linha tinham a mesma denominação – Linguística Aplicada (LA). Só em 2003 a linha passou a se chamar *Língua estrangeira: ensino-aprendizagem e tradução*, abrangendo estudos linguísticos teóricos e estudos linguísticos aplicados. A área foi, então, denominada Descrição e Análise Linguísticas, apesar de este título ainda não condizer totalmente com os temas de pesquisa desenvolvidos pelo atual grupo pertencente à linha.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Temas de pesquisa e professores vinculados à linha desde 2003:

Representante da linha de 2003 a 2005: Profa. Dra. Denise Scheyerl

1. Métodos, técnicas, estratégias de ensino. Atitudes, valores e crenças no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Educação bilíngüe/ interculturalidade. Políticas de ensino/ construção de identidades sociais. Oralidade e escrita. Representações intersemióticas em aula de língua estrangeira. Análise do discurso aplicada ao ensino de LE. Interfaces teóricas na Linguística Aplicada. Estudos contrastivos.

– Prof. Dr. Décio Torres Cruz (inglês) / [decio@ufba.br](mailto:decio@ufba.br)

– Profa. Dra. Denise Scheyerl (alemão) / [denise@ufba.br](mailto:denise@ufba.br)

– Prof. Dr. Luciano Lima (inglês) / [lucilima@ufba.br](mailto:lucilima@ufba.br)

– Prof. Dr. Mauro Poma (italiano) / [mp42@uol.com.br](mailto:mp42@uol.com.br)

– Profa. Dra. Sílvia G. Anastácio (inglês) / [smpganastacio@uol.com.br](mailto:smpganastacio@uol.com.br)

– Profa. Dra. Kátia Mota\* (inglês) / [motakatia@hotmail.com](mailto:motakatia@hotmail.com)

2. Língua Instrumental: ensino/aprendizagem para fins específicos.

– Prof. Dr. Décio Torres Cruz (inglês) / [decio@ufba.br](mailto:decio@ufba.br)

– Prof. Dr. Gustavo Ribeiro da Gama (inglês) / [grgama@terra.com.br](mailto:grgama@terra.com.br)

– Prof. Dr. Luciano Lima (inglês) / [lucilima@ufba.br](mailto:lucilima@ufba.br)

3. Teoria e prática da tradução. Tradução técnica, literária e audiovisual. Tradução e ideologia. Ensino da tradução. Tradução intersemiótica. Interpretação consecutiva e simultânea (conferência, tribunal e de comunidade). Tradução e gênese. Tradução fílmica. Estudos comparados em tradução. Tradução e estudos culturais. Tradução e mídia.

Com esta nova proposta, a linha visa ao estudo e à análise de fatos e processos registrados no discurso de uma língua estrangeira, assim como à investigação de estratégias interacionais adequadas ao ensino-aprendizagem de L2 ou LE ou aos processos tradutológicos, sem perder de vista a vocação transdisciplinar da Linguística Aplicada.

### A tradição românica e germânica dos estudos linguísticos e literários da antiga faculdade de filosofia da ufba (anos 50) ao Instituto de Letras, fundado em 1969

#### Primórdios

O Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, cuja existência oficial data da reforma universitária de 1968-1969, é uma unidade que teve sua origem na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia – criação de Isaias Alves de Almeida, seu fundador e primeiro diretor. Sem a velha Faculdade de Filosofia, Edgar Rego dos Santos não poderia, em termos legais, ter reunido as escolas superiores existentes na Bahia, na época, no complexo que viria a ser a primeira (e até então única) Universidade Federal do nosso estado, no ano de 1946. Foi oficializada, coincidentemente, no dia 2 de julho – data magna do estado da Bahia. Letras era então um curso para estudo de línguas e literaturas da antiguidade clássica (grego e latim) e línguas e literaturas românicas e germânicas, a par com o estudo da língua vernácula e das literaturas portuguesa e brasileira.

Entre os pioneiros desse Curso de Letras que lançou as sementes do que hoje nós (o ILUFBA) somos, estavam, entre outros, no que se referia a Letras Vernáculas, Hélio Gomes Simões (Professor Emérito), que viria a ser o primeiro diretor do Instituto de Letras, José Higino Tavares de Macedo (professor de latim), Cristiano Müller (professor de grego), Raymond Van Der Hagen (professor de francês), o casal americano Peter e Irene Baker (professores de inglês) e Maria Luígia Magnavita Galeffi, Professora Emérita da UFBA, responsável pela criação da cátedra de língua e literatura italianas na UFBA, nos anos

- Prof. Dr. Décio Torres Cruz (inglês) / deciotc@ufba.br
- Profa. Dra. Eliana P. C. Franco (inglês) / elianap@ufba.br
- Prof. Dr. Gustavo Ribeiro da Gama (inglês) / gurgama@terra.com.br
- Prof. Dr. Luiz Angélico da Costa (inglês) / ladaco@usp.br
- Prof. Dr. Mauro Pires (italiano) / mps2@uol.com.br
- Profa. Dra. Raímonda Bedasse (francês) / Raimonda@ufba.br
- Profa. Dra. Sílvia G. Anastácio (inglês) / srganastacio@uol.com.br
- Profa. Dra. Sílvia La Regina (italiano) / slr@ufba.br

\* A Profa. Dra. Kátia Mota é professora do Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual da Bahia e atua em atividades de ensino e pesquisa no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA.



50.<sup>2</sup> Como a professora Gina, todos os professores anteriormente citados foram criadores de suas respectivas cátedras, por convite e inspiração do mestre Isaias Alves de Almeida. Na cátedra de grego, o Prof. Cristiano Müller foi substituído pela Profa. Nilda Castro desde os tempos da antiga Faculdade de Filosofia até sua aposentadoria no Instituto de Letras.

Num segundo momento, os estudos de língua portuguesa tiveram a participação do Prof. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho e do Prof. Heitor Dias, antes da vinda do Prof. Nelson Rossi, formador da grande equipe de estudos vernáculos e do laboratório de fonética. Os estudos de língua e literatura francesa passaram a ser chefiados pelo Prof. Cláudio Veiga,<sup>3</sup> ocupante da cátedra por concurso público em 1956. Os de língua e literatura inglesa, pelo Prof. Manoel Peixoto, catedrático de língua inglesa do Colégio da Bahia, também inicialmente convocado pelo Dr. Isaias Alves e depois também fundador da cátedra de língua inglesa na velha Faculdade de Filosofia,<sup>4</sup> após concurso público, defendendo a tese *Literatura inglesa de inspiração bíblica*. O Prof. Manoel Peixoto foi responsável pelo convite a Luiz Angélico da Costa, professor de língua inglesa e de literatura norte-americana da antiga Universidade Católica de Salvador, para ser seu assistente voluntário na Universidade da Bahia (em 1957). Nesta condição, o Prof. Luiz Angélico, então bacharel e licenciado em letras anglo-germânicas (1950-1951 – UFBA) e especialista em ensino de inglês como segunda língua (Universidade de Michigan, 1952) e com curso de atualização em literatura dos Estados Unidos pela mesma universidade, permaneceu na UFBA até 1960, quando começou a perceber por “folha interna” como Instrutor de Ensino Superior. Em 1962 (após prova de seleção ante o Conselho Departamental da Faculdade de Filosofia), passou a ser assistente de ensino superior, docente livre (em 1968) e professor titular de língua inglesa e literatura de língua inglesa (em 1971). Suas teses tiveram por objeto a obra de Samuel L.

<sup>1</sup> Maria Luigia Magnavita Galeffi, como professora titular de Língua e Literatura Italianas, formou grande parte dos docentes que atuaram e atuam como professores de italiano em universidades no Brasil. Nos anos 60 escreveu uma gramática italiana, com versões graduadas, antologia e um “Prontuário del Turista” anexo. A gramática, intitulada *Lingua italiana*, foi publicada pelas Edições Apoio, Rio de Janeiro, em 1968. Trata-se de um manual didático gramatical – formalístico – tradutório, que foi adotado ou usado como suporte gramatical por várias instituições de ensino superior e por escolas particulares de italiano do Brasil até o final dos anos de 1970.

<sup>2</sup> Acharmos importante pontuar neste espaço, aberto ao registro de memórias, a referência do trabalho pioneiro do Prof. Cláudio Veiga não só por sua extensa produção bibliográfica no campo da literatura (cf. publicações sobre Caetano Moura e Philéas Lebesque) de línguas francesa (cf. *Gramática nova do francês*), mas, sobretudo, por ter formado toda uma geração de professores de francês que até hoje atuam na UFBA.

<sup>3</sup> Na época da cátedra do Prof. Manoel Peixoto – conhecido pelas pesquisas sobre a influência da Bíblia na língua inglesa e sobre a literatura inglesa de inspiração bíblica – passaram pelo curso de Letras os seguintes leitores:

- Marc Ratner (Ph.D. in Modern American Novel) – lecionou cursos de ficção e de lírica inglesa;
- Joseph Connell – lecionou cursos sobre as peças de Shakespeare, deixando-nos um trabalho sobre *Macbeth (The knocking on the door)*; e
- Robert Tudor Jones – iniciou estudos sobre tradução, traduzindo com os alunos um ensaio de D. H. Lawrence sobre Benjamin Franklin.



Clemens (Mark Twain), respectivamente *Aspectos do tema e da estrutura de Huckleberry Finn* e *Tom Sawyer: realidade e ficção, experiência e imagem*. Durante 30 anos (oficialmente computados – 1962-1992), o Prof. Luiz Angélico lecionou diversas disciplinas de língua inglesa e literaturas de língua inglesa, orientando diferentes gerações de estudantes de Letras Germânicas. Foi eleito o primeiro chefe do DLG logo após a reforma, tendo sido substituído pela Profa. Zilma Gomes Parente de Barros, professora de alemão, a qual, por sua vez, substituiu a fundadora da cátedra, Profa. Gabriela Leal de Sá Pereira.

A eficiente ação educadora da professora Zilma foi vital para a criação do mestrado em Letras, do qual foi a primeira coordenadora. Terminada a sua gestão, foi substituída pelo Prof. Luiz Angélico da Costa, que, como representante do Instituto de Letras no Conselho de Coordenação, foi eleito, pelos seus pares, presidente da Câmara de Ensino de Pós-Graduação para um período de dois anos (1979-1981), após o qual foi nomeado diretor do Instituto de Letras (1981-1984), durante o reitorado do Prof. Luiz Fernando Macedo Costa.

### Outros tempos

Como professor e pesquisador, Luiz Angélico da Costa escreveu vários artigos sobre obras de autores americanos e ingleses e, em consequência de seu gosto pela tradução de textos literários, lecionou por vários anos as disciplinas de graduação Língua Inglesa IX (Tradução I) e Língua Inglesa X (Tradução II), o que o levou, juntamente com o Prof. Cláudio Veiga, a elaborar um projeto para inclusão da tradução como opção de bacharelado no curso de graduação em Letras, projeto contemplado na atual reforma do currículo de Letras.

As mencionadas disciplinas da graduação (Língua Inglesa IX e Língua Inglesa X) estimularam vários estudantes a se interessarem pela tradução, alguns havendo realizado trabalhos de apreciável valor.

O primeiro passo estava dado. O entusiasmo era tão grande que levou a então diretora do ILUFBA (1990), Profa. Suzana Longo Sampaio, a designar uma comissão para estudar a possibilidade de criação de um Curso de Especialização em Tradução, visando à formação gradativa de um quadro de professores para lecionar na futura modalidade de bacharelado. Para esse fim, era evidente, necessitava-se da experiência e, mais que isso, da colaboração direta de professores de cursos preexistentes em outras universidades. Assim, a comissão entendeu que, antes da criação do curso, seria necessário um contato direto com aqueles estudiosos e, dessa forma, nasceu a idéia da realização, no ILUFBA, de um Seminário de Ensino-Aprendizagem de Tradução, que se concretizou pela primeira vez durante uma semana, nos auditórios do PAF I, em maio de 1991.

Na década de 90, os professores estrangeiros que lecionaram no Instituto de Letras vieram, em sua maioria, do exterior, em razão dos seminários, cursos e

atividades de tradução. Entre estes, os professores Dr. Roger Bell (*Translation and translating*: 1991), Lawrence Venuti (*The translator's invisibility*: 1995), Dr. Leo Hickey e Dra. Amélia Hutchinson (por intermédio da parceria Universidade de Salford R.U. – UFBA), Dr. Paul Rosenblat (do Affiliation University of Arizona – UFBA), Dr. Radegundes Stolze, Alemanha (que lecionou os cursos *Hermeneutic approach in translation* e *The development of translation studies in Europe*).

Em 1992-1993 passou a funcionar a primeira turma do C.E.T/UFBA. Para esse curso, distribuído em módulos durante três semestres, foram contratados vários professores de outras universidades que haviam participado do I Seminário, tais como a Profa. Dra. Rosemary Arrojo (Universidade de Campinas), Prof. Dr. Mário Laranjeira (USP) e Profa. Dra. Maria Cândida Bordenave (PUC – Rio).

Em razão de seu casamento com a Profa. Eveline Gonçalves do DLG, o Sr. Gerald Morris, B. A., natural da Nova Zelândia, falante nativo do inglês, incorporou-se ao DLG e participou dos cursos do departamento na graduação e, posteriormente, já como professor efetivo, lecionou literatura inglesa em dois cursos de especialização do DLG:

- Curso de Especialização em Literatura Inglesa e Literatura Norte-Americana (CELINA), organizado para o fim específico de qualificar professores do próprio DLG, os quais posteriormente integraram a primeira turma do mestrado em Letras.
- Curso de Especialização em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana (CELILAA) na década de 80, com seu corpo docente quase em sua maioria constituído de pesquisadores visitantes estrangeiros.

O Prof. Dr. George Monteiro, atualmente Professor Emérito da Brown University, foi o visitante estrangeiro de destaque da *Emily Dickinson Conference*, realizada no DLG em novembro de 1986, em comemoração à passagem do primeiro centenário de morte do grande poeta (1830-1886). Os trabalhos daquele evento foram selecionados e organizados pelo Prof. Luiz Angélico da Costa para um número especial da revista *Estudos Lingüísticos e Literários*, v. 9 de março de 1989.

Como acontecera com as disciplinas de tradução na graduação, o CET/UFBA também deu seus frutos (e ainda maiores), pois vários dos estudantes do curso viriam a tornar-se não só oficialmente especialistas em tradução, mas também instrutores em cursos futuros, bem como multiplicadores da prática de tradução e dos estudos tradutológicos. Como exemplo, citam-se os nomes dos professores Décio Torres Cruz, Maria Eugênia Nery, Marta Rosas de Oliveira e Maria Lavinia S. Magalhães.

Seguiram-se mais duas turmas do CET (UFBA) e quatro outros seminários que passaram a fazer parte da organização estrutural do curso. Os alunos poderiam manter contato com teóricos e praticantes da arte da tradução, cujos nomes já eram seus conhecidos das capas dos livros em que estudaram.



Embora os seminários e o CET/UFBA tenham sido interrompidos por questões de natureza financeira, permaneceu o entusiasmo pelos estudos de tradução, que inspirou monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado e, paralelamente, propiciou o surgimento de grupos e projetos de pesquisa sobre tradução ou relacionados com os estudos tradutológicos.

No momento, está registrado no CNPQ, entre outros grupos, o grupo Literatura Brasileira em Tradução e Literatura Estrangeira em Língua Portuguesa do Brasil. No tocante à linha de estudo *Literatura estrangeira em língua portuguesa do Brasil*, encontra-se em adiantada marcha o projeto *Os monólogos de Hamlet em tradução comentada*, quatro monólogos do personagem na peça de mesmo nome, da autoria de Luiz Angélico da Costa, traduzidos em versos decassílabos à feição do "blank verse" de Shakespeare e guardando a originalidade da correspondência rigorosa entre cada linha do texto original com a linha do texto traduzido.

No que se refere às tendências dos estudos de Linguística Aplicada ao ensino das línguas estrangeiras e suas respectivas literaturas e, especialmente, no tocante à tradução, os grupos, linhas e projetos de pesquisa atualmente em ação no Instituto de Letras muito devem à ação continuada de projetos e realizações anteriores, tais como o Núcleo de Tradução do DLG – grandemente atuante no ano de 1990, quando professores do Departamento de Letras Germânicas, sob a chefia da Profa. Josefina Dias de Freitas, realizaram traduções de cerca de uma dúzia de textos provenientes de diferentes unidades da UFBA, num processo de integração universitária que, infelizmente, pecou pela falta de reciprocidade. Embora a experiência tenha sido valiosa para nossos docentes em termos profissionais, um dos objetivos do projeto do núcleo, o de receber, em contrapartida, alguma forma de suporte financeiro para continuidade do trabalho do grupo, como, por exemplo, compra de livros, particularmente dicionários, não chegou a concretizar-se.

Cinco anos mais tarde criou-se o projeto PRILIAT (1995) – Programa Interdepartamental de Linguística Aplicada à Tradução, com a seguinte equipe: Cláudia Mesquita de Andrade (coordenadora – inglês – DLG), Denise Scheyerl (alemão – DLG), Gustavo Ribeiro da Gama (inglês – DLG), Josefina Barletta (italiano – DLR), Luiz Angélico da Costa (consultor geral mestrado), Maria Eugênia O. O. Silva (espanhol – DLR), Maria Leonor Abreu (francês – DLR) e Serafina Pondé (consultora em Linguística, Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras).

Este projeto foi também posteriormente interrompido ou, melhor dizendo, modificado. Muita coisa, entretanto, ficou à maneira de uma competição plural, participativa, em que cada concorrente, ao chegar a um certo ponto, passa a bandeira para outro de sua equipe. Assim esperamos sobreviver e seguir em frente.

Dos seminários, que trouxeram à UFBA grandes profissionais e personalidades da tradução no Brasil e no mundo, ficaram, por exemplo, dois trabalhos: 1) o livro já

publicado *Limites da traduzibilidade* – Luiz Angélico da Costa, organizador – Salvador, EDUFBA, 1996, com textos teóricos de tradutores de renome internacional, e 2) *Cinco versões de "A morte e a morte de Quincas Berro d'água"*, de autoria de professores da UFBA, que será ampliado e aprofundado dentro do grupo de pesquisa *Literatura Brasileira em Tradução* com uma obra de outro autor brasileiro (Graciliano Ramos, em princípio, é o escolhido) para um estudo comparativo de como, a partir de sua língua-cultura, cada tradutor lê o texto brasileiro. Neste particular, espera-se igualmente ressaltar a importância da tradução intersemiótica e as características de (re)criação e artesanato do processo tradutório. Deve-se registrar que este último artigo, escrito a cinco mãos (considerando-se os idiomas alemão, espanhol, francês, inglês e italiano), proveio da disciplina Tradução e Recriação – especialmente criada para a estrutura do CET/UFBA, desde a sua primeira turma em 1992.

Dois outros fatos puderam ser igualmente registrados: a) a suspensão do Curso de Especialização em Tradução devido a problemas de natureza financeira e administrativa e à intenção de transformá-lo num mestrado profissionalizante e b) a conseqüente interrupção da série de Seminários de Ensino-Aprendizagem de Tradução, precisamente quando chegavam ao auge da demanda, depois do V Seminário, de 24 a 28 de novembro de 1997.

Mesmo com apresentação de trabalhos de alta qualidade (alguns, inclusive, de autoria internacional), a publicação dos textos produzidos para o II, III, IV e V Seminários encontrou a barreira da dificuldade de financiamento. A exigüidade de espaço não permite a citação desses trabalhos, nem dos nomes de tantos quantos foram importantes para que a atual geração de professores e pesquisadores pudesse abrir a rota promissora desses novos tempos.

#### Novos tempos: O perfil atual da linha, tendências, perspectivas e desiderata

Atualmente, a linha *Língua estrangeira* inclui: 1. Estudos relativos às questões de ensino-aprendizagem de LE; 2. Estudos em Língua Instrumental e 3. Estudos tradutológicos com ênfase em Teoria e Prática da Tradução e questões relacionadas ao processo tradutório sob a luz da crítica genética.<sup>3</sup> A seguir, serão delineados os estudos abrangendo o ensino-aprendizagem de LE nos dois departamentos de línguas estrangeiras do ILUFBA – o Departamento de Letras Românicas (DLR) e o de Germânicas (DLG).

Nos últimos anos, o ensino de LE tem vivenciado um período mais de questionamentos do que de respostas. A época é de dúvidas, ceticismo e de reexame.

<sup>3</sup> Em 1995 já estavam cadastrados no CNPq os grupos de pesquisa do Departamento de Letras Germânicas (DLG) como: Grupo de Linguística Aplicada à Tradução, ao Ensino e à Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, liderado pelos professores Denise Scheyerl e Luiz Angélico da Costa, e o Grupo em Estudos Culturais e Literatura Comparada, liderado pelos professores Décio Torres Cruz e Jael Glauce da Fonseca, atual chefe do Departamento de Letras Germânicas.



Nesse contexto do pós-método, estão sendo desconstruídos os mitos da mimetização de culturas estrangeiras,<sup>6</sup> considerando-se a importância de avaliar, de forma crítica, a inserção da língua estrangeira na contemporaneidade.<sup>7</sup> Questiona-se também a supervalorização da lingüística como ciência de base e do conceito de língua apenas como estrutura ou situada na região das idéias puras cognitivas ou apenas como meio de comunicação, considerando-se que estava sendo subtraída da sua concepção a dimensão da auto-reflexão: falar significa também confrontação com a língua e não simplesmente utilização da língua. Assim, a aula de LE deve objetivar promover a conscientização intercultural, com recursos que oportunizem a intertextualidade e o desenvolvimento da auto-estima e do processo narrativo do aprendiz.

Buscando, então, inserir-se nesse cenário transformador e participar da discussão sobre princípios básicos da filosofia freireana e objetivando otimizar uma prática pedagógica especialmente calcada na valorização da auto-estima do aprendiz, como também no respeito aos valores de cada indivíduo, as professoras Denise Scheyerl, Sílvia Maria Guerra Anastácio, titular de língua inglesa, cultura e literaturas de língua inglesa, desde 2000 no DLG, e Kátia Mota, lingüista e educadora da UNEB, registraram suas reflexões em vários escritos que pontuaram definitivamente a pesquisa em ensino de LE no ILUFBA.<sup>8</sup>

Outro impulso decisivo que favoreceu a exploração de novos rumos foi a criação dos Seminários de Lingüística Aplicada pelos departamentos de Letras Germânicas e Românicas, evento pioneiro na Bahia, realizado anualmente. Logo no seu primeiro ano de funcionamento, contou com a participação de 201 estudiosos da LA. Na verdade, os Seminários de Lingüística Aplicada nasceram da

<sup>6</sup> CRUZ, Décio Torres. Alienação e mimetismo cultural no ensino de línguas estrangeiras. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, v. 23-24, 2000, p. 43-58.

<sup>7</sup> CRUZ, Décio Torres. A conjuntura mundial e a importância da aprendizagem da língua estrangeira. In: SEMINÁRIO PALLE, 14., 2003, Feira de Santana. *Resumos...* Feira de Santana: UEFS, 2003. v. 1.

CRUZ, Décio Torres. Globalização e (R)evoluções Lingüísticas. In: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. 7., 2002, Salvador. *Resumos...* Salvador: UFBA, 2002.

CRUZ, Décio Torres. Língua estrangeira como forma de inserção em um mundo globalizado. In: SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DA APLB, 1., 2002, Salvador. *Resumos...* Salvador: APLB, 2002.

<sup>8</sup> SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes, ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra, MATOS, Robério Rubem de, SOARES, Maria da Conceição Santos. A filosofia da positividade e o ensino de línguas estrangeiras. *Estudos Lingüísticos e Literários*, v. 23-24, 1999, p. 59-66.

SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes. O novo eu sob a perspectiva ecosófica e como ele pode atuar em aula de LE. In: MOTA, Kátia Maria Santos, SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes (Orgs.) *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2001. v. 1. p. 63-72.

MOTA, Kátia. SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes, ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. O eu, o outro e o espaço em redor: articulando três dimensões. In: ECLAE – ENCONTRO NACIONAL DAS CIÊNCIAS DA LINGÜAGEM APLICADAS AO ENSINO, 2., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Idéia, 2003. v. 1. p. 1-10.

necessidade de diálogo entre o recém-criado Núcleo de Extensão de Línguas Estrangeiras do ILUFBA e pesquisas da graduação e pós-graduação.

O Núcleo de Extensão de Línguas Estrangeiras vem funcionando como um laboratório para o Instituto de Letras. Por um lado, viabiliza o primeiro emprego, como instrutores, a estudantes adiantados de Letras e, por outro, possibilita aos mestrandos e doutorandos da linha o desenvolvimento de pesquisas, ações e coleta de *corpora* nas quase 110 turmas de língua inglesa, alemã, espanhola e francesa.<sup>9</sup>

Vale mencionar que em 1993, com a celebração do convênio entre o Conselho Britânico e a UFBA, foi criado o English Resource and Information Centre (ERIC) – atualmente Centro de Estudos Anglo-Germânicos (CEAG), o qual proporcionou um suporte bibliográfico dos mais significativos para os estudos de LA às línguas estrangeiras, enriquecido com a aquisição da biblioteca particular do saudoso professor e estudioso das ciências aplicadas da linguagem Hélio Augusto Monteiro Filho.

Outras parcerias importantes, como o convênio com a Universidade de Pescara (Itália) e o Instituto Cultural Austro-Brasileiro (Graz-Áustria, uma iniciativa da escritora austriaca Gloria Kaiser e da professora de língua alemã, aposentada do DLG Celeste Aida Rodrigues Galeão), têm oportunizado não só o intercâmbio de vários professores do DLG e do DLR com outros pesquisadores de instituições europeias, mas também gerado diversos resultados positivos, como a criação dos Cursos de Especialização à Distância para Professores de Língua Alemã, funcionando desde 1997, em conjunto com a Universidade

<sup>9</sup> Registramos abaixo alguns trabalhos cuja pesquisa foi ou está sendo desenvolvida nos cursos de extensão do ILUFBA:

**Mestrado**

VIANA JR., Oséas Bezerra. *A relação identidade e estratégias na aprendizagem de inglês como língua estrangeira*. Início em 2004. Universidade Federal da Bahia. Orientador: Luciano Rodrigues Lima.

JUCA, Carla Saraiva. *A epistemologia do professor de português como LE da cidade de Salvador: uma reflexão sobre alguns aspectos*. 2002. 305 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientadora: Denise Chaves de Menezes Scheyerl.

CARIA FILHO, Robélio Guimarães dos Santos. *A técnica de repetição – o drill – e a abordagem comunicativa*. 2001. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientadora: Denise Chaves de Menezes Scheyerl.

SILVA, Maria Auxiliadora Lima Dias da. *Problemas da palatalização dos fonemas /j/ e /d/ no processo de ensino-aprendizagem de inglês como LE*. 2001. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientadora: Denise Chaves de Menezes Scheyerl.

**Doutorado**

SILVA, Maria Auxiliadora Lima Dias da. *Estratégias metodológicas para correção dos problemas de palatalização dos fonemas /j/ e /d/ no ensino de inglês como LE*. 2004. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientador: Luciano Rodrigues Lima.



de Kassel e o Goethe-Institut-Inter-Nationes. A UFBA sedia este curso, pioneiro no Brasil, que já conta com 98 pós-graduandos de todo o Brasil, sob a coordenação da Profa. Dra. Jael Glaucê da Fonseca, atual chefe do DLG.

Assessorados pela professora adjunta do Departamento de Neuropsiquiatria da FAMED/ UFBA, Dra. Célia Nunes Silva, Denise Scheyerl, Silvia Maria Guerra Anastácio e Robério Rubem de Matos desenvolveram um trabalho sobre narrativas e auto-relatos em oficinas de LE com o objetivo de aprimorar o processo da escritura e com isso contribuir para o enriquecimento do imaginário. Construir histórias representa um dos instrumentos fundamentais para ensinar valores ao aprendiz e levá-lo a expressar as próprias experiências de vida. Como forma de incentivar o aprendiz a uma definição e até a uma releitura da própria identidade, os pesquisadores publicaram vários ensaios, articulando temáticas universais às narrativas analisadas em oficinas de inglês e alemão com estudantes da graduação.<sup>10</sup>

O ensino de L2 tem sido objeto das mais variadas discussões políticas, pedagógicas e lingüísticas nos grandes centros acadêmicos. No Brasil, essa diversidade de posições teóricas acerca do objeto da Lingüística e, especificamente, da Lingüística Aplicada produziu uma série de trabalhos mentores do sul para o resto do país.<sup>11</sup>

A noção de Lingüística Aplicada entendida apenas como ensino/ aprendizagem de línguas (a mais antiga das interpretações) contribuiu para situar, por certo tempo, a própria área de estudos em um segundo plano (CORDER, 1973). A Lingüística Aplicada só adquiriu uma autonomia organizacional e epistemológica a partir de sua concepção como área interdisciplinar<sup>12</sup> para a soba-

<sup>10</sup> SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes. Resgatando histórias. In: ABRALIC, 2000, Salvador. *Resumos*. Salvador: ABRALIC, 2000. p. 241-241.

SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes; MATOS, Robério Rubem de; ANASTÁCIO, Silvia Maria Guerra. Articulando valores e narrativas em oficinas de escrita. In: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO E À APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 6., 2001, Salvador. *Resumos*. Salvador: Empresa Gráfica da UFBA, 2001. v. 1. p. 07-07.

ANASTÁCIO, Silvia Maria Guerra; SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes; SILVA, Célia Nunes. Revisitando Histórias. In: ENPULI – ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA, 16., 2001, Londrina. *Resumos*. Londrina: 2001.

ANASTÁCIO, Silvia Maria Guerra; SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes; SILVA, Célia Nunes. Resgatando narrativas. *Estudos Lingüísticos e Literários*, v. 27/28, p. 27-37, 2003.

<sup>11</sup> Destacamos, em ordem cronológica, os seguintes:

BOHN, H. & VANDRESEN, P. (Orgs.). *Tópicos em lingüística aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

PASCHIDAL, M. S. Z. & CELANI, M. A. A. (Orgs.). *Lingüística aplicada. Da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992.

MONTA LOPES, Lair Paulo da. *Oficinas de lingüística aplicada. A natureza social e educacional dos processos de ensino/ aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

<sup>12</sup> SIGNORINI, Inês; CAVALCANTE, Marilda (Orgs.). *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.



ção de problemas relacionados à linguagem, em um permanente estado de interação dinâmica<sup>13</sup> (STREVEENS, 1980) com outras áreas.

Nessa nova perspectiva, Denise Scheyerl e Kátia Mota articularam-se, em 2003/2004, com outros colegas dos departamentos de Letras Românicas e Germânicas, com a UEFS, UFPE, UNICAMP, Universidade Federal Fluminense, Universidade de Brown (EUA) e Universidade de Harvard (EUA) para discutir, no livro *Recortes interculturais em sala de aula de LE*,<sup>14</sup> questões relacionadas a línguas estrangeiras, interculturalidade, re(construção) de identidades na aprendizagem de línguas estrangeiras, linguagens interculturais, intertextualidade e ensino de línguas estrangeiras.<sup>15</sup> Já se encontra em fase de conclusão a pesquisa relativa à segunda etapa, visando à publicação de um livro até 2007 pelo mesmo grupo. Parte da pesquisa foi apresentada no XV INPLA (Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada), em maio de 2005 na PUC – São Paulo, por Denise Scheyerl, Kátia Mota e dois estagiários do Núcleo de Extensão, os estudantes de Letras Leila Nascimento e Sidney Santos. Este trabalho pretende discutir crenças, valores e atitudes de um grupo de professores de língua inglesa em referência aos conteúdos interculturais que emergem nas suas práticas pedagógicas. São enfocados textos e imagens emblemáticos no contexto da diversidade cultural, que circulam no cotidiano da sala de aula, e as diversas estratégias formuladas na interação professor/aluno que contribuem ou não para a desconstrução de uma postura etnocêntrica e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a convivência intercultural na contemporaneidade.

Vale lembrar que os docentes Décio Torres Cruz e Luciano Rodrigues Lima (DLG) já haviam introduzido o debate intercultural nos departamentos de línguas estrangeiras, defendendo a utilização de aspectos culturais e da literatura na aula de LE.<sup>16</sup>

Décio Torres Cruz vem abordando diferentes aspectos de usos lingüísticos e culturais, tais como: questões relacionadas às variedades lingüísticas da língua ingle-

<sup>13</sup> Postula-se aqui a contribuição de Denise Scheyerl para a discussão sobre o status da Linguística Aplicada no trabalho:

SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes. *A Linguística Aplicada – Uma meta-ciência?* In: GELNE, 2000, Fortaleza. *Amazonas*... Fortaleza – CE: Imprensa Universitária da UFCE, 2000, v. 1.

<sup>14</sup> MOTA, Kátia, SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes. *Recortes interculturais em sala de aula de LE*. Salvador: EDUFBA, 2004. 329 p. v. 1.

<sup>15</sup> Vale lembrar aqui que dentro dessa nova perspectiva já estão surgindo vários trabalhos, a exemplo do projeto de tese "A relação língua e cultura no ensino de inglês como língua internacional: uma perspectiva brasileira", do doutorando Domingos Sávio Siqueira, orientado por Denise Scheyerl, com conclusão prevista para 2007.

<sup>16</sup> LIMA, Luciano. *O uso do texto literário no ensino de EFL: veículo de inserção cultural*. Disponível em: [Literatura.critica.teccelins.upeb.br/luciano/lima](http://Literatura.critica.teccelins.upeb.br/luciano/lima). Acesso em: 2004.

CRUZ, Décio Torres. *Cultura e literatura na aula de língua estrangeira*. In: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO E À APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 1., 1996, Salvador. *Resumos*... Salvador: UFBA, 1996.

CRUZ, Décio Torres. *Culture across nations: can we really bridge the gap in the classroom? Cultural minority and alienation in the teaching of foreign languages*. In: *Seminar for ESL teachers*, 38., 1998, Salvador. *Resumos*... Salvador, 1998.

sa, que englobam tanto aspectos regionais histórico-geográficos e culturais quanto aspectos sociais e sexistas de etnia e gênero presentes na linguagem politicamente correta, questões referentes às mudanças ocorridas na língua inglesa com a introdução e o desenvolvimento de novas tecnologias como o computador, ao empréstimo linguístico e à influência da língua inglesa sobre a língua portuguesa e a cultura brasileira, devido ao fenômeno da globalização. Em relação às normas de uso contrastadas com a prescrição da gramática normativa, Décio Torres desenvolveu um trabalho sobre as diferenças entre a norma e aquilo que os falantes realmente praticam.<sup>17</sup>

Luciano Lima investiga também os materiais didáticos e recursos audiovisuais que contemplam outras variantes, como o inglês jamaicano e o discurso da cultura *hip-hop* (poesia *dub*, *rap* e *reggae*)<sup>18</sup>, e questões ligadas ao reconhecimento do “inglês brasileiro”, principalmente nos seus aspectos fonéticos, como integrante do inglês internacional. A consolidação desse conceito motivou o grupo a investir, em 2005, na produção de material didático sob a perspectiva multicultural, com o suporte da Linguística Aplicada e dos Estudos Culturais, diferentemente dos livros didáticos produzidos no passado, inspirados em métodos como o da *grammar-translation*, onde se visava apenas à clareza e à correção da língua.

O grupo assume, então, uma perspectiva discursiva no ensino da LE, o que implica em apresentar um novo desenho à prática pedagógica da LE, articulada não só às áreas linguístico-sociointeracionais e às condições de exercício da função da língua estrangeira, mas também à dimensão histórica e política do sujeito.<sup>19</sup>

Outro diálogo importante aconteceu em julho de 2004, quando América Lúcia César (Departamento de Letras Vernáculas), Denise Scheyerl e Kátia Mota convi-

<sup>17</sup> CRUZ, Décio Torres. Algumas observações sobre o inglês canadense. In: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO E À APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA, 2, 1998, Salvador. *Resumos*. Salvador: UFBA, 1998.

CRUZ, Décio Torres. Língua na guerra dos sexos. *New Routes*, São Paulo, DISAL, p. 7-8, 2005.

CRUZ, Décio Torres. (R)evoluções Linguísticas. *Estudos Acadêmicos – Faculdade Rey Borbena*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 49-56, 2001.

<sup>18</sup> LIMA, Luciano Rodrigues. O uso de canções no ensino de EFL: a questão cultural. In: MOTA, Kátia & SCHEYERL, Denise. (Orgs.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 173-92.

SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes; CRUZ, Décio Torres; MATOS, Robério Rubem de. Estratégias para o aperfeiçoamento da pronúncia em sala de aula de LE. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. *Anais*. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 2001, v. 26, p. 475-477.

<sup>19</sup> Questões já discutidas antes em SIGNORINI, Inês (Org.). *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. Vide também os trabalhos: ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes; SILVA, Célia Nunes. O ambiente virtual e o texto em movimento. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 19., 2002, Fortaleza. *Resumos*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002, p. 57-57.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; SCHEYERL, Denise Chaves de Menezes; SILVA, Célia Nunes. Motivação e cognição: aspectos intersemióticos. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 29-30, 2004, p. 31-40.



daram as professoras Marilda do Couto Cavalcanti (UNICAMP) e Tereza Machado Maher (Universidade Católica de Campinas) para ministrarem o curso *Linguagem, diversidade cultural e ensino* na UFBA, abrindo-se mais um espaço de diálogo sobre educação, diversidade linguística e pluralidade cultural.

Finalmente, cabe mencionar o trabalho desenvolvido pelos professores Eugenia Maria Galeffi, representante da linha até 2003, e Mauro Porru, seguindo a vertente dos estudos contrastivos. Produziram, pela primeira vez no Brasil, material didático específico para o ensino do italiano como língua estrangeira para estudantes lusófonos brasileiros. Essa pesquisa resultou na publicação de quatro volumes do manual didático *Impariamo l'italiano*, destinados a estudantes de nível elementar e médio. O primeiro e o segundo volumes, publicados pela primeira vez em 1984, foram reeditados com as devidas atualizações de vocabulário e dos elementos de civilização em 2001 e 2004, respectivamente. Quanto à abordagem metodológica, baseia-se no método criado pelos professores da Universidade para Estrangeiros de Perugia – Itália, Katerin Katerinov, diretora do Centro Italiano de Linguística Aplicada (CILA), e Maria Clotilde Boriosi, o qual combina os elementos mais positivos de cada uma das etapas históricas da didática das línguas estrangeiras, aplicando-os às situações contingentes. O ensino do italiano proposto baseia-se na unidade didática, que se diferencia da aula tradicional pelo fato de não ser uma unidade de ensino, e sim de aprendizagem, e por não ser feita de forma expositiva, uma vez que o discente é parte ativa no processo de aprendizagem. Nessa abordagem, a gramática não é mais o ponto de partida, e sim de chegada. Todos os volumes do manual didático *Impariamo l'italiano* foram elaborados de maneira contrastiva, com ênfase naqueles aspectos da língua italiana que apresentam dificuldades particulares para os estudantes lusófonos brasileiros. Atualmente, os autores de *Impariamo l'italiano* estão trabalhando na confecção do quinto volume, enfocando principalmente o uso do infinitivo e do gerúndio.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> As contribuições do Setor de Espanhol serão integradas oportunamente à linha, considerando o retorno do curso de doutorado na Universidade de Alcalá (Espanha) de Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva, com concentração nos estudos contrastivos português-espanhol e elaboração de material didático para o ensino de espanhol.

Destacamos aqui alguns trabalhos da Profa. Maria Eugênia Oliveira:

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri y SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira (2001): *Español Avanzado 1. Curso de español para hablantes de portugués*. Madrid: Arco /Libros. ISBN 84-7635-458-4.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri y SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira (2002): *Español Avanzado 2. Curso de español para hablantes de portugués*. Madrid: Arco /Libros. ISBN 84-7635-464-9.

SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira (2001): "Propuesta para la elaboración de un diccionario de unidades fraseológicas español-portugués". *Linguística contrastiva y análisis de errores* (español – portugués y español – chino). Madrid: Edinumen, 19-53, ISBN 84-89756-28-7.

Já os estudos sobre o francês instrumental começaram com o trabalho da professora Celina de Araújo Scheinowitz, com a publicação de seu livro *Francês instrumental*, em 1979. Logo depois, as professoras Aldaísia Novas Schwebel, Maria José do Alencar Passos e Maria Luiza Medeiros Guimarães, do DLR, publicaram em 1979 o livro *Accès au français instrumental*, pelo Centro Editorial e Didático da UFBA. Seguiram em 1981 uma segunda edição e em 1985 uma terceira com várias



Quanto aos estudos em língua instrumental, destacam-se os trabalhos da professora Lys Santanchè, que, nos anos de 1990, se integrou ao grupo de italiano, pesquisando sobre a situação do italiano contemporâneo e, em particular, sobre *linguaggi settoriali, linguaggi specifici ou microlingue*, que constituem os insumos para a língua instrumental. Objeto principal do trabalho, que ressaltou numa tese de doutorado, é o estudo das características morfossintáticas – enfocando a variação e a mudança – aplicadas às variedades do italiano, com especial relevo das linguagens setoriais.

Em inglês, Décio Torres Cruz dá continuidade à pesquisa de língua instrumental iniciada na década de 80 pelo atuante grupo liderado por Maria Lina Garrido e composto pelos professores João Antenor de Carvalho Silva e Tânia Pedrosa Barretto, cujos resultados culminaram na publicação do livro intitulado *Inglês instrumental* (CED/UFBA – 1994). Décio Torres Cruz publicou o livro *Inglês.com.textos para informática* em 2001<sup>21</sup> e desenvolve pesquisa para publicação de mais dois projetos: *Inglês para negócios* e *Inglês para turismo e hotelaria*, com publicação prevista para maio de 2005. Tanto o professor Décio quanto o professor Luciano Rodrigues de Lima têm divulgado suas reflexões teóricas sobre o assunto em outros escritos registrados abaixo.<sup>22</sup>

É preciso lembrar que, com a proposta de unificação dos exames de habilitação em língua estrangeira para os cursos de pós-graduação na UFBA, em 1992, incrementou-se o ensino de inglês, francês e italiano para fins específicos e, conseqüentemente, a pesquisa em língua instrumental.

Com relação aos estudos de tradução, trabalham hoje os professores Décio Torres Cruz, Eliana Paes Cardoso Franco, Gustavo Ribeiro da Gama, Silvia Guerra Anastácio, Raimunda Bedasee, Luciano Rodrigues Lima e Silvia La Regina, com vasta produção sobre teoria e prática, tradução literária, tradução e mídia,<sup>23</sup> tradu-

ções. Trata-se de um manual didático para o ensino do francês instrumental, dirigido para os alunos das áreas I, II, III e V da UFBA. Suas principais características são: ênfase na compreensão escrita; textos de caráter geral que visam facilitar o acesso ao francês “*langue de spécialité*”; desenvolvimento do conteúdo gramatical a partir de estudo comparativo e/ou contrastivo.

Hoje, a Profa. Takiko do Nascimento dá continuidade a esse trabalho no ensino da graduação. No entanto, como acontece com o espanhol, a pesquisa sobre o francês instrumental ainda não constitui um tópico de trabalho dos pesquisadores da linha.

<sup>21</sup> CRUZ, Décio Torres; SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves; ROSAS, Marta. *Inglês.com.textos para informática*. 2 ed. São Paulo: DISAL, 2003. v. 1. 148 p.

<sup>22</sup> CRUZ, Décio Torres. Ensino/Aprendizagem de inglês instrumental na universidade. *New Routes*, v. 15, p. 30-33, 2001.

LIMA, Luciano Rodrigues. Estruturalismo, pós-estruturalismo e inglês instrumental: um problema teórico. In: CONGRESSO NACIONAL DE INGLÊS INSTRUMENTAL, 2004, Salvador. Anais. Salvador: UCSal, nov. 2004.

<sup>23</sup> Confirmam-se os trabalhos:

BEDASEE, Raimunda. Entrevista e tradução de poema (Alix Renaud) / “graças”. *Sirentibar – Revista da UEFS*, ano VI, nº 9, p. 127-132, jan./jun. 1992.

ção, leitura e aprendizagem de LE, traduções intersemióticas,<sup>24</sup> tradução automática de textos, sob a perspectiva da literatura, o papel da lingüística e suas limitações para a prática tradutória, as diferentes escolhas e dúvidas com as quais o tradutor se depara no momento da prática da tradução, literatura brasileira em tradução e

BEDASEE, Raimunda. Um gesto. *Canadart II – Revista do Núcleo de Estudos Canadenses*, v. 2, p. 181-187, jan./dez. 1994.

CRUZ, Décio Torres. As opções da tradução. In: SILVA, Márcia Rios da, BLANCO, Rosa Helena (Orgs.). *Exemplos de letras: literatura, lingüística e outras linguagens – ensaios*. Salvador: Quarteto/UNEB, 2005.

CRUZ, Décio Torres. Tradução automática de textos sob a perspectiva da literatura. *Estudos Linguísticos e Literários*, 27/28, p. 209-226, 2005.

FRANCO, Eliana P. C. Translation and/as discourse: bridging the gap. In: INTERNATIONAL COLLOQUIUM ON TRANSLATION, 2., 23-25/10/2002, Istanbul. *Özetler – Resumes – Abstracts*. Istanbul: Yildiz Technical University, 2002. p. 25.

FRANCO, Eliana P. C. Norms and the voice-over translation of television documentaries. In: *In so many words*. Language transfer on the screen. Conference Programme. London: University of Surrey, Roehampton, 2004. p. 45.

FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO, Vera L. S.; ALVARENGA, Lima. Audiovisual translation research in Brazil and in Europe. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte: UFMG vol. 2, nº 2, p. 65-74, 2002.

FRANCO, Eliana P. C. Voice-over television documentaries. Terminological and conceptual issues for their research. *Target*, 13:2 (2001), Amsterdam/ Philadelphia – John Benjamins, p. 289-304, 2002.

FRANCO, Eliana P. C., ARAÚJO, Vera L. S. Reading television. Checking deaf people's reactions to closed subtitling in Fortaleza, Brazil. *The Translator*. Special issue on screen translation, vol. 9, nº 2 (2003), Manchester: St. Jerome, p. 249-267, 2004.

GAMA, Gustavo Ribeiro da. *Arthur de Salles e a tradução de Macbeth de William Shakespeare*. 2003. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Orientadora: Sílvia Maria Guerra Anastácio.

<sup>24</sup> Os trabalhos seguintes, de Sílvia Anastácio, são cruciais para a consolidação da pesquisa em tradução intersemiótica:

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. Trabalhando com textos que depõem a favor do feminismo: uma leitura intersemiótica. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 25/26, p. 285-310, 2000.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. *Hotel Du Lac: um mosaico de signos – adaptação fílmica*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC. 8., 2002, Belo Horizonte. *Mediações...* Belo Horizonte: UFMG, 2002. Impressão digital em CD.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra; SILVA, Célia Nunes. Dialogando com o conto de Hemingway "A clean well-lighted place" para resgatar a resiliência do aprendiz: uma abordagem interdisciplinar. In: MOTA, Kátia, SCHEYERL, Denise (Orgs.). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: UFBA, 2004, p. 300-329.

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. *A adaptação fílmica de "Orlando", V. Woolf*. Pesquisa de pós-doutorado que será publicada em Salvador pela EDUFBA (no prelo).

ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. The role of the androgynous angel in the filmic adaptation of "Orlando". *Cadernos de tradução*, Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina (no prelo).

Cf. também as teses em andamento de:

SILVA, Carlos Augusto Viana da. *A tradução intersemiótica da obra de Virginia Woolf*. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientador: Décio Torres Cruz. Co-orientadora: Eliana P. C. Franco.

ROMANELLI, Sérgio. *Desvendando um labirinto: o processo criativo nas traduções de Rina Sara Viegillito*. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientadora: Sílvia Maria Guerra Anastácio.



literatura estrangeira em língua portuguesa do Brasil, pesquisa coordenada por Luiz Angélico da Costa.<sup>25</sup> Dois novos projetos que estão sendo propostos enfatizam a relevância do processo de criação de textos sobre o produto 'final'. O primeiro, *O processo de criação de textos em língua estrangeira, com base em manuscritos digitais*, utiliza o software *Translog* para recuperar a gênese da escrita do aluno, permitindo que este, consciente de suas dificuldades, assuma o papel de um sujeito mais ativo, crítico e reflexivo, dentro do próprio processo de aprendizagem. Quanto ao segundo projeto, ainda dentro da área de Linguística Aplicada e Tradução, *Um estudo do processo de (re)criação da tradução de "Hamlet", pelo prof. Luiz Angélico*, pretende transcrever, organizar e descrever os manuscritos desse dossiê dentro de uma perspectiva sistêmica, buscando analisar os efeitos do trabalho tradutório em apreço, à luz da teoria da recepção; através do estudo desse *corpus*, poder-se-á inferir as leis que regem o processo analisado, o que será de utilidade para o enriquecimento dos estudos tradutológicos. Ambos os projetos são, na verdade, subprojetos de um projeto interdisciplinar intitulado *Signos verbais e não verbais sob a perspectiva da Crítica Genética*, coordenado pela professora Sílvia Anastácio.

<sup>25</sup> Confira-se os trabalhos:

BEDASSEE, Raimunda. Entrevista e tradução de poema (Alix Renaud) / "graças". *Titivibus – Revista da UEFS*, ano VI, nº 9, p. 127-132, jan/ jan. 1992.

BEDASSEE, Raimunda. Um gesto. *Canadart II*. – Revista do Núcleo de Estudos Canadenses, v. 2, p. 181-187, jan./dez. 1994.

CRUZ, Décio Torres. As opções da tradução. In: SILVA, Márcia Rios da, BLANCO, Rosa Helena (Orgs.). *Estaspa de letras: literatura, lingüística e outras linguagens – ensaios*. Salvador: Quarteto/UNEB, 2005.

CRUZ, Décio Torres. Tradução automática de textos sob a perspectiva da literatura. *Estudos Linguísticos e Literários*, 27/28, p. 209-226, 2005.

FRANCO, Eliana P. C. Translation and/ta discourse: bridging the gap. In: INTERNATIONAL COLLOQUIUM ON TRANSLATION, 2., 23-25/10/2002, Istanbul. *Özetler – Resumes – Abstracts...*. Istanbul: Yildiz Technical University, 2002. p. 25.

FRANCO, Eliana P. C. Norma and the voice-over translation of television documentaries. In: *In so many words: Language transfer on the screen*. Conference Programme. London: University of Surrey Roehampton, 2004. p. 45.

FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO, Vera L. S.; ALVARENGA, Lima. Audiovisual translation research in Brazil and in Europe. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, UFMG, vol. 2, nº 2, p. 65-74, 2002.

FRANCO, Eliana P. C. Voice-over television documentaries. Terminological and conceptual issues for their research. *Target*, 13:2 (2001), Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 289-304, 2002.

FRANCO, Eliana P. C., ARAÚJO, Vera L. S. Reading television. Checking deaf people's reactions to closed subtitling in Fortaleza, Brazil. *The Translator: Special issue on screen translation*, vol. 9, nº 2 (2003), Manchester: St. Jerome, p. 249-267, 2004.

GAMA, Gustavo Ribeiro da. *Arthur de Salles e a tradução de Macbeth de William Shakespeare*. 2003. Tese (Doctorado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Orientadora: Sílvia Maria Guerra Anastácio.



As traduções da obra do escritor Jorge Amado são objeto de pesquisa de inúmeras teses de estudantes e ensaios de docentes,<sup>26</sup> a exemplo das publicações de Jacques Abdelkrim Saidi Salah, professor titular do DLR.<sup>27</sup>

Em outubro de 2003, Eliana P. C. Franco organizou um Seminário de Tradução (Módulo I: A tradução de textos dramáticos; Módulo II: A tradução de humor) ministrado pela Profa. Dra. Marta Mateo, da Universidade de Oviedo, Espanha. O seminário contou com 57 participantes entre alunos e professores da UFBA e de outras instituições, bem como profissionais da tradução, o que serviu para promover ainda mais a linha de pesquisa em tradução.

Seguindo outra vertente, a Professora Sílvia La Regina desenvolve pesquisa em tradução, com trabalhos publicados sobre tradução literária aplicada ao ensino de italiano.<sup>28</sup>

### Considerações finais

Tentou-se integrar neste escrito as experiências passadas nas questões de língua estrangeira, incluindo os estudos de língua, cultura, literatura e tradução e sua interlocução com o fazer hoje na linha de pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do ILUFBA.

A trajetória foi longa, mas não menos enriquecedora. No esforço de abrir o espaço da língua estrangeira para reflexões e posicionamentos, foram revisitados conceitos e foi-se adequando o foco das investigações às discussões presentes no cenário brasileiro.

Na intenção de que novos significantes aprendidos na prática investigatória em língua estrangeira sejam incorporados a novos significados, as pesquisas da linha pretendem contribuir para instrumentalizar alunos e professores de língua es-

<sup>26</sup> CRUZ, Glédra Ferreira da. *A contribuição do Centro de Aprendizagem Autônoma de Línguas Estrangeiras para a formação dos alunos do Curso de Letras*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientador: Sílvia Maria Guerra Anastácio, 2005.

MOREIRA, Olga Belov. *Problemas de traduzibilidade em Jorge Amado (Quincas Berro D'Água)*. 2000. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orientador: Luciano Rodrigues Lima. Enquanto este trabalho fornece belos exemplos da tradução comparada do português para o russo, o doutorando Jaroslav Jarek desenvolve pesquisa sobre a tradução de Jorge Amado para o polonês, sob a orientação de Eliana P. C. Franco.

<sup>27</sup> SALAH, J. A. S. *Mar Morto: Iemanjá ou a tentação do mito*. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador – BA, v. 45, p. 157-170, 2002.

SALAH, J. A. S. *A cidade como personagem*. Bahia, a cidade de Jorge Amado. Salvador: Casa de Palavras, 2000. p. 85-101.

SALAH, J. A. S. *Les lieux privilégiés de la Bahia de Jorge Amado*. *Quadrant*, Montpellier (França), p. 81-127, 1985.

<sup>28</sup> LA REGINA, S. *O emprego das traduções literárias no ensino da língua italiana*. In: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO E À APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 7., 2002, Salvador. *Resumos...* Salvador: UFBA, 2002. p. 31.

trangeira na construção de um diálogo produtivo e diversificado, articulando-se o ensino às múltiplas linguagens interculturais.

### Referências bibliográficas

CORDER, Pit (1973). *Introduction to Applied Linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1973.

STREVENS, P. (1980). What are applied linguists and what do they do? In: KAPLAN, R. B. (Org.). *On the scope of Applied Linguistics*. Rowly, Mass.: Newbury House, p. 17-20.

Sobre o *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR) e sua inserção no Projeto Nacional *Para a história do português brasileiro* (PHPB)\*

Rosa Virginia Mattos e Silva

Universidade Federal da Bahia/UNFV

RESUMO

Neste trabalho tratarei das origens do *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR); de sua implementação, a partir dos fins de 1990; de sua inserção, a partir de 1996, no Projeto Nacional *Para a história do português brasileiro* (PHPB) – coordenado por Ataliba de Castilho –; a importância dada à formação contínua dos pesquisadores no âmbito da Linguística histórico-diacrônica. Apresentarei, também; uma síntese da produção já divulgada do Grupo de Pesquisa PROHPOR.

ABSTRACT

In this work I will focus on the origins of *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR); its establishment at the end of 90's; its insertion to the national project *Para a história do português brasileiro* (PHPB) – co-ordinated by Ataliba de Castilho; the weightness of the continuous increase of new researchers interested in Historical Linguistics. I will also make a brief comment on the bibliographic production of this research group.

\* Este texto é uma versão atualizada de outro apresentado, oralmente, em seminários do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e do Instituto de Língua Portuguesa da Universidade de Coimbra, em maio de 2000. Não foi, portanto, impresso.



## 1 Origens

Olhando de hoje para o passado, vejo que a semente do que viria a ser o Grupo de Pesquisa *Programa para a história da língua portuguesa* (PROHPOR) está certamente na minha formação acadêmica da década de 50 para 60, quando, licencianda em Línguas Anglo-germânicas, tive uma coesa preparação, dirigida pelo mestre Nelson Rossi, na Lingüística de orientação histórica, que dominou a cena dos cursos de Letras no Brasil até a década de 60, em que História da Língua, Filologia e Dialectologia constituíram a base da minha preparação profissional para o futuro.

Ao finalizar a Licenciatura, na 4ª. Série, em 1961, o nosso grupo de colegas realizou um trabalho coletivo, sob a orientação de Nelson Rossi, que resultou na edição crítica do *Livro das Aves*, publicada em 1965 pelo Instituto Nacional do Livro.

Partindo para o mestrado – primeiro mestrado na área de Letras no Brasil, na Universidade de Brasília, ainda em processo de construção – escolhi como tema de dissertação a edição do *Segundo Livro dos Diálogos de São Gregório (biografia de São Bento)*, concluída em 1965. Ambos esses textos trecentistas pertenciam e pertencem ao conjunto de manuscritos medievais adquiridos por Serafim da Silva Neto em Portugal e trazidos para o Brasil. Ao decidir fazer o doutoramento na USP em 1971, optei por completar a edição dos *Quatro livros dos Diálogos de São Gregório*, na sua versão medieval mais antiga conhecida, a do século XIV.

Desde então o meu objetivo final não era fazer Filologia, no sentido de “editar textos”, mas, a partir de edições, pensar e observar o processo de constituição histórica da Língua Portuguesa. Nessa orientação é que preparei o que se tornou o livro *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*, publicado em 1989 pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda de Lisboa. Esse trabalho, iniciado em 1968, a partir de listagens mecanográficas, não eletrônicas, realizadas no antigo Centro de Cálculo Científico da Fundação

Calouste-Gulbenkian de Lisboa, só veio a estar concluído em 1982 e publicado em 1989.

Entre 1960 e 1980, a Linguística brasileira se concentrou, hegemonicamente, nos estudos sincrônicos das línguas, especialmente da língua portuguesa e do português brasileiro. Com o retorno, na década de 80, aos estudos histórico-diacrônicos, com renovadas orientações, no Brasil, sobretudo pela via da *Teoria da Variação e Mudança* laboviana, da *Teoria Paramétrica* chomskiana e ultimamente dos estudos funcionalistas que tratam da gramaticalização, um novo interesse começou a ser despertado entre alguns lingüistas e pós-graduandos no Brasil, sobretudo em busca de interpretações históricas para o português brasileiro e suas diferenças em relação ao português europeu.

Tendo permanecido fiel aos estudos de natureza histórica, isto é, a partir de dados datados e localizados, mesmo que de natureza sincrônica – trabalhei com dados de pesquisa de campo feita sobre o português dos índios kamayurá (cf. o livro *Sete estudos sobre o português Kamayurá*, Salvador: CED-UFBA, 1988); entre 1973 e 1979 fui pesquisadora da equipe do projeto NURC-Bahia, mas, só ao findar os anos 80, apesar de que, desde 1976, orientasse dissertações de mestrado, sempre sincrônicas, tive a primeira orientanda que estava motivada para os estudos histórico-diacrônicos. Logo depois surgiram outros e, assim, a possibilidade de organizar um grupo de pesquisa que seguisse a linha de pesquisa registrada no Departamento de Letras Vernáculas do IL-UFBA e na Pós-graduação em Letras e Linguística de nosso instituto, *Constituição histórica da língua portuguesa*. Surgiu então, em finais de 1990, o núcleo inicial do PROHPOR.

## 2 A implementação do Grupo de Pesquisa PROHPOR

O núcleo inicial interessado em pesquisar a língua portuguesa em perspectiva histórica foi constituído por mim, por Maria do Socorro Netto, a referida mestranda que escolheu um tema de natureza histórica – a variação *ser/estar*, em um *corpus* do português arcaico; Therezinha Barreto, que iniciara o seu mestrado sobre conjunções no período arcaico, e Sônia Borba Costa, já mestra, mas com dissertação em um tema sincrônico, sobre o aspecto verbal, em *corpus* do projeto NURC, mas que foi cativada pela Linguística Histórica e começou a elaborar um projeto sobre advérbios e adverbiais na história do português. Assim nos apresentamos, em fins de 1990, ao nosso Departamento de Letras Vernáculas, com projeto no campo da Linguística Histórica e da História da Língua Portuguesa.

Logo em 1991 se integraram ao grupo inicial professores da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nomeadamente Ilza Ribeiro, que iniciara seu doutoramento na UNICAMP e convivia com a renovação dos estudos diacrônicos, conduzidos por Fernando Tarallo e Mary Kato, e, em inícios de



1995, concluiu a sua tese *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*; Tânia Lobo e Dante Lucchesi, que logo depois fizeram concurso para a UFBA e, em seguida, saíram para o Mestrado em Linguística Histórica na Universidade de Lisboa, com o professor Luis Filipe Lindley Cintra. Com o falecimento do professor Cintra, meu mestre em Lisboa nos anos de 1967 e 1968, vieram os dois a serem meus orientandos, mas defenderam suas dissertações em Lisboa. Tânia Lobo trabalhou sobre a colocação dos clíticos em *corpus* do século XVI, comparado com o uso atual do português brasileiro, com base nas Elocuções Formais do *corpus* compartilhado do Projeto NURC, e Dante Lucchesi escolheu um tema de história da Linguística, já livro – *Sistema, mudança e linguagem: um percurso da Linguística no século XX*, publicado em 1998 em Lisboa, pela Editora Colibri. Também da UEFS, Sílvia Rita Olinda, que já fizera seu mestrado, sob minha orientação, sobre a variação do par de conjunções *ca* e *pois* no português arcaico.

É esse grupo já constituído de oito professores-pesquisadores que, nos inícios de 1992, se apresentou como Grupo de Pesquisa, já intitulado PROHPOR, com uma plataforma geral de pesquisa e com projetos individuais ao CNPq, para solicitação do primeiro Auxílio Integrado (bolsas e auxílio pesquisa) a esse órgão financiador de pesquisa no Brasil.

No texto original de criação do PROHPOR, enviado ao CNPq, que aqui designei de “plataforma geral”, definimos, coletivamente, nossos objetivos, nossos campos de trabalho e os primeiros projetos para exame do CNPq, necessariamente antes aprovados pelo Departamento de Letras Vernáculas da UFBA.

O nosso *objetivo geral* foi e é o estudo da constituição histórica da língua portuguesa, definido, como arco de tempo para a pesquisa, o período arcaico (do século XIII a meados do XVI) e, a partir do século XVI, infletir para o estudo do português brasileiro, em perspectiva histórica. Especificamos *quatro campos* de trabalho que ainda mantemos:

- a) selecionamos como âmbito intralingüístico preferencial de análise a morfossintaxe e a sintaxe; b) definimos, como necessário ao conhecimento do português brasileiro numa perspectiva histórica, o estudo de fontes para a sócio-história do português brasileiro (nessa altura focávamos *fontes indiretas* para a sócio-história do português brasileiro); c) a construção de um banco de textos informatizados em função da história da língua portuguesa e um campo *d*, não propriamente de pesquisa, mas que designamos como o de *formação contínua* de pesquisadores no âmbito de teorias da Linguística histórico-diacrônica e da História da Língua Portuguesa.

Definimos também nesse texto inaugural – e mantemos – que não pesquisariamos no âmbito de uma única teoria e metodologia da Linguística Histórica, mas que, sem ser ecléticos, cada projeto poderia definir o modelo teórico a seguir, a depender da natureza do problema estudado e do interesse teórico e da formação do pesquisador envolvido no seu projeto. Decidimos, contu-



do, que qualquer projeto que envolvesse análise linguística deveria ter uma base descritiva dos dados do *corpus* escolhido, uma vez que, como sabemos, a morfossintaxe e sintaxe histórica do português eram e ainda são pouco conhecidas, sendo, a nosso ver, a base descritiva um ponto de partida essencial em nosso trabalho e informação organizada para outros pesquisadores por isso interessados.

A nossa proposta ou plataforma de inícios de 1992 foi aprovada pelo CNPq e continuamos o que já vínhamos fazendo sob a égide do Departamento de Letras Vernáculas. Desde então o nosso Grupo de Pesquisa está vinculado ao CNPq, tendo sido sempre atendidas as solicitações sucessivas de Auxílio Integrado, concedidas as bolsas solicitadas, embora auxílio financeiro só tenhamos conseguido no pedido de 1992.

Desse grupo inicial de oito, afastaram-se, por razões de novas tarefas profissionais, Maria do Socorro Netto e Silvia Rita Olinda; em 1993, contudo, se integraram ao grupo inicial mais duas professoras da UEFS, Zenaide Carneiro e Norma Almeida. A primeira já minha mestranda, trabalhando na sua dissertação com verbos de padrão especial no português arcaico e no século XVI, ambas, no momento, em processo de doutoramento na UNICAMP.

A par dos projetos individuais – cada membro do PROHPOR tem o seu próprio projeto, a meu ver, necessário para manter o perfil individual de cada um – decidimos, em 1992, para “afinar a orquestra”, ou seja, para melhor integração do grupo, fazer um trabalho coletivo inicial e foi, então, escolhido, por sugestão de Tânia Lobo, acolhida por todos, o texto da *Carta de Caminha*, projeto que resultou no livro coletivo, publicado em Salvador em 1996 – *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*, pela editora da UFBA em co-edição com UEFS/CNPq/EGBA. Nesse livro, cada pesquisador se centrou no tema de seu projeto individual, observou e interpretou o que sobre ele informavam os dados desse documento rigorosamente datado de 1<sup>o</sup> de maio de 1500.

Em 1996 se integraram ao PROHPOR mais dois mestrandos, sob minha orientação, Perminio Ferreira, que editou parcialmente as *Inquirições* de D. Dinis e prossegue, em seu doutoramento na USP, na edição completa das *Inquirições*, sob a orientação do professor Heitor Megale, e Anna Maria Macedo, que realizou uma monografia descritiva sobre as locuções prepositivas em um significativo *corpus* do período arcaico, tema que está retomando, no contexto da teoria funcionalista da gramaticalização, comparando dados do português e do galego arcaicos, no seu doutorado.

Essas informações indicam o processo contínuo de engajamento de novos membros ao grupo. Os mais recentes são Silvia Santos da Silva, já concluído seu mestrado sobre demonstrativos dêiticos e anafóricos no século XIV e no XV; Américo Venâncio Lopes Machado Filho, que teve o seu mestrado aprovado em 2000, com dissertação sobre a pontuação em manuscritos medievais portugueses, e já iniciou logo em seguida seu doutoramento, na UFBA, em que se centra sobre os anafóricos arcaicos *en/ende* e *hi*, tendo como base

de análise, a comparar com outros documentos do período arcaico, o *Flos Sanctorum*, de que está fazendo a edição e glossário, na versão trecentista, que é parte do conjunto dos manuscritos de Serafim da Silva Neto, tal como o *Livro das Aves* e os *Quatro livros dos Diálogos de São Gregório*; doutorado concluído em fevereiro de 2004 e que se tornará livro, no prelo, pela Editora da Universidade de Brasília. A dissertação de mestrado de Américo Venâncio Lopes Machado Filho foi publicada pela EDUFBA em 2003.

O ano de 1996 foi de significativa importância para o PROHPOR, não só por ter sido iniciado o Programa de Doutorado em nosso instituto, mas também porque, como veremos adiante, se inicia o Projeto Nacional *Para a história do português brasileiro* (PHPB).

Com o início do programa de doutoramento, tendo eu ficado, a partir de 1996 até o momento, responsável pelos Seminários Avançados III, que trata de teorias contemporâneas da Linguística, tive a oportunidade de trazer para esses Seminários Avançados III vários professores estrangeiros e de outras universidades brasileiras que, sem dúvida, foram fundamentais para o enriquecimento da formação dos doutorandos, nas áreas de Linguística, dentre eles também os que pertencem ao nosso grupo.

Graças a um esforço excepcional (1996-1999), já dois membros do PROHPOR, Therezinha Barreto, do núcleo original do PROHPOR, e Rosaura Fagundes Poggio, professora de latim, mas integrada ao PROHPOR, por seu doutoramento, em nossa linha de pesquisa, concluíram suas teses, aprovadas com distinção, focalizando o quadro teórico do funcionalismo: a primeira a gramaticalização de itens conjuncionais na história do português e a segunda, as preposições do latim para o português arcaico. Nesse mesmo enquadramento teórico estão agora trabalhando para suas teses de doutorado Sônia Borba Costa, sobre advérbiais, e Anna Maria Macedo, como já referido, com as locuções prepositivas.

Constituí o quadro permanente, no momento, do PROHPOR, um conjunto de 21 pesquisadores: Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ilza Ribeiro, Therezinha Barreto, Rosaura Poggio, Tânia Lobo, Sônia Borba Costa, Anna Macedo, Permínio Ferreira, Américo Venâncio Lopes Machado Filho, Lucas Campos, Juliana Soledade (doutores); Zenaide Carneiro, Norma Almeida, Klebson Oliveira, Genésio Sousa, Antônia Vieira dos Santos, em diferentes fases de elaboração de suas teses; Mariana Fagundes de Oliveira, Pedro Daniel dos Santos Souza, Sílvia da Silva Gonçalves, Pascásia da Costa (mestres) e, em fase final do mestrado, encontra-se Eliete Oliveira Santos. Integram ainda o grupo quatro estudantes da graduação: Anielle Souza de Oliveira e Luis Henrique Gomes (ambos bolsistas CNPq/balcão), Natália de Deus dos Reis (PIBIC/CNPq), Maria Elvira Carvalho (voluntária). Dante Lucchesi, doutor pela UFRJ, sob a orientação de Anthony Naro, desligou-se espontaneamente do grupo para iniciar uma nova linha de pesquisa, relacionada ao tema de seu doutorado, que trata da questão da chamada descrioulização do português vernáculo ou popular brasileiro.



Prossiguiu o PROHPOR com um projeto coletivo, à semelhança do da *Carta de Caminha*, centrado em documentação de meados e da segunda metade do século XVI – *O português quinhentista: estudos lingüísticos*, que reúne todo o grupo e se tornou livro em 2002, publicado pela EDUFBA, organizado por mim e por Américo Machado Filho, centrando-se cada membro no tópico lingüístico sobre que vem pesquisando; outro projeto também coletivo, mas de um subgrupo do PROHPOR, que está centrado na história do português brasileiro – *Para a história do português brasileiro – Bahia* (dele participando Rosa Virgínia Mattos e Silva, Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro, Norma Almeida e bolsistas de iniciação científica), e ainda um projeto individual de Ilza Ribeiro, em que o objetivo é reunir o que já tem pesquisado sobre a ordem sintática do português arcaico em direção ao português brasileiro, no quadro teórico do gerativismo, sua formação especializada: ao final pretende dar à pesquisa a forma de um manual, cujo público alvo principal serão os estudantes e professores da graduação em Letras. Em 2004, publica o PROHPOR mais uma coletânea, *Do português arcaico ao português brasileiro*, pela EDUFBA.

### 3 A inserção do PROHPOR no Projeto Nacional *Para a história do português brasileiro (PHPB)*

Como já foi exposto no texto inaugural e programático do PROHPOR, um dos campos de trabalho, já antes referido, trata de fontes para a sócio-história do português brasileiro. Nessa altura, 1991-1992, tínhamos como objetivo, nesse campo de trabalho, explorar fontes indiretas, pesquisa que começou a ser feita por Tânia Lobo e uma bolsista de aperfeiçoamento (Anna Teixeira). Suspenso, em parte, esse projeto, por Tânia Lobo vir a dedicar-se a sua tese de doutoramento sobre o português da Bahia no século XIX, concluída e aprovada em setembro de 2001, na USP, iniciou-se a busca de fontes diretas, documentos de arquivos. Começou-se assim a investigação em arquivos baianos, em busca da constituição de *corpora* documentais para a história escrita do português brasileiro. Em consequência disso, Tânia Lobo, pioneira nisso em nosso grupo, já tem editado um conjunto de cartas particulares das e para as freiras do Convento Feminino de Nossa Senhora do Desterro, durante o século XIX, que é parte de sua tese de doutoramento. Logo em seguida, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro e Norma Almeida começaram a investir em arquivos do Recôncavo e da área do semi-árido baiano e já dispõem de um conjunto editado de documentos oficiais e particulares, em fase final de acabamento; sob a orientação direta de Tânia Lobo, Permínio Ferreira, com bolsa de Desenvolvimento Regional (DCR/CNPq), e bolsistas de iniciação científica (Uilton Gonçalves e Klebson Oliveira) já prepararam uma edição do que se denominou *Cartas balanas setecentistas*, do Arquivo Público da Bahia, cartas de juizes da Comarca de Ilhéus, na sua maioria. Estão elas publicadas pela editora Humanitas da USP, na série *Diacrônica*, dirigida pelo professor Heitor Megale.



Iniciado em 1996, com o I Seminário Nacional, o Projeto *Para a história do português brasileiro*, pensado e coordenado por Ataliba de Castilho, com equipes regionais formadas ou em formação, foram definidas como áreas de atuação desse projeto coletivo nacional: a) a constituição de *corpora* diacrônicos de documentos de vária natureza, escritos no Brasil, a partir do século XVI; b) a reconstrução da história social lingüística do Brasil e c) o estudo de mudanças lingüísticas depreendidas na análise dos *corpora* selecionados.

O PROHPOR, que já definia como um dos campos de trabalho o estudo de fontes indiretas e já trabalhava sobre fontes diretas de arquivos, como referido, agora tem um projeto específico, já mencionado, de um subgrupo de seus membros – *Para a história do português brasileiro – Bahia*, vinculado ao projeto nacional. Nesse projeto estão sendo implementados novos *corpora* documentais, tendo como base de pesquisa, no momento, o Arquivo Público da Bahia (com Tânia Lobo, Perminio Ferreira e dois bolsistas de iniciação científica); arquivos públicos e particulares do interior da Bahia, sob a responsabilidade de Zenaide Carneiro e Norma Almeida da UEFS e cartas semi-oficiais do Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, sob a responsabilidade de Ilza Ribeiro e bolsistas de iniciação, que, aposentada da UEFS, está agora na Universidade de Salvador, a UNIFACS, tendo assim o PROHPOR o núcleo da UFBA, o da UEFS e o da UNIFACS. Mais recentemente, o arquivo particular da Sociedade Protetora dos Desvalidos, irmandade de cor, criada por negros forros, na 3ª década do século XIX, está sendo pesquisado, sob a responsabilidade do doutorando Klebson Oliveira, coordenado por Tânia Lobo e com a participação inicial de José Mendes, bolsista de Iniciação Científica. Também inicia pesquisa no arquivo da Irmandade do Rosário dos Pretos Ilza Ribeiro, com bolsistas de iniciação científica.

Além desse processo oneroso de constituição de *corpora*, está-se, aos poucos, a caminho de pesquisas para se reconstituir, na medida do possível, a história lingüística do estado da Bahia, recobrando as antigas capitânicas de Porto Seguro, Ilhéus e Bahia. Com base nos *corpora* que se vêm constituindo, já novos doutorandos e mestrados, sob a orientação de Ilza Ribeiro, começam a pesquisar mudanças morfosintáticas em documentação escrita no Brasil, como é o caso de Sílvia Rita Olinda e Eliana Pitombo. Além delas, Zenaide Carneiro, fazendo seu doutoramento na UNICAMP, tem no seu projeto a utilização de *corpora* por ela e Norma Almeida já editados.

A partir de 2001, Klebson Oliveira iniciou, sob minha orientação e de Tânia Lobo, sua pesquisa de pós-graduação (mestrado e doutorado), com a edição de atas escritas por africanos e por afro-descendentes, e, nelas, no mestrado, analisou o processo de escrita dessas “mãos pouco hábeis”, decorrente da precária aquisição da escrita, consequência da exclusão dos africanos e afro-descendentes da escolarização regular, pelo menos, até a Abolição da Escravatura em 1888.

Desse modo, o campo originalmente *b* do PROHPOR está, desde 1996, vinculado ao direcionamento do Projeto Nacional *Para a história do português*

*brasileiro*, tanto no que concerne à constituição de *corpora* de documentos, à reconstrução da sócio-história linguística do Brasil e à análise intralingüística, baseada nos *corpora* editados.

#### 4 Um balanço final

Busquei ser o mais sintética possível neste informe, mas gostaria de destacar neste balanço final dois aspectos que considero fundamentais nesses mais de dez anos de atividades do PROHPOR. Um referente à questão da formação dos pesquisadores e outro referente à produção já publicada.

Quando iniciamos, fins de 1990/inícios de 1991, apenas eu tinha o título de doutorado; já em inícios de 1995, Ilza Ribeiro concluía seu doutorado na UNICAMP, orientada por Charlotte Galves. Em 1999, Therezinha Barreto e Rosaura Poggio se doutoraram pela UFBA. Em setembro de 2001 doutorou-se Tânia Lobo, pela USP, orientada por Ataliba de Castilho. Também doutorados pela UFBA são Sônia B. Costa, Anna Maria Macedo, Américo Venâncio Lopes Machado Filho e Emília Helena Monteiro de Souza, todos sob minha orientação. Já também se doutorou Perminio Ferreira, pela USP, orientado por Heitor Megale, e, em fase de conclusão de doutoramento, na UNICAMP, Zenaide Carneiro e Norma Almeida, orientadas por Charlotte Galves.

Admitindo-se, academicamente, que o doutoramento reflete um processo de crescimento intelectual e na formação do pesquisador, temos que admitir que houve um crescimento qualitativo no corpo de pesquisadores de nosso grupo de pesquisa nessa primeira década de trabalho.

Além disso, gostaria de destacar que, dos nossos bolsistas de iniciação científica – não trabalhamos com muitos bolsistas, uma média de três por biênio –, dois já são doutores, Maximiliano Miranda, por Maryland, mas centrado no gerativismo teórico, e outro, o já referido Perminio Ferreira, pela USP. Silvia Santos Silva já finalizou seu mestrado em agosto de 2000 e Klebson Oliveira iniciou seus créditos na pós-graduação em 2000 e já está preparando sua tese. Há, certamente, uma motivação para os estudos histórico-diacrônicos no Instituto de Letras da UFBA, tanto que, mesmo não tendo sido bolsistas de iniciação no PROHPOR, mestrados têm escolhido nossa linha de pesquisa para a sua dissertação, como é o caso de Lúcia Parcero, orientada por Ilza Ribeiro, e Iraneide Costa, orientada por mim, com mestrados concluídos, e Juliana Soledade, bolsista PET, já doutorada. Com isso quero destacar que o passado do português, desde suas origens e no correr de sua história, motiva os jovens no alvorecer do século XXI.

Quanto à chamada produção científica, reunindo, em parte, o que já foi dito, conseguimos publicar vários livros: em 1991 e em 1994 publiquei, respectivamente, dois pequenos livros, *O português arcaico: fonologia* e *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, ambos pela Editora Contexto de São



Paulo em co-edição com a Editora da UFBA, aproveitando a oportuna coleção *Repensando a língua portuguesa*, coordenada por Ataliba de Castilho, livros que não eram parte de projetos do PROHPOR, mas têm como objetivo divulgar, sobretudo para os estudantes de Letras, características do primeiro período documentado da língua portuguesa. Em 1996, como referido, veio a público o livro coletivo do PROHPOR sobre a *Carta de Caminha* e, em 1998, a dissertação de Dante Lucchesi, quando ainda era parte do PROHPOR, editada em Lisboa pela Colibri e reeditada no Brasil pela Parábola, em 2004. Publicados estão os livros *Cartas baianas setecentistas*, de Tânia Lobo, Perminio Ferreira, Uilton Gonçalves e Klebson Oliveira, pela Humanitas/EDUSP; *O português quinhentista: estudos lingüísticos*, em 2002, publicado pela EDUFBA, organizado por mim e por Américo Machado Filho; *Do português arcaico ao português brasileiro*, organizado por Sônia Costa e Américo Machado Filho, em 2004.

Em 1997 organizei o número temático, o 19, da *Revista Estudos Lingüísticos e Literários* de nossa pós-graduação, sobre Lingüística Histórica e História da Língua Portuguesa, em que reunimos trabalhos solicitados a especialistas em interação com o PROHPOR, além de trabalhos de membros do grupo.

Enumerarei, em seguida e para terminar, as teses e dissertações concluídas e aprovadas, mas inéditas, para que se tenha uma informação sobre a temática pesquisada:

- a. Duas teses de doutoramento, concluídas em junho de 1999: *Gramaticalização de itens conjuncionais na história do português*, de Therezinha Barreto, e a de Rosauta Poggio, *Relações expressas por preposições no latim e no português arcaico*, sob minha orientação. A de Tânia Lobo, de 2001, *Para uma sociolingüística histórica do português do Brasil*, orientada por Ataliba de Castilho (USP). Em 2003, as teses de Sônia Bastos Borba Costa, *Adverbiais espaciais e temporais: indícios diacrônicos de gramaticalização*; de Anna Maria Nolasco de Macêdo, *Locuções prepositivas no galego e português arcaico: um estudo funcionalista*; e a de Emília Helena Monteiro de Souza, *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Em 2004, a de Américo Venâncio Lopes Machado Filho, *Um flos sanctorum do século XIV: edições glossário e estudo lingüístico*, por mim orientadas. Duas teses orientadas por Therezinha Barreto, a de Lucas Santos Campos (professor da UESB e membro do PROHPOR), *A negação prefixal na história da língua portuguesa*; e a de Dilcéia Sampaio, *A variação no uso do imperativo na história do português*.
- b. As dissertações, ao todo 14, por ordem cronológica, são: em 1991, *Ca e pois: mudanças em curso no português antigo*, de Sílvia Rita Olinda; em 1993, a de Therezinha Barreto, *Conjunções: aspectos de*



sua constituição na história do português; a de Tânia Lobo, *A colocação dos pronomes átonos no português: duas sincronias em confronto*. Nesse ano também a de Dante Lucchesi, como referido, já publicada. Em 1996: a de Zenaide Carneiro, *Os verbos de padrão especial no português do século XVI em confronto com o período arcaico*; a de Permínio Ferreira, *Edição de um ms. notarial medieval português (27 fols. das Inquirições de d. Dinis)*; a de Anna Maria Macedo, *Locuções prepositivas no português arcaico*; em 1999, a de Iraneide Costa, *O artigo diante de possessivo e de nomes próprios de pessoa no português arcaico*; em março de 2000, a de Américo Venâncio Lopes Machado Filho, *A pontuação em mss. medievais portugueses*, publicada em 2004 pela Edufba; em agosto de 2000, a de Sílvia Santos Silva sobre demonstrativos em duas sincronias do português (sécs. XV e XVI), e as dissertações de Pascásia Coelho da Costa, *Os usos do mais-que-perfeito no português arcaico*, e de Juliana Soledade Coelho, *Aspectos morfolexicais na primeira fase do português arcaico: a sufixação*. Já concluídas estão também as dissertações de Mariana Fagundes de Oliveira, *A voz passiva no português: um estudo diacrônico*; de Pedro Daniel Souza, *A concordância verbo-nominal na primeira fase do português arcaico*; e, em andamento, a de Eliete Oliveira Santos, *Edição da História de Portugal de Fernão de Oliveira*, e a tese de Genésio Seixas Souza, sobre áreas lexicais no *Tratado Descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza. Em 1999, sob orientação de Ilza Ribeiro, a de Lúcia Parcero, *Fronteamentos de constituintes nos séculos XVI, XVII e XVIII*.

A partir deste ano o PROHPOR desenvolve quatro projetos coletivos: 1) O Banco Informatizado de Textos (BIT-PROHPOR), coordenado por mim, que será a base do Projeto 2. 2) O Projeto DEPARC (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), coordenado por Américo Venâncio Lopes Machado Filho. 3) *Aspectos de Gramaticalização na História do Português* (Projeto Gram), coordenado por Therezinha Maria Mello Barreto. 4) Projeto *Variiedades L2 e L1 do português escrito por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: estudos morfosintáticos*, coordenado por Tânia Lobo. Também dois projetos individuais: o de Ilza Ribeiro, *Focalização e clivagem: estudo das suas realizações estruturais na história do português*, e o meu, já concluído, *O português arcaico: uma aproximação*, no prelo, a convite de Ivo Castro, à Imprensa Nacional da Casa da Moeda, na coleção que coordena, *Filologia Portuguesa*.

Sem dúvida, e encerrando, gostaria de afirmar que o trabalho coletivo em grupo é inter-enriquecedor, não só por desenvolver uma solidariedade exigente, mas, sobretudo, por permitir o intercâmbio fraterno entre os saberes de cada um, o que, necessariamente, multiplica e favorece o trabalho coletivo do grupo.

# Um breve histórico da linha de pesquisa *Aquisição e ensino do português*

Elizabeth Reis Teixeira\*

Universidade Federal da Bahia

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer um breve histórico dos estudos e atividades desenvolvidos na linha de pesquisa *Aquisição e ensino do português* desde sua constituição no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.

## ABSTRACT

The objective of this work is to trace a brief account of the studies and activities undertaken by the research area of *Acquisition and teaching of Portuguese* from its very starting point up to its present state within the Post-Graduate Program of Letters and Linguistics at the Federal University of Bahia.

- 
- \* Elizabeth Reis Teixeira é professora adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Vernáculas, doutora em Fônética e Linguística pela Universidade de Londres (Inglaterra), representante da linha *Aquisição e ensino do português* no Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA e coordenadora do PROAEP – Programa de Aquisição do Português como Língua Materna.

## Visão geral

Desde a sua criação em 1976 até o ano de 1991, o Curso de Mestrado em Letras manteve, em sua estrutura, três áreas de concentração: Língua Portuguesa, Lingüística e Teoria da Literatura. A partir de 1982 funcionava já com uma nova reestruturação, compreendendo duas macroáreas: Estudos Lingüísticos e Estudos Literários. A macroárea Estudos Lingüísticos foi, então, dividida em três áreas de concentração: Filologia Românica, Língua Portuguesa e Lingüística.

A partir de 1996, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, passaram a funcionar os cursos de Mestrado em Letras e Doutorado em Letras. A organização dos dois cursos centrava-se nas linhas de pesquisa então em desenvolvimento. Assim, a partir da demanda sempre crescente em relação aos estudos de Lingüística Aplicada, estruturou-se a Área 2 – Lingüística Teórica e Lingüística Aplicada, abrangendo três linhas: *Aquisição e ensino do português*, *Estudos em teoria lingüística e Lingüística aplicada*.

A partir da reestruturação realizada no PPGLL em 2000, a Área 2 passa a chamar-se Lingüística Aplicada, com a seguinte ementa:

Propõe-se investigar os processos lingüísticos e estratégias que subjazem à constituição da fala e à construção do sentido, quer na perspectiva da aquisição e ensino do Português como língua materna, quer no que tange ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (aí incluída a Língua Portuguesa), quer na perspectiva da tradução.

A linha de pesquisa *Aquisição e ensino do português* (Linha 1) apresenta-se, então, de acordo com sua ementa, como:

Integração de ações e estudos nos domínios da aquisição da linguagem, da lingüística aplicada ao ensino do Português e da lingüística clínica. Enfoca-se especificamente a aquisição e o ensino do Português como língua materna em condições normais, bem como as dificuldades e distúrbios patológicos que afetam a aquisição e o ensino da língua materna ou refletem a desagregação deste sistema.



A linha *Aquisição e Ensino do Português* engloba, a partir desse momento, os seguintes projetos, dois dos quais com financiamento do CNPq.

- *A Aquisição da Fonologia por Falantes do Português*  
Através do estudo de 206 crianças, divididas em nove grupos etários e em três classes sociolinguisticamente definidas (com base no nível de escolarização parental), pretende-se obter o perfil do desenvolvimento fonológico em português, ao mesmo tempo que estabelecer procedimentos e criar materiais para a eliciação e avaliação de comportamentos fonológicos infantis. (Concluído)
- *A Aquisição da Fonologia do Português por Indivíduos Surdos*  
Investigação da aquisição do sistema de sons de indivíduos surdos, nas faixas etárias entre 12 e 19 anos, expostos ao português. Trabalho realizado junto ao CEEBA (Centro de Educação Especial do Governo do Estado da Bahia), com financiamento da FAPEX. (Concluído)
- *A Aquisição do Sistema de Sons no Português: do Balbucio às Primeiras Palavras e Frases*  
Investigação da aquisição do sistema de sons de crianças falantes do português nas faixas etárias até então não cobertas nos outros projetos desenvolvidos no programa, através da observação longitudinal. Confrontação com os dados analisados anteriormente e com os dados provenientes dos bancos de dados de outras línguas, a fim de isolar as tendências universais das tendências específicas à língua e de colaborar na verificação da procedência da teoria *Frames, then content* (MACNEILAGE & DAVIS, 1995, 1996).
- *Adaptação e Normatização dos Inventários Evolutivos Infantís MacArthur para o Português*  
Adaptação e normatização dos *Inventários MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo* (CDI's) para o português, a fim de fornecer medidas evolutivas sobre a "utilização de gestos significativos; a compreensão de vocabulário; a produção de vocabulário e a complexidade frasal" de crianças falantes do português de idades que vão de 8 a 16 meses (no primeiro grupo) e de 16 a 30 meses (no segundo grupo). Nosso cadastro, junto ao projeto internacional, encontra-se abrigado na página [http://www.sci.sdsu.edu/cdi/portuguese\\_b.htm](http://www.sci.sdsu.edu/cdi/portuguese_b.htm), do Conselho de Supervisão e Orientação do CDI (*CDI Advisory Board*).
- *O Português na Interação Verbal*  
Através da implementação de Oficinas de Leitura e Produção de Texto, o projeto propõe-se implantar uma estrutura pedagógica inovadora, que se traduz na articulação de atividades de pesquisa com atividades de ensino e extensão em nível de graduação e de pós-graduação.

Mais recentemente, a partir da seleção de 2005, a linha *Aquisição e ensino do português* ainda fazendo parte da Área 2, agora denominada Descrição e Análise Linguísticas, passa a ter a seguinte ementa:

Estudo e análise de fatos e processos linguísticos, com base em diferentes abordagens, relacionados quer à aquisição ou ao ensino da língua materna, quer ao ensino-aprendizagem de português língua estrangeira.

### Breve histórico

A linha de pesquisa *Aquisição e ensino do português* originou-se do trabalho de pesquisa em Aquisição da Fonologia do Português por nós iniciado, na UFBA, em 1987 – o primeiro estudo sistemático de caráter normativo na área da Aquisição da Fonologia Segmental no país (tanto em condições normais como não-normais). Conforme apontavam as avaliações CAPES anteriores a 1996, esta linha, que provinha da antiga área de Língua Portuguesa, já estava devidamente consolidada. Da mesma forma, estava também consolidado o grupo de pesquisa PROAEP/UFBA – Programa de Estudos sobre a Aquisição e o Ensino do Português como Língua Materna, participante do GT de Psicolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e devidamente certificado pela instituição.

Fazem, atualmente, parte do PROAEP os seguintes bancos de dados e programas informatizados de análise, construídos, especificamente, para os projetos e estudos:

- *Aquisição da Fonologia por Falantes do Português* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 216 crianças soteropolitanas);
- *Aquisição da Fonologia do Português por Portadores de Deficiência Auditiva* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas e não-controladas da fala de 20 adolescentes portadores de deficiência auditiva);
- *Aquisição da Fonologia em Casos de Desabilidade Fonológica Evolutiva (Dislalia) em Português* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 30 crianças portadoras de dislalias);
- *Padrões Fonéticos Iniciais e Influências da Língua Ambiente na Aquisição de duas Crianças Falantes do Português Brasileiro* (corpus constituído de amostras espontâneas da fala de 02 crianças através de observação longitudinal, entre 1980 e 1992);
- *O Processo de Elisão das Sílabas Fracas no Estágio Inicial da Aquisição Fonológica em Português* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 20 crianças, 1993);
- *O Processo de Simplificação do Encontro Consonantal na Aquisição Fonológica do Português* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 30 crianças, 1998);



- *Aquisição das Fricativas Iniciais em Crianças de 1;04 a 4;04* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 20 crianças, 1999);
- *As Consoantes Líquidas na Aquisição do Português* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 20 crianças, 2000);
- *A Aquisição das Semivogais em Português* (corpus constituído de amostras espontâneas controladas da fala de 20 crianças, 2002);
- *A Adaptação dos Inventários MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo (CDI's) para o Português Brasileiro* (corpus constituído do inventário lexical básico para crianças entre 1;4 e 3;6, 1997);
- *Levantamento Sistemático da Ocorrência dos Tipos Silábicos* (amostra constituída de 25.582 verbetes dos 27.074 constantes no *Minidicionário Aurélio*, através de um programa informatizado criado pelo PROAEP para a contagem de padrões silábicos, 2000);
- *Levantamento Sistemático da Ocorrência dos Padrões Intra-Silábicos* (amostra constituída de 25.582 verbetes dos 27.074 constantes no *Minidicionário Aurélio*, através de um programa informatizado criado pelo PROAEP para a contagem de padrões intra-silábicos, 2001);
- *Levantamento Sistemático da Ocorrência dos Padrões Inter-Silábicos* (amostra constituída de 25.582 verbetes dos 27.074 constantes no *Minidicionário Aurélio*, através de um programa informatizado criado pelo PROAEP para a contagem de padrões inter-silábicos, 2001).

### Repercussões e perspectivas

A linha de pesquisa *Aquisição e ensino do português*, devido a sua interface com os estudos de Distúrbios da Linguagem e da Fala, associada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do ILUFBA, tem atraído um número crescente de fonoaudiólogos, matriculados na condição de alunos regulares e especiais, e é responsável pela titulação dos primeiros fonoaudiólogos doutores no estado da Bahia, que, para tanto, escreveram teses sobre o desenvolvimento em condições normais e não normais.

Instrumentos e procedimentos para avaliação e reabilitação da linguagem têm sido desenvolvidos pelo PROAEP. Alguns já se encontram sendo utilizados, em forma preliminar e autorizada, por fonoaudiólogos vinculados a projetos de pesquisa em universidades de Salvador (UNIME), Recife (UNICAP), Fortaleza (UNIFOR) e Bauru (USP/Centrinho), e estão em fase de publicação.

Ao longo destes anos, a linha de pesquisa esteve, também, engajada na realização de eventos (cursos, congressos, seminários, debates) que proporcionaram interação entre profissionais de áreas distintas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem e dos comprometimentos comunicativos. Entre eles destacam-se:



- Atividade de Extensão: *Seminário sobre Alfabetização*, em 1988.
- Atividade de Extensão: *Mesas-redondas sobre Patologias da Linguagem e da Fala*, em 1989.
- Curso de Especialização *Aquisição e o Ensino da Língua Materna*, de março de 1989 a dezembro de 1990.
- Curso de Extensão de Libras, em 1993.

Com o intuito de dar prosseguimento aos trabalhos desenvolvidos nesta linha, no que diz respeito à atuação do PROAEP, estamos elaborando o Projeto do CEL – Centro de Estudos da Linguagem.

O Projeto CEL pretende contribuir, de forma significativa, para a criação de espaço que proporcione maior interação entre os profissionais envolvidos com os processos aquisitivo e terapêutico da linguagem, a fim de oferecer melhores oportunidades de atendimento aos indivíduos com comprometimentos comunicativos.

Tem como objetivo básico criar um espaço que agregue, em forma de um centro de referência, atividades de pesquisa e extensão a fim de fornecer, a partir das experiências colhidas e armazenadas sobre o desenvolvimento normal, oportunidade de investigação e elaboração de procedimentos e de confecção de instrumentos que sirvam, também, à avaliação e à reabilitação de indivíduos com comprometimentos comunicativos, possibilitando uma visão multidisciplinar dos aspectos aquisicionais e terapêuticos. Assim, pretende-se viabilizar, mais especificamente:

1. Maior articulação entre as áreas que se ocupam com os processos aquisitivo e terapêutico da linguagem dentro da instituição,
2. Maior visibilidade das profissões que atuam na avaliação e reabilitação dos comprometimentos comunicativos, entre estas, a do lingüista,
3. Melhores condições formativas que contribuam para a **melhoria das práticas** relacionadas ao atendimento a indivíduos com comprometimentos comunicativos,
4. A criação de **laboratório** que permita a **aplicação das teorias lingüísticas** aos dados colhidos em **situações clínico-terapêuticas**,
5. O estabelecimento de um **ambiente criativo**, a partir da **observação das práticas terapêuticas**, que incentive a **coleta de dados para pesquisa**, incrementando e diversificando as áreas de atuação do CEL neste setor,
6. Associação do CEL às ações, já desenvolvidas no âmbito da universidade, de **Atendimento à Comunidade**, no que diz respeito a avaliação, diagnóstico e reabilitação.

## \*LINHA AQUISIÇÃO E ENSINO DO PORTUGUÊS

## RELAÇÃO DE PROJETOS DE DISSERTAÇÃO E DE TESES CONCLUÍDOS E DEFENDIDOS

Aluno	Título do Projeto	Professor Orientador	Nível	Ano
VERA PEDREIRA DOS SANTOS PEPE	Oclusão, assimilação e emendamentos na aquisição fonológica do português: processos fonológicos ou morfológicos?	Elizabeth Reis Teixeira	M	1993
CAROLA RAFF	O processo de duto das sílabas finais no estágio inicial da aquisição fonológica em português	Elizabeth Reis Teixeira	M	1994
CARLA LÚCIA CARMELO BORGES	O desenvolvimento da representatividade e suas implicações textuais discursivas	Elizabeth Reis Teixeira	M	1996
EDUENE MENDES OLIVEIRA SANTOS	Dificuldades na aquisição/aprendizagem de português línguas estrangeiras: a expressão do aspecto verbal em textos escritos	Elizabeth Reis Teixeira	M	1996
NORMA LÚCIA FERNANDES DE ALMEIDA	Processos fonológicos assimilatórios e processos fonológicos no oráculo na Guiné-Bissau: alguns estudos	Elizabeth Reis Teixeira	M	1997
ROSANA SANTOS DÓRICA	O processo de simplificação de encontro consonantal na aquisição fonológica do português	Elizabeth Reis Teixeira	M	1998
IVANETTE DE FREITAS CERQUEIRA	A aquisição das fricativas bilabiais em crianças de 1;04 a 4;04	Elizabeth Reis Teixeira	M	1999
JORGE LUIZ LORDELO DE SALES RIBEIRO	Trabalho de transcrição dos rabinos velhos para escritores no contexto do teste projetivo temático de personalidade para crianças	Elizabeth Reis Teixeira	M	1999
DENISE MARIA DE O. ZOGHBI	Aspectos de desenvolvimento das competências comunicativa e textual em estudantes de língua portuguesa como língua estrangeira	Jacqueline Luiza de Souza	D	1999
MARIA LÚCIA SOUZA CASTRO	O que se pensa e o que se espera do ensino de línguas estrangeiras	Jacqueline Luiza de Souza	D	1999
MARIA MOÏMENA C. DOS ANJOS	As marcas do social e da subjetividade na construção da referência. Um estudo da produção escrita na Escola Fundamental	Jacqueline Luiza de Souza	D	1999

\* De acordo com os resultados homologados pelo Colegiado do PPGLE.

O discurso sobre a gramática normativa tradicional	Iracema Luiza de Souza	D	1999
O discurso da autoridade na interação na sala de aula	Iracema Luiza de Souza	M	1999
A produção de texto no Ensino Médio: uma proposta de abordagem sócio-interacionista	Iracema Luiza de Souza	M	1999
Dificuldades vocabulares em produções textual-discursivas de alunos do Ensino Médio	Iracema Luiza de Souza	M	1999
As consoantes líquidas na aquisição do português	Elizabeth Reis Teixeira	M	2000
A argumentação e a polifonia no discurso publicitário no gênero feminino: explicações em sala de aula	Iracema Luiza de Souza	D	2000
O processo de simplificação de ditongos durante a aquisição do português	Elizabeth Reis Teixeira	M	2001
Contagem de frequência da ocorrência dos padrões inter-lexicais do português brasileiro	Elizabeth Reis Teixeira	M	2001
Características do desenvolvimento inicial de linguagem oral em crianças deficientes auditivas usuárias de implante coclear	Elizabeth Reis Teixeira	D	2001
Da sensibilidade à consciência fonológica em crianças em fase pré-escolar	Elizabeth Reis Teixeira	D	2001
Utilização de conectores na redação escolar de crianças de sete a oito anos	Iracema Luiza de Souza	M	2001
Adaptação e normatização dos Inventários de Desenvolvimento Comunicativo MacArthur para o português brasileiro – Protocolo I	Elizabeth Reis Teixeira	M	2002



# O trabalho filológico: mudança lingüística e crítica textual

Célia Marques Telles

Universidade Federal da Bahia/CNPq

Rosa Borges Santos Carvalho

Universidade Federal da Bahia/Universidade do Estado da Bahia

A Nilton Vasco da Gama,

o homem de ciência de d'Arbois de Jubainville

## RESUMO

Busca-se traçar a trajetória da pesquisa relativa aos estudos filológicos desde a Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia até a consolidação do Grupo de Filologia Românica, liderado pelo Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama. Mostra-se como as pesquisas desenvolvem-se em duas vertentes, a da mudança lingüística e a da crítica textual, na perspectiva da inter-relação entre língua e literatura mediada pelo texto, ponto de partida para os estudos filológicos. Nessa análise vão, pouco a pouco, sendo indicadas as dissertações e as teses ligadas a uma ou outra vertente, produto das duas linhas de pesquisa dentro do programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA. Nessa direção, apontam-se ainda os projetos em desenvolvimento. Finaliza-se apresentando o quadro sinóptico dos rumos da Filologia Românica na UFBA.

## ABSTRACT

In this work, we search to show the direction taken by the research in the philological studies since Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia to the consolidation of the Grupo de Filologia Românica, under the leadership of Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama. It is also shown how the research gets subdivided into two main fields: the one of linguistic changes and the one of critical editions, in the interrelation between language and literature mediated by the text, starting point for philological studies. In this analysis, the thesis and dissertations related to either fields of studies are presented, products of the two research lines in the UFBA's Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. The ongoing projects are presented. The last part is devoted to a summary table of the different trends of Romance Philology at UFBA.

### Introdução<sup>1</sup>

A Filologia Românica tem gozado de uma posição privilegiada na Universidade Federal da Bahia desde o final da década de 50, graças, como é sabido, aos esforços e ao dinamismo do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, quando começou a construir a equipe de Filologia Românica. Líder nato, professor em todos os momentos, ensinou a estudar e a aprender. Ergueu com dedicação e pertinácia, coragem e amor um grupo de trabalho que se consolidou há mais de 30 anos, o Grupo de Filologia Românica, hoje cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. Professor Emérito, sempre professor: ensinou a estudar, a pesquisar, a aprender os resultados do trabalho. Dia a dia, passo a passo, seus conselhos são pedidos e seguidos. É resultado desse seu esforço – *dir-se-ia trabalho*, no sentido de base – o fato de a Filologia Românica gozar de prestígio nos cursos de Letras no estado da Bahia: na Universidade Federal da Bahia, na Universidade Católica do Salvador, na Universidade Estadual de Feira de Santana e na Universidade do Estado da Bahia.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Esta não é a primeira vez que se tem buscado traçar o perfil e a função dos estudos filológicos nos cursos de Letras da Universidade Federal da Bahia. Citam-se, entre outros, os artigos: TELLES, Célia Marques. Nilton Vasco da Gama; o homem de ciência de d'Arbois de Jubainville. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. esp., p. 7-11, set. 1996; id. Filologia Românica; ensino, pesquisa, extensão. *A Cor das Letras*; Revista do Departamento de Letras e Artes, Feira de Santana (BA), n. 3, p. 35-51, dez. 1999; id. A Filologia Românica na pós-graduação em Letras na UFBA. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 1999, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, CIFEFIL, 1999. p. 126-135. id. Aspectos medievais enfocados no ensino da Filologia Românica na Universidade Federal da Bahia. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Rio de Janeiro: Ágora da Ilha*, 2001, p. 162-72. E ainda: id. Rumos da filologia. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FILOLOGIA, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2004. CARVALHO, Rosa Borges Santos. *A Filologia textual nos cursos de Letras*. In: REUNIÃO REGIONAL DA SPBC, 2004, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: UEFS, 2004. Mesa-redonda "A função dos estudos filológicos nos cursos de letras".

<sup>2</sup> Veja-se a análise de Rosa Borges Santos Carvalho, acima citada.

Os estudos em Filologia Românica nos cursos de Letras da Universidade Federal da Bahia tomam impulso e começam a se desenvolver, a partir de 1955, quando o Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama ingressa no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia para encarregar-se das atividades da cadeira de Filologia Românica.

A Filologia Românica era matéria obrigatória, estudada no terceiro ano, para os cursos de Letras Neolatinas e de Letras Clássicas. Ao lado das aulas de Filologia Românica, eram desenvolvidos estudos com grupos de alunos, tanto na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia como na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Salvador. Desses estudos resultou o primeiro projeto de pesquisa em temas medievais: *O estudo do vocabulário de Dom Duarte (século XV)*. Começava, assim, a formar-se o Grupo de Filologia Românica até hoje liderado por Nilton Vasco da Gama.<sup>3</sup>

O Grupo de Filologia Românica, sob a liderança do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, conta com a colaboração dos oito docentes envolvidos no ensino.<sup>4</sup> Dentro do trabalho discente vem desenvolvendo, na Universidade Federal da Bahia, cinco teses de Doutorado<sup>5</sup> e seis dissertações de Mestrado.<sup>6</sup> Conta com a participação de seis bolsistas IC<sup>7</sup> e de dois pesquisadores.<sup>8</sup>

A Filologia Românica primeiro consolida-se no currículo mínimo dos cursos de Letras da Universidade Federal da Bahia. Mais tarde, firma-se na formação da Pós-Graduação em Letras e a Universidade Federal da Bahia é hoje no Brasil talvez a única que ofereça formação em estudos de Linguística Histórica, em especial em Filologia Românica (e neste campo é a única no território nacional).

<sup>3</sup> Registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq.

<sup>4</sup> Dois deles envolvidos apenas com a pesquisa, o ensino e a orientação na pós-graduação, Nilton Vasco da Gama e Albertina Ribeiro da Gama; entre os demais, quatro atuam na pesquisa, no ensino de graduação (Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e História) e no ensino e na orientação de pós-graduação, Teresa Leal Gonçalves Pereira, Célia Marques Telles, Rosa Borges Santos Carvalho e Risonete Batista de Souza, e dois na pesquisa e no ensino de graduação (Letras, Biblioteconomia), Hilda Maria Ferreira Conceição e Elisabeth Baldwin. Conta-se, ainda, com mais dois docentes, Serafina Maria de Souza Pondé e o professor colaborador João Antônio de Santana Neto, atuando no ensino, pesquisa e orientação na pós-graduação, e dois professores substitutos, Norma Suely da Silva Pereira e Lúcia da Silva Sobral, atuando no ensino de graduação (Letras e Arquivologia).

<sup>5</sup> As de Aurelina Ariadne Domingues Almeida e Eliana Correia Brandão Gonçalves, orientadas por Nilton Vasco da Gama, Hilda Maria F. de C. Armitay e Ângela Emília Fagundes Poggio Heine, orientadas por Teresa Leal Gonçalves Pereira, e Norma Suely da Silva Pereira, orientada por Célia Marques Telles. Uma das docentes, Elisabeth Baldwin, desenvolve tese em outra linha de pesquisa dentro do PPGL/UFBA.

<sup>6</sup> A saber: Ivan Meneses Calazans, Urdina Maria de Oliveira Fratel, João Batista de Castro Júnior e Telma Regina G. de Araújo, orientados por Teresa Leal Gonçalves Pereira, Rita Maria Ribeiro Bessa, orientada por Célia Marques Telles, e Marta Maria da Silva Brasil, orientada por Rosa Borges Santos Carvalho.

<sup>7</sup> A saber: Rosinês de Jesus Duarte, Ludmila Antunes de Jesus, Ana Camila Lima de Souza, Eliane Sales Vieira, Arivaldo Sacramento de Souza e Nilente da Silva Rocha, orientados por Célia Marques Telles.

<sup>8</sup> A saber: Alicia Duhá Lose e Maria Dolores Teles.



Com Nilton Vasco da Gama a Filologia Românica veio a ser ensinada com amor e fidelidade aos princípios fundamentais e tradicionais da Filologia: a muito atual e clássica metodologia filológica. O trabalho desenvolvido nos estudos de Filologia Românica tornou-se, assim, ao mesmo tempo, uma suserania e uma "omage"<sup>9</sup> aos princípios metodológicos e comportamento científico desse ramo da ciência da linguagem: domínio do conhecimento e servidão ao comportamento científico. Não se pode falar de Filologia Românica, no Brasil, sem evocar o nome de Nilton Vasco da Gama.

É devido a essa situação especial que a Filologia Românica, na instalação do Curso de Mestrado em Letras em 1976, foi uma das áreas de Concentração Menor. Com a reestruturação do Curso de Mestrado em Letras em 1992, passou a ser uma das áreas de concentração da Macroárea de Estudos Linguísticos. Reiteradas vezes a CAPES apontou a Linguística Histórica como um dos aspectos fortes da pós-graduação em Letras da Bahia, área em que se inserem os estudos de Filologia Românica. Tal fato levou a uma nova e revolucionária reestruturação da pós-graduação em Letras em 1995. A partir de então, os cursos de Doutorado em Letras e de Mestrado em Letras oferecem duas linhas de pesquisa diretamente ligadas ao ensino da Filologia Românica, a de *Mudanças Linguísticas na România* e a de *Crítica Textual*. Esta configuração tem feito do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia um pólo formador em Filologia Românica.

Desse modo, o ensino (na graduação e na pós-graduação em Letras), a pesquisa e a extensão em Filologia Românica desenvolvem-se, entrecruzando-se, em duas linhas – as linhas de pesquisa que vieram a definir parte da formação na pós-graduação em Letras, a saber: *Mudanças Linguísticas na România* (a Linguística Românica) e *Crítica Textual* (a tarefa primordial da filologia).



Fig. 1 – Linhas de pesquisa em Filologia Românica

<sup>9</sup> No seu sentido da cultura feudal: "engagement solennel de servir son seigneur" (isto é, "compromisso solene de servir seu senhor"). Cf. GREIMAS, A. J. *Dictionnaire de l'ancien français jusqu'au milieu du XII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Larousse, 1969. s.v. omse, omme.

## 1 Conceito, objeto e método da filologia<sup>10</sup>

Essas considerações apareceram pela primeira vez no trabalho escrito em colaboração, em 1994, *Crítica textual, novos rumos?*<sup>11</sup> Como naquele momento, não seria despropositado, portanto, lembrar, mais uma vez, as palavras de dois romanistas, E. Auerbach e H. Lausberg. Entende o primeiro a filologia como o conjunto das atividades que se ocupam da linguagem do homem e das obras de arte compostas nessa linguagem. Assim, diz E. Auerbach, como se trata de uma ciência muito antiga, e que se pode ocupar da linguagem de maneiras muito diversas, a palavra filologia tem um sentido muito amplo e compreende atividades muito diferentes. Adverte, a seguir, que uma das suas antigas formas, a forma por assim dizer clássica, e ainda hoje vista por muitos eruditos como a mais nobre e a mais autêntica, é a edição crítica dos textos.<sup>12</sup>

Por outro lado, H. Lausberg, na primeira edição da sua *Romanische Sprachwissenschaft*,<sup>13</sup> assinalava que a Filologia, como todas as Filologias, tem um objeto literário, para cuja interpretação histórica ela aplica os métodos lingüístico e filológico. Afirmando, em seguida, que, em contraste com a Filologia Clássica, no discurso vivo românico, ela não dispõe apenas de escrita, mas possui também um objeto oral, para cuja valorização do problema histórico dedica-se, particularmente, a investigação dialetal românica.<sup>14</sup> Tais considerações não mais vão aparecer na segunda edição, porém, mostram uma amplitude bem maior na compreensão do objetivo e da função dos estudos filológicos. Na segunda edição, H. Lausberg, ao afirmar que a filologia tem como objeto de estudo as 'obras' ou 'textos', tanto os textos pragmáticos de consumo como os textos literários de uso reiterado, mantém a amplitude anteriormente assinalada, restringindo ao âmbito da "ciência da literatura" a filologia que concentra seus esforços nos textos literários. Ressalta, então, que o compromisso social dos filólogos se refere de fato aos textos literários, lembrando que os filólogos são os vigilantes encarregados da tradição litúrgica e, depois, literária da comunidade.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> Retomam-se aqui algumas das considerações que aparecem em outro artigo: TELLES, Célia Marques. *Filologia Românica: ensino, pesquisa, extensão...*, p. 35-7.

<sup>11</sup> Cf. GAMA, Nilton Vasco da; GAMA, Albertina Ribeiro da; TELLES, Célia Marques. *Crítica textual, novos rumos?* In: MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (orgs). CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1., 1996, Salvador. *Atas...* Salvador: FINEP/UFBA, 1996. v. 1, p. 454.

<sup>12</sup> AUERBACH, Erich. *Introduction aux études de philologie romane*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1949. p. 9.

<sup>13</sup> LAUSBERG, Heinrich. *Romanische Sprachwissenschaft*, 1. Einleitung und Vokalismus. Berlin: Walter de Gruyter, 1956. p. 13.

<sup>14</sup> Id., *ibid.*

<sup>15</sup> Id. *Lingüística românica*. Trad. de J. Perez Riesco e E. Pascual Rodríguez. Madrid: Gredos, 1965. v. 1, p. 42.



No clássico artigo de L. Spitzer, *Lingüística e história literária*,<sup>16</sup> pode ver-se o caminho metodológico da Filologia Românica. Diz, então, L. Spitzer que o seu propósito é simplesmente contar sua própria vida, indicando como através da lingüística, pela qual havia começado, abre-se caminho até o jardim encantado da história da literatura e como descobriu que há também um jardim encantado na lingüística, que é, como na história literária, um labirinto. Para, logo adiante, dizer que os métodos e graus de certeza são fundamentalmente os mesmos em ambas e que se as humanidades são hoje objeto de ataque (para ele injustificado, pois não são culpáveis as humanidades, mas alguns chamados humanistas, que persistem em imitar uma periclitada aproximação das ciências naturais que, hoje, se desenvolvem em direção das humanidades) seria estúpido querer isentar do veredito a qualquer deles. Se nenhum valor cabe derivar do estudo da linguagem, não é possível empenhar-se em manter a história literária, a história da cultura ou, simplesmente, a história.<sup>17</sup>

Mais à frente discute Spitzer o círculo filológico, ou a circularidade dos argumentos mentalistas, o qual, adverte ele, não é um círculo vicioso, mas, pelo contrário, uma operação fundamental nas humanidades,<sup>18</sup> de que em filologia o conhecimento não se alcança somente pela progressão gradual. De um a outro detalhe, é alcançada pela antecipação ou adivinhação do todo, porque, destaca ele, "o detalhe apenas pode compreender-se em função do todo e qualquer explicação de um fato particular pressupõe a compreensão do conjunto". Propõe Spitzer um método de vaivém de alguns detalhes externos para o centro interno e, inversamente, do centro para outras séries de detalhes, que é apenas a aplicação do 'círculo filológico'.<sup>19</sup>

L. Spitzer afirma, ainda, que em filologia, ao ocupar-se do meramente e totalmente humano, e ao estudarem-se os aspectos interdependentes e entrelaçados dos assuntos humanos, o método dedutivo é aplicável somente como comprovante do princípio descoberto pela indução, que descansa e se apóia na observação.<sup>20</sup> Finalmente, para ele, não é puro capricho do acaso que 'o círculo filológico' tenha sido descoberto por um teólogo, que está acostumado a harmonizar o discordante e a rastrear a beleza de Deus neste mundo. Para Spitzer, esta atitude se reflete no termo criado por Schleiermacher, '*Weltanschauung*': *die Welt anschauen*, contemplar e conhecer o mundo em seu detalhe *sensível*. Assim, o filólogo continuará, portanto, seu estudo do pequeno porque no microscópico vê o microcômico. Praticará, também, aquelas *Andacht zum Kleinen* ou carinhosa atenção ao pequeno, recomendada por Jacob

<sup>16</sup> SPITZER, Leo. *Lingüística e historia literaria*. In: \_\_\_\_\_. *Lingüística e historia literaria*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1961. p. 7-53.

<sup>17</sup> Id., *ibid.*, p. 7-8.

<sup>18</sup> A saber, o *Zirkel im Verstehen* ou movimento circular no entender, como Dilthey denominou o descobrimento, realizado pelo erudito e teólogo romântico Schleiermacher (Id., *ibid.*, p. 33-4).

<sup>19</sup> Id., *ibid.*, p. 33-5.

<sup>20</sup> Id., *ibid.*, p. 42.



Grimm. Na continuidade, irá preenchendo suas papeletas com dados e exemplos, na esperança de que uma luz superior, derramando-se sobre eles, venha a perfilar as claras linhas da verdade.<sup>21</sup> Por fim, para L. Spitzer, o círculo filológico não implica em que alguém se contente em mover-se dentro do já conhecido; não é um 'dar voltas no mesmo lugar sem sair do atoleiro'.<sup>22</sup>

Este, em verdade, é o resultado da busca no ensino, na pesquisa e na extensão desenvolvida dentro do Grupo de Filologia Românica.

## 2 Mudança lingüística e crítica textual

Ao considerar-se que a Filologia estuda o fato cultural e que a língua é um dos elementos da cultura do homem, evidencia-se que os estudos filológicos tanto se ocupam dos textos escritos como da língua falada. Desse modo, a base para o desenvolvimento das pesquisas em Filologia Românica é a noção de que a língua é um ser histórico e de que a sua história se confunde com a história do povo que a fala.

A pesquisa em Filologia Românica na Universidade Federal da Bahia, como se disse acima, sempre privilegiou duas vertentes, o estudo das mudanças lingüísticas e o das edições críticas de textos. No sentido de que as duas perspectivas são inseparáveis, lembre-se de que o trabalho filológico deve ser acompanhado de uma tomada de consciência dos seus processos e das limitações que eles não permitem ultrapassar. Realmente, não é possível distanciar-se daquilo que é o elemento fundamental do texto: a língua. E, ao focar-se a língua, é preciso considerar a problemática da natureza tempo-dependente ("time-dependent nature") do sistema lingüístico.<sup>23</sup> Nesse enfoque de interfaces, duas perspectivas podem ser consideradas: na primeira, o da mudança lingüística, o texto é testemunho da língua; na segunda, a da crítica textual, a língua é apenas um dos elementos do texto, embora o mais importante deles, pois o texto é estruturado pelas possibilidades de uso da língua.<sup>24</sup>

A linha *Mudanças Lingüísticas na România*, inserida na área de Lingüística Histórica, enfoca especificamente o tratamento lingüístico do texto e estuda os elementos básicos da Romanística, buscando analisar fatos da formação das línguas românicas em diferentes níveis lingüísticos. Desenvolvem-se dentro dela dois projetos coletivos:

- *Estudo Diacrônico de Fenômenos Lingüísticos da România: Fase II*, onde se faz o levantamento de fatos comprobatórios das mudanças

<sup>21</sup> Id., *ibid.*, p. 43-4.

<sup>22</sup> Id., *ibid.*, p. 47.

<sup>23</sup> THIBAUT, Paul J. *Re-reading Saussure; the dynamics of signs in social life*. London: Routledge, 1996. p. 80.

<sup>24</sup> TELLES, Célia Marques. Mudanças lingüísticas e crítica textual. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 25-26, p. 101-2, jan.-dez. 2000.

linguísticas na România, especialmente a partir de textos quinhenistas.

- *Estudos sobre a Lexicografia Românica: Fase II*, onde são desenvolvidos estudos diacrônicos sobre a formação do léxico românico. Por outro lado, faz-se, também, a análise da historiografia dos estudos lexicais na França, em especial o século XVIII.

Nessa linha de pesquisa trabalham, hoje, quatro professores, Nilton Vasco da Gama, Célia Marques Telles, Teresa Leal Gonçalves Pereira e Risonete Batista de Souza. Aham-se desenvolvendo teses de doutorado dentro dela, quatro alunas: Aurelina Ariadne Domingues Almeida<sup>25</sup> e Eliana Correia Brandão Gonçalves<sup>26</sup> (orientadas por Nilton Vasco da Gama), que estudam a descrição do léxico românico e aspectos da evolução semântica de formas românicas; e Hilda Maria F. de Carvalho Amitay<sup>27</sup> e Ângela Emília Fagundes Poggio Heine<sup>28</sup> (orientadas por Teresa Leal Gonçalves Pereira), que estudam os aspectos metafóricos e os elementos de relação espaço-temporais no português arcaico e no português contemporâneo e as alterações semânticas da preposição *de* no português em confronto com as línguas românicas. Contam-se quatro teses de doutorado já defendidas, as de José Raimundo Galvão,<sup>29</sup> Gustavo Ezequiel Etkin,<sup>30</sup> Celina Márcia de Souza Abbade<sup>31</sup> e Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira,<sup>32</sup> e dez dissertações de mestrado, as de Vera Lúcia Nascimento Brito,<sup>33</sup> Célia Marques Telles,<sup>34</sup> Teresa Leal Gonçalves Pereira,<sup>35</sup> Rosaura Maria Galvão Fagundes Poggio,<sup>36</sup> Andréia Caricchio Cafê,<sup>37</sup> Risonete Batista de

<sup>25</sup> Sobre o tema *Primeiras estágios do galego e do português: estudo lexical*.

<sup>26</sup> Sobre o tema *Estado do vocabulário do "Crônica de Don Fernando" de Fernão Lopes*.

<sup>27</sup> AMITAY, Hilda Maria F. de Carvalho. *Aspectos metafóricos do sagrado e do profano e os elementos de relação espaço-temporais no português do século XIII em confronto com o português contemporâneo*.

<sup>28</sup> HEINE, Ângela Emília Fagundes Poggio. *Alterações semânticas das preposições de e des/desde: séculos XVI e XX*.

<sup>29</sup> GALVÃO, José Raimundo. *Verbas que expressam movimento nos roteiros de navegação*. UFBA/PPGLL, 2002. Orient. por Célia Marques Telles.

<sup>30</sup> ETKIN, Gustavo Ezequiel. *Da designação ao insulto: uma palavra e a psicanálise*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2002. Orient. por Célia Marques Telles.

<sup>31</sup> ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Campor lexicais no "Livro de cozinha da Infanta D. Maria"*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2003. Orient. por Célia Marques Telles.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de. *Enlaces e desenlaces entre participios e gerúndios*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2004. Orient. por Teresa Leal Gonçalves Pereira.

<sup>33</sup> GOMES, Vera Lúcia Brito. *A palatalização de t e k no ibero-romance*. Salvador: UFBA/ML, 1979. Orient. por Nilton Vasco da Gama.

<sup>34</sup> TELLES, Célia Marques. *As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românticos do séc. XVI*. Salvador: UFBA/ML, 1982. Orient. por Nilton Vasco da Gama.

<sup>35</sup> PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves. *Considerações sobre a mudança linguística; o vocalismo latino-romance*. Salvador: UFBA/ML, 1982. Orient. por Nilton Vasco da Gama.

<sup>36</sup> POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes. *Estado sincrónico-diacrónico das orações infinitivas em latim e em português*. Salvador: UFBA/ML, 1991. Orient. por Teresa Leal Gonçalves Pereira.

<sup>37</sup> CAFÊ, Andréia Caricchio. *Uso da preposição a em dois jornais do Estado da Bahia*. Salvador: UFBA/PPGLL, 1996. Orient. por Teresa Leal Gonçalves Pereira.



Souza,<sup>38</sup> Samantha de Moura Maranhão,<sup>39</sup> Celina Márcia de Souza Abbade,<sup>40</sup> Aurelina Ariadne Domingues Almeida<sup>41</sup> e Jaciara Omélia Nogueira de Oliveira.<sup>42</sup> Foram, ainda, desenvolvidas duas monografias de especialização, as de Hilda Maria Ferreira Conceição<sup>43</sup> e Helder Júlio Soares de Carvalho.<sup>44</sup>

Quanto ao trabalho desenvolvido pelos docentes, estes têm-se concentrado na descrição funcional das mudanças, nos aspectos léxico-semânticos, no estudo grafemático-fonético e na análise das estruturas discursivas. O professor Nilton Vasco da Gama, a partir do enfoque da lexicografia em parte dos cursos de Filologia Românica, vem traçando um breve esboço da história da lexicografia francesa, tecendo, desse modo, algumas considerações a respeito de uma das mais controvertidas figuras no campo da lexicografia no século XVII: Gilles Ménage. Teresa Leal Gonçalves Pereira estuda processos de gramaticalização na morfologia verbal e relações grafemático-fonéticas também a partir de textos quinhentistas. Célia Marques Telles estuda, a partir de documentos da literatura de viagens em quatro línguas românicas, tanto o discurso desses textos como as relações grafemático-fonéticas que permitem documentar neles o registro que corrobora a mudança fonética em processo, em textos portugueses e espanhóis de finais do século XV a fins do século XVI. Risonete Batista de Souza dedica-se ao estudo do léxico e da cultura medieval, a partir de cantigas trovadorescas galego-portuguesas.

A outra linha de pesquisa, a *Crítica Textual*, acha-se alocada na área *Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura*. Evidencia-se, assim, pela distribuição nas duas áreas a compreensão de que os estudos filológicos, como estudos da cultura, sempre se situam sobre as duas vertentes: a da descrição lingüística e a da exploração dos textos.

Em 1977, na disciplina Paleografia e Ecdótica XXI – *A edição crítica de textos modernos*, sob a responsabilidade de Nilton Vasco da Gama, deu-se início à pesquisa sistemática para a edição crítica de textos modernos, prepa-

<sup>38</sup> SOUZA, Risonete Batista de. *Estudo descritivo do vocabulário de Pero do Ponte*. Salvador: UFBA/PPGLL, 1995. 237f. Anexos. Orient. por Nilton Vasco da Gama.

<sup>39</sup> MARANHÃO, Samantha de Moura. *O vocabulário das receitas de medicamentos e regimentos relativos à saúde do "Livro do Curato"*. Salvador: UFBA/PPGLL, 1997. 231f. Anexos. Orient. por Teresa Leal Gonçalves Pereira.

<sup>40</sup> ABBADÉ, Celina Márcia de Souza. *Três campos lexicais no vocabulário do "Livro de Cozinha da Infanta D. Maria"*. Salvador: UFBA/PPGLL, 1998. Orient. por Célia Marques Telles.

<sup>41</sup> ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. *Descrição onomasiológica do vocabulário de Afonso Eanes do Covon*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2000. Orient. por Nilton Vasco da Gama.

<sup>42</sup> OLIVEIRA, Jaciara Omélia Nogueira de. *Conservação e mudança do participio presente no latim tardio e seus reflexos no português*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2001. Orient. por Teresa Leal Gonçalves Pereira.

<sup>43</sup> CONCEIÇÃO, Hilda Maria Ferreira. *No acervo de manuscritos baianos; a Coleção Santo Amaro*. Salvador: UFBA/PPGLL/CEELL, 2003. Monografia orient. por Albertina Ribeiro da Gama.

<sup>44</sup> CARVALHO, Helder Júlio Soares de. *Tratado de "Certidão de Testamento de Anna Barbosa de Mattos"*; edição semidiplomática e estudo grafemático. Salvador: UFBA/PPGLL/CEELL, 2003. Monografia orient. por Célia Marques Telles.



rando-se como trabalho final uma edição crítica do prólogo de *Sangue-mau* do poeta baiano Arthur de Salles.<sup>45</sup> Com isso ficava criado o Grupo de Edição de Textos da UFBA, que vem trabalhando, desde então, na edição crítica da obra de Arthur de Salles, na edição e no estudo de textos medievais, na edição de textos portugueses quinhentistas da literatura de viagens, na edição semidiplomática de textos notariais dos séculos XVIII e XIX.

A linha *Crítica Textual*, na direção da crítica textual moderna ou filologia do manuscrito presente, estuda os documentos relacionados com aspectos culturais do Recôncavo Baiano, visando à edição crítica de textos manuscritos e de textos modernos. Além disso, na perspectiva da crítica textual tradicional ou filologia do manuscrito ausente, examina e edita textos quinhentistas a fim de acompanhar a mudança em processo da língua no seu momento de cristalização e dedica-se, ainda, à análise e edição de um texto em letra gótica: o *Libro de açedrez, dados e tablas de Alfonso X*.

Nessa linha desenvolvem-se pesquisas em dois programas: *A edição de textos manuscritos* e *A edição crítica da obra de Arthur de Salles*.

O primeiro deles engloba quatro projetos:

- *O "Libro Universal de derrotas..." de Manoel Gaspar: da escrita ao discurso*, que se ocupa da edição de um texto não literário quinhentista, em letra cursiva do século XVI, com alguns fôlios em escrita do século XVII, textos escritos em língua portuguesa e em língua espanhola. Estudam-se as características da língua dos textos perseguindo-se dois aspectos: 1) o estudo grafemático; 2) a comparação do discurso português com o discurso espanhol.
- *Edição crítica do Libro de Açedrez de Alfonso X*, no qual se prepara a edição crítica do tratado de xadrez da Escola de Alfonso X, manuscrito do séc. XIV.
- *Edição de manuscritos dos séculos XVIII e XIX*, no qual se preparam edições semidiplomáticas de alguns manuscritos relacionados a aspectos culturais do Recôncavo Baiano (compra e venda de escravos, inventário de bens, atas, instrução pública, cartas).
- *Edição crítica de um manuscrito do século XVI nº de cota 3232 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, no qual se busca a editoração seguindo critérios conservadores, com o intuito de preservar as características lingüísticas do texto, possibilitando a sua utilização para estudo da história da língua. Os estudos de grafia, dos aspectos gramaticais e do vocabulário do texto manuscrito complementam a leitura crítica.

<sup>45</sup> GAMA, Albertina Ribeiro da et al. (Ed.). *Edição crítica do "Prólogo" e da "Primeira parte" do poema "Sangue-mau" de Arthur de Salles*. Cidade do Salvador: UFBA/PGL/CM, dez. 1977. Trabalho final da disciplina Paleografia e Ecdótica XXI, apresentado ao Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama.

Enquanto o segundo abarca, no momento, dois projetos:

- *Estudo do vocabulário de Arthur de Salles*: Estudo do vocabulário de Arthur de Salles, a partir de cada uma das suas obras publicadas ou das edições que vierem a ser preparadas de sua obra dispersa. Além disso, retomou-se o estudo sistemático do vocabulário de Arthur de Salles com estudantes de IC e é desenvolvido um estudo das metáforas em *Sangue-mau* e no processo tradutório a partir do *Macbeth* de W. Shakespeare.
- *O resgate da obra regional de Arthur de Salles*, no qual se busca resgatar a obra de temática regional de Arthur de Salles – de que apenas se conhecem *Sangue-mau* e *O ramo da fogueira* –, dando-se destaque especial à prosa. A partir da indicação do próprio autor e da temática dos textos, estão sendo reconstituídas a coletânea de contos *Rincões patricios* e as novelas de que Arthur de Salles fala em carta a Durval de Moraes, estabelecendo-se as relações dentro do processo de construção do poema *Sangue-mau*, que parece ser o climax da sua obra de temática regionalista.

Nessa linha de pesquisa trabalham, hoje, quatro professores, Nilton Vasco da Gama, Albertina Ribeiro da Gama, Célia Marques Telles e Rosa Borges Santos Carvalho, além do colaborador João Antônio de Santana Neto. Acha-se desenvolvendo tese de doutorado dentro dela, uma aluna: Norma Suely da Silva Pereira (orientada por Célia Marques Telles),<sup>46</sup> que estuda o discurso na obra em prosa de Arthur de Salles, e uma dissertação de mestrado, a de Marta Maria da Silva Brasil (orientada por Rosa Borges Santos Carvalho). Contam-se cinco teses de doutorado já defendidas, as de Rosa Borges Santos Carvalho,<sup>47</sup> Maria Dolores Teles,<sup>48</sup> Alicia Duhá Lose,<sup>49</sup> Gilberto Nazareno Telles Sobral<sup>50</sup> e Arlete Silva Santos,<sup>51</sup> e 19 dissertações de mestrado, as de Hilda Maria Ferreira de Carvalho,<sup>52</sup> Célia Goulart de Freitas Tavares,<sup>53</sup> Rosa Borges

<sup>46</sup> Sobre o tema *A obra dispersa de Arthur de Salles: as marcas de um discurso*.

<sup>47</sup> CARVALHO, Rosa Borges Santos. *"Poemas do mar" de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2001. Tese orientada por Nilton Vasco da Gama.

<sup>48</sup> TELES, Maria Dolores. *Valores linguísticos e estilísticos do uso da pontuação em Arthur de Salles*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2002. Tese orientada por Célia Marques Telles.

<sup>49</sup> LOSE, Alicia Duhá. *Arthur de Salles: esboços e rascunhos*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2004. Tese orientada por Célia Marques Telles.

<sup>50</sup> SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. *A relação colônia-metrópole no século XVIII: edição semidiplomática das Cartas do Senado e estudo da argumentação*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2004. Tese orientada por João Antônio de Santana Neto.

<sup>51</sup> SANTOS, Arlete Silva. *Nas entrelinhas da escrita do século XVIII: edição e estudo terminológico*. Salvador: UFBA/PPGLL, 2004. Tese orientada por Albertina Ribeiro da Gama.

<sup>52</sup> CARVALHO, Hilda Maria Ferreira de. *Considerações lexicográficas a propósito da tradução portuguesa de Arthur de Salles da tragédia de William Shakespeare, "Macbeth"*. Salvador: UFBA/ML, 1982. Dissertação orientada por Maria Leigis Magnavita Galeffi.

<sup>53</sup> TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arthur de Salles*. Salvador: UFBA/ML, 1986. Dissertação de Mestrado orientada por Nilton Vasco da Gama.



Santos Carvalho,<sup>54</sup> Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz,<sup>55</sup> Gustavo Ribeiro da Gama,<sup>56</sup> Elisabeth Baldwin,<sup>57</sup> Maria da Conceição Souza Reis,<sup>58</sup> Maria Dolores Teles,<sup>59</sup> Genésio Seixas Souza,<sup>60</sup> Eliana Maria Brandão Gonçalves,<sup>61</sup> Mônica Pereira de Souza,<sup>62</sup> Adevaldo Pereira de Aragão,<sup>63</sup> Lucidalva Correia Assunção,<sup>64</sup> Ana Lúcia Silveira Guimarães,<sup>65</sup> Arlete Santos Silva,<sup>66</sup> Alicia Duhá Lose,<sup>67</sup> Gilberto Nazareno Telles Sobral,<sup>68</sup> Norma Suely da Silva Pereira<sup>69</sup> e Arlete Tavares Buchardt.<sup>70</sup>

O Grupo de Edição Crítica de Textos da Universidade Federal da Bahia, coordenado pelo Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, após a edição crítica do poema *Sangue-mau* do poeta baiano Arthur de Salles,<sup>71</sup> vem editando, desse modo, tex-

- <sup>54</sup> CARVALHO, Rosa Borges Santos. *Poemas do mar* de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGGLL, 1995. Dissertação orientada por Nilton Vasco da Gama.
- <sup>55</sup> QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *Sonetos* de Arthur de Salles; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/ML, 1995. Dissertação orientada por Nilton Vasco da Gama.
- <sup>56</sup> GAMA, Gustavo Ribeiro da. *Arthur de Salles, tradutor de Shakespeare?* Salvador: UFBA/ML, 1995. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.
- <sup>57</sup> BALDWIN, Elisabeth. *O abate de Mathilde*, conto de Arthur de Salles; proposta de edição crítico-genética e estudo. Salvador: UFBA/ML, 1996. Dissertação orientada por Nilton Vasco da Gama.
- <sup>58</sup> REIS, Maria da Conceição Souza. *O ramo da fogueira*, obra regional de Arthur de Salles; proposta de edição crítica. Salvador: UFBA/ML, 1996. Dissertação orientada por Albertina Ribeiro da Gama.
- <sup>59</sup> TELES, Maria Dolores. *Obra dispersa de Arthur de Salles em Nova Revista, Bahia Ilustrada e A Luva*; tentativa de edição crítica. Salvador: UFBA/PPGGLL, 1998. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.
- <sup>60</sup> SOUZA, Genésio Seixas. *Um roteiro quinhentista da "Carreira do Brasil": o décimo segundo roteiro do ms. 1507 da BNL*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 1999. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.
- <sup>61</sup> GONÇALVES, Eliana Maria Brandão. *Edição do livro "Poemas" (1920) de Arthur de Salles; uma leitura crítica*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 1999. Dissertação orientada por Nilton Vasco da Gama.
- <sup>62</sup> SOUZA, Mônica Pereira de. *Documentos da Coleção Santo Amaro relativos a escravos; edição semidiplomática*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2000. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.
- <sup>63</sup> ARAGÃO, Adevaldo Pereira de. *O vocabulário do poema "Sangue-mau" de Arthur de Salles segundo o sistema racional de conceitos de Hallig e Wartburg*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2001. Dissertação orientada por Nilton Vasco da Gama.
- <sup>64</sup> ASSUNÇÃO, Lucidalva Correia. *A prosa inacabada de Arthur de Salles: "Rinôces patricios" e outros escritos*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 1999. Dissertação orientada por Albertina Ribeiro da Gama.
- <sup>65</sup> GUIMARÃES, Ana Lúcia Silveira. *Edição diplomática de um documento do século XIX; termos de exames*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2000. Dissertação orientada por Albertina Ribeiro da Gama.
- <sup>66</sup> SILVA, Arlete Santos. *Edição diplomático-interpretativa do Inventário de Bens de Antonio Gomes de Souza; manuscrito do século XVIII*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 1999. Dissertação orientada por Albertina Ribeiro da Gama.
- <sup>67</sup> LOSE, Alicia Duhá. *Arthur de Salles e a edição de outras escritas*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2001. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.
- <sup>68</sup> SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. *Cartas do Senado e Sua Majestade no Século XVIII*; edição semidiplomática e estudo da argumentação. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2001. Dissertação orientada por João Antônio de Santana Neto.
- <sup>69</sup> PEREIRA, Norma Suely da Silva. *Um pushado de versos e páginas de prosa*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2002. Dissertação orientada por Célia Marques Telles.
- <sup>70</sup> BUCHARDT, Arlete Tavares. *Edição diplomática de um documento de queixo-crime; manuscrito do século XIX*. Salvador: UFBA/PPGGLL, 2004. Dissertação orientada por Albertina Ribeiro da Gama.
- <sup>71</sup> SALLES, Arthur de. *Sangue-mau*. Salvador: UFBA, 1981. 339p. Ed. crítica sob a dir. de Nilton Vasco da Gama.



tos não literários relativos ao Recôncavo Baiano, dos séculos XVIII ao XX, assim como tem sua pesquisa mais ampla voltada para as edições de parte da sua obra dispersa (prosa, sonetos, dos *Poemas do mar*, do poema dramático *O ramo da fogueira*) e do estudo do processo que resultou na tradução do *Macbeth* de Shakespeare. Tenta no momento editar e analisar os testemunhos manuscritos da sua obra dispersa, assim como editar a obra publicada em jornais e revistas.

Com os estudos de matrizamento estilístico relativos à construção do conto *O dote de Mathilde*, dos *Poemas do mar* e dos *inéditos dispersos*, dos recursos linguísticos na utilização dos sintagmas nominais para a tradução do *Macbeth* (comparando-se as duas versões textuais da Cena II do Ato II), do valor estilístico da pontuação na construção do texto sallesiano, começa-se a esboçar o estudo da construção do discurso de Arthur de Salles, dentro dessa nova perspectiva da crítica textual.<sup>72</sup> O estudo do vocabulário de Arthur de Salles resultou na dissertação de Adevaldo Pereira de Aragão<sup>73</sup> e vem sendo motivo de trabalho de Rosinês de Jesus Duarte.<sup>74</sup>

### 3 Considerações finais

Do exposto, observa-se que as pesquisas do Grupo de Filologia Românica tanto enfocam os estudos linguísticos como os literários. Nesse último caso, considerando que a história da língua implica estudo da língua, da cultura e da literatura, o enfoque se faz na direção da história da língua. Isto porque toda a investigação tem como foco o texto.

E assim o trabalho desenvolvido tem como ponto de partida o texto, quer em uma edição que ofereça o texto fidedigno, quer editando-se esse texto. A depender do gênero de texto que se vai editar, literário ou não literário, pode-se ter uma edição crítica ou uma edição semidiplomática. No caso de textos literários, esses podem ser medievais, quinhentistas ou modernos; no caso de textos não literários, são documentos notariais ou cartas, como se vê esquematizado na Figura 2.<sup>75</sup> Quer se trate de *filologia do manuscrito ausente* ou *crítica textual tradicional* ou de *filologia do manuscrito presente* ou *crítica textual moderna*, o conhecimento da língua do texto é de suma importância para o editor.<sup>76</sup>

<sup>72</sup> A isso de propuseram Rosa Borges Santos Carvalho, Maria Dolores Teles e Alicia Dahà Lose nas suas teses de doutorado.

<sup>73</sup> ARAGÃO, Adevaldo Pereira de. *O vocabulário do poema "Sangue-mar"...* op. cit.

<sup>74</sup> A bolsista de iniciação científica está apresentando para o exame de seleção para o curso de Mestrado em Letras o projeto *No mar neológico de Arthur de Salles navegam os regionalismos*.

<sup>75</sup> Este esquema foi apresentado inicialmente na conferência *Rumos da Filologia na Universidade Federal da Bahia*, já citada.

<sup>76</sup> CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 519-520; GAMA, Nilton Vasco da et al. *A crítica textual moderna...*

Vale lembrar que o Grupo de Filologia Românica dispõe de um suporte bibliográfico respaldado na Biblioteca Central da universidade, a Coleção de Letras, complementado com a pequena coleção do Setor de Filologia Românica e sobretudo com as bibliotecas pessoais dos docentes, em especial a do Prof. Nilton Vasco da Gama. Acham-se, ainda, à disposição dos pesquisadores duas coleções de manuscritos notariais (a *Coleção Santo Amaro* e a *Coleção Instrução Pública da Bahia*), hoje depositadas na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central, e o *Acervo Arthur de Salles*, sob a guarda do Setor de Filologia Românica. Outros documentos, entretanto, vêm sendo editados.



Fig. 2 – Ramos da Filologia Românica na UFBA

# Documentos da memória cultural

Eneida Leal Cunha

Universidade Federal da Bahia/CNPq

## RESUMO

Faz-se a descrição da linha de pesquisa Documentos da Memória Cultural, que integra a área de concentração em Teorias e críticas da literatura e da cultura no PPGLL, detalhando-se, como sua principal característica, o conjunto de projetos de investigação e disciplinas que privilegiam abordagens contemporâneas e transdisciplinares, no âmbito da crítica aos fatos e produtos da cultura, a partir das práticas comparatistas, do diálogo com as matrizes teórico-críticas anglo-americanas dos Estudos Culturais e das formulações do pós-estruturalismo francês.

## ABSTRACT

We describe the line of research Documents of Cultural Memory which is part of the larger area of Literary and Cultural Theories and Criticism at PPGLL. A detailed outline of its main characteristic, the many research projects and subjects which favor contemporary and interdiscursive approaches within the criticism of facts and products of culture, taking from comparative practices, the dialogue with British-American theories of Cultural Studies and the French post-structuralism formulations are specially contemplated.



Ao ser criado o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística em 1996, com a reformulação do antigo curso de mestrado e início do doutorado, reuniram-se na linha *Documentos da memória cultural*, da nova área de concentração em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, os docentes e projetos de pesquisa que até então atuavam nas antigas áreas de Literatura Comparada e de Literatura Brasileira, bem como os pesquisadores oriundos das línguas e literaturas estrangeiras e da Filologia Românica. Este fato de origem contém, em boa medida, os elementos indicadores do perfil que viria a ter, a partir daquele momento, uma das vertentes de investigação que mais tem se ampliado e adensado no PPGLL da UFBA.

Por um lado, a sua origem multidisciplinar – nítido diferencial em relação às demais linhas de pesquisa e áreas de concentração do programa que então se instalava – permitiu que se firmassem na linha, com mais nitidez, os critérios da afinidade temática ou da convergência teórica e metodológica como fator de aglutinação de professores e projetos de investigação. Por outro, na Linha de Pesquisa *Documentos da memória cultural* aportaram desde o seu início, com visível vigor, os debates acerca da tradição dos estudos literários que, ao longo daquela década, estavam sendo liderados no Brasil por intelectuais e professores atuantes no campo da Literatura Comparada, através da ABRALIC.<sup>1</sup>

O alvo principal desse impulso desconstrutor tem sido o questionamento das fronteiras e das hierarquias herdadas da tradição disciplinar, que firmaram privilégios e exclusões na abordagem do literário, tanto no plano das eleições de *corpus* de investigação quanto na formulação das questões a serem investigadas. No cerne do debate esteve – e, de certa forma, ainda permanece, como forças a deslocar, a

<sup>1</sup> Desde 1990, no congresso realizado em Belo Horizonte sobre "Literatura e Memória Cultural", as temáticas eleitas para os encontros bienais da Associação Brasileira de Literatura Comparada são indicadores desse abalo: "Limites" (Niterói, 1992), "Literatura e Diferença" (São Paulo, 1994), "Cânones e contextos" (Rio de Janeiro, 1996), "Literatura Comparada = Estudos Culturais?" (Florianópolis, 1998), "Terras e Gentes" (Salvador, 2000), "Mediações" (Belo Horizonte,

desconstruir – a confluência de duas vertentes que marcaram os estudos da literatura nas décadas anteriores: em primeiro lugar, o confinamento dos estudos da literatura no âmbito da *literariedade*, da textualidade, e a conseqüente proeminência das elaborações literárias canônicas sobre as demais formas e instâncias da produção cultural; em segundo, a ênfase na perspectiva atemporal do valor, especialmente do valor estético, que rebaixara a dimensão histórica nos investimentos de análise do literário e, simultaneamente, recalçara nesses estudos as inúmeras e complexas relações entre literatura e poder, ou entre literatura e exercício da hegemonia cultural.

Derivam deste fato não só as definições de pesquisa desenvolvidas na linha *Documentos da memória cultural*, mas, em coerência com a estrutura do PPGLL, as suas principais e mais específicas disciplinas, oferecidas regularmente para creditação de mestrandos e doutorandos do programa, a exemplo das LET 685 – Estudos Culturais, LET 683 – Estudos de Expressões Identitárias, LET 686 – Estudos de Acervos Documentais, LET 623 – Literatura Popular e a LET 684 – Estudos de Narrativas, que merecem um breve delineamento.

A primeira, por possibilitar o acesso dos seus estudantes às formulações contemporâneas no âmbito da crítica aos fatos e produtos da cultura – entre os quais está a literatura, sem prejuízo dos demais – estabelecendo-se um diálogo produtivo, embora não subserviente, com as matrizes teórico-críticas anglo-americanas dos Estudos Culturais, em busca da fundamentação indispensável à abordagem do, a cada dia mais amplo, elenco de objetos eleitos para a investigação nesse campo. A segunda, dedicada aos embates identitários, por sinalizar uma das vertentes mais férteis hoje no PPGLL, seja no plano das investigações desenvolvidas pelos docentes, seja nos projetos de dissertação e de tese concluídos com êxito, que vêm abordando, em visada contemporânea ou histórica, os discursos que constroem o pertencimento, em suas múltiplas possibilidades, destacadamente a constituição de discursos de nacionalidade, a perspectiva étnico-racial e as questões de gênero. A terceira das disciplinas enumeradas, com denominação mais aderida à linha *Documentos da memória cultural* – os Estudos de Acervos Documentais, explicita o investimento do programa na fundamentação teórico-crítica qualificada daqueles vocacionados para a investigação do principal lugar de acumulação e de elaboração da *memória cultural* evocada na denominação da linha. Finalmente, as duas disciplinas que, respectivamente, oferecem base para os estudos da tradição oral da literatura popular e das expressões ditas massmidiáticas, que confrontam mais diretamente as hierarquias socioculturais responsáveis pelo rebaixamento, inclusive no âmbito da produção do conhecimento, das realizações não letradas, não eruditas ou massivas; ou seja, daquelas produções culturais que, paradoxalmente, constituem a face mais diferenciada de um país em que a maioria absoluta da população permanece no exterior do estreito círculo familiarizado com as formas eruditas ou canônicas da cultura.



Um último fator deve ainda ser considerado no contexto gerador das investigações reunidas na Linha de Pesquisa *Documentos da memória cultural*, enquanto um conjunto coerente de alternativas inovadoras em relação às perspectivas de abordagem legitimadas e instituídas nos cursos de pós-graduação na área de Letras no Brasil, predominante entre as décadas de 60 e 80. Apesar do seu caráter indubitavelmente aleatório, fruto do acaso das escolhas individuais, tem positiva repercussão no desempenho da linha a formação dos seus integrantes, especialmente no nível de doutoramento. Convivem e dialogam nela pesquisadores formados em centros de pós-graduação brasileiros de alto reconhecimento na área de Letras, mas com perfis muito diversificados, como a USP (Célia Marques Telles e Ívia Alves), a PUC-RIO (Éneida Leal Cunha), a UFPB (Doralice Alcoforado), a UFMG (Florentina Souza e Rachel Lima), a UNICAMP (América César) e, mais recentemente, a própria UFBA (Maria de Fátima Ribeiro e Sílvia La Regina), aos quais se acrescenta a contribuição de um doutoramento em Literatura Comparada na Sorbonne (Ana Rosa Ramos).

Oriundos dessa paisagem intelectual e acadêmica, os pesquisadores vinculados à linha *Documentos da memória cultural* desenvolvem projetos individuais ou investigações articuladas em perspectivas integradas de pesquisa, como é o caso do Projeto Integrado *Resgates da memória cultural: acervos, imagens, etnicidades*, coordenado por Célia Marques Telles, que reúne as perspectivas de trabalho de pesquisadoras que vêm desenvolvendo conjuntamente as suas atividades de investigação desde 1997. Englobam a versão atual do Projeto Integrado três propostas de pesquisa que mantêm seus respectivos focos em séries diferenciadas de documentos da produção cultural baiana, abarcando seus recortes temáticos da primeira à última década do século XX. Com objetivos de base análoga – o resgate e a leitura de documentos pretéritos e presentes que constroem a memória cultural –, os subprojetos integrantes, como indicados no subtítulo, “acervos, imagens e etnicidades”, desenvolvem a reflexão sobre tópicos diferenciados e, ao mesmo tempo, interdependentes na história cultural do século XX. As investigações abarcam campos cuja interseção vem sendo frequentemente identificada no Brasil como própria da Crítica da Cultura, marcada por abordagens transdisciplinares que se orientam por pressupostos de campos mais próximos, como a teoria e crítica da literatura e a crítica textual, mas aberta ao diálogo com outros territórios disciplinares das ciências humanas, como a antropologia, a sociologia, a psicanálise, a história e os novos estudos de comunicação. Compõem atualmente o *Projeto Integrado Resgates da memória cultural* os três projetos a seguir apresentados.

O *Resgate da obra regional de Arthur de Salles*, sob a responsabilidade de Célia Marques Telles, é consequência do desenvolvimento de projetos anteriores da linha, que se ocuparam da correspondência de Arthur de Salles a Durval de Moraes e da avaliação da história cultural baiana que emerge nessa correspondência. A análise da correspondência e a transcrição das entrevistas gravadas ou anotadas, desenvolvidas a partir da crítica textual revelaram elementos que permitem a



recuperação de parte relevante da obra sallesiana – o conjunto da obra regional, em prosa e verso, no período compreendido entre 1903 e 1928 –, fortemente contaminada por aspectos socioculturais peculiares ao Recôncavo Baiano: as comunidades de pesca, sua gente, seus hábitos, suas crenças e valores. Pretende-se, com a investigação em curso, resgatar a obra regional de Arthur de Salles, cujo pano de fundo é especificamente Passé, terra dos avós maternos do escritor, bem conhecida desde a sua meninice. Da crônica *Passé*, de 1903, à publicação de *Sangue-mau*, em 1928, as relações interdiscursivas dos textos de Arthur de Salles são dignas de nota.

O segundo subprojeto que integra o *Resgates – o Acervo Jorge Amado: recepção crítica e imagens da baianidade*, sob a responsabilidade de Ivira Iracema Duarte Alves – está já em sua última etapa. Além de concluir a divulgação, por via digital, da recepção crítica dos romances *Gabriela, cravo e canela*, *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tenda dos Milagres*, de autoria de Jorge Amado, estudada ao longo dos últimos cinco anos, a etapa atual é dedicada à análise do estoque de ‘marcas’ identitárias da baianidade construídas pelo discurso amadiano e apropriadas, posteriormente, pelos meios midiáticos e pela indústria do turismo como constructos identitários de uma cultura híbrida e multiétnica. Além de divulgar a recepção crítica dos três romances, procura-se, portanto, ler como essas imagens da baianidade, disseminadas nos romances, fundam as ‘marcas’ da diferença de outras regiões do país, e como elas se desdobram nas representações e expressões da cultura local, invertendo sinais de valor, reconfigurando e ressignificando, positivamente, uma identidade construída na diferença. Os resultados dessa fase de interpretação e leitura irão tematizar processos de transvaloração: como se transformam os valores negativos em positivos, como se opera a resistência ao modelo de sociedade burguesa, como a rua penetra na casa, como se opera uma organização mental ambivalente e como são absorvidos hábitos e costumes anteriormente considerados marginais.

O *EtniCidades: entre a cidade letrada e a rua* – terceiro dos subprojetos do *Resgates* – desenvolve-se sob a responsabilidade conjunta das pesquisadoras Encida Leal Cunha e Florentina da Silva Souza, também dando continuidade, em perspectiva integrada, a pesquisas individuais anteriores – a catalogação e avaliação de textos produzidos por afro-descendentes, empreendida pelo projeto *Afro-identidades na Bahia*, e a investigação das imagens e discursos que constroem contemporaneamente a nacionalidade, desenvolvida pelo *Reconfigurações do imaginário e reconstruções de identidade*, ambos concluídos em 2002. Elegeu-se como foco neste desdobramento, por um lado, a leitura crítica da contribuição de produtores e produtos culturais que fazem a mediação entre a tradição literária, as matrizes culturais não eruditas ou africanas e as formas ou veiculações massivas da indústria cultural; busca-se avaliar como essa mediação vem contribuindo para a reelaboração das imagens da mestiçagem cultural e racial baiana, expondo-se as ambigüidades, os impasses e a fertilidade, para os discursos identitários mais re-

centes, da tradição cultural hegemônica na Bahia, que, desde Gregório de Matos, faz o trânsito entre a cidade letrada e as ruas. Por outro lado, intensificam-se as investigações da memória e identidades afro-brasileiras, focalizando especialmente a articulação entre a constituição de um discurso identitário que problematiza, a partir da ênfase na afro-descendência, a constituição do imaginário da brasilidade. Tem-se como alvo privilegiado a avaliação dos modos como produtores culturais autodefinidos como afro-descendentes constroem imagens de si e do grupo, relembrando aspectos das tradições de origem africana reelaboradas na diáspora no Brasil em diálogo com a tradição literária "ocidental" e a indústria cultural. O Projeto *EtniCidades* visa ainda a coleta, sistematização e divulgação de textos de circulação restrita, com o intuito de documentar a memória cultural afro-brasileira.

Embora não integrem o Projeto *Resgates da memória cultural* no presente, duas outras pesquisadoras e suas respectivas vertentes de investigação reúnem-se às responsáveis pelo Projeto *EtniCidades* na composição do Grupo de Pesquisa *Reconfigurações identitárias*, registrado no Diretório de Pesquisas do CNPq, uma vez que, abarcando outros âmbitos geográficos e socioculturais, convergem na centralidade da questão das identidades culturais contemporâneas e na abertura da investigação para além da problemática literária.

A partir da teorização sobre as metrópoles e a globalização, e considerando que as transformações sociais, culturais e tecnológicas dela resultantes têm seus reflexos não apenas sobre a personalidade urbana, como também sobre as capacidades do homem urbano de redefinir suas modalidades de pertencimento e de relações com o Outro, o Projeto *Espaço público, identidades e mídia*, sob a responsabilidade de Ana Rosa Neves Ramos, tem como finalidade analisar comparativamente, no âmbito baiano e quebequense, os questionamentos identitários alimentados pelas cenas e pelos discursos regionais, assim como as suas reconfigurações no quadro atual. Assim, o enfoque recai sobre os processos de publicização das questões sociais cujas linhas de força são a emergência à visibilidade e o julgamento público. Pretende-se verificar, sobretudo, como se produzem e se desenvolvem as reconstruções de imaginário, associadas ao processo de sua publicização e de apropriação pelos mídia. Para tanto, são empreendidas análises de peças publicitárias, análises sobre a apropriação ou utilização de figuras públicas, por parte da mídia, para a afirmação de identidades locais, e análises de vídeos e documentários buscando melhor apreender as seguintes questões: como se constitui a atenção social para certos temas; qual a função dos mídia nessas reconfigurações contemporâneas de identidade; qual a importância do espaço público na vida dos cidadãos hoje.

Já as investigações reunidas no Projeto *Sob o signo da comunidade. Imagens identitárias nas literaturas de língua portuguesa contemporâneas: lusofonia, interlocução, alteridade*, sob a responsabilidade de Maria de Fátima Maia Ribeiro, também integrante do Grupo de Pesquisa *Reconfigurações identitárias*, põem em diálogo produções culturais ou literárias que têm origem na Bahia, em Portugal, em Angola e em Moçambique. Suscitada pela ênfase e



problematização conferidas, nos últimos anos, às relações culturais entre os países integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, a pesquisa empreende a identificação, análise e avaliação de expressões identitárias e relacionais associadas a imagens de Estado-Nação concernentes a esses países, no contexto da literatura produzida a partir do segundo quartel do século XX, confrontando-as aos respectivos cenários nacionais e às relações internacionais em causa. Constituem questões nucleares da pesquisa os processos discursivos e históricos de construção de identidades culturais, nacionais e étnicas, as relações entre ficcionalidade, historicidade e sociedade e a implantação política e cultural dos conceitos de lusofonia e de comunidade, supostamente implicados nessas inter-relações, com base nos lugares reservados à língua, à história e às tradições – signos compartilhados e simultaneamente diferidos –, com o foco nas noções de identidade e alteridade, nação e nacionalidade, etnicidade, subalternidade e pós-colonialidade adstrita ao nexos colonização–descolonização. Constituem o objeto prioritário de interesse da investigação as perspectivas de interlocução a partir de trânsitos de indivíduos e bens culturais por caminhos diversos, que implicam as múltiplas viagens entre os três continentes e abarcam desde a expansão européia, a colonização e tráfico de africanos escravizados até os fluxos de migração transnacional de hoje.

Embora não esteja integrado formalmente ao grupo de pesquisa acima referido, o projeto de pesquisa desenvolvido sob a responsabilidade de América Lúcia Silva César é um dos exemplos mais expressivos da interdisciplinaridade que caracteriza a linha *Documentos da memória cultural*. Com foco na relação entre língua e identidade, o Projeto *Formação de professores indígenas: língua, escrita e (re)construção de identidades étnicas* se inscreve também na Linha de Pesquisa *Linguística aplicada*. A investigação tem por base o acervo gravado em áudio e o conjunto de notas de campo do projeto *A construção da autoria na formação do professor*, que fundamentou a elaboração de recente tese de doutoramento da pesquisadora, na Universidade Estadual de Campinas. Têm-se como objetivos da investigação, por um lado, compreender os diversos significados e conceitos de escrita e língua para os professores indígenas, no processo de formação para o magistério e implantação das escolas indígenas; por outro, compreender como o trabalho de reconstrução étnica dos povos indígenas na Bahia se associa à luta por uma educação diferenciada e ao esforço que empreendem para a documentação da memória cultural e do seu patrimônio linguístico. Como pressuposto estimulador da investigação tem-se o fato de que, apesar de uma história traumática de contato com a sociedade envolvente, a vitalidade dos povos indígenas no Brasil se reflete não só em sua demografia mais recente, como também num movimento cotidiano de resistência étnica e política, especialmente fecundo nos últimos 30 anos, na luta pela reconquista da sua autonomia e afirmação dos seus direitos.

Paralelamente a esses projetos de investigação que se desenvolvem predominantemente na órbita da questão contemporânea das identidades culturais, uma segunda e bem sedimentada vertente de pesquisas compõe a linha *Documentos da*



Memória Cultural. O *Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular – PEPLP*, criado em dezembro de 1984 e liderado desde então por Doralice Fernandes Xavier Alcoforado e Maria Del Rosário Suárez Albán, dedica-se a recolher, estudar e divulgar a tradição poética oral da Bahia. Objetivando uma formação consistente de pesquisadores em oralidade, há quase duas décadas, paralelamente à investigação, vem-se promovendo, com a participação de docentes da própria UFBA e de especialistas brasileiros e estrangeiros convidados, tanto uma série de disciplinas regulares de graduação e pós-graduação como inúmeros cursos de extensão.

A pesquisa desenvolvida pelo *PEPLP*, de enfoque etnográfico, deu ênfase à recolha do romanceiro tradicional e do conto popular baiano, embora as demais manifestações da oralidade poética também entrassem na recolha: cantigas de roda, reisados, adivinhações, parlendas, brincadeiras infantis, trava-línguas, entre outras. Esses textos são apreendidos através de *performances*, processo habitual da transmissão do texto oral, e foram recolhidos nas residências dos contadores ou nos locais de trabalho, quando a atividade assim o permitiu, para não afastá-los dos seus referentes habituais e afetivos, o que lhes proporcionava assumir atitudes mais espontâneas e naturais. Desde sua criação até hoje, o *PEPLP* vem realizando esse mapeamento da literatura oral enraizada na Bahia. Os 6.500 textos coletados até então em 60 municípios baianos, após sua transcrição, alimentam um banco de dados e um website, visando colocar esse material em condições de consulta para os interessados na literatura oral e popular.

Integram ainda a linha de pesquisa, apesar de sua perspectiva relativamente diferenciada, alguns outros projetos isolados. O Projeto *Genealogias da crítica*, sob a responsabilidade de Rachel Esteves Lima, consiste em um trabalho de cunho metacrítico que, de certa forma, dialoga com todos os demais projetos acima arrolados. Nele busca-se investigar a participação do intelectual no processo de modernização das sociedades periféricas, enfatizando as ambigüidades e contradições inerentes à sua atuação enquanto mediador entre temporalidades e espaços diversos e as narrativas legitimadas ou questionadas pela sua intervenção na esfera da educação e da cultura. Seu desenvolvimento assume o objetivo de criar um Núcleo de Estudos da Crítica, iniciativa que, além de propiciar a continuidade de investigações anteriormente realizadas pela pesquisadora, oferecerá condições de, através da agregação de estudos sobre a crítica literária e cultural, já desenvolvidos ou em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, vir a se constituir, na instituição, uma tradição de pesquisas sobre um tema ainda não devidamente contemplado na área de Letras. O projeto se articula sobre dois eixos, sendo o primeiro voltado para as análises teórico-críticas e o outro para o levantamento catalográfico e disponibilização dos dados. Estes dois eixos são trabalhados simultaneamente, de forma a fazer com que os resultados da coleta de informações ofereçam subsídios para a análise propriamente dita e essa, por sua vez, retroalimente o banco de dados, de forma a não se interromper o circuito de produção de estudos metacríticos.

Finalmente, inscreve-se na Linha de Pesquisa *Documentos da memória cultural* o Projeto Integrado de Pesquisa *Signos verbais e não verbais sob a perspectiva da crítica genética*, que reúne as pesquisadoras Silvia Maria Guerra Anastácio, do Departamento de Letras Germânicas, e Silvia La Regina, do Departamento de Letras Românicas, além de pesquisadores externos ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. A investigação se propõe a analisar o processo de criação em literatura, artes plásticas e performáticas, numa abordagem que privilegia manuscritos modernos e contemporâneos. O objetivo é transportar princípios da Crítica Genética para a análise dos dossiês de criação estudados, visando desvelar as leis que regem cada projeto e entender as escolhas das trajetórias processuais como índices que podem apontar para questões culturais e ideológicas relevantes. O trabalho destaca-se pela sua proposta interdisciplinar, que busca entender representações culturais e identitárias singulares. Na base teórica do projeto, registra-se uma confluência de saberes distintos, entre os quais vale ressaltar os princípios da Crítica Genética, da Arquivologia e da Semiótica Cultural. Quanto à metodologia proposta, pretende-se uma organização e sistematização dos documentos de criação analisados e considerados como elementos que compõem um sistema de signos complexo. A partir da descrição das operações genéticas observadas na análise dos dados dos dossiês, busca-se melhor compreender a dinâmica de cada projeto criador em apreço, bem como as ideologias subjacentes aos signos estéticos em questão. Pretende-se, dentre os resultados esperados, a reativação do Centro de Estudos de Crítica Genética da UFBA, com a ocorrência de palestras, entrevistas com artistas convidados e discussões em torno de uma amostragem dos processos de criação analisados. Os dossiês analisados constituirão um laboratório de manuscritos digitalizados, que será disponibilizado para consulta dos pesquisadores interessados.

O Projeto Integrado *Signos verbais e não verbais sob a perspectiva da crítica genética*, na sua formatação atual, deriva, por um lado, dos estudos já empreendidos por Silvia Maria Guerra Anastácio, sua coordenadora, de cópias de manuscritos da escritora norte-americana Elizabeth Bishop, cujos originais se encontram em Poughkeepsie, NY, e na Harvard University, Massachusetts. O dossiê de Elizabeth Bishop abrange correspondência, diários, notas pessoais, rascunhos, recortes de jornais, desenhos, fotos, enfim, documentos que podem desvelar a rede signica que compõe o seu processo de criação. Por outro lado, aportaram no atual Projeto Integrado os estudos de Silvia La Regina sobre biografias literárias do século XVIII, mais especificamente sobre *Vida do Doutor Gregório de Mattos e Guerra*, escrita por Manuel Pereira Rabelo, e as investigações para reconstituição do processo de criação do *corpus* dito gregoriano – composto por cerca de 25 códices manuscritos setecentistas –, através da análise das estratégias, normas, influências, marcas presentes nos manuscritos e do estudo de sua transmissão, inclusive sob a ótica da relação intertextual entre eles, focalizando também a questão da censura literária.



# Estudos de teorias e representações literárias e culturais: tendências e projetos

Evelina Hoisel

Universidade Federal de Bahia

Para traçar a história da linha de pesquisa *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*, examinam-se as principais mudanças ocorridas no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, desde que foi fundado o Curso de Mestrado em Letras, em 1976. Verifica-se que é da macroárea Teoria da Literatura que emerge a linha *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*, após algumas reestruturações do Curso de Mestrado em Letras, que, em 1995, passa a denominar-se Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Focalizam-se as diversas vertentes teóricas que configuram os projetos desenvolvidos atualmente nesta linha, às quais estão relacionadas as pesquisas realizadas pelos mestrandos e doutorandos. Para dar maior visibilidade a esta produção, enumeram-se as dissertações e teses produzidas ao longo de quase 30 anos da Pós-Graduação no Instituto de Letras.

In order to trace the history of the line of research studies of theories and literary and cultural representations, an examination is made of the principal changes that have occurred in the Post Graduate Languages and Linguistics Program since the Masters in Languages course was established in 1976. It becomes clear that the macro area, the line of Studies of theories and literary and cultural representations which emerges from the Theory of Literature, following some restructuring of the Masters in Languages Course in 1995, comes to dominate the Post Graduate Languages and Linguistics Program. The focus is on diverse theoretical discussions that configure projects currently developed in this line, which are related to the research performed by post graduate students. To better illuminate this work product list is provided of the dissertations and theses completed during the almost 30 years that Post Graduate Studies in the Institute of Languages has existed.

RESUMO

ABSTRACT



## I

Para traçar a história da linha de pesquisa *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, devemos reportar-nos ao ano de 1976, quando foi autorizado o funcionamento do Curso de Mestrado em Letras, pela Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa da UFBA, através do parecer 17/76, com três áreas de concentração: Língua Portuguesa, Linguística e Teoria da Literatura. É da área Teoria da Literatura que emerge a linha de pesquisa *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*, após algumas reestruturações do Curso de Mestrado em Letras, que, em 1995, passa a denominar-se Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística.

Em 1992, o Curso de Mestrado em Letras subdivide-se em duas macroáreas – Estudos Linguísticos e Estudos Literários – e a Teoria da Literatura tornou-se uma das áreas de concentração da macroárea Estudos Literários. Em 1995, uma outra reestruturação foi projetada, no sentido de promover uma revisão da disciplinaridade tradicional e institucionalizada, criando-se novas áreas vinculadas às atividades de pesquisa mais sedimentadas e produtivas, desenvolvidas pelo corpo docente do programa. Assim é que a área de concentração denominada Teoria da Literatura desaparece, passando a constituir a linha de pesquisa *Representação e leitura*, que integra a área 3 – Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Em 2003, o nome da linha é alterado para *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* e, para ela, desde a sua criação, convergem, além dos projetos do grupo de pesquisa de Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Criação Literária do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras, diversos projetos oriundos de grupos de pesquisa de outros departamentos do Instituto de Letras.

Com esse percurso, pode-se compreender o importante papel que esta linha tem desempenhado para a consolidação do Programa de Pós-Graduação no Instituto de Letras da UFBA, que, em 2006, estará completando 30 anos de

existência. Durante este período, diversas dissertações e teses foram produzidas, um significativo número de artigos e comunicações publicados em periódicos nacionais e estrangeiros, além de livros que têm trazido profícuas contribuições para a compreensão das questões relacionadas às representações literárias e culturais.

## II

A disciplina Teoria da Literatura foi introduzida como disciplina do currículo mínimo ou nuclear dos cursos de graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia em 1966, pela professora Judith Grossmann,<sup>1</sup> que acabara de ingressar na UFBA, vinda dos Estados Unidos, onde cursou o doutorado. Dotada de grande criatividade, capacidade crítica e reflexiva, Judith Grossmann inovou a metodologia de ensino da literatura no Instituto de Letras e no Departamento de Teatro da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, onde introduziu as disciplinas Dramaturgia e Literatura Dramática. No Instituto de Letras, instalou também a Oficina de Criação Literária, experiência ainda inédita no país naquele período, que funcionou inicialmente como atividade extracurricular, sendo posteriormente incorporada como disciplina do currículo de Letras, com a denominação de Criação Literária. A partir dessas duas vertentes principais – a Teoria da Literatura e a Criação Literária –, o grupo de pesquisa que se constituía com a entrada de novos professores para a matéria, a partir de 1971, passa a ser denominado de Teoria da Literatura e Criação Literária.<sup>2</sup>

Desde que foi introduzida a Teoria da Literatura no Instituto de Letras, através dos diversos cursos ministrados e das pesquisas realizadas, instalou-se uma prática didática e metodológica que elegia o próprio texto literário como principal instrumento de constituição de novas teorias. Nessa perspectiva, a atividade crítica esteve sempre associada à teoria. O estudo teórico que se delineava através dessa pedagogia não era impor um determinado modelo de abordagem à obra, postura assumida por diversas correntes do período, principalmente pela vertente teórico-crítica do estruturalismo lingüístico que se expandia pelo Brasil e que seguia as lições da análise semântica de Greimas, da análise morfológica de Propp, ou da

<sup>1</sup> Judith Grossmann é Professora Emérita da UFBA. Atuou como professora titular de Teoria da Literatura até aposentar-se, em 1990. Foi responsável pela formação da equipe inicial de Teoria da Literatura. Além de sua vasta atuação na área da teoria e da crítica literária, com publicação em jornais, periódicos e livros, Judith Grossmann possui uma vasta produção ficcional e poética, tendo sido contemplada com diversos prêmios literários.

Em 1971, o grupo de Teoria da Literatura, sob a coordenação da professora Judith Grossmann, é constituído pelas professoras Antonia Herrera, Evelina Hoisel e Vera Novis, que ingressaram como alunas da UFBA em 1966. Em 1971, são admitidas como professoras auxiliares de ensino, a partir de concurso público, quando passam a compor formalmente o grupo de Teoria da Literatura do Departamento de Lingüística, Teoria da Literatura e História da Literatura, posteriormente denominado Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras do Instituto de Letras. O grupo é ampliado com a participação das professoras Heliana Castro Simões e Lígia Guimarães Telles, em 1974; Mirella Márcia Longo Vieira Lima, em 1982, e Cássia Lopes, em 1995.



primeira fase da semiologia de Roland Barthes e Tzvetan Todorov. Estas análises proclamavam a precisão conceitual e terminológica, obtidas através do distanciamento subjetivo do analista, e o empenho em decompor os vários níveis da obra: narração, personagem, espaço-tempo, a lógica combinatória das suas diversas partes, a partir do que se tem denominado de "leitura opaca", caracterizando-se pela objetividade do estruturalismo dos anos 70, difundido no Brasil a partir de algumas posturas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ ou da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

A formação teórica básica dos estudantes de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da UFBA resulta da convergência de diversas linhas teóricas: 1. da postura imanentista oriunda da nova crítica, de René Wellek e Austin Warren, conforme expressa no seu manual *Teoria da literatura*; 2. da *teoria da literatura* dos formalistas russos, que privilegia as noções de literariedade, estranhamento, singularidade; 3. da semiologia de Umberto Eco, principalmente as noções de ambigüidade e obra aberta, conforme teorizado em *Obra aberta* e *Apocalípticos e integrados*; Roland Barthes, em *Elementos de semiologia*; Roman Jakobson, em *Linguística e comunicação*, que nortearam as relações intersemióticas.

Ao propor três tipos de poética e recorrer à poética da criação para pensar a literatura como constituinte de sua própria teoria, Judith Grossmann afirmava, em contraposição às vertentes teóricas que se propagavam pelas universidades brasileiras, a necessidade de um outro crivo teórico-crítico para compreender a literatura. Por outro lado, diante de uma tradição já constituída – aquela que permanecia ainda prisioneira dos estudos extrínsecos, herança do positivismo do século XIX, ou da crítica impressionista do início do século XX –, a Teoria da Literatura que se praticava no Instituto de Letras da UFBA dialogava com as diversas posturas teóricas e de análise crítica que aportavam do estrangeiro, redimensionando-as ou deslocando-as a partir de uma teoria, de uma *poética implícita ou explícita*, privilegiando a própria teoria contida no texto poético. Esta abordagem conjugava os demais problemas teóricos, tornando-se, assim, uma questão crucial para o desenvolvimento das pesquisas que seriam empreendidas pelos professores e pesquisadores do grupo de Teoria da Literatura e Criação Literária do Instituto de Letras da UFBA. Nesse sentido, o projeto coletivo intitulado Poética e Criação Literária explicitava claramente esta proposta.<sup>3</sup>

Assim, a Teoria da Literatura que se consolidava nos cursos de graduação em Letras da UFBA, e que se constituirá em uma das três áreas do Curso de Mestrado implantado em 1976, afirmava a importância da subjetividade do crítico na leitura da obra e a sua função agenciadora das vozes, dos temas e das imagens

<sup>3</sup> O projeto, que tinha como objetivo estabelecer uma poética tomando-se como campo a poesia brasileira ao longo da história, foi desenvolvido de 1980 a 1988 e dele participaram as seguintes professoras: Judith Grossmann (coord.), Antonia Herrera, Evelina Hoisel, Heliana Simões (aposentada), Lígia Telles e Vera Lúcia Novis (transferida para São Paulo).



que integram o texto, antecipando, assim, uma problemática que seria assumida posteriormente pelos estudos literários, no tempo da pós-crítica. Pontuava-se constantemente a inscrição do passado no presente e a presença da tradição nas obras do século XX. Ainda que não fosse utilizada uma terminologia disseminada em vertentes teóricas mais contemporâneas – como a noção de intertextualidade, leitura, desleitura – os procedimentos metodológicos então utilizados colocavam constantemente em confronto, isto é, em diálogo, vozes distintas: passado e presente, individual e coletivo, particular e universal, textos que faziam ressoar outros textos, reescrevendo-os. Recorria-se frequentemente às relações intersemióticas, estudando-se comparativamente a literatura com outras linguagens e produções artísticas e culturais – pintura, música, cinema –, literatura e filosofia, literatura e psicanálise, literatura e história, literatura e ciência.

### III

Desde que foi criada a área de concentração Teoria da Literatura no Curso de Mestrado em Letras, em 1976, houve sempre uma preocupação, por parte da professora Judith Grossmann, responsável pela área, de relacionar ensino de graduação e de pós-graduação. Nesse sentido, as atividades de pesquisa alimentavam o ensino em seus diversos níveis, responsabilizando-se pela sólida e rigorosa formação dos estudantes, muitos dos quais estão hoje atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia, bem como de outras instituições de ensino superior do estado da Bahia – Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana –, de instituições particulares do estado – Universidade Católica do Salvador – e de outras instituições do país.

Naquele momento, a área de Teoria da Literatura no mestrado em Letras, única área de literatura do curso que se iniciava, e que continuaria com esta estrutura até 1992, quando na macroárea dos Estudos Literários seriam implantadas as áreas de Literatura Brasileira e de Literatura Portuguesa, conjugou pesquisadores de diversas disciplinas e departamentos do Instituto de Letras. Se as disciplinas obrigatórias eram específicas de Teoria da Literatura, e ministradas por professores da matéria, as optativas podiam ser integralizadas com Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura de Línguas Estrangeiras – inglês, francês, alemão, italiano. Portanto, desde o início, a área já congregava pesquisadores e professores de várias vertentes teórico-críticas, atuando nos diversos departamentos do Instituto de Letras, aspecto que continuará prevalecendo na linha de pesquisa *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* (originalmente denominada de *Representação e leitura*), introduzida na pós-graduação a partir da reestruturação ocorrida em 1996, quando é implantado também o curso de doutorado.

No início do seu funcionamento, pertencem ao corpo docente da área os seguintes professores: Profa. Dra. Judith Grossmann, Profa. Heliana Castro

Simões, Profa. Dra. Maria Luígia Magnavita Galeffi,<sup>4</sup> Prof. Dr. Luiz Angélico da Costa,<sup>5</sup> Prof. Dr. Cláudio de Andrade Veiga,<sup>6</sup> Prof. Antonio Barros<sup>7</sup> e Profa. Zilma Parente de Barros.<sup>8</sup> Em 1979, é credenciada a Profa. Evelina Hoisel<sup>9</sup> e, em 1981, o Prof. Cid Seixas Fraga Filho.<sup>10</sup>

É importante frisar que, inicialmente, a pós-graduação em Letras empenha-se em qualificar os seus professores, bem como os docentes da Universidade Católica do Salvador, tarefa que foi cumprida com as primeiras turmas das três áreas de concentração, cujas dissertações começam a ser apresentadas a partir de 1979.<sup>11</sup> Posteriormente, professores de instituições de nível médio. Ao observar a relação das dissertações oriundas das primeiras turmas, constatamos a presença de trabalhos de professores atuantes na atual área 3 do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, nas suas linhas *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* e *Documentos da memória cultural*. Se a maioria dos docentes do Instituto de Letras cursou o mestrado na própria UFBA, muitos deles recorreram a outras instituições do país e do estrangeiro para a realização do curso de doutorado. Este aspecto será extremamente importante para a configuração do atual perfil da área e de suas linhas de pesquisa.

#### IV

Os projetos que integram a linha *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* empreendem uma reflexão sobre os pressupostos teóricos e críticos emergentes no século XX, estudando as representações poéticas e ficcionais, considerando os contextos nos quais se inserem. Abordam também a diversidade de entrecruzamentos de ícones artísticos e culturais, considerando as diversas imagens que movimentam as variadas representações de uma cultura, a partir da literatura, do cinema, do teatro.

A partir dessa perspectiva, as principais disciplinas da linha – muitas delas provenientes da antiga área Teoria da Literatura – delineiam as paisagens teóricas e críticas das representações literárias e culturais atravessadas pelos mestrandos e doutorandos na sua formação intelectual e acadêmica no Programa de Pós-Gradu-

<sup>1</sup> Profa. titular de Língua e Literatura Italiana. Uma das fundadoras dos cursos de Letras da Universidade da Bahia, posteriormente transformada em Universidade Federal da Bahia. É Professora Emérita da UFBA.

<sup>2</sup> Prof. titular de Língua e Literaturas de Língua Inglesa. É Professor Emérito da UFBA.

<sup>3</sup> Prof. Titular de língua e literatura francesa. É também Professor Emérito da UFBA.

<sup>4</sup> Prof. adjunto de Literatura Brasileira.

<sup>5</sup> Profa. adjunta de língua e literatura alemã.

<sup>6</sup> Profa. titular de Teoria da Literatura.

<sup>7</sup> Prof. titular de Literatura Portuguesa.

<sup>8</sup> No final do texto, estão relacionadas as dissertações produzidas entre 1979 e 1995, quando é implantada a linha de pesquisa *Representação e leitura*, que, posteriormente, passa a ser denominada de *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*.



ação em Letras e Linguística. Por sua vez, as disciplinas estão diretamente relacionadas aos projetos de pesquisa desenvolvidos pelos professores vinculados à linha. Dentre as diversas disciplinas, destacam-se: LET 663. A Representação Literária (obrigatória); LET 648. Teoria da Narrativa, LET 647. Teoria da Lírica, LET 649. Teoria do Drama, LET 674. Críticas e Poéticas Modernas e Contemporâneas (optativas).

A disciplina obrigatória proporciona uma reflexão sobre a representação literária em sua constituição e em suas relações com a realidade, através do enfoque das diversas contribuições teóricas em momentos diferenciados dos estudos literários, focalizando as produções literárias de distintos períodos, tanto do ponto de vista do cânone como das obras não canônicas. As demais disciplinas optativas da linha permitem pensar os territórios discursivos da literatura – ou de outros discursos da cultura – a partir das suas múltiplas feições e tipologias. A perspectiva comparatista aparece como um viés que caracteriza e sustenta os vários conteúdos programáticos, constituindo-se como metodologia para a confrontação das formas discursivas, primordialmente para a abordagem das representações do amor, do feminino e do intelectual na contemporaneidade, quer seja na literatura, no cinema ou no teatro.

A linha *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* caracteriza-se pela diversidade dos projetos, oriundos dos quatro departamentos do ILUFBA. Todas as pesquisas, além de alimentarem o ensino da pós-graduação – suas dissertações e teses –, estão também voltadas para a graduação, através dos programas de iniciação científica. Finalmente, merece ainda destacar que alguns pesquisadores desenvolvem suas investigações em projetos integrados e outros em projetos individuais. Alguns desses pesquisadores têm atuado na linha desde o início da pós-graduação em Letras. Outros, ingressaram bem recentemente.

O Projeto Integrado *O escritor e seus múltiplos: migrações* compõe-se de três subprojetos: *O intelectual e a formação teórica da pesquisa literária nas instituições de ensino superior: escritores baianos*, sob a responsabilidade da professora Antonia Torreão Herrera; *O escritor e seus múltiplos: migrações – a produção de Silvano Santiago e de Affonso Romano de Sant'Anna*, sob a responsabilidade da professora Evelina de Carvalho Sá Hoisel; *O escritor e seus múltiplos: migrações – a produção de Judith Grossmann e de Maria da Conceição Paranhos*, sob a responsabilidade da professora Lígia Guimarães Telles. Até setembro de 2005, o projeto esteve sob a coordenação de Antonia Torreão Herrera e, a partir de então, de Evelina Hoisel.

Fundamentam estes subprojetos paradigmas constituintes da reflexão teórico-crítica contemporânea nas áreas da Teoria da Literatura, da Literatura Comparada e da Crítica da Cultura. Os subprojetos convergem no sentido de abordar a produção de escritores que conjugam a atividade criadora (ficcional) com uma atividade teórico-crítica, associada a uma prática acadêmica.



Considerando o contexto da contemporaneidade no qual se situam as diversas produções estudadas pelos integrantes do grupo de pesquisa de Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Criação Literária,<sup>12</sup> configura-se uma realidade específica que liga o produtor artístico ao produtor de conhecimento, na figura conjugada de docente, líder de pesquisa, escritor criativo, produzindo teorias que podem (ou não) se entrecruzarem com seus próprios textos literários. Dessa multiplicidade de atuações, desses deslocamentos de lugares de saberes específicos, resultam os processos migratórios observados na produção de vários escritores contemporâneos, possibilitando reconceituar, a partir desses entrecruzamentos discursivos, a própria noção do ficcional.

Nesta perspectiva, os subprojetos integrantes de *O escritor e seus múltiplos* desenvolvem uma reflexão acerca do papel do intelectual na contemporaneidade, promovendo um estudo comparativo entre as diversas formas de representação e de atuação desses intelectuais, situados em contextos culturais e institucionais distintos, estabelecendo as possíveis conexões das atividades acadêmicas e teórico-críticas com a atividade artística. Objetivam ainda traçar as coordenadas teóricas e as linhas artísticas desenvolvidas por cada uma das produções que constituem o *corpus* da pesquisa, determinando as contribuições advindas para os estudos literários e culturais e para a criação literária, e suas repercussões em nível nacional e internacional. Como resultados previstos, destacam-se: a constituição de um acervo de estudos teóricos e críticos sobre os escritores/intelectuais que constituem o repertório de cada subprojeto e a produção de uma coletânea de artigos. Além de comunicações apresentadas em congressos e de artigos publicados em capítulos de livros ou periódicos especializados, a pesquisa tem alimentado uma vasta produção de dissertações e teses do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, bem como projetos de Iniciação Científica/PIBIC. As dissertações e teses ligadas ao projeto estão relacionadas na parte final deste texto, incluídas na relação geral dos trabalhos apresentados no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística.

A pesquisa *Jogos de cena: a representação do amor em romances do século XX* é desenvolvida pela professora doutora Mirella Márcia Longo Vieira Lima e analisa as cenas extraídas de romances portugueses e brasileiros do século XX. Tem como projeto a produção de um ensaio (livro) sobre a representação literária do amor, mantendo-se uma perspectiva de comparação entre as diversas análises. No amplo horizonte da temática amorosa, são recortadas duas facetas primordiais: o amor vivenciado em meio a experiências cotidianas do século XX, quando toda expectativa de harmonia torna-se problemática, e os recursos expressivos que possibilitam a representação do afeto através da palavra. Todos os cenários trazem a presença da água, elemento importante na leitura do tempo e da sua relação com o amor.

<sup>12</sup> É com esta denominação que o grupo de pesquisa está registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Ancorada em cenas que trazem este elemento comum – a presença da água –, a reflexão procura evidenciar o modo como cada uma delas termina por ilustrar uma concepção específica do amor e, simultaneamente, uma específica leitura da história.

Originalmente, foi projetado um ensaio sobre a representação do amor em romances portugueses do século XX. Desenvolvidos três momentos analíticos – envolvendo cenas extraídas dos romances *O homem que matou o diabo*, de Aquilino Ribeiro; *O Delfim*, de José Cardoso Pires, e *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago –, a pesquisadora considerou a necessidade de ampliação do *corpus*, que, na segunda fase, irá incluir os autores brasileiros: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Milton Hatoum.

*Literatura e outras séries culturais* é o título do projeto desenvolvido atualmente pelo professor Décio Torres Cruz, que, em 1995, criou o Grupo de Pesquisa *Literatura comparada e estudos culturais dos povos anglo-germânicos*, sob a sua coordenação, no Departamento de Letras Germânicas. Durante este período, produziu projetos e trabalhos de pesquisa nas áreas de Literatura Comparada e Estudos Culturais e Identitários, a saber: pós-modernismo literário; literatura pós-colonial canadense e caribenha de língua inglesa; literatura e outras séries culturais.

Este grupo de pesquisa, inicialmente composto pelos professores Décio Torres Cruz, Jael Glauce da Fonseca e Luciano Lima, desenvolve o projeto *Novos rumos das literaturas anglo-germânicas*. Este projeto, de caráter mais amplo, para poder englobar as produções em língua inglesa e alemã, tem como finalidade investigar as novas produções literárias nessas duas línguas, tendo como base teórica as questões relativas ao pós-moderno e à teoria pós-colonial. Dele, surgiram três subprojetos.

O primeiro, já concluído, foi *Literatura comparada: pós-modernismo literário*, desenvolvido no Departamento de Letras Germânicas por Décio Torres Cruz, em parceria com Jael Glauce da Fonseca, do qual resultou o I Seminário de Literaturas de Língua Alemã e Inglesa, realizado no Instituto de Letras em 1999, e tinha como finalidade estabelecer relações entre a produção literária pós-moderna em língua inglesa e alemã. O segundo subprojeto, *Literatura pós-colonial caribenha de língua inglesa*, foi desenvolvido entre os anos de 2002 e 2004. Deste projeto, que investigava a produção literária pós-colonial caribenha em língua inglesa dos escritores Derek Walcott e Jamaica Kincaid, resultaram outras pesquisas desenvolvidas por estudantes de pós-graduação (mestrado)<sup>13</sup> e de graduação (iniciação científica).

Entre os anos de 2000 e 2004, dando continuidade ao projeto *Novos rumos das literaturas anglo-germânicas*, teve início a terceira e atual vertente do

<sup>13</sup> As dissertações relacionadas aos projetos estão incluídas na parte final deste texto, na relação das dissertações e teses desenvolvidas no PPGLL.



projeto, o subprojeto *Literatura e outras séries culturais*, que tem como objetivo investigar as relações da literatura com o cinema e com as outras artes, através do estudo de suas linguagens e diferentes formas de representação. Esta vertente do projeto tem como suporte teórico a corrente dos estudos culturais norte-americanos e as diversas teorias do cinema e da narrativa, assim como as questões relativas à adaptação cinematográfica.

O projeto está embasado nas pesquisas realizadas pelo professor Décio Torres Cruz para a sua tese de doutorado *Postmodern metanarratives: literature in the age of image. Scott's Blade Runner and Puig's novels*, defendida na State University of New York at Buffalo, na qual são estabelecidas as relações entre literatura e cinema a partir do confronto do empréstimo mútuo de linguagens, ou seja, são analisados de que modo o cinema se apropria de técnicas literárias e de que modo a literatura se apropria de técnicas cinematográficas e como o cinema hollywoodiano, através do sistema de estrelato, moldou uma visão de mundo mítica, ideologicamente construída com fins de controle. Além disso, a base teórica desta vertente está embasada também nas pesquisas realizadas para a sua dissertação de mestrado e que resultaram no livro *O pop: literatura, mídia e outras artes*,<sup>14</sup> no qual são estabelecidas as relações entre a literatura, o cinema e as artes plásticas.

Os resultados do projeto *Novos rumos das literaturas anglo-germânicas* forneceram também subsídios para a reforma curricular, bem como a criação das ementas e dos programas dos novos componentes curriculares do curso de Língua Estrangeira da UFBA, implantada a partir de 2005.

Atualmente, além dos professores já mencionados, fazem parte do grupo de pesquisa as professoras Noélia Borges e Silvia Maria Guerra Anastácio.

Dentro da vertente *Literatura e outras séries culturais*, focalizando também as imagens e representações cinematográficas, a professora Noélia Borges desenvolve o projeto denominado *Imagens representativas das heroínas dos romances dos séculos XIX e XX no cinema hollywoodiano*, por meio do cotejo entre obra literária e filme. O estudo em questão pretende identificar e descrever como se processa o sistema de estrelato, ou seja, como o estúdio hollywoodiano transforma e constrói as heroínas dos romances dos séculos XIX e XX para atender às demandas e expectativas comerciais do mercado consumidor. Para atingir este objetivo, examinam-se as diferentes linguagens (literária e filmica) em níveis denotativo e conotativo, assim como os sistemas de sinais de importância vital para entender os significados do cinema, verificando como o escritor/ficcionista constrói a heroína dentro das convenções de uma época, e as transformações que ocorrem no processo de adaptação tendo em vista prioridades, ênfases, cortes, modificações e atualizações.

<sup>14</sup> CRUZ, Décio Torres. *O pop: literatura, mídia e outras artes*. Salvador: Quarieto, 2003.



São também identificados e descritos elementos ligados aos valores culturais, ideologias e conceituações, em função da própria evolução sociocultural e modernização/atualização do texto, verificando-se em que medida ícones, indexes e símbolos usados na montagem cinematográfica evidenciam mecanismos ligados à exploração do corpo e à relação entre desejo, erotismo e prazer. Identificam-se ainda os clichês construídos pelas ideologias das sociedades capitalistas para representar a figura feminina e a influência e disseminação desses modelos na vida pessoal e artística das heroínas e de seu público (masculino e feminino). Os resultados alcançados por este projeto integram-se àqueles desenvolvidos pelos professores Sílvia Maria Guerra Anastácio e Décio Torres Cruz, do Departamento de Letras Germânicas.

A pesquisa pretende contribuir, em particular, para enriquecer o nível de discussões sobre a dinâmica do percurso texto literário e tela, sustentados nos arcabouços da linguagem semiótica, nos recursos operacionais da indústria cinematográfica, buscando articulações com questões identitárias, sem perder de vista aspectos ligados às instituições de poder. Ademais, ao tratar de questões aqui levantadas de forma convergente, o projeto pretende resgatar a figura representativa da mulher no romance e no cinema e as manifestações discursivas que alimentam, fundam e filtram determinadas visões e clichês na criação e configuração do mito. Desta forma, vem favorecer, também, de forma ampla, o campo dos estudos culturais.

Já no projeto intitulado *Jeanne Duval: representação na crítica francesa e na obra baudelairiana*, da professora Raimunda Bedasee, a representação do feminino é abordada a partir de sua presença na obra de Charles Baudelaire. A pesquisa elabora-se no sentido de evidenciar as representações de Jeanne Duval na produção literária baudelairiana e na história da crítica literária francesa. Pouco se sabe sobre Jeanne, essa mulher a quem Baudelaire chama de "mulher" – *ma femme*, em uma de suas cartas. Entretanto, o trabalho de investigação vai além do estudo biográfico para desvelar o papel decisivo que Jeanne representa na vida do poeta. Investiga-se também o material biográfico relativo ao poeta Baudelaire, bem como de seus manuscritos, correspondência, artigos e ensaios que estudam e julgam a presença de Jeanne Duval em sua vida e obra. Analisa-se a representação da paixão amorosa que alimenta a criação literária baudelairiana através da análise dos seus escritos íntimos, depositários de informações sobre a mulher real Jeanne Duval. A maioria dos biógrafos de Baudelaire representa Jeanne como a mulher que causou a sua destruição. No entanto, sem a presença de Jeanne Duval em sua vida, Baudelaire não teria se tornado um dos mais importantes poetas da Modernidade.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Destaca-se a publicação BEDASEE, Raimunda. *Baudelaire, Charles-Pierre (1821-1867)*. In: MARSHALL, Bill (ed.). *France and the Americas: culture, politics and history. Transatlantic Relations*. Oxford & Santa Barbara: ABC-Clío, 2005. p. 130-131.

Finalmente, a ópera lírica de Luchino Visconti é o tema do projeto *O repasse decadentista no melodrama viscontiano*, desenvolvido pelo professor Mauro Porru. A pesquisa pretende dar continuidade ao estudo da obra de um dos mais importantes personagens do cenário artístico italiano contemporâneo, no intuito de detectar a presença de traços da estética decadentista em toda a sua produção artística. Anteriormente, o pesquisador examinou a filmografia viscontiana à luz do Decadentismo.<sup>16</sup>

Através de vários projetos, foram observados os elementos que prefaciaram o surgimento da estética decadentista no contexto europeu e o desconforto que acompanha essa estética na Itália, ressaltando as dificuldades por ela enfrentadas dentro da própria Europa, na busca da consolidação de seus pressupostos teóricos, que de imediato costumam ser associados à idéia de decadência. A reavaliação do Decadentismo permitiu constatar a existência de mecanismos singulares dessa composição estética que privilegiam o cruzamento da literatura com as demais formas de expressão artística.

O propósito da investigação atual é, a partir de determinadas estratégias teóricas operacionalizadas na revisão da estética decadentista, examinar as montagens de óperas líricas de Luchino Visconti, através de uma abordagem semiológica que permita detectar os principais mecanismos operísticos configuradores da presença de traços típicos dessa estética, evidenciando a marca plural da obra viscontiana e os mecanismos interdisciplinares que constituem a espinha dorsal de sua poética.

A finalidade desse novo projeto é favorecer uma compreensão da questão decadentista através do aprofundamento do estudo da produção operística de Luchino Visconti, oferecendo para tal fim um quadro mais elucidativo dessa estética no melodrama italiano. Vale ressaltar, ainda, a importância desse trabalho, no sentido de evidenciar a participação de Visconti no âmbito da ópera italiana, o qual, ao exercitar sua veia de artista inovador, a aproxima das mais modernas técnicas de representação europeia, desprovincializando-a.

<sup>16</sup> Na sua dissertação de mestrado intitulada *D'Annunzio/Visconti: tempo e ritmo em L'innocente* (1985), Mauro Porru aprofunda uma seção da produção cinematográfica do diretor milanês, através da leitura semiológica comparativa do texto *L'innocente* de Gabriele D'Annunzio e do texto fílmico de Luchino Visconti do mesmo título, com o objetivo de reconhecer os elementos da marca decadentista na transposição cinematográfica, efetuada por Visconti, do romance do decadentismo italiano. Já na tese de doutorado, *Luchino Visconti: o intérprete do esteticismo decadente* (2000), reexamina-se a produção cinematográfica ressaltando o caráter plural e controvertido de sua obra e os traços que a inscrevem na tradição cultural europeia, identificando, em sua atuação como cineasta, a evidente construção de um *rewrite* decadentista. Posteriormente, com bolsa do PRODOC, foi estudado o teatro viscontiano e as ligações intertextuais do decadentismo, no qual foi focalizada a produção teatral de Luchino Visconti e seus comprometimentos com a estética decadentista.

## V

Ao se retrair uma história, muitos dos seus acontecimentos ficam obliterados, outros rasurados, outros apenas esboçados. A riqueza de um trabalho intelectual, desenvolvido ao longo de anos, envolvendo tantas histórias pessoais e coletivas, tantos investimentos – intelectuais, afetivos e até financeiros –, não pode ser recuperada em todas as suas instâncias e em todas as suas perspectivas em um breve registro. O que aqui se apresenta são apenas algumas das linhas de forças que esboçam os vários perfis assumidos pela pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, ao longo dos anos, através da atuação de seus professores/pesquisadores. Inicialmente, na macroárea de Teoria da Literatura, e depois, na linha *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*. Para dar maior visibilidade a uma produção que tem se consolidado nos quase 30 anos de existência da pós-graduação no Instituto de Letras, esforço constante de todos os seus pesquisadores, professores e alunos, relacionam-se abaixo as dissertações e as teses produzidas na linha.<sup>17</sup> A diversidade dos temas e a quantidade de trabalhos concluídos podem atestar a multiplicidade e a diversidade da pesquisa desenvolvida na área 3 – Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, linha de pesquisa *Estudos de teorias e representações literárias e culturais* do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.

<sup>17</sup> De 1979, ano em que foram apresentadas as primeiras dissertações, até 1995, os projetos abaixo foram desenvolvidos na área de Teoria da Literatura do Curso de Mestrado em Letras. Em 1995, com o desaparecimento da área de Teoria da Literatura, em decorrência da reestruturação da pós-graduação e a criação do curso de doutorado, os projetos dos mestrandos e doutorandos são desenvolvidos na linha de pesquisa *Representação e Literatura*, que, em 2003, passa a denominar-se *Estudos de teorias e representações literárias e culturais*.

## 1979

CUNHA, Eneida Leal. *Diácronias da subjetividade: a convergência do autobiográfico e do ficcional*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

EDELWEISS, Eliana Lorens. *A transformação literária do real na lírica contemporânea*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Heliana Maria Castro Simões.

GAMA, Albertina Ribeiro da. *A temporalidade da obra literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Heliana Maria Castro Simões.

HACKLER, Maria da Conceição Pedreira Brandão. *A formulação do silêncio: por uma poética do indizível*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

SANTOS, Maria do Carmo Lacerda dos. *A obra metalinguagem: perda e recuperação do discurso prévio*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientador: Luiz Angélico da Costa.

TELLES, Ligia Guimarães. *As fronteiras do realismo*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

VEIGA, Benedito José de Araújo. *A realidade no processo literário*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientador: Antônio de Carvalho Assis Barros.

## 1980

HERRERA, Antonia. *O retorno da história: a dimensão arqueológica da obra literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

PRAZERES, Heloisa Prata e. *Literatura e transformação*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Heliana Maria Castro Simões.



## 1981

FONSECA, João Carlos Oliveira Teixeira Gomes. *O real no universo da criação literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. *O trânsito do Édipo na literatura*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

SANTOS, Railda Ferreira. *A verbalização literária da realidade*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Heliana Maria Castro Simões.

SANTOS, Waldete Maria dos. *A questão da internacionalidade no processo da criação poética: o dito e o não dito do texto*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

VIEIRA LIMA, Mirella Márcia Longo. *O legado de Apolo e Dionísio*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

## 1982

ARAÚJO, Jovina Dalva de Castro. *A dimensão social na criação poética*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Heliana Maria Castro Simões.

LACERDA, Aurélio Gonçalves. *Ideologia e discurso literário*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientador: Antônio de Carvalho Assis Barros.

## 1983

MENDES, Cleise Furtado. *Drama e desejo: o lugar da catarse na teoria do drama*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

VIANNA, Luiza Maria de Vasconcellos. *O voo da flecha: a poesia como função de Eros*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

## 1984

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. *A escritura e a voz: um jogo intertextual*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

ALMEIDA, Lara Maria Lôbo Soares de. *O leitor como co-autor da obra literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

SANTANA, Olímpia Ribeiro de. *Literatura maior e literatura menor*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Heliana Maria Fragozo Castro.

SANTOS, Maria Nazaré Gomes dos. *O estranho como categoria literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

## 1986

FARIAS, José Nivaldo de. *A arrogância como categoria literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

MATOS, Edilene Dias. *O imaginário na literatura popular em verso*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

## 1988

CRUZ, Décio Torres. *A literatura pop*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

## 1989

ARGOLO, Maria de Fátima Barbosa de. *As margens do grande segredo: a loucura e a criação literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

MACHADO, Dalila Maria Cordeiro. *O pacto de Fausto e a modernidade*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

MACHADO, Márcia Maria Ribeiro. *A criação literária como construção biográfica*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

## 1990

ANDRADE, Márcia Rios da Silva. *O mito da heresia artística: os bastidores e a cena da criação literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

OLIVEIRA NETO, Pedro Barbosa de. *A obra como mito: mito e literatura da modernidade*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientador: Ordep Serra.

ROCHA, Iraci Simões da. *Face e disfarce: a obra literária e a expressão do real*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

SANT'ANNA, José Carlos Bastos. *Por uma significação do real na obra literária*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientador: Cid Seixas Fraga Filho.

#### 1991

PEREIRA, Roberval Alves. *A unidade primordial da lírica moderna*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

OLIVEIRA, Évila Ferreira de. *O resgate da história: um estudo sobre a lírica*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Maria da Conceição Paranhos.

#### 1992

BORGES, Antônio Brasileiro. *Corpo de zombar: o mistério da criação na inspiração poética*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Maria da Conceição Paranhos.

LIMA, Luciano Rodrigues. *O real literário*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Judith Grossmann.

#### 1993

CARDOSO, Ricardo Guilherme Silva. *A poética do estranhamento: a recusa da linguagem como dimensão iminente à representação literária do real*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Lígia Guimarães Telles.

CERQUEIRA, Fernando Barbosa de. *Musicalidade e poesia: anseio e recusa do sentido*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Lígia Guimarães Telles.

COUTINHO, Maria Antônia Ramos. *O canto de "mnemossyne": as relações entre poesia e sujeito*. Salvador: UFBA / Mestrado em Letras. Orientadora: Maria da Conceição Paranhos.

#### 1995

LOPES, Cássia Dolores Costa. *Nas dobras do vestido: uma poética da repetição*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

OLIVEIRA, Sívio Roberto dos Santos. *A estética da homenagem em "Memorial do fim"*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

REGINA, Sílvia La. *A lira dos poetas: Orfeu, Dante, Jorge de Lima*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Maria da Conceição Paranhos.

#### 1996

##### Dissertações

FREITAS FILHO, José de Assis. *O bestiário domesticado*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Ana Rosa Neves Ramos.

LIMA, Maria Lúcia Ribeiro. *Intertextualidade: um fenômeno circular*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

PERES, Marcela Bassi. *O labirinto da velhice*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

PINTO, Lourdes de Fátima Santos. *Inda Pereira, Dona Flor: os caminhos da mulher mal-mariada*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Maria da Conceição Paranhos.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Ribeiro*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

#### 1997

##### Dissertações

GONÇALVES, Maria Luiza S. F. Leite. *O pós-moderno e a história: um estupro gentil*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Maria da Conceição Paranhos.

1998

**Dissertações**

NUNES, Itana Nogueira. *Rodapé como arrigemente: um levantamento da crítica jornalística de David Salles*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Cid Seixas Fraga Filho.

OLIVEIRA, Humberto Luiz. *Aspetos do retrato*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Ana Rosa Neves Ramos.

1999

**Dissertações**

PORTO, Cristiane de Magalhães. *Uma poética da memória: Feira de Santana (1940-1945)*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Cid Seixas Fraga Filho.

RIBEIRO, Carlos Jesus. *Coçador de ventos e melancólicos – um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

2000

**Dissertações**

CÉSAR, Elieser Alcino Rabelo. *O romance dos excluídos – opção social em Euclides Neto*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Cid Seixas Fraga Filho.

GALLO, Mayrant. *Alíquotas do conto brasileiro*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

GÓMEZ, Sérgio Luis Cerviño. *Lembranças da Bahia: imagens e miragens na cidade de Carlos Vinconcelos Maia*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

MOREIRA, Olga Belov. *Problemas de transferibilidade em Jorge Amado ("Quincas Berro D'Água")*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Luiz Angélico da Costa.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. *Inferno corporais? – a representação do corpo em "A fúria do corpo", de João Gilberto Noll*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

**Teses**

TELLES, Lígia Guimarães. *Périplo peregrino*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

2001

**Dissertações**

CERCAFO, Nilza Carolina. *O herói semente em Carlos Nejar*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

GARCIA, Midian. *A perda estrela: contos e cartas de Mário de Andrade*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

GUERREIRO, Simone da Silva. *Elomar Figueira Meilo e a arte sertaneja*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

GOMES, Alex Leila. *Atritos e paisagens: um estudo sobre a loucura e a homossexualidade nos contos de Caio Fernando Abreu*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

MORAIS NETO, João Batista de. *Uma poética da escritura em Dalton Trevisan*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

MATOS, Marília. *Metamorfoses de Adão: aspectos trágicos do mito romântico Frankenstein, de Mary Shelley*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Décio Torres Cruz.

OLIVEIRA, Juliana. *Meu amigo Marcel Proust Romance: a escrita do discurso amoroso*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

PASCOALI, Maria do Carmo. *Navegar ainda é preciso: uma leitura de "A jangada de pedra"*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.



**Teses**

- LIMA, Luciano. *Sujeito estético: um percurso na ficção de Judith Grossmann*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.
- MENDES, Cleise. *A gorgalhada de Ulisses: a catarse na comédia*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.
- SANTOS, Omar. *Um banquete antropofágico*. Salvador: UFBA/Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

**2002****Dissertações**

- SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves. *Metáfora & metonímia: o traço-de-união entre os compostos*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Décio Torres Cruz.
- ABREU, Tânia Maria de Lima. *Literatura, psicanálise, feminino: Judith Grossmann, uma escrita do feminino*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

**Teses**

- NEVES, Maria Helena da França. *Paraguá e Caravara de Santa Rita Dardo: uma questão de repetição e diferença*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.
- OLIVEIRA NETO, Pedro Barbosa de. *O relato de Cavados: uma ênfase não-esclidiana*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.
- PONDÉ, Serafina Maria S. de Souza. *Nelson Rodrigues e o futebol: nos lances de bola, os traços da alma*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torreão Herrera.

**2003****Dissertações**

- CAMPOS, Olga Santos. *Narcisismo das aves: estudo de "Angústia" e "São Bernardo"*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.
- RODRIGUES, Marcus Vinícius Couto. *Guá. Gêner: inserção e ruptura na narrativa homoerótica*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Jacques Abdelkrim Saidi Salah.

**Teses**

- MAGALHÃES, Cielos Augusto. *A Cidade da Bahia: espaço, história e representação literária*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.
- LEITE, José Lourenço Araújo. *Albert Camus e o paradoxo da ausência de ordem*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Herrera, Co-orientador: Jacques Abdelkrim Saidi Salah.

**2004****Dissertações**

- CARVALHO, Isaias Francisco de. *Oneros-Mulcor: outização produtiva. Uma poética semi-utópica dos encontros culturais*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Décio Torres Cruz.
- GOMES, Adriana de Borges. *Cortázar phoral: um passeio pelos espaços ficcional, crítico e pedagógico*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Lígia Guimarães Telles.
- SILVA, Everaldo Augusto da. *O romance "Cascaço" de Herberto Sales: um retrato da Chapada Diamantina*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Jacques Abdelkrim Saidi Salah.
- SIMON, Sonia Maria Davico. *Para melhor ver: reconfigurações do par mulher/homem em contos de Angela Carter*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

SIMÕES, Alex Sandro Netis. *O que ler no poema: crítica e criação literária em Ray Espinheira Filho*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Lígia Guimarães Telles.

STEFAN, Denise Rocha. *A escritura de Clarice Lispector na interconexão entre literatura e psicanálise*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

## 2005

### Dissertações

FRANÇA, Denise Carrascosa. *Confezando a carne em "Grande Sertão: veredas"*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Décio Torres Cruz.

FREIRE, Eunice Rocha. *A tradição romântica na construção das imagens de Cecília Meireles*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Lígia Guimarães Telles.

GOMES, Sandra Maria. *O incompreensível ruído que nos persuade: imagens do passado e da mídia no romance contemporâneo "Corazón tan blanco"*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Lígia Guimarães Telles.

OLIVEIRA JÚNIOR, Celso de Araújo. *O estapar em Beckett*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

PRADO, Thiago Martins. *Linguagem e temporalidade na poesia de Mário Jorge*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torelho Herrera.

SANTANA, Sérgio Ricardo Lima de. *Olhares sobre a adaptação cinematográfica de O jogo de Ripley em O amigo americano*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientador: Décio Torres Cruz.

SINCERAS, Fábio Serra. *Mentiras: um estudo sobre as letras de Caetano*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

SOUZA, Lívia Maria Natália de. *A pedagogia da diáspora e outras ensinanças: Judith Grossman e a cena da escrita*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Antonia Torelho Herrera.

SPINOLA, Renata de Souza. *O fantástico em diáspora: da tradição teórica às narrativas de Antonio Brasileiro*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

### Teses

CAMBESE, Angela Sallenave. *Paisagens com figuras: um estudo sobre Cesário Verde*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

GUERREIRO, Simone da Silva. *Tramas do sagrado: a poética de Elomar Figueira Mello*. Salvador: UFBA / Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel.

Artigos



# O ambiente virtual e o texto em movimento

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Denise Chaves de Menezes Scheyerl

Célia Nunes Silva

Universidade Federal do Bahia

RESUMO

O trabalho se propõe a analisar o discurso do aluno, fundamentando-se em teóricos relevantes, quer da Psicologia Motivacional, como Seligman, quer da Comunicação Virtual, como Pierre Lévy. Convidado, especialmente, a interagir com o outro, em uma área sem fronteiras espaciais definidas, o aprendiz é levado a percorrer um texto móvel, lançando mão de dispositivos hipertextuais. Essa construção coletiva *on line* permite remissões potencialmente infinitas, dentro de uma abordagem interativa em que os novos suportes midiáticos podem fornecer eficientes instrumentos para as oficinas de leitura e produção de textos em língua estrangeira.

ABSTRACT

This essay proposes an analysis of the students' discourse, especially taking into account Seligman's thesis on Motivational Psychology and Pierre Lévy's relevant work on Virtual Communication. Being often invited to interact with their peers within an area without definite spacial frontiers, the students are often encouraged to deal with non-fixed texts. As for their collective written production *on line*, it opens a way to potentially infinite remissions within an interactive approach, whose mediatic environment works as an efficient tool for reading activities and textual production in foreign language teaching.

### Considerações iniciais

Este ensaio pretende registrar reflexões e algumas atividades relacionadas ao projeto *Representações intersemióticas em oficinas de escrita*, aplicado em uma turma do Departamento de Letras Germânicas e outra no Núcleo de Extensão da UFBA; o público-alvo da graduação constituiu-se de alunos de inglês como língua estrangeira, enquanto o da extensão se compunha de uma turma de língua alemã.

Acredita-se que apesar de se viver sob a influência do paradigma da pós-modernidade, que preconiza a relevância de se estudar o processo, ao invés de focar apenas o produto final a ser avaliado, os cursos de leitura e produção de textos têm, na sua maioria, adotado uma abordagem que enfatiza mais os resultados, e não tanto o processo da escritura. Assim, nem sempre se intenta expandir a acuidade perceptiva do aluno ao longo de seu percurso criativo, tornando-o mais consciente das próprias dificuldades e de suas habilidades.

Ciente de tais obstáculos, o projeto desejou enriquecer as oficinas de escrita em língua estrangeira, sugerindo a visão de um professor comprometido com uma abordagem genético-semiótica, que deixa transparecer o caráter indutivo do processo da escritura. Genético, por privilegiar a gênese, o brotar e o fluxo do percurso criativo do aprendiz, e semiótico, por tornar o aluno consciente da diversidade de signos que utiliza na sua criação, signos estes que podem se originar nas mais diversas linguagens.

A proposta foi trazer uma mudança de atitude por parte do professor e do aluno de língua estrangeira enquanto se valoriza o processo de produção escrita do aprendiz, e não apenas o seu produto considerado final. Incutindo-se no aluno de língua estrangeira uma visão mais ampliada do texto, pensou-se em levá-lo a vivenciar de modo mais consciente e reflexivo o próprio processo de criação. Na base teórica do projeto, pretendeu-se investigar a interface com áreas vizinhas da Linguística Aplicada, ressaltando aspectos relevantes da Psicologia Motivacional e da Comunicação Virtual.

Tencionou-se, pois, observar e analisar as estratégias metacognitivas ativadas pelos alunos ao refletirem sobre o seu processo de criação textual e ao focalizarem, especialmente, o próprio "estilo explicativo", ou seja, o modo como cada um explica as adversidades com que se depara durante a vida. Buscou-se valorizar os rascunhos dos alunos e vislumbrar neles pistas metodológicas para diagnosticar possíveis dificuldades em diferentes níveis linguísticos, tais como o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. A análise desses rascunhos levou o professor a detectar tendências, dúvidas, habilidades, experiências, bloqueios, objetivos, valores, enfim, todo um repertório vivencial de cada aluno em particular; assim, foi possível melhor avaliar o texto construído pelo aluno, além de ajudar o aprendiz na sua busca de realização, respeitando as próprias características individuais.

Na verdade, a meta foi atuar sobre o discurso do aluno em dois níveis: quer levando-o a reescrever os seus ensaios a partir de um código preestabelecido que permitisse ao aluno corrigir os erros cometidos na língua-alvo, especialmente no que se refere aos critérios de coesão e coerência textual, quer procurando intervir positivamente sobre tal discurso, levando o sujeito a reformular as suas narrativas à medida que se dá conta dos pensamentos negativos automatizados que lhe atrapalham a vida.

Por outro lado, o foco de atenção desta pesquisa apontou para uma outra vertente em que se buscou encorajar uma produção coletiva *on line*, onde os aprendizes atuaram como co-autores de um mesmo texto construído. Foi possível, então, desenvolver atividades interativas do grupo como um todo.

### Trabalhando com o hipertexto: em defesa da comunicação virtual

Etimologicamente, a palavra "texto" tem a ver com a prática tradicionalmente feminina de tecer. A metáfora do hipertexto também remete à atividade de tecer ou conectar palavras, frases e imagens cujos significados remetem uns aos outros. Trata-se de um diálogo recursivo em que os textos ecoam mutuamente, extrapolando as fronteiras da linearidade do discurso (LÉVY, 2001a, p. 73).

Para Pierre Lévy, a informática tem modificado os lances do jogo da comunicação, inaugurando um novo paradigma com o advento da comunicação virtual. O conceito de virtual remete a uma "não-presença (...), ao fato de não se pertencer a nenhum lugar, a nenhum espaço designável, (...); quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, se desterritorializam" (LÉVY, 2001b, p. 20-1). Percebe-se, então, o fenômeno do "retraimento das distâncias" (LÉVY, 2001c, p. 42), pois os membros de uma coletividade virtual não se acham integrados dentro de um mesmo espaço, mas ligados pelos mesmos interesses comuns (LÉVY, 2001b: 35-6).



Dentro de um ambiente hipertextual, é como se cada novo lance iluminasse as etapas anteriores e descortinasse sempre múltiplas alternativas possíveis, à medida que uma informação vai remetendo a outra e outra, e assim sucessivamente. Logo, o “jogo da comunicação virtual consiste em (...) precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros” (LÉVY, 2001a, p. 21-2), dentro de um ambiente sempre fugaz e transitório. À medida que, a todo momento, cada indivíduo acrescenta um novo comentário ou remete a uma nova leitura, desdobramentos inéditos acontecem, modificando o sentido da proposição anterior.

Assim, entende-se que dar sentido a um texto equivaleria a conectá-lo a outros, e o que conta é a rede de relações semióticas dentro da qual a mensagem seria assimilada. Importa reunir redes de associações, anotações, comentários, sugestões de sujeitos diferentes que compartilham um mesmo ambiente virtual e se articulam na elaboração coletiva de um hipertexto que se desdobra em múltiplas possibilidades interativas. Ou melhor, em um entrelace de histórias diversas.

Considera-se, portanto, que a escrita virtualizante desloca-se incessantemente, dando lugar a um tipo de comunicação em que as mensagens, com frequência, encontram-se dissociadas no espaço e/ou tempo de sua fonte de emissão. São, então, recebidas em correspondências *on line*, em que o texto torna-se cada vez mais dinâmico, incitando quase que uma presença (LÉVY, 2001b, p. 38-9).

No contexto pedagógico de uma oficina de escrita em língua estrangeira, os alunos, trabalhando em um ambiente de hipertexto, comportam-se como atores da comunicação que constantemente constroem e remodelam os seus universos de sentido; desse modo, podem manipular múltiplas conexões associativas, sendo o hipertexto uma ferramenta eficiente para a comunicação.

Considerando que a aquisição de novos conhecimentos se processa de modo mais eficiente quando o material é contextualizado dentro de uma rede de associações significativas para o aprendiz, as remissões hipertextuais são úteis dentro do processo de ensino-aprendizagem. Enquanto esse contexto ou hipertexto compartilhado possibilita conexões eficazes e ajuda o sujeito a reter a informação transmitida, ele atua como um ambiente propício para a aprendizagem. Além disso, a intensidade das associações e a implicação emocional do sujeito envolvido no processo de aquisição de uma língua estrangeira em ambiente hipertextual são elementos importantes da psicologia cognitiva e motivacional que não podem ser desconsiderados. Lembra Pierre Lévy que “as representações que têm mais chances de sobreviver (...) são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva, sendo acompanhadas de música e rituais diversos” (LÉVY, p. 82-3). As crenças dos alunos, que normalmente aparecem carregadas de emoção em suas narrativas, podem ser também resgatadas e transformadas em instrumentos de aprendizagem.

### Diagnosticando o discurso do aluno e combatendo os pensamentos negativos

O processo de ensino e aprendizagem em ambiente virtual pode, dentre outros ganhos, levar o aluno a dar-se conta dos valores embutidos nas suas crenças, que eventualmente são limitadoras. Isto acontece porque o indivíduo tem uma percepção seletiva, buscando em qualquer ambiente, inclusive no virtual, valores semelhantes àqueles que se afinam com os que tenha internalizado ao longo de sua vida. O professor pode, então, nesse tipo de atividade interativa, ter a oportunidade de analisar e conscientizar o aluno e quem sabe até retificar as armadilhas de sua linguagem.

Aqueles alunos cujo discurso revela crenças ou pensamentos negativos tendem a se culpar indiscriminadamente, ou a generalizar os problemas que enfrentam, ou, ainda, a encarar esses problemas como algo permanente e definitivo. Para retificar esse discurso, o professor pode usar duas técnicas, a saber, a abstração e a contestação. A abstração é uma estratégia que busca distrair o sujeito do pensamento negativo dominante, fazendo-o focalizar a sua atenção em outros objetos do mundo externo. Na contestação, pode-se, ante uma adversidade, mudar uma reação de abatimento e abandono por uma atitude positiva, mais proativa e energizada (SELIGMAN, 1992, p. 272).

Inicialmente, aconselha-se o sujeito a se distanciar do pensamento pessimista e suspender a sua crença negativa por um instante, para apurar a sua exatidão. Na verdade, as crenças ou convicções de cada um não passam, muitas vezes, de meras suposições ou crenças negativas automatizadas. A contestação proposta consiste em checar a procedência dessas convicções reflexivas e, na prática, Seligman (1992, p. 275) sugere quatro maneiras para se contestar:

1. Provas: buscar quais são as evidências contra ou a favor que sustentam essa suposição, pois o otimismo aprendido fundamenta-se em argumentos lógicos;
2. Alternativas: destacar que a maioria dos eventos é multicausal; no entanto, os pessimistas sempre associam o seu insucesso às causas de natureza mais permanente, abrangente e pessoal. Nesse contexto, deve-se perguntar: "existe uma maneira menos destrutiva de examinar essa situação?" O importante, portanto, é lembrar que a tarefa pedagógica consiste em desfazer hábitos destrutivos e, ao mesmo tempo, desenvolver no aprendiz a capacidade de gerar alternativas;
3. Implicações: pode ocorrer que a convicção negativa que o sujeito mantinha a seu respeito seja correta. Nessa situação, a técnica a ser usada é a descatastrofização, isto é, apesar de o sujeito ter consciência de que a sua percepção negativa está correta, ela não significa um desastre irreparável.
4. Utilidade: às vezes, apurar se a crença negativa é correta pode não ser



relevante. Assim, em caso de perigo, em vez de se perguntar se uma determinada convicção é verdadeira, melhor seria indagar: "é prático pensar nisso agora?" Se a resposta for negativa, deve-se usar uma das técnicas de abstração (Pare! Marque uma hora para se preocupar mais tarde. Anote o pensamento por escrito).

Como resultado dessa contestação, o aluno pode sentir-se mais fortalecido e assumir uma visão mais otimista da situação adversa, identificando motivos e novas alternativas; enfim, procura evidenciar os traços pessimistas do seu discurso, tomando uma certa distância do próprio enunciado e pesando as conseqüências da situação em que se encontra. Na verdade, é importante monitorar o próprio pensamento porque o que se pensa influencia os próprios sentimentos; o que se pensa e sente fundamenta a ação de cada um. Logo, a cadeia é: pensamento > sentimento > ação.

Cabe ao professor de uma oficina de leitura e produção de texto, consciente desses entraves, implementar discussões e utilizar estratégias que levem o aluno a contestar suas crenças pessimistas. Ao ouvir, então, os casos narrados pelos alunos, o professor concentra o foco de sua atenção na análise do discurso daquele sujeito, especificamente no seu poder de argumentação. Pode, então, não apenas lidar com a narrativa singular de cada aluno, como também com o discurso coletivo do grupo.

### Encorajando novas narrativas

Tendo em vista estimular o aprendiz a articular os mais diversos tipos de textos em oficinas de escrita, interagindo em equipe e percebendo o seu aprendizado de uma forma mais significativa para a própria vida, foram desenvolvidas atividades durante os cursos, dentre as quais:

1. Aplicou-se o mesmo questionário elaborado por Seligman (1992, p. 48-58), no início e no final dos cursos de LE, para avaliar o quanto um discurso pode ser otimista ou pessimista. Verificou-se, então, que, de um modo geral, os escores do teste referentes ao estilo explicativo dos alunos não mudaram; entretanto, houve uma maior consciência, ao final do curso, das crenças limitadoras reinantes. Conseqüentemente, o aprendiz pôde dar-se conta de que a linguagem não é inocente e que, modificando a sua linguagem, estará alterando, também, a sua visão de si mesmo, do mundo e do futuro.

Este distanciar-se do próprio discurso negativo também foi observado no exercício da desconstrução e reconstrução dos relatos pessoais pelos alunos, que foram alvo de discussão em sala de aula.

2. Utilizaram-se, nos cursos, estratégias que valorizam a expressão visual através da arte. Tais estratégias se baseiam no construtivismo social, que defende ser a realidade uma representação coletiva.



O facilitador da aprendizagem dos cursos de LE ajudou os alunos a expressar a realidade percebida e, na medida em que cada sujeito se expressava através da arte, tomava uma certa distância de si próprio e podia, então, analisar a sua narrativa. O aprendiz era capaz, então, de compreender os padrões interacionais aí implicados e poder destruir as imagens negativas para, mais adiante, reconstruí-las positivamente (RILEY, 1991, p. 19-22).

Uma atividade artística realizada foi solicitar aos alunos que fizessem um desenho utilizando oito símbolos universais: árvore, borboleta, caminho, casa, cobra, montanha, pássaro e flor. Os símbolos deveriam, então, ser numerados conforme surgissem no desenho e, uma vez terminado tal desenho, o sujeito se incluiria no contexto. Em seguida, cada um teria que expressar o que pensava, sentia e agia em relação a cada símbolo; a meta era estimular reflexões sobre o modo como cada um se projetava no desenho, que estaria relacionado, por sua vez, com o modo de sua inserção no mundo e com o seu estilo explicativo, complementando, assim, o próprio perfil traçado (JUNG, 1964, p. 94).

3. Trabalhou-se com narrativas que ressaltam temáticas universais, como questões culturais e identitárias. As atividades incluíam, dentre outras, a construção de relatos individuais e de narrativas coletivas construídas *on line*.

Os alunos, inclusive o próprio professor, constituíram uma lista de correio eletrônico através da qual os ensaios eram enviados por e-mail, de modo que todos recebiam uma cópia dos mesmos e tinham acesso às correções indicadas, bem como os respectivos comentários do professor. Em outros momentos, este recurso virtual era usado como suporte para os alunos comporem seus textos coletivamente, dando subsídios para discussões posteriores em sala de aula.

### Considerações finais

Reiterando a importância do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem, percebeu-se nas oficinas observadas que, no momento em que os sujeitos participaram ativamente do processo de aquisição do conhecimento, registraram-se ganhos consideráveis. O uso da multimídia interativa utilizada nas oficinas de escrita em apreço favoreceu uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, em face do material assimilado, além de se revelar um instrumento útil dentro da prática pedagógica adotada, que buscou intervir no discurso do aluno, expresso tanto verbal como não verbalmente.

### Referências bibliográficas

- FREIRE, Paulo (2000). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- GRANDESSO, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

JUNG, C. G. (1964). *Man and his symbols*. Londres: Aldus Books.

LÉVY, Pierre (2001a). *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34.

LÉVY, Pierre (2001b). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

LÉVY, Pierre (2001c). *A conexão planetária*. O mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34.

RILEY, Shirley (1998). *Arteterapia para famílias*. São Paulo: Summus.

SELIGMAN, Martin (1991). *Learned optimism*. Canada: Simon & Schuster Audio.

# O russo instrumental (Uma proposta de ensino)

Olga Belov

O artigo visa examinar a possibilidade de se oferecer a disciplina de Russo Instrumental, ao lado das outras línguas instrumentais, já oferecidas, tais como inglês, alemão, francês, italiano. Para tanto, a autora tenta provar que o idioma russo, uma língua indo-européia, como as citadas acima, possui – quando comparado com o português – muitas palavras cognatas, provenientes do latim e do grego, assim como numerosos empréstimos, retidos de línguas indo-européias da Europa Ocidental. Depois de fazer uma excursão através de alguns aspectos históricos, a autora menciona a época e os motivos para a aquisição de termos do francês, do neerlandês e do alemão, enriquecendo a língua russa, de um lado, assim como estreitando os laços do parentesco indo-europeu com essas línguas. Além das aquisições no léxico, a autora mostra que, através do aprendizado da formação de palavras (sufixos, prefixos e desinências), noções de declinação e conjugação de verbos, o estudante do Russo Instrumental poderá alcançar a compreensão mínima necessária, de um texto da sua especialidade, sem que o alfabeto cirílico, tampouco, venha a ser um obstáculo, neste caminho, por ser o russo uma língua com grafia altamente fonética.

RESUMO

The article aims at examining the possibility to offer "Instrumental Russian" as a new subject for students from different Faculties of the Federal University of Bahia (UFBA), besides Instrumental languages courses already taught, such as Instrumental English, French, German and Italian. For this purpose, the author tries to prove that Russian, being also an Indo-European language, as the ones mentioned above, possesses many cognate words with Portuguese, coming from Latin and Greek, and also includes many words borrowed from West European languages. After having carried out a brief excursion through the main historic aspects of Russia, the author mentions the period and the reasons which have favored those foreign loans from such languages as French, Dutch or German, which – besides enriching Russian language – also established Indo-European ties of Russian with those languages. Besides the lexical acquisitions, it is also being shown that by means of learning Word Formation rules (in the form of suffixes, prefixes and endings), by getting some knowledge about noun declension and verb conjugation, the student will be able to have the minimal knowledge, needed to understand a text of his specialty: the Cyrillic alphabet being no obstacle in this way, since Russian is a language, using a highly phonetic writing.

ABSTRACT



"Umóm Rossiya nye ponyáti,  
Archýnom ópchim nyé izmyériti,  
U nyeýó ossóbyennaya státi  
V Rossiya mójno tólhko vyériti."

(F.Tyútchev, poeta russo, 1866)

A Rússia não pode ser entendida com a mente,  
Nem medida com um metro comum,  
Ela possui uma estatura especial,  
Só se pode ter fé na Rússia.

(Trad.: O. Belov)

## 1 O ensino de "línguas instrumentais" no país

Os conceituados *cursos de idiomas* das grandes cidades deste país, normalmente, **não** incluem o ensino destes idiomas, em caráter de *instrumentais*. Estes cursos estão direcionados para fazer os alunos se comunicarem no idioma estrangeiro (ouvirem e falarem). Como objetivo secundário vem a compreensão de textos. Mesmo quando está incluído, nestes cursos, um *Business English* ou "Inglês para Médicos", "Inglês para Juristas" – o objetivo é que o especialista nacional possa manter um certo nível de conversação com outro especialista do exterior. Por outro lado, o caminho para conseguir uma "proficiência" em qualquer língua estrangeira é muito longo. Requer um estudo prolongado de no mínimo três a cinco anos, ou até um tempo maior.

Já o estudo de uma língua estrangeira, em caráter de *instrumental*, que visa apenas a uma *compreensão geral dos textos*, como uma leitura *superficial* ou *rápida*, pode trazer bons resultados em bem menos tempo: um a dois anos. Isto se dá ao fato de que, no estudo de um idioma, na variante de "instrumental", ficam relegados a um plano secundário a preocupação com a pronúncia, assim como o domínio das regras gramaticais, pois ao que se visa é uma certa autonomia para a compreensão dos textos, em idioma estrangeiro.

Atualmente, só o CEFET, com cursos para técnicos e tecnólogos, assim como a Universidade Federal da Bahia, através do ILUFBA, é que oferecem, como disciplinas optativas e/ou eletivas, as línguas “instrumentais”, sendo que o ILUFBA oferece tanto o Inglês Instrumental como o Alemão Instrumental, o Francês Instrumental, o Italiano Instrumental e o Espanhol Instrumental para alunos matriculados em qualquer unidade da UFBA.

Em virtude das mudanças políticas ocorridas na ex-URSS, na última década, com a queda do “muro de Berlim” e com o desmantelamento da URSS, podemos dizer que o objetivo para estudar o russo mudou. Enquanto outrora a demanda vinha por parte dos jovens simpatizantes do socialismo, que, por este motivo, procuravam graduar-se na ex-União Soviética, hoje o idioma russo deixou de ser sinônimo ou símbolo para comunismo ou socialismo.

A República Federativa da Rússia continua sendo parte integrante do Comitê Central das Nações Unidas e vem atuando de uma maneira mais pacífica do que em épocas remotas, quando os habitantes do planeta sempre estavam vigilantes diante de uma possibilidade de uma 3ª Guerra Mundial. Se, por um lado, houve uma certa perda do “poderio” da ex-URSS, por outro lado, houve também “ganhos”, no que se refere à aquisição da democracia, maior respeito pelos direitos humanos, assim como uma nova possibilidade para o povo russo, bem como para os demais povos da Europa Oriental – do assim chamado “bloco socialista” de outrora –, de poderem determinar o seu próprio destino.

A recuperação da Rússia, no que se refere à sua economia, pode ainda levar cerca de uma década – o país necessita de reformas internas –, mas esta melhora irá, no final das contas, acontecer, mais cedo ou mais tarde. Por este motivo, os habitantes da Rússia, assim como os povos de outros países, acreditam que a Rússia está a caminho de se tornar uma “potência” do mundo desenvolvido, isto é, do assim chamado Primeiro Mundo.

Por isto, podemos citar as palavras do poeta F. Tyútchev, mencionado acima: “A Rússia não pode ser entendida com a mente (...) só se pode ter fé na Rússia”. A história mostra que aquele país é semelhante à lendária ave Fênix, que sempre ressurgue das cinzas. Isto quer dizer que a Rússia é capaz de superar todas as dificuldades, vencendo quaisquer crises. Nós também acreditamos que a Rússia há de vir, novamente, a ocupar o seu lugar ao sol e que, ao lado do inglês, do espanhol, do alemão, do francês, do italiano, quiçá do chinês, haverá também interesse de se aprender o idioma russo, quer apenas para comunicar-se, quer na condição de instrumento de leitura, isto é, na qualidade de “instrumental”.

## 2 O panorama do ensino do idioma russo no cenário mundial

O idioma russo é uma língua indo-germânica, da família das línguas eslavas, tendo o eslavo antigo (também chamado de antigo búlgaro, ou eslavo eclesiástico, como a *língua mãe* para o russo moderno, assim como para as outras línguas eslavas, a saber, o ucraniano, o bielo-russo (tronco oriental); o polonês, o tcheco, o eslovaco (tronco ocidental); o búlgaro, o macedônio, o sérvio, o croata, o esloveno (tronco meridional).

Tendo sido abandonada a liderança da União Soviética por parte do Partido Comunista, e com o desmantelamento daquele país, onde o russo era o idioma oficial, a República Federativa Russa, ou simplesmente Rússia, tem procurado nesta última década enquadrar-se na economia de mercado e voltar a ser uma “potência” dentro desta nova estrutura política e socioeconômica. Podemos dizer que o idioma russo, que, no passado, foi estudado, predominantemente, pelos simpatizantes do socialismo – como foi dito acima –, os quais, na maioria das vezes, pleiteavam uma bolsa de estudos em nível de graduação ou de pós-graduação naquele país, nas mais diversas áreas, poderá, dentro em breve, voltar a ser estudado como uma das importantes línguas européias da atualidade.

Com o processo de “globalização” atingindo todos os países, há a possibilidade de todos que têm acesso à internet poderem inteirar-se das últimas realizações no mundo das ciências, da tecnologia, das artes, inclusive no que diz respeito ao que, ultimamente, vem ocorrendo na Rússia. Apesar de certas dificuldades socioeconômicas que aquele extenso país vem enfrentando, não há razão para duvidar de que o idioma russo haverá de ocupar um lugar de destaque entre os outros idiomas europeus: o inglês, o alemão, o francês, o italiano, o espanhol, entre outros.

Algumas das maiores universidades do mundo, tanto na Europa como nos Estados Unidos, possuem, nas suas “Faculdades de Filologia” (isto é, nas “Faculdades de Letras”), um departamento de “estudos eslavos”. No Brasil, existe o Departamento de Línguas Orientais, na FFCHL da USP, onde está incluído o estudo da língua e da literatura russas, sendo que aí funcionam tanto o curso de mestrado como o de doutorado em Língua e Cultura Russas, devidamente aprovados pelo MEC. Na Faculdade de Letras da UFRJ, também existe cadeira de Língua Russa, em franca expansão.

Em Salvador, particularmente, podemos dizer que houve dois núcleos de estudo do idioma russo. Quanto ao primeiro, podemos mencionar que no início dos anos 60, tendo sido convidado pela antiga Faculdade de Filosofia, o Prof. Dmitri Belov, engenheiro agrônomo de formação, assim como professor de matemática, começou a lecionar o idioma russo, naquele estabelecimento de ensino, em caráter de “curso livre”. Um de seus alunos fora o ilustre educador baiano, o Prof. Issias Alves, que aspirava poder ler no original *O poema pedagógico*, da autoria do seu colega russo Makárenko. Posteriormente, o curso de russo ficou sob a responsabilidade da reitoria da UFBA, no CEAO (Centro de



Estudos Orientais), situado, naquela época, à rua Leovigildo Filgueiras, onde funcionou até fins de 1964, tendo-me como a principal professora. Sob alegação de que os outros cursos de idiomas do CEAO possuíam algum patrocínio dos respectivos governos ou embaixadas (os idiomas ali ministrados eram: o japonês, o hebraico, o árabe e o iorubá), o que não ocorria com relação ao idioma russo, o curso foi encerrado. Por outro lado, estávamos em plena ditadura militar, e a quantidade de alunos tinha diminuído de maneira assombrosa.

Com a anistia dos presos políticos que se deu no Brasil, na segunda metade dos anos 80, possibilitando inclusive o regresso de Luis Carlos Prestes ao Brasil, houve, novamente, a reabertura do curso de russo no CEAO, sob a iniciativa do Prof. Dr. George Gurgel, egresso da Universidade da Amizade dos Povos (Patrice Lumumba) de Moscou, onde se formara em Geologia. Fui novamente convidada a lecionar, mas, com o fim da União Soviética, acabou sendo dissolvido. Hoje o CEAO é um centro de cultura afro-brasileira, funcionando no Terreiro de Jesus.

O outro núcleo é o do ICBUB (Instituto Cultural Brasil-União Soviética da Bahia), situado na rua Horácio César, Afritos, no Edifício Studio I, sala 504, da propriedade do economista e ex-professor da Faculdade de Economia da UFBA, Dr. Aristeu Almeida. Ainda funciona hoje em dia, aos dias de sábados, sendo frequentado por antigos simpatizantes da antiga URSS, assim como por jovens que têm algum interesse pela língua russa, sendo os estudos conduzidos, principalmente, por um dos meus ex-alunos do CEAO, o Prof. Plínio Moura, professor e vice-diretor da Faculdade de Economia da UFBA.

O ICBUB vem usando, na qualidade de material didático, o *Russo sem mestre*, um conjunto de sete fascículos, providos de fitas cassete, criado no Rio de Janeiro, em 1963, tendo sido adotado em outras instituições similares do país (ao todo, já houve 14 unidades), fazendo parte de uma rede, denominada de UBRASUS (União Cultural Brasil-União Soviética), com sede na Rua das Marrecas, no Rio de Janeiro, onde os fascículos eram impressos. Este material é da autoria do Prof. Custódio Gomes Sobrinho, sendo que cada fascículo contém dez lições, com explicações da gramática em português, uma parte de *listening*, pronunciado por falantes nativos, finalizando sempre com uma música folclórica ou popular.

É interessante ler-se, no prefácio ao fascículo n. 1, os dizeres do enciclopedista e acadêmico russo, fundador da MGU (Universidade Estatal de Moscou), Mikhail Lomonósov, que em russo poderia falar, ao mesmo tempo, com Deus, com as damas, com os cavaleiros, com seu cavalo, com os amigos e os inimigos, pois o idioma russo possui a "majestade do espanhol, a vivacidade do francês, a força do alemão, a leveza do italiano e, além disso, a riqueza, a expressividade e a concisão do latim e do grego (MORAES, 1989, p. iv).

### 3 Um pouco de história da Rússia

A República Federativa Russa, parte integrante da ex-União Soviética, constitui um extenso país, que compreende uma parte europeia (situada a oeste dos montes Urais) e outra asiática (a leste dos montes Urais). Graças à expansão, através de expedições e guerras de conquista, que tiveram lugar ainda no reinado do czar Ivan, o Terrível, a partir do século XV, a Rússia chegou a alcançar a Mandchúria, na costa da China (Oceano Pacífico), ainda no século XIX.

A primeira 'Rus' – isto é, um arquiducado russo – surgiu em *Kiev* (hoje capital da ex-república soviética da Ucrânia). O termo 'Rus' era de origem escandinava, pois Kiev fora primeiramente governada por um representante dos "varegues" – um ramo dos "vikings" – de nome *Ryúrik* (do escandinavo *Hrórekr*) e pelos seus descendentes, os quais – diz a lenda – teriam sido convidados para dirigir "um país vasto e rico, mas sem ordem". A vinda dos escandinavos teve lugar pelo fato dos "varegues" estarem sempre navegando os rios que desciam desde a Escandinávia, em direção ao sul, com o intuito de chegar até Bizâncio, o rico centro econômico e cultural da época – conhecida naquela região por *tsargórod*, isto é, "cidade-rei". Bizâncio surgiu com a fundação da Roma do Oriente por Teodósio e passou a denominar-se, posteriormente, Constantinopla, sendo chamada de Istambul, a partir de meados do século XV, até os dias de hoje.

Os habitantes daquela região passaram, então, a ser chamados de "rússki" (termo de origem escandinava, em português: "russos"), por serem estes vikings "remadores". No século X foram todos cristianizados e batizados por ordem do arquiduque Vladimir de Kiev, após ter sido criada uma escrita para a língua falada na época, o "eslavo antigo". A criação do alfabeto próprio fora um empreendimento dos monges *Cirilo e Metódio* (daí, "alfabeto cirílico"), dois monges de origem eslava, radicados em Salôniki, Grécia. Tendo sido criado o alfabeto, foi possível verter o Evangelho para o eslavo antigo, também chamado hoje de "eslavo eclesiástico", tendo sido adotado o cristianismo grego como religião oficial. A partir do grande Cisma (ocorrido no século XII), o cristianismo grego passa a constituir a Igreja Cristã Ortodoxa.

Ao lado de Kiev, outros arquiducados foram surgindo, tais como Nóvgorod, Vladimir, Pskov, que viviam em continuas guerras internas, sendo unificados, graças à hegemonia do arquiducado de Moscou, que surgiu no século XIII, sob a liderança de Yúri Dolgorúkiy. A partir daí, fica fundado o primeiro "reino". O nome "Rússia" (em português, "Rússia") foi introduzido, posteriormente, por influência do idioma grego.

Os "russos", inicialmente eslavos do ramo oriental, passaram por muitas miscigenações com povos asiáticos, nômades, tais como os *mongóis*, e, principalmente, os *tártaros*, povo do grupo *turco*, que se estabeleceram na Rússia europeia, por vários séculos, dominando a população nativa e cobrando tributos.



A Rússia passou a formar uma verdadeira barreira que amortecia a invasão daqueles povos orientais, ansiosos em conquistar a Europa Ocidental. Isto lhe teria causado um atraso cultural incalculável. A Rússia ficou, praticamente, mergulhada numa Idade Média infundável, e por esta razão não teve Renascimento, só vindo a “ocidentalizar-se” no início do século XVIII, por iniciativa do seu czar Piótr Mikháýlovitch Románov, o segundo desta nova dinastia, e que foi, posteriormente, cognominado de “Pedro, o Grande”, graças à sua determinação e ação progressista.

Em cima de um território conquistado aos suecos, Pedro I funda São Petersburgo, também chamada de Petrogrado, com o intuito de “abrir uma janela para a Europa”. Até esta época, a Rússia não possuía um único porto, e o czar inovador trouxera a tecnologia da construção de navios, assim como os conhecimentos da navegação de dentro dos estaleiros da Holanda, onde trabalhara como simples operário. Foi também trazido um grande número de colonos alemães que se estabeleceram ao longo do vale do rio Volga, que lá permaneceram até a era soviética. Para tanto, Piótr Románov teve que enfrentar a oposição dos “boiardos”, nobres da corte, assim como da conservadora Igreja Cristã Ortodoxa, que se opunha a todas as inovações do czar progressista, organizando todo o tipo de complôs para tirá-lo do trono.

Sua seguidora, a “déspota esclarecida”, Catarina II, uma princesa austríaca, tomada czarina após a morte do seu esposo, o czar Pedro III, correspondia-se com Voltaire e outros filósofos franceses, passando a nova corte, modernizada, a adotar o idioma francês como a língua da comunicação entre os nobres. A Rússia, a partir daí, torna-se um vasto *império*, que se expandira em todas as direções, o czar passa a ser chamado de “Czar de todas as Rússias”, e o idioma oficial, para todas as regiões do país, passa a ser o “grão-russo” (isto é, o idioma russo de Moscou).

#### 4 Modernização da Rússia

O século XIX foi decisivo para a modernização da Rússia, principalmente no que se refere ao seu idioma, que foi revitalizado, graças ao trabalho do poeta romântico Alyeksandr Púchkin (1799-1836). Antes crivada de arcaísmos, retirados do “eslavo eclesiástico” – uma língua morta, utilizada pela Igreja Ortodoxa no seu culto religioso –, a língua russa, na qual já tinham sido introduzidos numerosos termos tomados de empréstimo ao latim e ao grego, passa a ser influenciada pelos modernos idiomas da Europa Ocidental, tais como o alemão, o francês, o neerlandês, o italiano, sem deixar de ter numerosos termos assimilados dos invasores *tártaros*, que falavam uma língua do grupo turco.

É a partir daquele século que surge uma literatura russa, de repercussão mundial, que obteve o reconhecimento dos países da Europa Ocidental e dos EUA, tendo como representantes escritores como Gógol, Turguênyev, Tchêkhov, Tolstói e Dostoyévsky, os quais passaram, inclusive, a influenciar literaturas de outros povos.



No entanto, o idioma russo só passa a ser estudado em maior escala com o surgimento da *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*, no final da I Guerra Mundial, ao se tornar "um baluarte" para os movimentos revolucionários "de esquerda", nos diversos continentes do globo terrestre. Com a criação, nos fins dos anos de 1950, em Moscou, da Universidade da Amizade dos Povos (a "Patrice Lumumba"), o idioma russo passou a ser estudado por estudantes-bolsistas, provenientes de inúmeros países do Terceiro Mundo (Ásia, África e América Latina), inclusive do Brasil.

Os países industrializados do Primeiro Mundo, por sua vez, passaram a manter nas suas faculdades de Letras (ou de Filologia) departamentos de "estudos eslavos", onde não apenas eram estudados os idiomas e a cultura dos povos eslavos da URSS (isto é, russos, ucranianos e bielorrussos), como os idiomas e culturas dos demais povos eslavos (ocidentais e meridionais) da Europa Oriental e Meridional, a saber, poloneses, tchecos e eslovacos; sérvios, croatas, eslovenos e bósnios (os antigos "iugoslavos"); búlgaros, macedônios e monte-negrinos, entre outros. Todas as grandes metrópoles européias, assim como as norte-americanas, passaram a possuir tais departamentos.

No Brasil, lecionou-se (e ainda se leciona) o idioma e a literatura russa na USP, na UNICAMP e na UFRJ. A Universidade Federal do Paraná possui uma cadeira para *idioma ucraniano* (hoje, idioma oficial da Ucrânia) em nível de pós-graduação, devido à grande concentração de ucranianos naquele estado brasileiro.

## 5 O idioma, em si

Aqui, faremos algumas considerações gerais sobre o idioma russo, desde o surgimento do alfabeto cirílico para registrar o "eslavo antigo" ou "eclesiástico" às modificações que sofreu o idioma russo até atingir a época atual. A saber:

1. *O alfabeto cirílico* – criado por Cirilo e Metódio, como foi mencionado acima – possui, atualmente, 33 caracteres, provenientes do grego clássico, na sua maioria, sendo alguns caracteres originários do latim – mas podem ter outra pronúncia –, um caractere do hebraico, assim como outros símbolos, criados pelos próprios monges para representar o rico sistema fonológico do "eslavo antigo" ou "eclesiástico", utilizado pelos povos eslavos orientais e alguns dos eslavos meridionais, que adotaram o cristianismo que, após o "grande Cisma" do século XIII, veio a constituir a Igreja Cristã Grego-Ortodoxa. Os povos eslavos ocidentais foram cristianizados por iniciativa do papa e, por conseguinte, não adotaram o alfabeto cirílico para uso eclesiástico, nem para o leigo. Hoje, são ortodoxos: os russos, ucranianos, os bielorrussos, os búlgaros, os sérvios e os macedônios, tendo o seu culto religioso celebrado no "eslavo antigo". Os povos eslavos ocidentais, e alguns meridionais, adotaram a religião cató-

lica. São os poloneses, tchecos, croatas, eslovenos e eslovacos, tendo passado a rezar a missa em latim. Desta forma, adotaram para a sua escrita o alfabeto latino, lançando mão de um número considerável de dígrafos e sinais diacríticos – para representar, graficamente, seus idiomas.

Alguns povos asiáticos (ex-integrantes da antiga União Soviética), de etnia turca e religião muçulmana, que são os kazaques, uzbeques, tadjiques, azerbaijanos, turcmenos, assim como os moldavianos da ex-república da Moldávia – que falam uma língua neolatina semelhante ao romeno – assim como os próprios mongóis, da república da Mongólia, também adotaram o alfabeto cirílico, fazendo suas adaptações (com a criação de novos signos) para fonemas que não existem no idioma russo.

2. O idioma russo, tendo evoluído do eslavo (ou “eslavônico”) antigo – sua língua mãe –, é uma língua indo-européia que sofreu modificações morfológicas, sintáticas e fonéticas (houve o desaparecimento das vogais nasais, por exemplo) – se comparado ao “eslavo antigo” vindo a adquirir a sua *grafia atual*, a partir da reforma ortográfica (simplificadora) do início do período soviético.
3. A Rússia, sendo um país que ora pende para o Oriente, ora para o Ocidente (daí o surgimento no século XIX de duas facções ideológicas contrárias: os “eslavófilos” e os “ocidentalistas”), não pôde ficar isenta do processo de assimilação (empréstimo) dos *radicais gregos e latinos*, no seu léxico, como aconteceu com todas as línguas da Europa Ocidental.
4. Como todo aristocrata russo, desde a primeira metade do século XIX, que se prezasse falava o francês (Tolstói, em sua obra magistral *Guerra e paz*, possui verdadeiras páginas, escritas em francês, para retratar a língua falada pelos militares franceses, assim como nobres russos da era napoleônica), foram introduzidos lexemas de origem francesa, isto é, “calcados” no francês, muitas vezes adaptados para a fonética do idioma russo.
5. Os termos, provenientes do idioma alemão, surgiram no idioma russo devido à própria situação fronteiriça entre os dois mundos: o mundo eslavo e o mundo germânico. Além disto, havia muitos colonos, de origem alemã, espalhados por todo o território da Rússia czarista. Desta forma, todo indivíduo, adepto da cultura e civilização ocidental, representada pela Alemanha, deveria ter noções, ou mesmo ler, entender, até mesmo falar um pouco o idioma alemão. Isto também é pertinente aos povos eslavos ocidentais, principalmente os que estiveram sob o domínio do império austro-húngaro (tchecos, eslovacos, eslovenos), onde o alemão era língua oficial.
6. Em menor escala, em domínios específicos: na *música*, por exemplo, foram adotados termos originários do *italiano*, enquanto termos do neerlandês (antigo “holandês”) foram apropriados para a navegação e, por extensão, também para a aviação.

7. Os termos, provenientes de *radicais indo-europeus*, propriamente ditos, já estavam presentes e inerentes ao “eslavo antigo”, uma língua indo-européia ou indo-germânica, antes do advento dos empréstimos, propriamente ditos, gregos e latinos.
8. A assimilação de termos originários do idioma *tártaro*, língua do grupo turco, se deve graças ao jugo mongol-tártaro, que se iniciou no século XIII, tendo os invasores tártaros sido absorvidos pela população russa, por volta do século XVII.
9. Os termos que dizem respeito a outras culturas, designando coisas, títulos ou itens inexistentes na Rússia – aí estarão incluídos alguns neologismos originários da mídia internacional –, tais como alguns anglicismos e americanismos, que se devem à adesão da Rússia à “economia de mercado” e ao esfacelamento do mundo socialista soviético, e conseqüente “americanização”.

## 6 Exemplificação de um pequeno número de empréstimos (transcritos em alfabeto latino):

### 6.1 Radicais gregos (português/ russo):

- Anarquia = anárhiya;
- Anatomia = anatómiya;
- Axioma = aksióma;
- Azoto (nitrogênio) = azót;
- Azul = ciniy (grego: ciano-);
- Cedro = kyedr (grego “kédros”);
- Cinco = pyáti (grego: penta);
- Cipreste = kyparis (grego: “kyparíssos”);
- Demagogia = dyemagóguika;
- Dez = dyéssati (grego = deca);
- Escola = chkála (lat. schola, do grego schole);
- Física = física;
- Fisiologia = fizialóguíya;
- Fonética = fanyética;
- Fonologia = fanalóguíya;
- Hierarquia = iyerárhiya;
- História = istóriya;
- Isopreno = izopryén;
- Oceano = okyeán (grego: “okeanos”);



Ótica = óptica (rus.);  
 Pedagogia = pyedagóguika;  
 Pentágono = pentagón;  
 Sábado = Subbóta (grego "sábaton", do hebraico "sabbath").

## 6.2 Radicais latinos ou mistos (português/russo/latim):

Adaptação = adaptátsiya (lat. adaptatio);  
 Agronomia = agranômiya (lat./grego);  
 Aceleração = aktselerátsiya ( lat. acceleratio);  
 Acelerador = aktselyerátor / aksyelyerátor (lat. accelerator);  
 Acento = aktsent (do lat. accentus);  
 Aquário = akvárium (lat. aquarium);  
 Cômodo = kómnata (rus.; comp. c/ lat. "caminata");  
 Csar (tzar) = do lat. caesar;  
 Defeito = defyékt (lat. defectus);  
 Determinismo = dyetyerminízm (do lat. determinare);  
 Estudante (universitário) = Studyént  
 Figo = figa (fruto; também árvore decorativa: lat. "figus");  
 Imitação = imitátsiya;  
 Imitar = imitirovati;  
 Látex = Lyáteks;  
 Lapso = lyápsus (latim "lapsus");  
 Magistrado = maguistrát;  
 Major = mayór;  
 Março = mart;  
 Mausoléu = mazolyéy (lat. mausoleum);  
 Mouro = mavr (do lat. maurus)  
 Oitava = oktáva;  
 Olho = oko (arc.; comp. c/ latim "ocularis");  
 Optante = optant;  
 Otimismo = optimízm;  
 Quota = kvóta;  
 Quórum = kvórum;  
 Violeta (flor) = fiálka (lat. "viola", via polonês e alemão);

### 6.3 Radicais indo-europeus, incorporados ao russo, na pré-história (russo/ port.):

- Bába = avô, por extensão "mulher" (coloquial);  
Brat = irmão (compare c/ "Bruder", lat. "frater", "fratello");  
Dótch = filha (compare c/ "daughter", "Tochter");  
Kácheih = tosse (antigo hindí "kásas");  
Kanaplyá = cânhamo, um tipo de "canabis" (lat. "canapis");  
Korm = ração para animais; ( lat. cremor = suco grosso);  
Kramóla = crime; transgressão; rebelião (coloquial); (lat. carmula);  
Kumir = ídolo (do semita "kumra");  
Máti (gen. mátyeri) = mãe (latim "mater")  
Ogónh = fogo (comp. lat. ignis);  
Piti = beber;  
Rabóta = trabalho (comp. c/ "Arbeit");  
Stó = cem;  
Sýn = filho; (comp. c/ "son", "Sohn")  
Tri = três (comp. c/ três, trois, three);

### 6.4 Termos de origem francesa (francês/ russo/ port.)

- Abajour = abajúr  
Action = aktisya = ação (dividendos); actionnaire = actsionýer  
Akuchérka (rus.) = parceira, enfermeira obstetra (do fran. "coucher");  
Algèbre (do ár. Aldzabr) = álgebra  
Artillerie = artilyériya (artilharia);  
Bagage = bagáj (= bagagem);  
Baton = batón (vara comprida de pão);  
Bordeau = bordó (vinho e, também, a cor vermelho-escuro);  
Bouquet = bukyét (= buquê);  
Bureau = Byuró (do latim "burra" = pano grosso, lã);  
Couperose = Cuporós (solução de sais de cobre e enxofre; do lat. cupri rosa = rosa de cobre);  
Crème = kryêm (do grego e latim "chrisma");  
Cuchetka = "couchette" (leito de hospital);  
Défibreur = defibrèr (= desfibrador);  
Divan = diván (do persa "diván" = leito elevado, coberto de tapete);  
Eau-de-cologne = odekolón (água de colônia);

Enquête = ankyéta (= anquete; ficha, formulário);  
 Genre = jánr (= gênero)  
 Giraffe (do árabe) = giráf ou giráfa; gelée = gelé (geléia);  
 Hangar = angár;  
 Horizont = garizónt (horizonte);  
 Isoler = izolirovati (isolar);  
 Jalousie = jalyuzi (espécie de veneziana);  
 Luxe = lyúks (= luxo), do latim "luxus";  
 Marmelade = marmyelát (doce, marmelada);  
 Occupation = okupátsiya (lat. "occupatio");  
 Sabotage = sabotáj (= sabotagem);  
 Toilette = tualyet;  
 Vagon = vagón (via inglês "wagon", por sua vez, do al. "Wagen", carro; carruagem);

#### 6.5 Termos de origem alemã (russo/ alemão/ português):

Abituriyént = Abiturient (do lat. Abiturientis) = o que sai, estudante que termina o ensino médio;  
 Avtóbús [aftobus] = do al. "Autobus", por sua vez, do fran. "autobus"; de "auto" de "automobile" + o radical "bus", retirado do lat. "omnibus" = dat. pl. de "omnis, e" = para todos (= ônibus);  
 Aguyent = do al. Agent (via fran. do lat. agens, agentis);  
 Abzáts = Absatz (parágrafo, trecho);  
 Betón = Beton, por sua vez do francês "beton" (do lat. "bitumen") = concreto (constr.)  
 Butyerbrót = de "Butterbrot" (sanduíche);  
 Yéger = do alemão "Jäger" (caçador, um tipo de soldado);  
 Kartófyel (diminutivo: "kartóchka") = Kartoffel (batata);  
 Kashtán = Kastanie (via polonês; lat. "castanea"; grego "kastanon");  
 Kyéllhnyer = Kellner (garçom de bar);  
 Kyégli = de "Kegel" (boliche);  
 Konditor = do al. "Konditor/ Konditer" (lat. "conditor", de "condire" = cozinhar, condimentar, temperar) = padeiro de bolos e doces finos;  
 Konditorskaya = Konditorei; (= confeitaria de pães, doces e bolos);



Kontóra = escritório; do al. "Kontor", do francês "comptoir" (lat. "computare");  
 Korólh = rei; do al. "Karl" (> Carlos Magno);  
 Krahmál = amido; do al. "Kraftsmehl" (farinha forte)  
 Kúhnya = do alemão "Kueche", via polonês (raiz latina = cozinha)  
 Kútchyer = Kutscher (cocheiro);  
 Kwartira = Kwartier (via pol. Lat. quartarius) = apartamento;  
 Mashtáb = do alemão "Masstab" (= tamarbo, escala);  
 Plakát = Plakat (placard);  
 Sburúp = parafuso (al. "Schraube");  
 Vákxa = de "Wachse" (cera, graxa de sapato);  
 Váza = do al. "Wase", por sua vez do lat. Vasum;

6.6 Termos provenientes do italiano (russo/italiano):

Allegro, andante, andantino (obs.: como no italiano);  
 Bastováti = deixar de jogar; fazer greve (do it. "basta");  
 Canálya = do it. "canaglia" (canalha; gente miúda);  
 Pianino = piano (do it. piano-forte);  
 Carta = mapa (do it. "carta", via polonês; latim "charta");  
 Cazárma = quartel militar (do it. "casa di arma");  
 Compozítör = compositor (it. "compositore", via polonês);  
 Consyervatóriya = conservatório (it. conservatorio);  
 Salát = salada (via franc. "salade")  
 Salón (rus.) = salão, do it. "salone" (via fran. "salon");  
 Salfyétka (rus.) = guardanapo (do it. "salvietta");  
 Sardyékhka (rus.) = tipo de salsicha (do it. "sardella");

6.7. Termos provenientes do neerlandês (termos de navegação); russo/neerlandês/português:

Antchár = antjar (do malaio: nome de árvore);  
 Fréylina = dama de companhia da czarina (comp. c/ al. "Fräulein");  
 Lótsiya = loodsen (neerl.), estudo dos mares, rios, para poder navegar.  
 Lótsman = loodsmann (neerl.), navegador, piloto.  
 Matrós = marinheiro (neerl. "matroos"; francês "matelot"; antigo neerlandês = "matten-roof" = companheiro de leito);  
 Ryéys = vôo; roteiro de navegação (comp. al. "Reise");

### 6.8 Anglicismo e americanismos (inglês/ russo/ port.):

- Boycott = boykót (boicote);  
 Business = bízness (= negócios);  
 Businessman = biznisnyén;  
 Football = futból (= futebol); daí: "futbolist" = jogador de futebol;  
 Gentleman = djentlmyén;  
 Iceberg = aysberg (inglês + sueco); lord = lord;  
 Lovelace (personagem de romance de Richardson) = Lovyelás (Don Juan);  
 Match = máitch (jogo, partida);  
 Opossum = opóssum (o animal preguiça);  
 Sandwich = sênduitch (rus./ neologismo);  
 Sport = sport;  
 sportsman = spartsnyén (= esportista);  
 Kyeks = de "cake"; (= bolo inglês; biscoito doce);

### 6.9 Termos originários de radicais do grupo turco (através dos tártaros):

- Arbúz = melancia (tártaro "karbuz"; persa "harbuz" (pepino de jumento);  
 Arkán = tipo de corda grossa;  
 Artyélh = tropa de retaguarda (tártaro e bashkir: "artil");  
 Aúl = aldeia;  
 Bachká = cabeça;  
 Bachmák = tipo de sapato fechado;  
 Bardák = bordel, desordem;  
 Bazár = bazar, feira livre;  
 Bassurmán = corruptela de "muçalmán" (= muçalmão);  
 Byechmyét = roupa de algodão;  
 Kaftán = um tipo de roupa (casaco comprido);  
 Kazák = cossaco (homem livre);  
 Kayúk = fim, morte;  
 Karandách = lápis (do turco "kára" = preto; "dach" = pedra); francês (empréstimo) = Caran d'ache;  
 Kinjál = adaga; punhal (originário do árabe);  
 Kirpítch = tijolo;  
 Kizyák = esterco de cavalo, comprimido, usado como combustível;

Assim, o falante do português, em pouco tempo, dar-se-ia conta de que, nas palavras cognatas, o sufixo russo – *á(tsiya)* corresponde, de fato, ao sufixo português – *ação*, ambos sendo de origem latina; que o sufixo – *ivnyy*, em russo seria equivalente a – *ivo*, do português, enquanto – *ítcheskiy* seria equivalente a – *ico*, no português, e assim por diante. As funções sintáticas, expressas pelos casos das diversas declinações existentes nos nomes (substantivos e adjetivos), pronomes e formas nominais do verbo, em russo, serão assimiladas como sendo uma espécie de desinências ou sufixos. Da mesma forma o estudante entrará em contato com o aspecto verbal (“perfectivo” e “imperfectivo”) – estes aspectos, em português, foram absorvidos como tempos verbais, a partir do mesmo infinitivo.

O estudante também haverá de receber algumas noções sobre as demais classes gramaticais: numerais, advérbios, preposições, conjunções, para poder ter a compreensão mínima, necessária, de um texto em idioma russo.

### 8 Conclusão

A quantidade de termos originários de línguas estrangeiras em russo é tão grande que existem verdadeiros *Dicionários de termos estrangeiros na língua russa*, com cerca de 40 mil verbetes.

Desta forma, fica sendo de grande utilidade, para o aprendizado do russo – como língua “instrumental” – por parte do falante nativo do português, a existência de grande número de palavras *cognatas* em ambos os idiomas (o russo e o português). Estes cognatos, na maioria das vezes, se originam, como foi visto acima, de radicais gregos e latinos que também estão presentes em todas as línguas “indo-européias” ou “indo-germânicas”.

### Referências

- BELOV-MOREIRA, Olga (2004). *Problemas de traduzibilidade em Jorge Amado* (Quincas Berro D'Água, na versão inglesa e russa). Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- GOMES SOBRINHO, Custódio (1989). *Russo sem mestre*. Rio de Janeiro: UBRASU, v. 1.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL (1999). São Paulo: Nova Cultural.
- LYÓHIN, I. V.; PETROV, F. L. (1949). *Dicionário de termos estrangeiros, na língua russa*. Moscou: Editora Estatal de Livros Estrangeiros.
- OJÉGOV, S. I. (1960). *Dicionário da língua russa*. Moscou: Editora Estatal de Dicionários Nacionais e Estrangeiros.
- PUCHAKARTÓV, S. G. (1951). *História da Rússia*. New York: Chekhov Foundation, Rausen Bros.: (em russo).
- ROMERAL, Pedro (1946). *Literatura russa*. Buenos Aires: Atlántida.
- SHANSKIY, N. M., IVANOV V. V., SHANSKAYA, T. V. (1971). *Pequeno dicionário etimológico da língua russa*. Moscou: Prosvyechyeniye.



# Língua falada e língua escrita: diferentes ontem e hoje

Rute Paranhos Silva Mendes

Universidade do Estado da Bahia

**RESUMO** Neste trabalho, pretende-se abordar sobre diferença entre língua oral e língua escrita, recorrendo-se a documentos remanescentes do período arcaico e a construções linguísticas, extraídas do cotidiano, que possibilitam discussões sobre o assunto.

**RÉSUMÉ** Il s'agit d'un travail qui aborde la différence entre la langue orale et la langue écrite à partir des dossiers de période archaïque et des constructions linguistiques, extraites du quotidien, à partir desquelles il est possible d'entamer des discussions.

## 1 Introdução

Costuma-se dizer que *o que é mal começado, é mal terminado*. O bom começo garantiria, então, um final feliz? Em se tratando de língua, não se pode estabelecer limites para o seu início e término, mas apenas reconhecer, como Mattos e Silva, que *as línguas não morrem, mudam com o tempo. Não são destruídas nem construídas*. A depender da visão preconceituosa ou não que se tenha da língua portuguesa das origens à contemporaneidade, poder-se-á afirmar se ela *vai bem, obrigada ou vai mal, coitada* ou simplesmente *vai seguindo o seu rumo* (BAGNO, 2002, p.70).

Muitas têm sido as discussões sobre a *descaracterização da língua portuguesa* falada e escrita. Há, inicialmente, quem pense em legislar a *promoção, proteção, defesa e uso* desse patrimônio nacional. São freqüentes os conflitos entre defensores da pureza do idioma e os que vêm construindo um saber científico sobre as línguas humanas. Enquanto a gramática dita as regras, o linguista escuta e constata a variação existente hoje no português do Brasil. Língua falada e língua escrita diferentes ontem e hoje é o foco da abordagem no presente trabalho.

Inicialmente propõe-se um *olhar para trás*. Trata-se do ontem, uma viagem rápida no tempo, refletindo nas possíveis hipóteses quanto às já notórias variações de escrita e fala em documentação remanescente do período arcaico.

No segundo momento, o hoje, um *olhar para os lados*. Escutar, ler e constatar o português brasileiro. Verificar no início de um novo milênio a impossibilidade de regulamentar a língua humana em meio a xenófobos e globalizados.

O terceiro e último momento sinaliza um *olhar para a frente*, a partir das reflexões feitas ao longo do trabalho que não se pretende exaustivo em relação ao tema, mas tem como principal meta sustentar discussões em torno do assunto.

## 2 Um olhar para trás

Embora se pretenda focar a produção textual não-literária, propõe-se, neste instante, um desvio de olhar para *Miguilim*, personagem de uma novela de Guimarães Rosa intitulada *Campo Geral*.

Gostaria de começar a explorar nosso tema contando uma história...

Vivia, lá no longe do sertão mineiro, um menino meio calado, muito triste, que buscava entender as coisas que não entendia: da sua cidade Mutum, da sua casa, da ausência – do pai e do irmão querido, o Dito. Chamava-se Miguilim, e arrastava na mesmice da tristeza seus oito anos. Até que um dia vêm vindo na estrada dois homens a cavalo. Um, todo de branco, pergunta o nome do menino.

– Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

– E o Dito é o dono destas terras?

– Não. O Dito está em glória – Miguilim respondeu, os olhos apertados.

O doutor quis falar com o pessoal da casa. Havia gente lá? Havia sim: a mãe, o tio Terez... Já na sala, saboreando o café, o estranho torna a reparar em Miguilim.

– Esse rapaz tem a vista curta – O doutor coloca seus óculos no rosto do menino.

Miguilim nem podia acreditar! Pela primeira vez via as coisas direitinho! 'Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas'. E ele corre, e olha tudo, e fala sem parar, e olha de novo, agora descoberto o mundo... (grifo nosso)

Por mais que se apertem os olhos, a vista continua curta e não dá para ver direitinho o que ocorreu no passado no que diz respeito à língua portuguesa falada e escrita. Mesmo usando óculos hipotéticos, não é possível reparar as caras das pessoas (escrivas, notários) para lá descobrir traços regionais, circunstâncias, profissão... Reconhecendo as limitações humanas quanto ao recuo no tempo, pode-se amenizar a miopia quanto ao conhecimento do português falado antigo contando somente com parte do mundo da escrita primitiva até aqui descoberto.

### 2.1 Olhando os editores medievais

Conforme Ivo Castro (1991, p. 179), *dos copistas sempre se ignorará o nome, mas talvez se possa formular uma hipótese sobre a sua profissão e local de trabalho*.

Clarinda Maia (apud CASTRO, 1991, p. 175) reforça que para a reconstituição dos estados pretéritos da língua são fatores decisivos a educação e o grau de cultura do notário ou do escriba, além da época em que o documento foi escrito.

O percurso da mão do escriba era condicionado pelo seu gosto, suas tendências, hábitos gráficos, *tática, estratégia*, o que não implica infidelidade



ou alteração de conteúdo. Anônimos escribas oscilavam entre o português e o latim. Ao se pretender um documento em português, tanto poderia adotar formas mais cultas e conservadoras como formas mais próximas da oralidade, logo mais inovadoras (Idem).

Olhando os copistas como *humanos*, embora anônimos, pode-se perceber em *erros* como marcas do sujeito que tem história ímpar e merece que nele respeitem a liberdade de expressão e o estilo.

## 2.2 Olhando os documentos ficcionalmente

Para Mattos e Silva (1994, p. 133), a documentação do passado é essencial para se entrever o caminhar da língua nos séculos subsequentes.

A escrita medieval era próxima da fala, não necessariamente transcrição fonética. Pela variedade gráfica, verifica-se que não havia sistematização. Os rascunhos eram diferentes dos definitivos.

Ana Maria Martins (2001, p. 30) declara que um registro tardo-latino dominou a produção notarial durante um longo período que era de oralidade romance. Documentos como cartas de venda ou as procurações acolhiam frases cristalizadas. O discurso documental era conservador, constituído à base de fórmulas jurídico-literárias que se repetiam para cada tipo de documento, garantindo concisão e clareza ao ato jurídico.

Documentos eram escritos em latim para perdurar no tempo e assumir caráter oficial, mas na *Notícia de Torto* (1214-1216), o escriba oscilava entre o português e o latim.

Segundo Ivo Castro (1991, p. 178), “o patrimônio textual da Idade Média portuguesa é constituído, quase na totalidade, por cópias”.

Para Machado Filho et al. (1998, p. 66), ao inventariarem as diferenças entre os manuscritos conhecidos do *Testamento de Afonso II* (1214) – primeiro documento real datado, escrito em português –, encaixam-nas no âmbito da grafia, pontuação, do léxico e da morfossintaxe. Tais diferenças não serão aqui discutidas, querendo-se apenas ressaltar o polimorfismo gráfico, condicionado à capacidade de registro e entendimento de cada escriba.

Na hipótese de terem sido as cópias resultantes de um ditado, como creê padre Avelino da Costa (apud MACHADO FILHO et al., 1998, p. 74), pode-se constatar, na escrita, registro diferenciado a partir de um mesmo som ou heterografias homofônicas (HOUAISS, idem) sem prejuízo ao conteúdo testamentário.

Se tão somente copiaram, aspectos individuais não deixaram de interferir no momento do registro. Sendo o documento considerado oficial no crivo paleográfico, duas *normas* ou *subnormas* teriam sido praticadas? Caso fossem duas cópias *portuguesas* de um mesmo original latino, já teríamos então a variação do português falado cujo flagrante é a escrita, uma vez que *o som já se apagou*, como bem

escreveu Ivo Castro? A variação interna em cada manuscrito poderia ser evidência de *bilingüismo de uma só língua* por mais paradoxal que pareça? A pontuação também variada se justificaria apenas pela ausência de normatização gramatical? E se a forma reguladora estivesse desde outrora pautada na democracia, liberdade de expressão do copista, isso seria utópico?

Não basta apenas um olhar; vários olhares já se cruzaram na tentativa de *entender as coisas não entendidas*, descobrir respostas para as questões que surgem ao longo da história da língua, através da *arte de fazer o melhor uso de manus dados* (Labov, apud Rosa Virginia, apud CASTRO, 1991, p. 174).

### 2.3 Olhando o padrão

Por toda a Idade Média europeia é o latim, diz Castro, a língua para os raros escolarizados. O latim vulgar (MATTOSO, 1979, p. 21) diferencia-se do clássico. "A norma clássica atuava no latim vulgar que lhe matizava o uso, conforme situações de comunicação e os meios sociais."

Serafim da Silva Neto (apud MATTOSO, 1979, p. 29)

observa, com justeza, que a juntada de dialetos diversos num mesmo centro ultramarino deve ter propiciado um compromisso lingüístico entre eles como uma nova modalidade dialetal. A língua padrão tinha também de sofrer certa modificação em consequência.

Leite de Vasconcelos (apud CASTRO, 1991, p. 250) diz "a partir dos séculos XV – XVI, a língua latina apresenta algumas características que estão em desacordo com a linguagem do centro do país (Beira) e do Sul". Afirma Ivo Castro:

Para se conhecer a língua falada em território português a partir de 1536, é preciso recorrer ao testemunho direto de observadores especializados: gramáticos, lexicógrafos, ortógrafos e os pedagogos. Este tipo de fonte vem juntar-se às já constituídas pelos documentos literários e não-literários, e pelos dialetos arcaizantes do português de modo que passa a ser mais fácil saber como se falava e como se devia escrever em Portugal do século XVI em diante (CASTRO, 1991, p. 251).

Em Portugal, Fernão de Oliveira e João de Barros acolheram as reflexões do espanhol Antonio de Nebrija.

Não era já a língua que tirava proveito do império: seria antes ele a beneficiar em unidade, se fosse seguida uma política de transmissão sistemática de um português puro aos povos contactados no Ultramar (CASTRO, 1991, p. 250).

Na primeira reflexão lingüística sobre o léxico português – *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), Fernão de Oliveira já reconhecia que

poucas são as coisas que duram por todas ou muitas idades em um estado, quanto mais as falas que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juízos e tratos dos homens.

Considerou "nossas as palavras que nasceram antes de nós ou são já tão antigas que não sabemos se vieram de fora". Afirmou, ainda, que "não há coisa tão áspera que o uso não abrande".

Ao que parece, tais descrições já prepararam para um olhar destituído de *miopia* quanto ao momento lingüístico seguinte.

### 3 Um olhar para os lados

Imersos no preconceito, miopes no conhecimento sobre a matéria, ignorando a variação inerente às línguas, puristas anunciam, proclamam que a língua portuguesa está "descaracterizada e seriamente ameaçada, pondo em risco todo o nosso patrimônio cultural!" (FARACO, 2002, p. 9).

Tal é dito e escrito em forma de apelos patrioteiros contra os estrangeirismos quando esquecem ou desconhecem que

as línguas humanas estão em constante movimento, por variação e mudança dentro da comunidade lingüística, de uma geração para outra, sendo o contato entre os dialetos e línguas uma força motriz comum e de grande relevância nesse processo (GARCEZ; ZILLES, 2002, p. 28-29).

#### 3.1 Olhando os estrangeirismos

Não é simples dizer hoje o que é português puro. Decorrentes do contato lingüístico, os empréstimos recentes se tornam mais notáveis por "não terem ainda completado o processo de incorporação à língua pela padronização escrita" (idem, p. 19). Não se protesta atualmente quanto ao uso de palavras como *álcool*, *alqueire*, *alface*, termos árabes, frutos da dominação da Península Ibérica.

Para Bagno (2002, p. 67), "a língua enquanto permanece viva, isto é, falada realiza um sutil equilíbrio entre ganhos e perdas" e o dramaturgo Ariano Suassuna opina que "as palavras estrangeiras devem ser adaptadas à forma e ao espírito do idioma que as acolheu" (SUASSUNA, apud SCHMITZ, 2002, p. 96). A língua portuguesa é acolhedora de palavras novas que a enriquecem. Muitos termos desaparecem quando os objetos correspondentes deixam de existir, por exemplo, *rouge* (francês).

Possenti (2002, p. 170) ressalta que "a história das línguas é em grande parte uma história de empréstimos". Não enxergar isso é assumir *cegueira* quanto à nossa história lingüística. Trazer nova palavra à terra natal é pôr em perigo o reino?



### 3.2 Olhando, escutando e lendo o português brasileiro atual

É possível verificar que o português moderno difere do português clássico. Um bom falante é *poliglota* em sua própria língua, mas com frequência condenam o português popular, regional e informal. Tentam implantar uma política de uniformização. Para tanto, é preciso voltar ao latim, visto que o português, provindo do latim vulgar (diferente em muito do culto), se constituiu assim *erro* em sua inteireza, feito um julgamento preconceituoso.

À direita e à esquerda, brasileiros há que têm vergonha de não saber falar português *direito*. Com frequência comentam sobre *erros* dos vestibulandos apresentados nas redações, sem esquecer as famosas *Pérolas do ENEM*. Travam-se guerras discursivas em torno da língua. As gramáticas não dão conta da complexa realidade linguística de um país onde a língua portuguesa se implantou por meio de uma política autoritária e, como diz Bagno (2002, p. 55), “o espírito do colonizador ainda governa nossa vida educacional e cultural”.

Segundo Carlos Alberto Faraco (2002, p. 37), “há reverência quase religiosa ao texto das gramáticas e normalmente acredita-se que os velhos compêndios gramaticais contêm tudo o que há para se dizer sobre uma língua”.

Com a linguagem demarca-se, o tempo todo, quem está dentro ou fora do círculo de prestígio social. Editoras investem em manuais de redação e *erros e acertos* do português; locutores treinam o mesmo padrão de fala e crianças usam de maneira natural o padrão das novelas e programas da Rede Globo. Impera o *padrão global*. Enquanto isso novelas brasileiras invadem Portugal tornando mais íntimas as nossas diferenças. Para Castro (1991, p. 7), diferenças na pronúncia, gramática, léxico, pragmática e até na ortografia ou opiniões a respeito dela nos distinguem, mas não nos separam. Eis exemplos colhidos no cotidiano.

- Hoje se pode notar em muitos brasileiros a tendência para a queda da nasal:
  - “Você me *coeee*?” (conhece)
- Também apócope e síncope fazem parte da realidade linguística brasileira independente, em alguns casos, do grau de escolaridade:
  - “Ele tomou um *preju*”. (prejuízo)
  - “Passagem *pa* o trem das oito”. (para)
- Mais de um vocábulo morfológico transformando-se em um vocábulo fonológico, além da concordância:
  - “Vive na casa *dozonto*”. (dos outros)
  - “*Peraí*”. (Espere aí)
- A concordância ocorrendo em função do termo mais próximo:
  - “Toda esta modernidade faz com que o comportamento dos pais *mu-dem*”. (mude)

- Variação na ordem dos termos:  
"Uma cidadezinha, eu gostei de lá". (Eu gostei de uma cidadezinha.)
- Uso lexical:  
"Professora, não **olhe** (corrija) a minha redação, **via** (ouviu)?"

Pode ser também o exemplo acima fruto da influência da oralidade na escrita.

- Objeto subentendido:  
"- Você gosta de fazer farinha?  
- Eu já *fiz muito*." (Eu já fiz muita farinha)

Diz Luiz Carlos Cagliari (1989, p. 82) que "a escola incorpora comportamento preconceituoso e rotula os alunos. Não admite o diferente e prefere adotar só as noções de certo e errado, numa falsa visão da realidade".

#### 4 Um olhar para a frente

É possível prever o rumo das mudanças? Não se pode fazer futurologia em termos de *língua*, mas é fundamental que se mude nas escolas a finalidade desse aprendizado.

Nossa história colonial não foi de unidade lingüística, daí serem provavelmente vãs as tentativas de uniformização, mormente quando se quer *domesticar* brasileiros por mera *pirotecnia* legislativa. Se se pretende mesmo a *ordem* e o progresso, é preciso que se dê ao povo brasileiro o direito aos recursos expressivos historicamente constituídos na língua portuguesa.

Formular uma nova política lingüística para o Brasil, redefinir, em bases realistas, o padrão a ser ensinado nas escolas são necessidades urgentes. Se não é possível, ainda, erradicar, que pelo menos se reduza o índice de discriminação e preconceito lingüísticos.

#### 5 Conclusão

Reolhando o passado, pode-se compreender que, desde o princípio da história escrita da língua portuguesa, registra-se com base no texto falado.

Mattos e Silva (1991, p.13-14) afirma que "o texto escrito no período arcaico se aproxima, em geral, mais da fala do que os textos escritos posteriores à normatização gramatical". Reforça, ainda, que

a documentação remanescente do período arcaico é importante subsídio para o conhecimento da língua em uso então, apesar das restrições necessariamente impostas na transformação do oral para o escrito.

A escrita não é uma transcrição fonética. As duas modalidades: o português falado e o português escrito não têm exatamente as mesmas formas nem os mesmos recursos expressivos, mas se confundem ainda no presente. É como se existisse uma *neblina* ao longo do ontem e do hoje, que impede a visão nítida dos limites entre um e outro, se é que existem. Pela escrita arcaica se buscou e busca-se, mesmo na contemporaneidade, resgatar a fala antiga. Quando os especialistas se detêm na questão, acham-na complexa.

Lingua falada e lingua escrita: diferentes antes da normatização gramatical; diferentes depois da sistematização da escrita, diferentes no presente, mesmo que se inter-relacionem. E no futuro? O amanhã é um mistério. Não se sabe se algum dia a escrita será menos conservadora, mais flexível.

Há quem garanta que *fala* como *escreve*, mas vez por outra, por mais que pareça policiar-se, emprega palavras que certamente não escreveria: *tá, ton...*

Assim, crê-se no *começo diferente e na seqüência igual ao começo*. Se *daqui pra frente* elas vão continuar diferentes... não se sabe. Importa que a prática de ambas se mantenha, oferecendo dados para continuos estudos linguísticos, garantindo a liberdade de expressão humana.

Oralidade e escrita: ontem diferentes, hoje igual a ontem.

(Ontem ≠ Hoje = Ontem)

### Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos (2002). Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, CA. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (1989). *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione.
- CASTRO, Ivo et alii (1991). *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, v. I.
- FARACO, Carlos Alberto (Org.) (2002). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola.
- GARCEZ, PM.; ZILLES, AMS (2002). *Estrangeirismos: desejos e ameaças*. In: FARACO, CA. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola.
- MACHADO FILHO (1998). Américo Venâncio et alii. Inventário de diferenças entre os manuscritos conhecidos do testamento de Afonso II, de 1214. *Hyperion*, 5: 65-84.
- MARTINS, Ana Maria (2001). Emergência e generalização do português escrito: de Afonso Henriques a D. Diniz. In: *Caminhos do Português*, Biblioteca Nacional de Lisboa
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (1991). *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (1994). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MATTOSO, Câmara Júnior (1979). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- SCHMITZ, John Robert (2002). O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C.A. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola.



# A denominação dos índios canadenses na língua francesa do Quebeque, em uma perspectiva histórica e comparativa

Celina Scheinowitz

Humberto Luiz L. de Oliveira

Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

Construído em uma perspectiva histórica, o trabalho se insere no campo da lexicologia contrastiva. Seu ponto de partida é a constatação de que nas Américas, até meados do século XVIII, apenas a Nouvelle France não adotara em seu sistema linguístico o vocábulo "índio" ("Indien") para designar o autóctone. Nos demais espaços americanos, as línguas espanhola, portuguesa e inglesa conservaram a marca do equívoco histórico inicial, ligado ao fato de que os primeiros navegadores europeus que aportaram à América, no final do século XV, julgavam estar chegando às Índias pela rota ocidental, havendo em consequência sido feita transferência do nome dessa região para os habitantes autóctones do Novo Mundo. O objetivo do trabalho é fazer um levantamento descritivo desse léxico, em especial no francês e no português, em diferentes estados de sincronia, bem como pôr em destaque os fundamentos históricos e ideológicos que embasam essas descrições.

RÉSUMÉ:

Construit dans une perspective historique, ce travail s'inscrit dans le domaine de la lexicologie contrastive. Son point de départ est la constatation qu'en Amérique, jusqu'au milieu du XVIII<sup>e</sup> siècle, il n'y a que la Nouvelle-France qui n'a pas adopté dans son système linguistique le vocable "Indien" pour désigner l'autochtone. Dans les autres espaces américains, les langues espagnole, portugaise et anglaise ont gardé la marque de l'équivoque historique initial, lié au fait que les premiers navigateurs européens arrivés en Amérique, à la fin du XV<sup>e</sup> siècle, croyaient arriver aux Indes par la route occidentale, d'où le transfert du nom de cette région pour les habitants autochtones du Nouveau Monde. L'objectif de ce travail est de faire un relevé descriptif de ce lexique, notamment en français et en portugais, en différents moments de la synchronie, ainsi que de mettre en relief les fondements historiques et idéologiques qui fondent ces descriptions.

Et [...] fusmes en icelluy hable [havre de Gaspel] et ryviere jusques au XXV<sup>e</sup> jour du dit moys sans en pouvoir sortyr durant lequel temps nous vint grand nombre de *sauvaiges* qui estoient venuz en ladite riviere pour pescher des masquereaulx desquelz il y a grant habondance. [...] Nous leur donnasmes des cousteaultx pathenostres ["chapelets"] de voyrre ["verre"] paignes et aultres besongnes ["objets"] de peu de valeur de quoy faisoient plusieurs signes de joyes levant les mains au ciel en chantant et dansant.

J. Cartier, aproximadamente 1536, em M. J. Bideaux (Éd.).  
*Relations*, 1986, p. 114.

Até eles chegarem, os índios não sabiam que eram índios. Ou antes, não eram índios nem nada. Eram só um outro povo.

Antônio Torres. *Meu querido canibal*, p. 19.

Os povos que aportaram às Américas, no limiar do século XVI, formavam um conjunto heteróclito, cuja proveniência marcava-se pela diversidade. Por outro lado, emergiam de um sistema feudal que os enclausurava numa verticalidade de *modus vivendi* que acarretava maneiras múltiplas de perceber o mundo e de dimensionar a vida. Um denominador comum, entretanto, os unia. Era a consciência de sua cristianização, que se afirmara na razão inversa da fragmentação da România e que, acentuando a intolerância em seus espíritos, servia de estandarte, na Península Ibérica, para a Reconquista. Carlos Martelo, ao frear o avanço dos árabes em Poitiers, na França, em 732, dera início à política de recuperação dos territórios que os árabes ocupavam, obra que se encerrou em 1492, com a tomada de Granada. Nesse mesmo ano os judeus eram expulsos da Península Ibérica, completando-se, assim, a política segregacionista que se tinha posto em marcha.

Com o fim da Reconquista, vieram os Descobrimentos. Ao chegar ao Novo Mundo, o europeu deparou-se com o Outro, um ser humano que lhe era semelhante – e diverso –, desconhecido e imprevisível. Foi necessário nomeá-lo e, para fazê-lo, diversas soluções foram apresentadas nas línguas dos exploradores/colonizadores, em função da origem heterogênea dos povos da România que aqui aportaram e, dentro de um mesmo espaço lingüístico, segundo as contingências do sistema de cada língua. Essas designações se entrecortaram e se cruzaram, no desenrolar diacrônico na România

Nova, e acabaram por convergir, na modernidade, numa espécie de predição lingüística da globalização, para constelações lexicais cujo cerne é ocupado pelos vocábulos *índio* (port.), *indio* (esp.) e *indien* (fr.).

Interessa-nos neste trabalho fazer um levantamento descritivo do léxico do francês americano referente à designação do autóctone, em diferentes estados de sincronia, bem como pôr em destaque os fundamentos históricos e ideológicos que embasaram essas descrições. Em um segundo momento, tentamos comparar os dados lingüísticos do francês canadense com os do português, para verificar as convergências e divergências de motivações, notadamente de ordem ideológica, que presidiram à configuração dos campos lexicais nas duas línguas, em diferentes momentos da história.

A primeira forma lexical usada para nomear o autóctone nas Américas resultou de um equívoco, decorrente do fato de ter acreditado Cristóvão Colombo, ao chegar, em 12 de outubro de 1492, a Guanahani, uma das Lucaias – e depois a Cuba e ao Haiti, denominado por ele Hispaniola –, que estava atingindo as Índias pela rota ocidental. Chamou, assim, de *índios* os habitantes dessas terras, tendo o termo prevalecido na América espanhola para designá-los, ao longo dos séculos, mesmo depois que se tomou consciência de que se tratava de um novo continente.

Se nos voltarmos para o espaço americano de expressão francesa, verificamos que as soluções lexicais apresentadas pelo francês para preencher o vazio semântico criado pela presença do Outro autóctone divergem bastante do espanhol americano. Esse tema está desenvolvido de maneira exemplar nos verbetes *Indien*, *Amérindien* e *Sauvage* do *Dictionnaire historique du français québécois*, organizado por Claude Poirier e pela equipe do TLFQ, publicado em 1998. Servimo-nos deste estado para embasar aqui nossa reflexão.

Até meados do século XVIII, a Nouvelle-France não adota em seu sistema lingüístico o vocábulo *Indien*, impróprio semanticamente para a designação de sua população indígena. Para nomear o autóctone, nesse espaço de língua francesa, utilizam-se sejam nomes étnicos específicos a cada uma das diversas tribos, seja o genérico *Sauvage*, ou ainda a forma *Américain*. É verdade que, esporadicamente, o termo *Indien* aparece atestado. Entretanto, nesses casos, refere-se sempre a indígenas que vivem em territórios colonizados por espanhóis, portugueses ou ingleses, nunca a indígenas originários de terras americanas de língua francesa. Assim, no século XVI, o vocábulo *Indien* ocorre em dois documentos: o capitão Binot Paulmier de Gonneville, natural de Honfleur, na França, o utiliza, em 1505, para designar os indígenas do Brasil e, em 1586, também o capitão R. de Laudonnière o faz, referindo-se a populações autóctones da Flórida que viviam próximas de uma colônia de huguenotes franceses. No século XVII, o termo também está atestado: ocorre na correspondência em língua francesa, quando ela se dirige a falantes do inglês, podendo-se exemplificar com a carta do padre Lamberville, em 1684, a Thomas Dongan, governador de Nova Iorque (carta reproduzida em P. Dubé (éd.), *La Nouvelle-France sous Joseph-Antoine Le Febvre de La Barre*, 1993, p.



222-226), ou a do barão de Lahontan, no memorial dirigido em 1702 ao conde de Nottingham (v. Lahontan, *Oeuvres complètes*, edição crítica de R. Ouellet e A. Beaulieu, t. 2, 1990, p. 1.035-1.043). (Cf. POIRIER, 1998, p. 584, 596)

O dicionário *Trévoux*, publicado em 1721, retrata este estado lingüístico para o léxico francês da época nos seguintes termos:

[...] on appelle aussi *Indiens* les peuples de l'Amérique, les Américains naturels, au moins ceux du midi, & même jusqu'à la Virginie; car pour ceux du nord on ne les appelle point communément *Indiens* en notre langue, ou si on le fait c'est très rarement.

Excetuados os casos acima referidos, o termo *Indien*, em francês, se aplica para designar pessoas naturais do Oriente, da longínqua Índia, o que significa que até meados do século XVIII o vocábulo continuava a ser percebido como inadequado e impróprio para os autóctones da Nouvelle-France. Entretanto, a partir da Conquista inglesa (1760), *Indien* começa a aparecer, ao lado de *Sauvage*, no Canadá de língua francesa, mas apenas em textos traduzidos do inglês, sobretudo em documentos oficiais, como certidões, tratados e leis, nos quais assim se designava o autóctone americano que vivia em territórios que a França cedera à Inglaterra, assim como em artigos de jornais onde se fazia referência àqueles que viviam na América anglófona. O termo *Sauvage* havia, com efeito, se firmado como de uso corrente, tanto na língua geral como na da administração, para designar o autóctone e *Indien* só vai se impor no Canadá francês – assim como na metrópole – em meados do século XIX, sua penetração tendo se feito por via culta. Ela se efetivou em decorrência da difusão dos romances indianistas de Chateaubriand, bem como da grande voga que usufruiu, nos meios franceses, James Fenimore Cooper, americano cuja obra indianista foi amplamente divulgada na França e no Canadá francês, tendo sido traduzida para o francês a partir de 1826.

De 1850 em diante, essa literatura centrada no índio oriunda dos Estados Unidos vai exercer grande influência no Canadá e numerosos são os escritores de língua francesa que adotam em suas obras americanismos do tipo *mocassin*, *squaw*, *tomahawk*, *wigwam*. São esses escritores que vão vulgarizar em seus textos as formas *Indien* (do inglês *Indian*) e *Peau-Rouge* (do inglês *redskin*) para designar os indígenas do Canadá. Lembremos, entre eles, os nomes de H.-É. Chevalier, H.-R. Casgrain, Ph. Aubert de Gaspé, J. Marmette, A. Buies, Faucher de Saint-Maurice.

Também nessa época, *Indien* começa a ser usado por antropólogos e historiadores, em duplicidade com *Sauvage*, que continua, entretanto, vivaz na língua, sobretudo por seu uso convir para veicular ideologias evolucionistas. A partir daí, os dois vocábulos começam a ocupar espaços diferenciados, em função da virtualidade conotativa que se atualiza em contextos específicos. *Indien* evoca uma área geográfica para o autóctone americano e adquire uma

conotação neutra; seu uso recebe, assim, guarida sobretudo na linguagem científica, situando-se em paralelo ao inglês *Indian*. Quanto a *Savvage*, o termo continua instalado no uso corrente, colorindo-se com uma conotação negativa, já que em seu semantismo veicula uma idéia de primitivismo.

Na virada do século XX, *Indien* é o termo que aparece comumente em livros e documentos que abordam a história canadense. *Savvage* permanece, todavia, na linguagem oficial de cunho jurídico do Canadá, até 1927, quando é substituído por *Indien*, e também continua como termo de uso geral na língua francesa do Quebec até os anos de 1950 ou 1960, momento em que a conotação negativa atribuída pelos cientistas alcança a linguagem cotidiana, passando a ser excluído desta pelo falante.

Todavia, o termo *Indien*, perfeitamente inserido na linguagem científica e da administração canadense, passa a ser alvo, em meados do século XX, das mesmas críticas que circulavam nos Estados Unidos e na França, com as quais se põe em destaque a impropriedade de seu uso, por um lado, por veicular um erro histórico e, por outro lado, pelo fato de introduzir ambigüidade na comunicação lingüística, já que designa igualmente o habitante da Índia. Propõe-se, então, sua substituição pelo termo *Amérindien*, vocábulo criado para introduzir neutralidade científica e com valor inequívoco. A nova palavra passa a ocupar, no Quebec, o espaço oficial na denominação do autóctone americano, mas *Indien* se conserva na linguagem jurídica e permanece de uso corrente na língua geral. Entretanto, como o termo *Amérindien* se presta, na língua francesa, a um jogo de palavras negativo – e amargo – para o índio, ele tem sido contestado e rejeitado por alguns, o que favorece a recuperação de *Indien*. Recupera-se, assim, o *indio*, em conformidade com o espírito de tolerância e abertura criado pela Revolução Tranqüila, da mesma forma que, em uma área maior, o *negro* fora recuperado.

No caso da América portuguesa, partimos de um *corpus* documental do século XVI, a fim de mapear o vocabulário utilizado nos primórdios dos contactos intercontinentais para designar os primeiros habitantes da terra, interpretá-lo e tirar conclusões. Nossa análise se esteia no trabalho de Colette Callier-Boisvert, *Observer, nommer au XVI<sup>e</sup> siècle: Les "gentils" du Brésil*, onde examina a designação *gentio* para o índio brasileiro, destacando ser ela exclusiva dos portugueses entre os demais povos conquistadores da época e servir a seus interesses políticos e religiosos.

Nossa observação inicial refere-se aos primeiros textos escritos pelos portugueses a partir das novas terras descobertas em 1500 por Pedro Álvares Cabral. Para um povo que conquistara a Índia, parecia inadequado tomar aos espanhóis como empréstimo o termo *indio*. O texto inaugural dos contactos entre o Velho e o Novo Mundo, a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da esquadra de Cabral, apresenta-se isento de um olhar discriminatório com relação ao indígena brasileiro. Caminha, em nenhum momento na carta dirigida ao rei de Portugal, atribui aos habitantes da terra designações particulares: apenas refere-



se a *homens, mulheres, crianças, jovens, velhos e gente*. Quando precisa distinguir os dois povos, lança mão dos pronomes *eles e os nossos*.

Esta representação dos habitantes vai durar cerca de duas décadas e expressa uma mentalidade mercantil, de quem prepara o terreno para futuras trocas comerciais. A intenção de evangelização vem ainda claramente explicitada no documento inaugural dos contactos Portugal/Brasil. Se por um lado evita-se nomear especificamente o Outro, em contrapartida, a terra encontrada recebe um nome, o de Santa Cruz, que o rei D. Manuel vai trocar para Vera Cruz. Nas instruções do rei D. Manuel, em 1511, ao capitão da nau Bertoa que se dirige à benfeitoria de Cabo Frio para fazer um carregamento de pau-brasil, o rei já fala em *terra do Brasil* e seus habitantes aparecem como *homens, mulheres, pessoa natural da terra do dito Brasil*.

A expedição de Martim Afonso de Sousa, enviada por D. João III, em 1530, para a *terra do Brasil*, com a missão de impedir que navios franceses continuassem saqueando a costa brasileira, foi relatada por Pero Lopes de Sousa, irmão do comandante da missão. Os povos encontrados são designados como *gente da terra, homens e mulheres*, entretanto, o termo *índio* já aparece cinco vezes, no caso, para nomear especificamente os autóctones de Pernambuco e da Bahia.

Durante o período das capitânias hereditárias, na correspondência de seus donatários e dos seus moradores com o rei e altos funcionários, a documentação nos informa que um novo sistema lexical se organiza na língua e que o termo *índio* se difunde pouco a pouco, lado a lado com a *gente da terra*. Esta última designação denomina em particular os que trabalham nas plantações, indígenas pacificados ou submissos, em oposição aos índios adversários (os *contrários*), *mui perversa e bestial gente*, segundo se expressa Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, em 1542.

Em meados do século XVI, dois novos termos são introduzidos na língua para nomear os índios não pacificados: *gentis* e *Brazis*: "o gentio dela" (da Bahia) "e do comércio que estes fazem com os franceses que têm relações amiais com os Brazis", segundo se documenta em uma carta ao rei, escrita em 1546, por um capitão donatário (ALBUQUERQUE, 1989, p. 27). O primeiro vocábulo, *gentio*, representa uma categorização teológica, procede do latim eclesiástico e era usado pelos Pais da Igreja com valor classificatório, para designar os que não eram cristãos. Os portugueses o retomam, denominando *gentis* os pagãos ou infiéis que, não sendo judeus nem mouros, eles encontravam em seu avanço mundo afora, pela África, Brasil, Japão e China, sem que se levassem em conta nem a variedade desses povos nem o seu nível cultural. Fortemente conotado ideologicamente, o uso do termo se justifica para um povo defensor da fé cristã, remete à ação evangelizadora de Portugal e legitima sua ocupação colonizadora.



Nessa ação evangelizadora destaca-se a contribuição dos jesuítas, sendo Portugal o primeiro país a lhes confiar este papel junto aos povos recentemente descobertos. Nas *Cartas jesuíticas*, geralmente escritas em português, que Manuel da Nóbrega, Azpilcueta Navarro e José de Anchieta encaminharam a seus superiores e a personagens oficiais, empregam-se os termos *gentio* e *gentilidade* (coletivo) para designar os primeiros ocupantes da terra. Essa designação assume uma tripla dimensão para o autóctone brasileiro: a de bárbaro, pagão e ser livre.

Entretanto, desde cedo, *índio* se difunde nos poucos paralelamente a *gentio*, e seu uso se explica, sem dúvida, pela proximidade com a América espanhola e pela presença em São Vicente e em outras localidades do sul de um importante contingente de espanhóis: não devemos nos esquecer tampouco de que muitos dos jesuítas eram espanhóis e que, inclusive, São Paulo foi criada por um jesuíta espanhol. A documentação atesta que a penetração da palavra *índio* é mais lenta entre os missionários da Bahia e de Pernambuco, certamente pela presença nesses locais de inúmeros colonos procedentes da Índia que rejeitavam a denominação.

Quanto ao termo *os brasís*, começou a ser usado pelos residentes portugueses em sua correspondência, com a vantagem de diferenciar os índios do Brasil dos índios da América espanhola. Já *selvagem* é de uso excepcional, limitava-se a denominar os índios considerados muito ferozes e cruéis, com os quais os portugueses guerreavam. Em uma carta redigida em português e encaminhada, em 9 de julho de 1565, ao Provincial de Portugal, Anchieta utilizou o termo *selvagem* duas vezes, alternadamente como adjetivo e como substantivo:

Os luteranos que ficaram no Rio de Janeiro, trinta homens aproximadamente repartidos entre várias aldeias, são homens de baixa condição que vivem com os índios selvagens [...] depois que os franceses escreveram aos seus que tinham permanecido na terra para terem confiança nos portugueses, para deixarem os selvagens e para virem em nossa direção, contando-lhes como eles tinham sido bem tratados por nós. (ANCHIETA, 1988, p. 261)

Anchieta referia-se aqui aos tamoios, aliados dos franceses, e certamente a interferência lingüística marca a influência direta que sofreu dos contactos que manteve com estes no Rio de Janeiro, nesse período. Lembramos que na língua francesa usava-se correntemente o vocábulo *Sauvage* para designar o autóctone americano.

O termo *gentio*, do ponto de vista identificatório, tem valor reduzido e não resiste na história da língua para dar conta da diversidade criada pelas novas condições da colonização durante a segunda metade do século XVI. A análise do *corpus* referente ao último quartel deste século mostra que o vocábulo *gentio* tende, no sistema lexical do português, a perder em extensão e a ganhar em pejoração. No primeiro caso, ele passa a dividir com *índio* o espaço para nomear o autóctone e no segundo adquire uma conotação negativa, enquanto que *índio* passa a expressar uma conotação neutra (mais do que positiva). Os documentos do *corpus* que

atestam esta restrição de sentido para *gentio* são os tratados sobre o Brasil que começam a aparecer nesse período, em especial os de Pero de Magalhães Gândavo, Fernão Cardim e Gabriel Soares de Sousa, que serão aqui considerados.

Pero de Magalhães Gândavo, de origem flamenga, amigo de Camões, visitou a Bahia, Ilhéus e São Vicente. No *Tratado da terra do Brasil*, de 1573, emprega os vocábulos *gentis* e *índios*, o primeiro usado em sentido geral, para referir-se ao conjunto dos habitantes, e o segundo, em sentido particular, para descrevê-los em situação. Introduz uma distinção na gentilidade do autóctone, quando classifica como *selvagens* os aimorés, índios aguerridos, não pacificados. O jesuíta Fernão Cardim escreveu uma série de textos sobre o Brasil por volta de 1584; reparte os índios entre *tupís* e *tapuias*, enumera uma dezena de nações na costa do Brasil e faz o inventário de 76 tribos indígenas brasileiras. Além dos nomes étnicos, Cardim utiliza os termos *gentis* e *índios*, dentro de uma oposição em processo de mudança na língua. Gabriel Soares de Sousa morou na Bahia quinze anos e escreveu o *Tratado descritivo do Brasil* (1587). Os habitantes aí são designados como *gentis*, divididos em nações, e como *índios*, usado quando são apresentados em situação. Aplica ainda o termo *selvagens* aos aimorés.

Constata-se, então, uma mudança no sistema lexical ligado à denominação do autóctone brasileiro: os indivíduos que a noção de gentilidade recobria de modo global e indiferenciado no discurso oficial e religioso do século XVI passam a ser discriminados progressivamente em dois grupos, os *índios*, aqueles que se encontram em processo de assimilação, sedentarização e cristianização, e os *gentis*, os que continuam a conservar os atributos originais de bárbaros, pagãos e livres, os quais se refugiam no interior das terras. O projeto colonial vai favorecer a redação do termo *gentis* para *índios*, o que efetivamente ocorre ao longo da história, mas o primeiro – *gentis* – ainda aparece atestado no final do século XVIII. Trata-se do relato pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que esteve em missão no interior do Brasil, entre 1783 e 1792, a serviço da Academia de Ciências de Lisboa, de lá trazendo coleções de objetos e anotações sobre as nações de *gentis*. O termo só cai em desuso no século XIX.

A visibilidade dos índios pacificados desaparece, com o passar do tempo, quando estes se fundem na massa da população brasileira. Apagando-se a hierarquia, um só termo poderia arcar, no léxico, com a função de denotar a indianidade brasileira. Não fossem os sinônimos, mas isso é uma outra história.

### Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luis de (Org.) (1989). *Alguns documentos sobre a colonização do Brasil* (século XVI). Lisboa: Publicações Alfa.
- ANCHIETA, José de, S. J. (1988). *Cartas jesuíticas III: cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- AZPILCUETA NAVARRO, João de, S. J. et alii (1988). *Cartas jesuíticas II: cartas avulsas (1550-1568)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.



- CALLIER-BOISVERT, Colette (2000). Observer, nommer au XVI<sup>e</sup> siècle: Les "gentils" du Brésil. *L'Homme*, n° 153, p. 37-62.
- CAMINHA, Pero Vaz de (1948). Carta a el-Rei D. Manuel. *Documentos das arquivas portuguesas que importam ao Brasil*. Lisboa, Secretariado Nacional de Informação, 23-25, p. 3-34, jan./maio.
- CARDIM, Fernão, S. J (1939). Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias. In: *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CARTIER, Jacques (1986). *Relations*. In: BIDEAUX, Michel (Éd.). Edition critique. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- DUARTE, Fernandes (1867). *Livro da viagem da nao "Bretoa" ao Cabo Frio*. Rio de Janeiro: F. A. de Varnhagem.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues (1974). *Viagem filosófica pelas capitânias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura.
- GAMBINI, Roberto (2002). *Espelho índio*. Rio de Janeiro: Axis Editora.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães (1964). *História da província Santa Cruz*. Tratado da terra do Brasil. São Paulo: Editora Obelisco.
- NÓBREGA, Manuel da, S. J (1988). *Cartas jesuíticas I: cartas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- PAULMIER DE GONNEVILLE, Binot (1992). Relation du voyage du capitaine Gonneville et ses compagnons aux Indes. In: CARTIER, Jacques. *Voyages au Canada, avec les relations des voyages en Amérique de Gonneville, Verrazzano et Robertval*. Paris: La Découverte, p. 39-64.
- POIRIER, Claude (Org.) (1998). *Dictionnaire historique du français québécois*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval.
- REY, Alain (1992). *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert.
- SOUSA, Gabriel Soares de (1971). *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- THEVET, André (1953). Le Brésil et les Brésiliens. In: LUSSAGNET, Suzanne. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI<sup>e</sup>*. Paris: Presses Universitaires de France.
- TORRES, Antônio (2000). *Meu querido cambal*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record.



# Os domínios do léxico

Claudia Xatara

Tatiana Rios

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

RESUMO

Os estudos do léxico, sejam eles de caráter lexicológico ou lexicográfico, resvalam inevitavelmente em áreas fronteiriças. É o caso da Fonologia, no que concerne ao reconhecimento e à delimitação dos itens lexicais; o caso da Morfologia, no que respeita à formação de palavras; o caso da Neurolinguística, ao se examinar a memória lexical; o caso do Ensino de Línguas, para questões ligadas à aprendizagem do vocabulário; o caso da Tradução, para as propostas de equivalência em dicionários bi ou multilíngües; o caso da Terminologia, quando se recortam termos técnicos e científicos; o caso da Semântica, da Sociolinguística... Ao longo da história, nas diversas culturas, o léxico, de qualquer que seja a língua de civilização, assume papéis diferentes, por fazer parte da maioria das atividades humanas. Assim, cada palavra pode ser considerada em sua dimensão mágica (e religiosa), cognitiva, ou linguística. Neste trabalho, abordamos cada uma dessas dimensões do léxico e seus principais fundamentos.

RÉSUMÉ

Les études du lexique, soit lexicographiques soit lexicologiques, se trouvent inévitablement aux frontières d'autres sciences. C'est le cas de la Phonologie en ce qui concerne la reconnaissance et délimitation des unités lexicales; le cas de la Morphologie à l'égard de la formation de mots; le cas de la Neurolinguistique au moment où l'on examine la mémoire lexicale; le cas de l'Enseignement de Langues pour des questions attachées à l'apprentissage du vocabulaire; le cas de la Traduction pour les suggestions d'équivalents dans les dictionnaires bilingues ou multilingues; le cas de la Terminologie quand on recoupe les termes techniques et scientifiques; le cas de la Sémantique, de la Sociolinguistique, de la Phraséologie... Au cours de l'histoire, dans les diverses cultures, le lexique, de n'importe quelle langue de civilisation, joue de différents rôles, puisqu'il fait partie de la plupart des activités humaines. Ainsi, chaque mot peut être considéré dans ses dimensions magique (et religieuse), cognitive, ou linguistique. Dans cet article, on propose une approche de chacune de ces dimensions du lexique et leurs principes fondamentaux.

## 1. Uma área interdisciplinar

Em uma definição bastante sucinta e mesmo óbvia, podemos dizer que a Lexicologia é a ciência que estuda o léxico, que é o conjunto de todas as palavras de uma língua. Mas exatamente o que uma abordagem lexicológica nos permite pesquisar no léxico?

Começemos por lembrar do que nos falou Ismael Coutinho (1974, p.14):

A Gramática Histórica da língua portuguesa estuda a origem e a evolução do idioma português no tempo e no espaço. (...) Divide-se a Gramática Histórica em Lexicologia e Sintaxe. (...) A Lexicologia estuda a palavra isoladamente. Sob dois aspectos se pode fazer este estudo, segundo se considera o material sonoro da língua e as formas das palavras. Daí a subdivisão da Lexicologia em Fonologia e Morfologia.

Coutinho também registra que o fundador da ciência fonológica foi Trubetzkoy, mas este considerava Fonética e Fonologia como sinônimos. Atualmente, as duas são disciplinas distintas, com objeto próprio. Como o objeto de estudo da Lexicologia são as palavras, as unidades lexicais, e cada unidade lexical é invariavelmente formada por fonemas, se analisada a segunda articulação da linguagem, fala-se em Fonologia lexical, que incorpora o nível morfológico à análise do componente fonológico – ambos com um papel atuante no léxico (SILVA, 2001).

No momento em que queremos ou precisamos estudar a constituição de uma unidade lexical na primeira articulação, verificaremos que os fonemas se combinam e estes resultam em monemas; estes também se combinam e resultam em morfemas. Uma unidade lexical é, pois, também isso – uma soma de morfemas. Teremos afixos + bases – que é o processo da derivação –, ou bases + bases – que é o processo da composição. Assim entramos no território da Morfologia, que justamente investiga tanto os processos de formação de unidades lexicais (sejam formações regulares, sejam formações cristalizadas) quanto as possibilidades de formação previstas na língua, ainda que nem se realizem na fala. Daí a denominação desse estudo de Morfologia Lexical (BASÍLIO, 2003).

Em outros termos, só é possível descrevermos os padrões lexicais de uma língua e observar sua ampliação e renovação lexical se analisarmos sua estrutura fonológica e morfológica. No caso do português, por exemplo, toda importação estrangeira ou mesmo qualquer criação vernácula devem adaptar-se ao sistema fonêmico e à tipologia silábica que se fixaram por meio dos vocábulos populares, provenientes do latim vulgar, uma vez que a derivação latina foi o primeiro processo para a constituição do léxico nacional. Ressaltemos, ainda, que é a Fonética que cabe explicar as diferenças mais profundas entre o português europeu e o brasileiro.

Além da interdisciplinaridade com a Fonologia e a Morfologia, encontramos ainda outras áreas limítrofes. Se investigar a aquisição e memorização do léxico, seja da língua materna, seja da língua estrangeira, o lexicólogo estará fazendo uma interface com a Lingüística Aplicada ao Ensino e com a Neurolingüística. Se observar os registros e níveis de linguagem, este pesquisador buscará subsídios na Sociolingüística. Se tratar das redes de significação (a sinonímia e antonímia, a polissemia e homonímia, a metaforização), a interface será com a Semântica Lexical. A origem e a evolução semântica das palavras, por sua vez, levam o lexicólogo à Etimologia. Já o emprego das palavras nos enunciados irá fatalmente recorrer à Sintaxe e à Análise do Discurso. Também para estudar as características principais de uma unidade lexical especial, a Lexicologia pode se entrelaçar com a Fraseologia ou a Terminologia.

## 2. Estudos do léxico

Desde os primórdios da comunicação humana oral, o léxico das línguas tem assumido diferentes papéis e dimensões, encontrando-se muitas vezes no centro do relacionamento entre os homens das mais diversas civilizações.

### 2.1. Léxico e religião

Muitas religiões e culturas vêem a língua como algo que ordena o caos primitivo, transformando-o em um cosmos significativo. Dessa maneira, a palavra ganha uma força transcendental nos mitos e crenças de muitas culturas. Nesses mitos a palavra é possuidora de segredos e essências ocultas (BIDERMAN, 1998).

Nas culturas primitivas acreditava-se que havia um vínculo essencial entre o nome e o referente por ele designado. Portanto, na mentalidade do homem primitivo, não havia separação entre uma palavra e o que ela nomeava. Ele acreditava poder atuar na vida de uma pessoa por meio da invocação de seu nome. Ainda existem alguns tabus ao redor do nome das pessoas. Na África do Sul, por exemplo, ninguém pronuncia seu próprio nome. No Egito antigo, as pessoas recebiam dois nomes: um verdadeiro e outro onomástico. Apenas o segundo era público.



Na cultura judaica, o nome de Deus é sagrado e um dos mandamentos do decálogo é não pronunciar o nome de Deus em vão (*Êxodo 20, 7* – BÍBLIA, 1994). De acordo com Gurdorf (1966), todas as grandes religiões atribuem um lugar à doutrina do Verbo divino. O que há de comum em muitas culturas é a crença de que as coisas existem porque, em sua origem, foram faladas por um poder instituidor.

Na tradição judaico-cristã, há o mito da criação do mundo pela palavra criadora de Deus, já no primeiro capítulo do *Gênesis*. Na cultura indiana, acredita-se que todos os deuses, homens e animais dependem da palavra. Muitos milagres descritos nos evangelhos cristãos atestam “a eficácia vivificadora da palavra de Cristo” (BIDERMAN, 1998, p. 87).

Esses são apenas alguns exemplos de como as diversas culturas atribuem um grande valor ao poder da palavra ou do conjunto de todas as palavras que representam o léxico de uma língua.

## 2.2. Léxico e cognição

Os elementos da realidade ao redor dos indivíduos só podem ser nomeados e identificados por meio da palavra. Portanto, pela linguagem é criado um universo significativo em que se encontra a denominação de entidades do mundo real. Vários processos pelos quais se constitui o universo linguístico estão envolvidos na cognição.

Podemos considerar inicialmente a categorização: classificação de um objeto em que há uma única resposta para cada categoria de estímulos do meio ambiente. Para que haja categorização é necessário que o indivíduo seja capaz de discriminar os traços distintivos entre os referentes apreendidos por seu aparato cognitivo e sensitivo. Nesse processo de diferenciação, as categorias podem ser subdivididas, suprimidas, reorganizadas ou reformuladas. A organização do conhecimento no cérebro humano é realizada por meio desse complexo sistema de categorização.

Acredita-se que seja por esse motivo que as palavras se refiram a classes abertas. Os cientistas supõem que os processos de categorização e nomeação por meio de palavras são fundamentados em algo muito abstrato.

De acordo com Biderman (1998), a categorização é subjacente à semântica de uma língua natural e existem vários critérios para a classificação dos objetos. O processo cognitivo, ou conceptualização, é a formação dos conceitos e a sua nomeação. Na mente humana, as palavras são associadas a conceitos. O processo de conceptualização é mais dinâmico do que parece.

É necessário, entretanto, distinguir entre o processo individual de formação dos conceitos e o acervo de conceitos transmitidos, de geração em geração, por meio do vocabulário herdado e retransmitido.

As palavras são como etiquetas no processo de categorização de uma família de conceitos em formação. Além disso, o homem organiza o mundo sensorial com as palavras. Na memória léxica, as palavras designam campos de conceitos, e não coisas físicas. No entanto, estamos diante de um conceito de palavra, já que, segundo Lenneberg (1975), "as palavras servem para rotular os processos cognitivos por meio dos quais há uma interação entre o homem e o mundo que o cerca". Em outros termos, o léxico exerce forte influência nos processos de categorização e conceptualização do universo.

Consideramos, assim, que cada língua natural constitui uma maneira diferente de organizar semanticamente o universo cognitivo. Estamos, nesse ponto, diante de dois ângulos pelos quais a questão da cognição pode ser vista:

- a) o individual – processo de cognição e de nomeação;
- b) o social – resultado do processo anterior, ou seja, o léxico de uma língua natural.

O léxico representa, pois, o próprio conhecimento sobre o universo, e ao mesmo tempo em que o homem nomeia os referentes, ele os classifica. Os conceitos são formados com base na organização dos dados sensoriais experimentados pelo homem.

Os sistemas lexicais das línguas naturais constituem as diversas formas assumidas no processo de cognição e apropriação, conforme cada cultura. As línguas possuem sistemas semânticos muito distintos e variados, o que demonstra que a conceptualização da realidade se dá de diferentes maneiras, por meio de modelos categoriais arbitrários e não coincidentes. Apesar disso, algumas línguas naturais têm alguns tipos de semântica universalmente compreensíveis.

### 2.2.1. Categorização e relativismo lingüístico

A hipótese de Sapir-Whorf (SAPIR, 1969; CARROL, 1965), que contestava os universais lingüísticos no domínio da categorização, foi muito divulgada nos anos 50 e 60. Nessa perspectiva teórica, cada língua traduz o mundo e a realidade social de acordo com um modelo próprio que reflete sua cosmovisão expressa em suas categorias gramaticais e lexicais. Conseqüentemente, a maneira como um indivíduo percebe os estímulos a sua volta é relativamente pré-moldada pela sua língua materna.

Em 1911, Sapir forneceu uma ilustração para sua teoria, mostrando como o léxico de uma língua reflete o ambiente físico e social de seus falantes. Tendo estudado a língua dos índios paiutes, que vivem no deserto do Arizona, Sapir demonstra que, na língua paiute, existem muitas palavras para designar os mínimos detalhes da realidade geofísica. Esse exemplo atesta que o ambiente físico influencia na língua, já que, para os paiutes, é vital perceber qualquer possibilidade de existência de água no solo.



A aceitação da hipótese de Sapir-Whorf nos conduz à afirmação da não-equivalência entre o vocabulário de línguas naturais. Segundo Biderman (1998, p. 98), "a não-equivalência semântica entre os signos lingüísticos de duas ou mais línguas é o mais eloqüente exemplo de como cada língua recorta o universo cognoscível à sua maneira, na criação de seu repertório lexical". Essa discrepância entre o léxico das línguas atinge seu ápice no domínio das expressões idiomáticas.

Posteriormente uma versão moderada da hipótese de Sapir-Whorf foi admitida por vários estudiosos, já que é muito difícil uma comprovação científica do relativismo lingüístico. A questão é que não foi encontrada nenhuma maneira de se verificar em que medida as categorias lingüísticas de determinado idioma afetam o comportamento do indivíduo que o fala. Além disso, não se conseguiu demonstrar como o conhecimento e o modo de ver a realidade são influenciados pela língua. É inegável que o léxico de uma língua constitui um modo de representação da realidade. No entanto, esse relativismo lingüístico ainda não foi comprovado experimentalmente.

Quando uma língua tem uma palavra para designar determinada categoria, isso significa que essa categoria foi referida muitas vezes pelas gerações passadas. Brown e Lenneberg (1958) basearam-se nessa proposição para propor o conceito de codificabilidade. De acordo com esse conceito, o indivíduo reconhece facilmente um elemento da realidade, memoriza-o e o distingue dos outros quando sua língua lhe fornece uma palavra já categorizada para esse elemento. Isso significaria que tal elemento teria um alto grau de codificabilidade, ao contrário do que ocorre quando esse indivíduo utilizar uma perífrase para codificar lingüisticamente qualquer elemento.

Exemplos:

Espanhol	Português
<i>horchata</i>	bebida espanhola feita com amêndoas trituradas, água e açúcar
<i>gazpacho</i>	sopa fria e crua, de origem espanhola, feita com cebola, tomate, pepino, alho, sal, vinagre e azeite

Considerando-se os exemplos acima, observamos que na língua espanhola os elementos designados por *horchata* e *gazpacho* teriam alto grau de codificabilidade, ao contrário do que ocorre na língua portuguesa (do Brasil), em que o indivíduo necessita de uma perífrase para codificar lingüisticamente o mesmo elemento.

A codificabilidade seria, ainda, um consenso entre os falantes de uma língua em atribuir ao mesmo referente um determinado nome.



Existem dois fatores que podem contribuir (ou não) para uma boa concordância:

- o fato de haver, na língua, uma palavra muito característica, única e não-ambígua para determinado estímulo, por exemplo, a cor *vermelha*;
- o fato de haver um destaque, em um contexto específico, para um estímulo pouco codificado na língua, por exemplo, o cabelo *vermelho*.

Embora cada língua natural tenha seu processo de conceptualização específico (refletido no vocabulário), as diferenças entre as línguas não devem interferir no processo cognitivo. Cada indivíduo utiliza os recursos de que dispõe no vocabulário de sua língua materna. No entanto, ao que parece, as palavras não exercem uma pressão muito forte sobre a cognição humana.

Existem inúmeros casos de divergências nos recortes lexicais de línguas diferentes. Como afirma Werner (*apud* HAENSCH et al., 1982), o problema teórico fundamental na elaboração de dicionários bilingües para a tradução reside no fato de que as estruturas lexicais de línguas diferentes não correspondem.

Observemos o exemplo abaixo:

Russo	Francês	Português
НОГА	<i>pied</i>	pé
НОГА	<i>jambe</i>	perna
ПАЛЬЦЫ	<i>doigt</i>	dedo (da mão)

Em russo, a mesma unidade lexical (UL; termo utilizado em Lexicologia para evitar a ambigüidade e a imprecisão do termo "palavra") designa o que, em português e francês, é designado por duas ULs. Por outro lado, em francês temos duas ULs para designar o que, em português e em russo, é designado pela mesma UL.

Evidentemente, as divergências nos recortes lexicais de línguas diferentes não constituem um problema apenas para a elaboração de dicionários bilingües. Em qualquer atividade interlingüística elas representarão uma dificuldade. Para que possa haver diálogo interlingüístico é necessário que os aprendizes de línguas estrangeiras tenham consciência desse fato. Consideraremos posteriormente alguns estudos lingüísticos que contribuíram para o ensino do léxico. Antes, porém, trataremos de algumas peculiaridades da aprendizagem do léxico, já que ela se dá de diferentes maneiras em língua materna e em língua estrangeira.

No que concerne à aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), o alto grau de codificabilidade de determinado conceito significa que um aluno terá mais facilidade para adquirir e memorizar uma palavra em LE quando seu conceito já se encontrar codificado no léxico de sua língua materna. Por outro lado, com relação

à língua materna, a transmissão do repertório lexical de uma geração para outra constitui um estoque de nomes já codificados e consolidados em sua respectiva cultura.

Sabemos que o vocabulário é adquirido pelos indivíduos por meio da educação (formal ou não). Assim, se a língua é mediadora, cada nova geração recebe um vocabulário revisto e reformulado pela geração anterior. Assim é possível observar o caráter dinâmico da língua: cada geração cria e incorpora novos elementos ao tesouro lexical de sua língua, legando à geração seguinte um patrimônio lingüístico diferente do anterior. Esse aspecto também é considerado por Saussure, na dimensão lingüística da palavra, como veremos mais adiante.

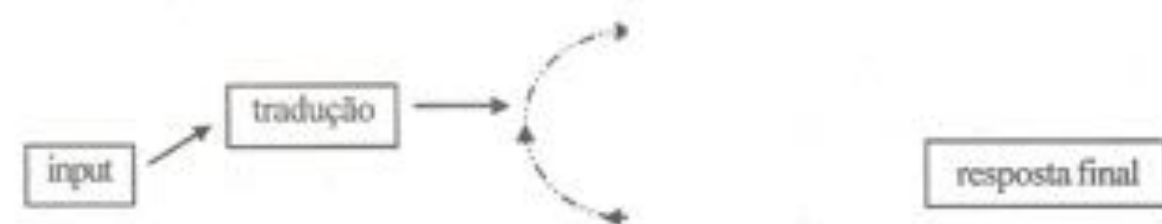
### 2.2.2. Léxico e memórias

As pessoas que lidam com um volume de informações muito grande não têm, necessariamente, memória de elefante. Elas tendem a esquecer quase tudo, devido ao excesso de informações com que lidam. De fato, um dos traços mais marcantes da contemporaneidade é que cada ser humano se depara, a todo instante, com uma avalanche de dados. Afinal, estamos na era da informação.

O que é a internet, senão um emaranhado de informações? Um meio de comunicação? Um grande oceano de imagens e palavras onde o usuário se embrenha? Evidentemente, não podemos reduzir esse poderoso instrumento a um amontoado gigantesco de dados. No entanto, talvez essa seja uma de suas principais características.

Além disso, atentemos para o fato de que os sistemas de busca (como Google, Cadê, Altavista, etc.) realizam pesquisas por meio de palavras-chave. Esses sistemas exigem não só de seus programadores, mas também de seus usuários, uma capacidade de abstração e topicalização imprescindíveis para o sucesso da busca. Mas, afinal, por que tudo isso se relaciona com a língua? É isso o que veremos a seguir.

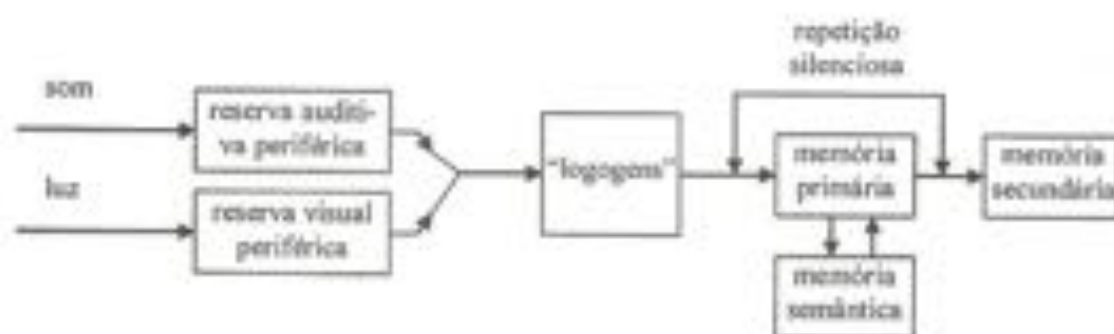
De acordo com resultados obtidos por diversos psicólogos e psicolingüistas, a língua é a intermediadora da interação vivida com o mundo físico e com o universo da cultura. Em outras palavras, todos os estímulos recebidos do mundo físico são transformados em palavras (categorização) e memorizados em forma verbal. Essa é a chamada hipótese do elo verbal, proposta por Glanzer e Clark (1964). Vejamos o seguinte esquema:





O psicólogo Vernon Gregg (1976) concluiu, por meio de várias pesquisas, que as informações e os estímulos recebidos do mundo físico devem ser convertidos em códigos que a memória seja capaz de manipular. O autor propõe o esquema abaixo, em que, após a categorização (transformação dos estímulos recebidos em categorias verbais), podem existir três tipos de memória:

- memória primária – reserva temporária da informação, que alguns teóricos consideram como “memória operacional” ou “consciência”;
- memória secundária – reserva a longo prazo;
- memória semântica – também denominada memória léxica, constitui uma memória duradoura onde está armazenado o léxico.



A “logogens” (proposta por MORTON, 1969) seria o estágio em que os estímulos e as informações são convertidos em forma verbal. Esse estágio responsabiliza-se pelo estabelecimento do “elo verbal”, como o próprio termo *logogens* indica: nascimento das palavras. Além disso, a *logogens* fornece a localização das palavras no dicionário da memória léxica.

Gregg (1976) considera vagas as denominações correntes de “memória a curto prazo” e “memória a longo prazo”. Essas denominações são definidas da seguinte maneira:

- memória a curto prazo – aquela usada rapidamente e descartada em seguida;
- memória a longo prazo – aquela usada para que o indivíduo possa acionar um dado uma semana (mês, ano) depois.

Na memorização a longo prazo, entra em ação o hipocampo, uma parte do cérebro que envia dados para diferentes partes do córtex cerebral, a fim de que lá ocorram reações químicas capazes de fortalecer as “conversas” entre as células da massa cinzenta. Por meio dessas reações ocorre a memorização. Isso quer dizer que o hipocampo processa as informações recebidas e seleciona quais devam ser armazenadas no córtex.

Quanto mais extensa a rede de neurônios envolvidos no processo, melhor a memorização e mais fácil sua recuperação no futuro. Portanto, atente para o que está ao seu redor: para que haja uma boa memorização é preciso que o indivíduo aproveite todos os estímulos recebidos do mundo que o rodeia.



O responsável pela recordação é o lobo frontal. Ele começa a trabalhar assim que os estímulos são integrados aos circuitos do cérebro. Enquanto ele traz à tona as informações armazenadas anteriormente, o hipocampo descansa.

De acordo com Orlando Bueno, da UNIFESP, o lobo frontal é que coordena as diversas memórias. Ele é a parte mais desenvolvida do cérebro humano, com relação aos outros animais. Assim, é no lobo frontal que são unidas as memórias para que se forme o raciocínio (TEIXEIRA; KENSKI, 2000).

Existem vários fatores que podem provocar falhas na memória a longo prazo. Os principais são: o excesso de informações (síndrome da fadiga da informação), a depressão, a ansiedade e o estresse. Por um lado, a pessoa depressiva tem dificuldade em perceber os estímulos do mundo a seu redor, por preocupar-se constantemente com o que lhe aborrece. Por outro lado, o ansioso não consegue concentrar-se muito tempo no mesmo assunto. O estresse, por sua vez, tem uma relação muito estreita com a síndrome da fadiga da informação e prejudica a concentração. Além disso, suspeita-se que ele seja responsável pelo encolhimento do hipocampo, o que deixa o cérebro sem forças para operar.

Há muitas pesquisas sendo desenvolvidas a fim de encontrarem-se alternativas para as falhas de memória. Uma novidade recente é que a memória conta com uma reserva de neurônios novos que surgem a partir de células existentes em todo o sistema nervoso. Essas células podem atuar no interior do hipocampo. Mas enquanto os cientistas avançam no desenvolvimento de suas pesquisas, as pessoas comuns podem utilizar-se de alguns paliativos para a falta de memória:

- a) ginkgo biloba – medicamento fitoterápico de eficácia comprovada, que pode ter sérios efeitos colaterais (diminuição do poder de cicatrização e sangramentos internos);
- b) exercícios físicos aeróbicos – ativam a circulação, reduzem o estresse e a ansiedade;
- c) atividades em grupo – aprimoram a coordenação motora;
- d) dieta balanceada, com refeições na hora certa – a energia necessária para o bom funcionamento do cérebro chega por meio dos alimentos e o movimento das mandíbulas auxilia na memorização;
- e) controle das informações com que o indivíduo lida – não se pode deixar que a informação controle a pessoa; é preciso determinar quando se está ou não disponível para receber novos dados;
- f) anotações – não deixar toda a responsabilidade de lembrar para os neurônios: utilizar uma agenda e bilhetes visíveis.

A memória de um indivíduo não é, pois, simplesmente um depósito de informações, pois os conceitos são dinâmicos.

### 2.2.2.1. Memória e dicionário

Um excelente instrumento no auxílio da memória é o dicionário. Há algum tempo, ele deixou de ser um auxiliar pedagógico duvidoso para tornar-se um recurso importante no ensino-aprendizagem de línguas.

No entanto, é evidente que mesmo o melhor dicionário tem inúmeras limitações, já que não passa de um grande repertório lexical com um estatuto inevitável de auxiliaridade. O dicionário é, portanto, um manual cujo uso pressupõe um bom conhecimento da língua na qual está escrito.

Por um lado, as informações contidas nos dicionários bilíngües geralmente são muito restritas. Por outro, as informações dadas pelos dicionários monolíngües estão na língua estrangeira, que está sendo aprendida. Assim, o dicionário, que é um manual (*aide-mémoire* em francês), supõe a memória, ou seja, um conhecimento adquirido anteriormente.

É possível aprender uma língua viva sem dicionários. Isso porque na cognição e memorização o cérebro se utiliza de muitos estímulos oferecidos pelo mundo ou de outras técnicas para o reconhecimento e a aprendizagem. No entanto, não é possível aprender uma língua apenas por meio de consultas sucessivas a dicionários. Por isso, é importante destacar que o dicionário, apesar de imprescindível, é apenas um instrumento auxiliar.

### 2.2.2.2. Memória e organização estrutural do léxico

As ULs têm uma forma variável. Isso significa que elas podem ter dimensões diferentes. Por exemplo, duas palavras podem remeter ao mesmo conceito; uma palavra pode remeter a mais de um conceito, etc.

A memória coletiva de uma determinada comunidade lingüística recorre ao mesmo tempo às formas lingüísticas (portadoras de conotações) e aos conceitos (que são ligados à história). Quanto à memória individual, ela é responsável por toda a nossa aprendizagem, inclusive lingüística.

A UL é um elemento mais ou menos estabilizado do saber. Seu estereótipo não é apenas uma "média" dos empregos no nível coletivo. Sua compreensão e o uso que cada usuário faz dela dependem da experiência individual. Isso não significa que a impressão constituída pela imagem acústica seja dependente de todas as experiências vividas por cada usuário da língua. No entanto, é inegável que essas experiências exerçam influência sobre a língua, tendo em vista o surgimento das diferenças diacrônicas e sociolingüísticas.

De acordo com Biderman (1981), o léxico é o domínio menos lingüístico da linguagem por ser a parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico. Ele engloba a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural atual e do passado.



O léxico pode ser considerado o patrimônio social por excelência de uma determinada comunidade lingüística. Ele é transmitido de geração em geração como signos operacionais. Por meio desses signos os indivíduos podem pensar e se expressar.

Ao contrário dos outros domínios da língua (sistema fonológico, gramatical, etc.), o léxico é um conjunto aberto, ou seja, se expande continuamente. O léxico de uma língua está organizado basicamente de duas maneiras, ambas de cunho material:

- a) nos dicionários de uma língua;
- b) nos padrões neuronais do cérebro dos indivíduos.

Enquanto uma língua natural pode conter até 500 mil ULs de todo tipo, um indivíduo adulto médio possui um repertório léxico que pode variar entre 20 e 40 mil ULs, sem contar os muitos desdobramentos devidos à polissemia e ao constante aprendizado de novas ULs. O acervo lexical dos indivíduos de uma mesma comunidade lingüística deve coincidir em grande parte, caso contrário, a comunicação seria muito difícil e até impossível. Esses números correspondem, na verdade, ao vocabulário passivo do indivíduo, ao conjunto vocabular que ele é capaz de compreender, mas seu vocabulário ativo, ou seja, aquele que o indivíduo produz oralmente ou por escrito, é muito mais reduzido, chegando no máximo a cinco mil unidades. Dentre estas, em torno de mil seriam consideradas as realmente mais frequentes.

O acervo lexical de um indivíduo é armazenado em sua memória léxica, para posteriormente ser utilizado na codificação ou decodificação de mensagens. Supõe-se que o cérebro organize uma estrutura dos dados do léxico de grande funcionalidade. Tendo em vista o grande número de elementos lexicais e sua complexidade combinatória, acredita-se que, para a estruturação do léxico no cérebro, sejam considerados o significado de cada UL, suas características gramaticais, suas possibilidades de uso, seu contexto e seus possíveis registros lingüísticos. Acredita-se, ainda, que as palavras instrumentais da língua (por exemplo, as preposições) e as palavras lexicais (de significação plena, não gramaticais) estejam armazenadas em áreas diferentes do cérebro. As palavras lexicais estariam armazenadas em uma estrutura paradigmática, de acordo com seu conteúdo lexical e sua função gramatical.

Assim, a estruturação do léxico dar-se-ia por meio de redes semânticas. De acordo com Biderman (1984, p. 142), "uma rede semântica é um conjunto articulado e estruturado de campos léxicos que se comunicam entre si. Os campos léxicos vão se integrando uns nos outros através de nós sêmicos comuns (unidades de significação), a fim de compor a grande cadeia de uma rede semântica". Provavelmente, as palavras nucleares de um campo léxico sejam mais frequentes que as periféricas. Sendo assim, elas seriam as primeiras palavras lexicais a serem aprendidas por um indivíduo.



Além da estruturação do léxico como um todo, os lingüistas consideram que existe uma estruturação interna na UL. Veremos no próximo item como se dá a estruturação interna das ULs.

### 2.3. O léxico na Lingüística

Foi Saussure quem, pela primeira vez, concebeu a língua como uma entidade abstrata. Para o autor, o que constitui a língua é a relação, feita pelo falante, entre os sons (significantes) e os conceitos (significados). Nas palavras do próprio Saussure (1970), o signo lingüístico une um conceito a uma imagem acústica e não uma coisa a um nome. Os termos propostos por esse lingüista são: signo, para o conjunto total; significado, para o conceito e significante, para a imagem acústica.

Saussure constatou ainda algumas características básicas do signo lingüístico:

- a arbitrariedade do signo, ou seja, o significante não tem nenhuma relação natural com seu significado;
- a imutabilidade, o que quer dizer que o signo lingüístico resiste, em termos sincrônicos, a substituições arbitrárias, já que a língua é uma instituição social;
- a mutabilidade do signo lingüístico, o que significa que todos os falantes participam da língua a todo instante e, por isso, ela sofre influência de todos com o passar do tempo; essas alterações só podem ser observadas ao longo da história e são baseadas principalmente nas mudanças culturais de uma sociedade.

Um outro estudo muito importante para o desenvolvimento da noção do signo foi o proposto por Ogden e Richards: o triângulo da significação. Vejamos a adaptação desse triângulo proposta por Biderman (1998, p.116):



Como postula Blikstein (1995), ainda que traga muitos problemas, o referente não pode ser ignorado na teoria lingüística. De acordo com o autor:

- o referente é produzido pela percepção humana.
- o referente é cognoscível.
- o referente vincula-se diretamente à significação lingüística porque não é, mas *representa* a realidade extralingüística.

Dessa maneira, como afirma Biderman, "o referente é parte integrante e essencial do signo lingüístico" (1998, p.117). Conseqüentemente, existe uma realidade que antecede o significado, a partir da qual construímos o signo. Criamos, a partir dessa realidade, um objeto mental (conceito) a que atribuímos um nome (significante).

Acredita-se que o significado das ULs seja estruturado. Muitos lexicógrafos e semantistas consideram que a UL é composta por uma significação básica (nuclear) e um halo de significação em que estão as conotações afetivas, estilísticas, etc. De acordo com Biderman (2001), esse conceito não é muito acertado por dar a impressão de que os significados do halo seriam dependentes ou decorrentes de um significado primitivo, o que muitas vezes não é verdade.

### 2.3.1. Enfoques sobre o léxico

O estudo do léxico foi enriquecido, nos anos 50 e 60, com o nascimento da Teoria da Informação. Nesse período foram feitos muitos trabalhos e pesquisas na área da Lexicologia, como a análise por meio de campos semânticos e lexicais.

Baldinger (1966), com outro enfoque, propõe duas direções para o estudo do léxico:

- Onomasiologia – estuda as designações (as palavras)
- Semasiologia – estuda as significações (as idéias)

De acordo com Biderman (1984, p.143):

*A semasiologia é uma área da Semântica que estuda os significados e a sua estruturação interna, a partir dos signos lingüísticos (das palavras). Divide-se assim o signo lingüístico nas suas duas faces – significante e significado. O método semasiológico considera os significantes para indagar sobre os significados, ou investigar o fenômeno da significação. O contrário da semasiologia é a onomasiologia, que parte da significação em busca da designação lingüística dos conceitos ou objetos considerados.*

Em Lexicologia, outros estudiosos enveredaram por estudos que correlacionam léxico e sociedade. Matoré (1953), por exemplo, classificou a Lexicologia como disciplina sociológica e incluiu a Semântica na Lingüística Histórica. Ambas as classificações são discutíveis.

O autor afirma que a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo. Segundo ele, é pela palavra (nomeação) que o homem exerce sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual (subjeto). Nessa perspectiva, a palavra é uma cristalização do conceito resultante da abstração e generalização. Isso possibilita sua transmissão às gerações futuras. Para esse autor, o léxico é só uma testemunha da sociedade ou da época em que vigora. Daí o nome dado por ele aos elementos do léxico: *mots-témoins* (palavras-testemunhas). É

importante destacar que mesmo os lexicólogos mais ilustres dificilmente conseguiram isolar a Lexicologia das várias ciências afins.

Outra hipótese para o estudo do léxico (explicitada no item 2.2.1) é a do relativismo lingüístico e da categorização do léxico (hipótese de Sapir-Whorf, 1969). Nessa perspectiva, o léxico é uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas em determinada cultura. Assim, os indivíduos dissecam a natureza de acordo com diretrizes estabelecidas por sua língua nativa. Nessa perspectiva, o mundo se apresenta como um fluxo caleidoscópico de impressões que são organizadas pelos sistemas lingüísticos na mente das pessoas. Por meio da língua, uma comunidade recorta a natureza ao seu redor e a organiza em conceitos, atribuindo-lhe significados. Cada falante é parte de um contrato implícito na comunidade lingüística, codificando nos padrões de sua língua. Esse contrato é absolutamente coercitivo e ninguém pode falar sem subscrever a organização dos dados imposta por ele. O léxico é o domínio por excelência em que os símbolos de uma cultura estão codificados.

Em síntese, como afirma Biderman (1984, p. 134), de acordo com essa teoria:

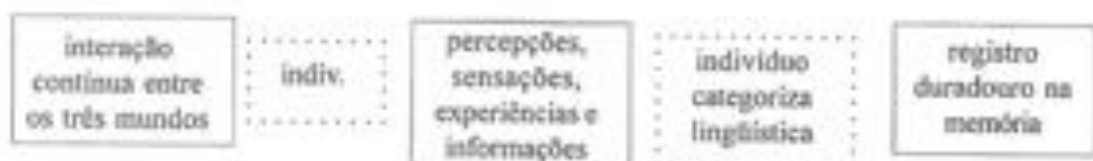
O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como o meio cultural.

Há ainda uma teoria desenvolvida pelo filósofo Karl Popper (1986), com base na qual é possível especular que as experiências e a interação entre o mundo físico e o universo da cultura fornecerão o conjunto de dados que serão codificados lingüisticamente e armazenados na memória léxica do indivíduo. Popper situa o homem em três mundos diferentes: o mundo físico, o mundo dos estados de consciência e o mundo cultural.

Com base na teoria de Popper, é possível propor o seguinte esquema:



O neurologista John Eccles valeu-se das idéias de Popper para propor um modelo de como se processam as experiências no cérebro humano:





Na perspectiva teórica de Sapir-Whorf, o léxico de uma língua seria um arquivo acumulado da experiência multissecular das comunidades humanas que falaram e falam essa língua. Ao longo do tempo, foi criado um molde lingüístico para a comunidade, por meio de suas categorias verbais. Assim, os falantes de determinada língua vêem e percebem o mundo e sua realidade através do prisma de sua língua, com base nas ULs cristalizadas em seu patrimônio lingüístico (lexical).

### 2.3.1.1. A aprendizagem do léxico

Na idade infantil, a aquisição do léxico em língua materna está muito relacionada ao desenvolvimento cognitivo (COURTILLON, 1989). Tendo em vista que, na criança, a cognição ainda não está plenamente desenvolvida, as produções orais espontâneas da criança revelam uma falta de domínio no plano mais abstrato da língua, por exemplo, nos adjetivos que remetem a julgamentos de valor, verbos e substantivos que designam comportamentos mais ou menos complexos ou noções com as quais a criança ainda não está familiarizada. Dessa maneira, a criança utiliza-se de algumas estratégias para paliar sua insuficiência lexical. No caso das crianças, o que está em jogo não é o conhecimento do léxico, mas uma competência que ainda não foi adquirida.

No entanto, a aprendizagem do léxico de uma língua estrangeira na adolescência (e na idade adulta) não se dá da mesma maneira. De acordo com Courtillon (1989), é preciso distinguir as diferentes etapas pelas quais passa o aprendiz de uma língua estrangeira quando ele está em uma sala de aula. Segundo a autora, é possível abalizar três diferentes etapas, com base nas estratégias utilizadas pelos estudantes:

- 1ª etapa: aquisição natural do léxico, ligada às necessidades de produção do aprendiz, em que o léxico é assimilado à medida que tarefas são propostas. Nessa etapa, o dicionário ocupa um papel importante e o léxico é o centro ao redor do qual se organiza a aprendizagem da sintaxe e, posteriormente, da morfossintaxe.
- 2ª etapa: aquisição da capacidade de dar equivalências de sentido. Esses equivalentes podem ser palavras, paráfrases ou explicações de uma palavra ou enunciado. Essa etapa só se inicia após aproximadamente 200 horas de aula.
- 3ª etapa: aquisição da capacidade de confrontar termos do léxico para compará-los. Ela seria a etapa final na aprendizagem do léxico e se manifesta apenas em alguns aprendizes. A maioria dos alunos não sente necessidade desse estágio e para que esse nível de competência lexical se eleve é necessário que haja intervenções no ensino.

É importante destacar que, desde a primeira etapa, devem ser incentivadas as pequenas produções textuais em que o léxico é utilizado com função poética ou estilística, porque os alunos se sentem motivados pelo prazer de criar textos com

liberdade. Esses exercícios podem contribuir para a riqueza lexical dos aprendizes e para uma maior expressividade de suas produções (tanto orais como escritas).

### 2.3.1.2. O ensino do léxico

Durante muito tempo o ensino do léxico foi considerado o parente pobre do ensino de línguas (SAUTERMEISTER, 1989). Isso se deve a problemas epistemológicos e metodológicos, já que o léxico é um domínio ilimitado da linguagem e está ligado às questões da significação e à história da língua. O fato é que sempre foi muito difícil analisar e estruturar logicamente o léxico.

Em um primeiro momento, os estudiosos do ensino de línguas negligenciaram a semântica. Posteriormente, o ensino e a aprendizagem do léxico foram considerados apenas sob o aspecto do conteúdo. Assim, surgiram as primeiras pesquisas nessa área, que tratavam da quantidade de ULs que deveriam ser ensinadas a um aprendiz iniciante. Por exemplo, o Francês Fundamental foi estabelecido nos anos 60 a partir das palavras mais frequentes da língua francesa, acrescidas das mais necessárias à comunicação (ainda que fossem menos frequentes). Esse método representou um progresso para a época, tendo em vista as tradicionais listas de palavras agrupadas por centros de interesse.

Nos anos 70, o Conselho Europeu publicou um Nível Básico, em que foi adotada uma perspectiva funcionalista, a fim de paliar as limitações do Francês Fundamental. Esse método concentra o ensino do léxico nas necessidades específicas do aprendiz e insiste na importância dos atos de fala. No entanto, tal método ficou num estado de abstração, pois permaneceu no plano lexical, propondo um número muito restrito de sintagmas e restringindo-se à enumeração de noções.

Posteriormente, desenvolveu-se uma semântica funcional que visava suprir as lacunas deixadas pelo estruturalismo. Ela permitiu que se modificasse a concepção do léxico de uma simples nomenclatura a uma estrutura organizada. Como consequência, os estudos lexicológicos ampliaram-se consideravelmente e os métodos de ensino do léxico tornaram-se mais frutuosos. Alguns dos estudos lexicológicos que contribuíram para o ensino do léxico são: a decomposição do significado em traços pertinentes lógicos (POTTIER, 1964; GREIMAS, 1966), os campos lexicais (GECKELER, 1971; COSERIU, 1981) e contextuais e situacionais (GALISSON, 1979). Esses estudos possibilitaram a concepção do léxico como um conjunto complexo estruturado, semelhante a um edifício de muitas camadas e com diversas lacunas.

Finalmente, os estudos psicolinguísticos confirmaram que o léxico deve ser ensinado ordenadamente, enfatizando-se a importância dos esquemas estruturadores que contribuem para a memorização, principalmente se o aprendiz é um adulto.



### 2.3.1.2.1. O ensino do léxico em cursos superiores

Para o ensino do léxico em cursos superiores é necessário considerar alguns pontos fundamentais: normalmente os estudantes são adultos, o grupo é heterogêneo e seus objetivos são relativamente imprecisos.

Um levantamento de erros cometidos por estudantes universitários em exercícios orais e escritos, feito por Sautermeister (1989), revelou que:

- o estudante utiliza um vocabulário restrito e repetitivo, mesmo que sua competência lexical seja mais extensa;
- o estudante assimila a sinonímia como uma equivalência;
- o estudante confunde os diferentes registros, principalmente se ele permaneceu um tempo no país cuja língua está estudando (no caso, a França);
- a competência lexical do estudante baseia-se em palavras isoladas; ele tem dificuldade para agrupar essas palavras, para formar frases; quando se vê obrigado a fazê-lo, calca sua composição em estruturas da língua materna;
- enfim, mesmo tendo aprendido que cada língua tem uma estruturação diferente, o estudante não escapa, ainda no nível avançado, do automatismo cômodo das equivalências entre a língua-fonte e a língua-alvo.

De acordo com Möhle (*apud* SAUTERMEISTER, 1989), o fenômeno acima se deve a razões psicolinguísticas, pois, quando um adulto aprende uma língua estrangeira, ele já tem, por meio de sua língua materna, representações claras e estabelecidas para as quais espera equivalentes na língua estrangeira.

Assim, a tendência é que o aprendiz se concentre nas palavras isoladas, considerando a estrutura de conjunto como um fator secundário destinado apenas a transmitir o conteúdo das palavras. Esse fato explica, de certa maneira, os bloqueios no comportamento verbal e a incapacidade de melhorar, uma vez atingido um certo nível. Além disso, esse fato pode ser a causa para que alguns enunciados, mesmo compostos de elementos da língua estrangeira, constituam um todo de difícil compreensão.

Sautermeister (1989) sugere, portanto, que o ensino do vocabulário em nível superior deva insistir sobre alguns pontos abaixo relacionados:

- elucidar e precisar as relações de significação, seguindo, por exemplo, o estudo dos campos lexicais proposto por Geckeler (1971) ou a análise sêmica proposta por Galisson, etc;
- apresentar as microestruturas lexicais em seus contextos imediatos e em suas situações; estudar as ULs concorrentes no plano sintagmático, bem como as correlacionadas;



- estimular a memorização das colocações, em oposição aos grupos livres;
- desenvolver, no plano interlingüístico, a consciência da diferença nas estruturas lexicais das línguas envolvidas;
- trabalhar sobre as interferências entre as línguas.

No trabalho de Courtillon (1989), são propostas diferentes atividades para cada etapa de aprendizagem do léxico (expostas anteriormente). Na primeira etapa, por exemplo, a autora propõe exercícios que permitam ao aluno expressar uma intenção de comunicação. Já na segunda etapa, a autora sugere que se proponham tarefas a fim de permitir que o aprendiz reative o léxico aprendido anteriormente, por meio de paráfrases. Finalmente, na terceira etapa, é necessário encorajar exercícios de "sinonímia natural", a fim de ultrapassá-la e de verificar se o aluno conhece o sentido exato de uma palavra e seu lugar em um campo lexical.

Courtillon apresenta, ainda, muitos outros exercícios paralelos, que podem ser feitos nas diversas etapas de aprendizagem do léxico. A autora afirma que em todos os exercícios é necessário que entrem em jogo tanto o raciocínio (analítico, consciente) como a criatividade (lúdica, subconsciente).

#### 4. Conclusão

Pôde-se observar que os estudos lexicológicos e lexicográficos formam juntamente com outras áreas da Linguística uma grande comunidade em cujas fronteiras há um livre, salutar e inevitável trânsito.

De um modo geral, entretanto, identificam-se contribuições específicas e primordiais da Lexicologia e Lexicografia: a descrição do universo de todo o complexo conjunto vocabular das línguas e a sua inserção em sem-número de tipos de obras de referência.

#### Referências bibliográficas

- BALDINGER, K. (1966). *Semasiologia e onomasiologia*. Trad. Ataliba T. de Castilho. *Alfa*, São Paulo, v. 9, p. 7-36.
- BASÍLIO, Margarida (2003). *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 94 p.
- BÍBLIA: Tradução Ecumênica (1994). São Paulo: Loyola, 1994.
- BIDERMAN, M. T. C. (2001). *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes.
- BIDERMAN, M. T. C. (1998). Dimensões da palavra. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo: n. 2, p. 81-118.
- BIDERMAN, M. T. C. (1984). Glossário. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 135-144. Suplemento.
- BIDERMAN, M. T. C. (1981). *Estudos de Filologia Lingüística*. São Paulo: Queros/EDUSP.
- BLIKSTEIN, I. (1995). *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix.

- BROWN, R. W.; LENNEBERG, E. H. (1958). Studies in linguistic relativity. In: MACCOB, E. E., NEWCOMB, T. M & HARTLEY, E. L. (Orgs.). *Readings in social psychology*. New York: Henry Holt and Company, p. 9-18.
- CARROL, J. (Org.) (1965). *Language, thought and reality: selected writings of B. L. Whorf*. Massachusetts: Cambridge.
- COSERIU, E. (1981). *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos.
- COURTILLON, J. (1989). Lexique et apprentissage de la langue. *Français dans le monde: recherches et applications*, Paris, p. 146-153, août/sept. Edição especial.
- COUTINHO, I. L. (1974). *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 357p.
- ECCLES, J. C. (1979). *O conhecimento do cérebro*. São Paulo: Atheneu / EDUSP.
- GALISSON, R. (1979). *Lexicologie et enseignement des langues*. Paris: Hachette.
- GECKELER, H. (1971). *Semântica estrutural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos.
- GLANZER, M.; CLARK, W. H. (1964). The verbal loop hypothesis: conventional figures. *American Journal of Psychology*, 77, p. 621-626.
- GREGG, V. (1976). *Memória humana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GREIMAS, A. (1966). *Sémantique structurale*. Paris: Larousse.
- GUSDORF, Georges. (1966). *La parole*. Paris: Presses Universitaires de France.
- HAENSCH, G. et al. (1982). *La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- LEECH, G. (1976). *Semantics*, Middlesex, Penguin Books Ltd., Harmondsworth.
- LENNEBERG, E. H. (1975). *Fundamentos biológicos del lenguaje*. Madrid: Alianza Universidad.
- MATORÉ, G. (1953). *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Didier.
- MORTON, J. (1969). Interaction of information in word recognition. *Psychological Review*, 76, p. 165-78.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (1956). *The meaning of meaning*. New York: Harcourt, Brace & Co.
- POPPER, K. R. (1986). *Objective knowledge: an evolutionary approach*. Oxford: Clarendon Press.
- POTTIER, B. (1964). Vers une sémantique moderne. *Tralili*, Strasbourg, 2, p.107-137.
- SAPIR, E. (1969). *Linguística como ciência*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SAUSSURE, F. (1970). *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SAUTERMEISTER, C. (1989). Pour une meilleure compétence lexicale. *Le Français dans le monde: recherches et applications*, Paris, p. 122-133, août/sept. Edição especial.
- SILVA, T. C. (2001). *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001. 261 p.
- TEIXEIRA, D.; KENSKI, R. (2000). Branco? *Superinteressante*, São Paulo, p. 49-53, ago.

# Las naciones imposibles y el mundo del *mulataje* en el Caribe

José F. Buscaglia

State University of New York at Buffalo

## RESUMO

Há razões para suspeitar que certos projetos crioulos de emancipação nacional têm caminhado no sentido contrário à trajetória e às reivindicações de liberdade dos povos americanos. É precisamente no Caribe onde esta problemática assume uma prática de vida que, desde os inícios da modernidade/colonialidade, soube confrontar-se com o Ideal Europeu. Essa prática é o "mulataje", um procedimento que responde a um movimento metafórico e que descreve a própria essência da estética caribenha. Dessa forma, o sujeito caribenho descreve no seu proceder um movimento de contra-colonização do Ideal Europeu que é sempre mais rentável do que menos, é aditivo e é irreconciliavelmente versátil e que, portanto, no mundo atlântico é o verdadeiro *plus ultra*.

## RESUMEN

Hay razones para sospechar que ciertos proyectos criollos de emancipación nacional han marchado en sentido contrario de la trayectoria histórica y de los reclamos de libertad de los pueblos americanos. Es precisamente en el Caribe donde esta problemática cobra forma en una práctica de vida que desde los inicios de la modernidad/colonialidad ha sabido medirse y desmedirse frente al Ideal Europeo. Esa práctica es el mulataje, un proceder que responde a un movimiento metafórico y que describe la esencia misma de la estética caribenha. Así, el sujeto caribeño describe en su proceder un movimiento de contra-colonización del Ideal Europeo que rinde siempre más que menos, es aditivo e irreconciliablemente versátil, y que por tanto, en el mundo atlántico es el verdadero *plus ultra*.



Me negué a pertenecer a una raza, rehusé aceptar una nación.

Jamaica Kincaid<sup>1</sup>

El 30 de enero de 1891 el periódico mexicano *El Partido Liberal* publicó un ensayo titulado "Nuestra América," escrito por José Martí quien entonces vivía exiliado en la ciudad de Nueva York. El poeta y político criollo hizo en el mismo un elocuente llamado a la reevaluación radical de lo que hoy llamamos la problemática latinoamericana, señalando la necesidad de desarrollar soluciones críticas y creativas nacidas de un entendimiento cabal y profundo de las sociedades en cuestión. "Ni el libro europeo, ni el libro yanqui, daban la clave del enigma hispanoamericano"<sup>2</sup> sentenció Martí, dejando en evidencia las insuficiencias epistemológicas de los modelos importados y de las escuelas del saber europeo y europeizante. El escrito identificaba a su vez algunos de los principales problemas de la herencia colonial y enfatizaba el potencial inherente de los pueblos de la región. Pero, ante todo, "Nuestra América" fue un llamado urgente a poner la casa en orden antes de que los intereses *usonianos*<sup>3</sup> llegaran a derribar la puerta.

Este texto fue presentado inicialmente como ponencia, bajo el título de "Notas para ir desarmando la Historia del Caribe," en la *Casa de Letras* de la Ciudad de La Habana, Cuba, el 18 de junio de 2002. Debo agradecer muy encarecidamente a Reina María Rodríguez y a Jorge Millares por su invitación a formar parte de ese espacio de tertulia abierto y único. Agradezco también los comentarios recibidos de Antón Arrufat y a Reinier Pérez Hernández por haber señalado más de una corrección. Dedico este trabajo a todos cuantos, semana tras semana, mantienen viva la llama del pensamiento libre y sincero en la *Casa de Letras* de aquella gran ciudad.

<sup>1</sup> En el texto original: "I refused to belong to a race, I refused to accept a nation." KINCAID, Jamaica. *The autobiography of my mother*. New York: Penguin Books, 1997. p. 226.

<sup>2</sup> MARTÍ, José. *Nuestra América*. In: MARTÍ, José. *Nuestra América*. Caracas: Ayacacho, 1977. p. 30-31. Introd. de Juan Marinello.

<sup>3</sup> Dado que la América se extiende desde Tierra del Fuego al Círculo Ártico, entiendo que ningún pueblo del continente puede en justa medida ostentar el título de americano en exclusividad. Por eso prefiero referirme a los ciudadanos de los Estados Unidos de América como *usonianos*, neologismo que deriva del inglés *usonian*, popularizado inicialmente y usado casi en exclusividad por el arquitecto Frank Lloyd Wright quien en la década de los treinta del siglo pasado lo utilizó para referirse a cierto diseño de arquitectura modular para casas prefabricadas.

Martí daba la voz de alerta, sabiendo muy bien que aquella Nuestra América vivía amenazada por "un pueblo emprendedor que la desconoce y la desdeña."<sup>16</sup> Ante tal amenaza, este llamado a compartir un proyecto de renovación política a escala continental se fraguó en la imagen de la falange y del molde único: "Es la hora del recuento, y de la marcha unida, y hemos de andar en cuadro apretado, como la plata en las raíces de los Andes."<sup>17</sup> Incluso hay momentos en el texto en que, impulsado por el sentido de urgencia, Martí privilegia la fe sobre la razón, llevando a sus lectores hasta el mismo borde del paso en falso. Es en esos momentos cuando el ensayo pierde su fuerza, convirtiéndose en una especie de invitación de última hora para abordar el tren de la redención nacional, invitación esta que pareciera obligar a los pasajeros a dejar en consignación permanente en la estación todo equipaje que pudiera demorar o desviar a la locomotora de su feliz destino.

El párrafo de cabecera arma la trampa, entrando en materia como lo haría más tarde Neruda al enumerar los deberes minerales: "Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra."<sup>18</sup> El lector que no caiga en la emboscada nacionalista se dará cuenta que Martí se entrega inmediatamente a la tarea de levantar un parapeto ideológico, colocando un principio sobre otro y desplazándose con cautela pero con un sentido terrible de la urgencia. Invariablemente, sin embargo, hasta los muros más fuertes pierden su gravitas en la cresta, y aquí la tapiería martiana no es una excepción. El último párrafo se trunca con una frase de piedra clave que no tiene ni la más mínima posibilidad de sostener la fuerza del arco: "No hay odio de razas, porque no hay razas."<sup>19</sup>

La postura de Martí con relación a la total irrelevancia y arbitrariedad de los sistemas de clasificación racial era sin lugar a dudas radical para su tiempo. Pero como proyecto político no era nueva. Por lo menos en el Caribe, la lucha contra lo que Martí llamó las "razas de librería"<sup>20</sup> formó parte de un programa político que comenzó a cobrar forma con la Revolución Haitiana un siglo antes de que el ensayo fuera publicado en México. Bien sabía Martí que las razas de librería fueron siempre superadas por la práctica cotidiana de vida de aquel a quien él llamó el hombre natural. Lo que sí era nuevo era la declaración martiana que negaba la existencia del odio de razas. Una cosa era destrozarse el mito de la diferencia racial y otra muy distinta era tratar de borrar la muy verdadera historia de opresión y genocidio llevada a cabo en nombre de esas demarcaciones so pena tan arbitrarias. Hacer lo propio sería atentar contra la memoria de lo que Aníbal Quijano ha caracterizado como "la expresión más visible de la colonialidad del poder durante los últimos 500 años."<sup>21</sup> Quijano define la colonialidad del poder como "ese elemen-

<sup>16</sup> MARTÍ, *op. cit.*, p. 32.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>20</sup> *Ibid.*

<sup>21</sup> QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and eurocentrism in Latin America. *International Sociology*, v. 15, n.2, 2000, p. 218.



to específico y esencial del nuevo patrón del poder global que se basó en la idea de la 'raza' y en la clasificación socio 'racial' de la población del mundo" y cuyo "resultado histórico más significativo fue el surgimiento de un poder colonial/moderno eurocéntrico y capitalista que sigue en vigencia."<sup>10</sup>

La razón de la aparente sinrazón en Martí se encuentra en el sentido de urgencia que es tan latente en la visión apocalíptica presagiada en "Nuestra América" y que impulsó el proyecto para hacer de Cuba una nación estado mediante la creación y el cuidado de lo que él entendió por *patria*. No hay duda de que el concepto martiano de patria era amplio, incluyente, y destinado a reivindicar los derechos de quienes él llamó los humildes, por lo menos a los varones de edad adulta entre ellos. Louis A. Pérez describe la noción de la nación en Martí como "la promesa de salvación para todos pero, por supuesto, especialmente para los desposeídos y los desplazados – los humildes, como Martí le gustaba llamarlos: lo cual era una proposición completamente razonable pues patria vino a entenderse como comunidad y membresía, como algo real e importante, algo que sugería un concepto muchísimo más abarcador de lo nacional de lo que hasta entonces se había jamás imaginado."<sup>11</sup> A pesar de esto, para Martí patria también fue un ideal incuestionable "en cuya defensa toleró excesos que en casi cualquier otro contexto denunció."<sup>12</sup> Patria fue la razón de la mitomanía racial en Martí. Dado que la nación estado era la promesa misma de la desaparición de toda diferencia creada por los sistemas de clasificación racial – la colonialidad del poder –, unirse a la causa de Cuba Libre, tal como la definía Martí, conllevaba, como requisito *a priori*, el abandono de toda reivindicación y de todo odio basado en lo racial.

El observador desapasionado podrá responder al "no hay odio de razas, porque no hay razas" apuntando que si bien es en principio cierto que no hay razas, existe sin embargo una problemática racial que marca y determina de forma maléfica las relaciones de poder en las sociedades americanas, no sólo de lo que Martí llamó Nuestra América sino en la América del Norte y más allá. De hecho, no sería difícil defender precisamente lo que más parece haber temido Martí. Para hablar con propiedad, pienso que queda claro que mientras el odio de razas continúe siendo el *non possumus* compartido por todas estas sociedades, los estados americanos no podrán ser considerados otra cosa que naciones imposibles. Y puede que sea necesario cuestionar lo que Martí entendió por el odio de razas, al menos en lo que respecta a la aparente imposibilidad – o indeseabilidad – de montar naciones sobre las sociedades coloniales americanas. Quizás lo que él llamó odio de razas no fuera otra cosa que la percibida animosidad y la desconfianza mutua entre proyectos sociales alternos, proyectos estos que pueden haber promovido ideas divergentes

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> PÉREZ JR, Louis A. *Meditations on Martí*. In: AMERICAS CONFERENCE, 28 Jan. 1998, Tampa, Florida. *Keynote address...* Florida: University of South Florida, 2001, p. 3.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 4.



de la libertad y de la relación de este concepto abstracto con el proyecto independentista y los reclamos de justicia social. Digo más, y es que hay razones para sospechar que ciertos proyectos criollos de emancipación nacional han marchado en sentido contrario de la trayectoria histórica y de los reclamos de libertad de aquel quien Martí llamó el hombre natural, en cuanto y en tanto estos proyectos criollos favorecieron la creación de regímenes postcoloniales que fueron y siguen siendo dependencias ideológicas de lo que Quijano ha llamado "la perspectiva eurocentrista del saber."<sup>13</sup>

Pienso que es precisamente en el Caribe donde esta problemática cobra forma más tangible. Y no es para más, puesto que el Caribe es precisamente el epicentro histórico de la colonialidad del poder y, sobre todo, porque fue allí donde por primera vez esa categoría del saber encontró una práctica de vida que supo enfrentarse, poniendo en tela de juicio primero a la colonia y luego a su nación. He aquí los orígenes de lo que yo llamo la estética caribeña.

Para ir barloventeando con este movimiento, es necesario primeramente tender sobre cubierta dos de los supuestos elementales del saber eurocentrista según delineados por Quijano. En primer lugar, será necesario desplegar el contrafoque y coser a todo lo largo de un desgarrar artificial que ha pretendido dividir el tiempo y mantener al sujeto "no europeo" en un pasado que es todo naufragio, separado de la supuesta modernidad europea. En segundo lugar, debemos abandonar el derrotero cartesiano que divide al mundo entre los "no europeos" como objeto de estudio, de dominación, explotación y discriminación, del "sujeto racional" europeo o europeizante.<sup>14</sup> Allí donde yo encuentro lo que llamo el mundo mulato del Caribe esas divisiones no son practicables puesto que el cuerpo del mulato, y el *body politic* de las sociedades caribeñas, son el centro de gravedad y el lugar de convergencia y de resistencia a todo cuanto la colonialidad del poder pretende desgarrar. Si tal y como Quijano apunta, la colonialidad del poder intenta reducir al sujeto "no europeo" al puro no ser,<sup>15</sup> y diría yo también a la condición de ser nadie, entonces el cuerpo del sujeto de la colonialidad caribeña debe ser reconocido como el refugio más seguro de la experiencia moderna, tanto en su abarcadora memoria como en su más compleja práctica de vida.

Enfrentarse y batir a la bestia bicéfala del saber eurocentrista no elimina la razón histórica que le dio vida y en torno a la cual se enreda y se ha organizado la apreciación de toda vivencia en la colonialidad del poder. Creerlo así sería asumir la misma postura mitomaniaca de Martí en cuanto al odio de razas. Lo cierto es que, mientras la postura eurocentrista es indefensible, el mundo de la colonialidad del poder siempre ha estado organizado en torno a una noción

<sup>13</sup> QUIJANO, *op. cit.*, p. 215.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 221.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 221.

de proporciones cuasi-mitológicas que es el punto generatriz de todas sus geometrías y que yo llamo el *Ideal Europeo*. En la historia del Caribe, todo aquel que un día quiso ser alguien ha tenido que medirse con la vara de ese ideal.

Al medirse y desmedirse, correrle por el centro o darle la vuelta, estar obsesionado o desacatar completamente los rigores del Ideal Europeo, el sujeto de la colonialidad en el Caribe ha establecido un universo estético paralelo a la práctica del saber sustentada y proyectada por la colonialidad del poder. Hace ya medio siglo que José Lezama Lima se enfrentó críticamente a lo que él llamó "la expresión americana." Yo estoy convencido de que el enfoque lezamiano, siempre más poético que historicista, es la mejor manera de explorar la subjetividad caribeña.

A Lezama no le interesaba el juego de las derivaciones formulaicas que en la lógica dialéctica anda tras el paso del espíritu objetivo hegeliano. Si es cierto que Lezama nunca entendió bien a Hegel, pienso justo y necesario añadir que, viéndolo desde el Caribe, Lezama debe haber entendido lo suficiente para saber que Hegel nunca entendió nada. De ahí que Lezama andara tras la pista de lo que él dio por llamar el *sujeto metafórico*.<sup>16</sup> Según el viejo maestro, el sujeto metafórico no trata de darle sentido a la historia y participa en una narrativa que solamente hace sentido en su interacción o contrapunteo con la *imago*, que es la idea o ideas misteriosa y representativamente enmarcadas en la imagen. Este movimiento de contrapunteo supone que el sujeto metafórico se ingenia y se imagina desde un espacio pleno y real donde, para citar a Ackbar Abbas, "las experiencias, las percepciones y las emociones toman la forma de eventos."<sup>17</sup>

Según Lezama el sujeto metafórico es el agente que evita que las formaciones naturales y culturales se conviertan en piezas petrificadas del imaginario histórico,<sup>18</sup> es aquel que nos recuerda la "obligación casi de volver a vivir lo que ya no se puede precisar."<sup>19</sup> En este sentido el sujeto metafórico es el custodio de la ruina silente, es aquel quien, desplazándose a sus anchas, habita el lugar mucho antes abandonado por la memoria histórica de los más advenedizos. Esos lugares siempre contienen las huellas de antiguos desplazamientos. Esos viejos rastros son los eventos a los que el sujeto metafórico da vida, pasando de un lugar a otro, dentro y fuera de un mismo lugar, y creando a su paso una larga cadena de sitios relacionados en un contrapunteo que supone, desde siempre, que la relación entre un sitio y otro es siempre variante e inestable. La *imago* lezamiana es por tanto una entidad espacial plena y, en los mejores casos, puede llegar a considerársela un evento arquitectónico.

<sup>16</sup> LEZAMA LIMA, José. *Mitos y cancionero clásico*. In: *id. La expresión americana*. Chiampì. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 53. Ed. de Irlemar.

<sup>17</sup> En el texto original: "where experiences, perceptions and affects take on some of the character of events". ABBAS, Ackbar. *Building on disappearance: Hong Kong architecture and the city*. *Public Culture*, v. 6, n. 3, 1994. p. 443.

<sup>18</sup> LEZAMA LIMA, op. cit., p. 54.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 56.



Guillermo Cabrera Infante ha escrito que "[L]a arquitectura, aparte de unos pocos libros, es la única forma de historia posible."<sup>20</sup> Según Cabrera Infante "un edificio vale más que mil palabras porque es una imagen dura que dura."<sup>21</sup> Aquí está la imago en su forma más concreta, como movimiento que deja su marca en el espacio.

Debo añadir, sin embargo, que el sujeto metafórico es más que el custodio de la ruina, de lo ya olvidado, o de lo perdido para siempre. Aristóteles describió la metáfora como el dar a una cosa el nombre que le pertenece a otra,<sup>22</sup> no ya en el sentido analógico de transferir el significado de una especie a otra, de un género a otro, sino, más importante aún, en el sentido de la verdadera transgresión que supone desplazarse de género a especie y de especie a género. Este es el proceder del sujeto metafórico quien, en vez de residir en un estado de inmovilidad, o en el vacío que describe a la contemplación objetiva y objetivizante, hace sentido del mundo como quien recorre la escena del crimen recogiendo objetos a gusto y de esa forma contaminando y destruyendo la evidencia. Completamente opuesto al juego de la valorización de la diferencia, el cual por supuesto valida la posición del diferenciador como el sabio intérprete de todo signo y principal cotizador de todo cuerpo marcado por el sello del Ideal, es decir, contrario al "espíritu objetivo" de la colonialidad del poder, puede decirse que el sujeto metafórico, para citar nuevamente a Aristóteles, tiene un conocimiento intuitivo de la semejanza entre lo diferente.<sup>23</sup> El sujeto metafórico se mueve libremente, traspasando lo otrotra impermeable y dejando un rastro de complicidades formidables que establece lo que Lezama llamó "[U]na suerte de causalidad retrospectiva," causalidad esta que no es sustentada por fundamentos y estatutos académicos, políticos, o científicos y que se desboca en un vertiginoso devenir matizado en todo momento por la constante *sorpresa de los enlaces*.<sup>24</sup>

En este sentido, mi lectura de Lezama no dista tanto de la "estrategia del engaño" (strategy of trickery)<sup>25</sup> que encuentra Edouard Glissant en la lengua Creole y en las "convergencias subterráneas" que "evidencian la más obvia aunque insospechada dimensión del comportamiento humano: la transversalidad."<sup>26</sup> Glissant piensa en la transversalidad como un devenir que corre contrario a la creencia en "la transcendencia universal de lo sublime" y asegura que es una práctica profundamente arraigada en el Caribe: "tenemos la buena suerte de vivir este proceso compartido de mutación cultural, esta convergencia que nos libra de la uniformidad."<sup>27</sup>

<sup>20</sup> CABRERA INFANTE, Guillermo. *El libro de los ciudades*. Madrid: Alfaguara, 1999. p. 15.

<sup>21</sup> Op. cit., p. 15.

<sup>22</sup> ARISTOTLE. *Poetics*. In: MCKEON, Richard (ed.). *The basic works of Aristotle*. New York: Random House, 1941. p. 1457b.

<sup>23</sup> ARISTOTLE. 1459a.

<sup>24</sup> LEZAMA LIMA, op. cit., p. 59.

<sup>25</sup> GLISSANT, Edouard. *Caribbean discourse: selected essays*. Traducción e introducción: J. Michael Dash. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992. p. 21.

<sup>26</sup> GLISSANT, p. 66.

<sup>27</sup> En el texto en traducción: "we have the good fortune of living, this shared process of cultural mutation, this convergence that frees us from uniformity". GLISSANT, p. 67.



Propongo pues que el movimiento metafórico es la contraparte estética de la perspectiva del saber que sostiene el reclamo de la "trascendencia universal" de la colonialidad del poder. Esto puede ser corroborado en una extensa lista de eventos ocurridos a lo largo y ancho del Mar de las Antillas. Precisamente, desde los comienzos de la colonialidad, ha existido una relación contrapuntal entre la noción del Ideal Europeo en todas sus facetas y el movimiento que yo llamo *mulataje*, que responde a la vera esencia de la subjetividad metafórica. La primera es una progresión que va de una noción de la perfección geométrica y de la proyección analógica del cuerpo ideal, a un concepto reduccionista de exclusividad socioracial que acompañó, hizo posibles y aseguró tanto las utopías nacionales americanas como los proyectos imperiales modernos. El segundo es el movimiento del sujeto caribeño, un devenir cuya esencia responde a una geografía de fronteras siempre cambiantes, a una suerte de memoria ismaelita, y a una práctica de vida donde los cuerpos se relacionan siempre en una trilogía subjetiva que es un tipo de triangulación permanente de la imago, algo similar a lo que Antonio Benítez Rojo advierte en "los significantes errantes" (*wandering signifiers*) que convergen y corren por medio de la imagen de la Virgen de la Caridad del Cobre.<sup>28</sup> Esta triangulación tiene poco que ver con la dialéctica y mucho con la errancia. Aquí recuerdo la reflexión del arquitecto italiano Aldo Rossi quien una vez comentó: "siempre que dibujo un triángulo pienso no solo en la dificultad de cerrarlo, sino también en la riqueza que implica el error."<sup>29</sup>

Como movimiento metafórico, el *mulataje* no responde tanto a la producción de la diferencia que hoy por hoy alimenta a la colonialidad del poder, sino a lo que Aristóteles llamó "una percepción intuitiva de la similaridad entre los disímiles."<sup>30</sup> De hecho, siendo la incorporación misma de la subjetividad metafórica, el sujeto caribeño puede ser pensado como el mago de la imago, escapando siempre toda reducción y definición. En todo momento, este sujeto se desplaza no como *alter* sino como *ultra*. Así pues, como antídoto a la reducción, el sujeto caribeño describe un movimiento de contra-colonización del Ideal Europeo que rinde siempre más que menos, es aditivo e irreconciliablemente versátil, y que por tanto, en el mundo atlántico es el verdadedro *plus ultra*.

No quiero concluir sin aclarar que no uso el término mulato como una idealización o un imperativo categórico en el sentido de la raza cósmica de José Vasconcelos.<sup>31</sup> El nombre, claro está, tiene una larga y terrible historia que se remonta a tierras de Al-

<sup>28</sup> BENÍTEZ ROJO, Antonio. *The repeating island: the caribbean and the postmodern perspective*. Traducción: James Maraniss. Durham: Duke University, 1992. p. 12-16.

<sup>29</sup> En el texto original: "whenever I draw a triangle I always think not only of the difficulty of closing it, but of the richness implicit in the error". ROSSI, Aldo. *A scientific autobiography*. Cambridge: MIT Press, 1981. p. 81.

<sup>30</sup> ARISTOTLE, *op. cit.*, p. 1459a.

Andalus, pasando por la plantación hasta llegar a nuestros días. Desde que el término entra en uso en la Sevilla del siglo XIV, fue utilizado para describir una estación "racial" en el marco de la naciente colonialidad del poder: el hijo de cristiano "blanco" y de "negra". Sin embargo, cuando hablo del mulataje y del sujeto caribeño como tal, no me refiero necesariamente a cuerpos marcados o a razas de librería sino a una historia de la subversión de esas categorías. Si el término mestizaje es el generalmente utilizado para hablar de la mezcla de las "razas," mi uso de mulataje tiene como propósito apuntar a la profecía que quiso Martí ver cumplida en patria como la completa realización de toda potencialidad para erradicar la racialidad. De tal manera, cuando me refiero al sujeto caribeño como el depositario de la esencia del mulataje, estoy pensando en un agente histórico y social que aunque inevitablemente inscrito de la manera más infinitamente aterradora dentro de las entrañas de la colonialidad del poder, aún así representa la verdadera posibilidad y describe la intención vectorial de lo no racializado. Mi punto de vista se distancia en lo posible de la utopía humanista y de la devastación que ésta ha causado y sigue causando. Yo no apuesto a la abolición de las razas, cosa que ni con ideas ni con decretos se logra. Ahora bien, si busco la oportunidad de traicionar a la colonialidad del poder en cada paso fronterizo, manteniendo siempre una distancia prudente de cualquier llamado urgente a la unidad, sobre todo si ese llamado es hecho en nombre de la nación o de un sentido abstracto de la libertad.

# Amizades literárias: Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa

Maria Zilda Ferreira Cury\*

RESUMO

O artigo trata das cartas enviadas por Cecília Meireles à poeta mineira. Ambas marcam encontro tanto nas suas poéticas, cujas dicções muito têm de semelhante, como nas cartas que trocam entre si. Semelhantemente à quase totalidade dos intelectuais de sua geração, Cecília e Henriqueta foram grandes missivistas. Num tempo em que os meios de comunicação não eram tão rápidos, a carta representava espaço necessário para a troca de idéias. Nelas, os escritores falavam de seus projetos literários, enviavam poemas para a avaliação dos amigos, criticavam os passadistas, comentavam as publicações do momento, falavam de sua vida pessoal. São as cartas espaços onde se articulam linguagens poéticas.

ABSTRACT

This article deals with the letters sent by Cecília Meireles to the poet from Minas Gerais. Both poets have common features not only in their poetics, which have a similar diction, but also in the letters they wrote each other. Like most intellectuals from their generation, Cecília and Henriqueta exchanged a prolific correspondence. At a time when the means of communication were not so fast, letters represented the necessary space for the exchange of ideas. In those letters, writers talked about their literary projects, sent poems to be evaluated by their friends, established critiques of tradition immersed in the past, commented on recent publications and talked about their personal lives. Letters are spaces where poetic language is articulated. Resumo do artigo Maria Zilda Curi.



As ligações de amizade entre os homens, como salienta Aristóteles, tornam louvável o indivíduo, porque o fazem exercitar suas virtudes e, se é virtuosa a natureza da amizade, é ela necessária à vida, já que sem amigos ninguém conseguiria viver, ainda que possuísse todos os bens. A amizade tem também um sentido que transcende as ligações individuais, um sentido político. Ela pode ser um caminho de gerenciamento da coesão dos Estados, pois alguns legisladores preferem a amizade a determinada justiça, em busca da unanimidade. Portanto, para Aristóteles, a mais nobre forma de justiça é uma forma de amizade, pois um Estado que tem amizade não carece de justiça.

Comemorações, principalmente quando se organizam em torno de determinadas figuras, se fazem por amizade, por *philia*, diria Aristóteles, para a celebração, para o conagração em torno de quem se quer bem, mas, sobretudo, em torno de quem se considera um bem. As datas, nos diz Alfredo Bosi, aparentemente todas iguais e sem uma significação especial se tomadas isoladamente, são, na verdade, uma exigência da memória, pontas de icebergs, visíveis à distância, balizas naturais que ajudam como pontos de luz a indicar massas submersas que dão sustentação à história.

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de nomes. (BOSI, 1994, p. 19)

O olhar que co-memora recupera amorosa e afetivamente as marcas deixadas por nossos entes queridos, no caso, por nossos poetas de eleição.

Em 2001 comemoraram-se os 100 anos de nascimento de Cecília Meireles. Pela via da amizade que se corresponde, marca-se a data neste texto.

Em um de seus livros, Hélène Cixous nos fala das cartas de seu pai, recebidas inesperadamente tantos anos depois da morte deste último (CIXOUS, 1997, p. 34-35). São vozes em diálogo: uma voz construída dentro dos registros escritos, outra construída no íntimo da filha. Cartas como escritura viva,

em que corre o sangue do presente vivificado pelo olhar de leitora amorosa, pelo nosso olhar amoroso de leitores. Ela nos registra, ainda, que as cartas não têm idade, não conhecem o tempo ou a morte, pois exprimem um dia, nem passado nem presente. Chegam até nós com o brilho das coisas sobreviventes, mensagens em garrafas de naufragos, corpos de papel, frágeis, mas que podem atravessar muitos e muitos anos.

Uma das coisas que me deslumbraria, se houvesse mesmo Céu, era encontrar-me lá com os amigos da Terra. Mas, se houver, como é certo que vocês vão para lá, e muito incerto que eu vá, não se esqueçam de mandar de vez em quando, ao meu Purgatório (para o Inferno também não acho possível *it...*), uma cartinha, um telegrama, um recadinho qualquer. Porque isso me consolara infinitamente.<sup>1</sup>

Cecília Meireles escreve a Henriqueta Lisboa.

Entre as duas escritoras se estabelecem relações de amizade literária, de *philia* através das cartas, que tecem ligações de bem-querer, de comunhão entre poetas e poéticas tão irmãs, tão semelhantes.

Vou me deter um pouco sobre as cartas enviadas por Cecília Meireles à poeta mineira. Ambas marcam encontro tanto nas suas poéticas, cujas dicções muito têm de semelhante, como nas cartas que trocam entre si. Semelhantemente à quase totalidade dos intelectuais de sua geração, Cecília e Henriqueta foram grandes missivistas. Num tempo em que os meios de comunicação não eram tão rápidos, a carta representava espaço necessário para a troca de idéias. Nelas, os escritores falavam de seus projetos literários, enviavam poemas para a avaliação dos amigos, criticavam os passadistas, comentavam as publicações do momento, falavam de sua vida pessoal. Revelam gestos dos seus interlocutores, marcas textuais de seus atos, construídas pela mediação da resposta, componente presente em toda carta. São as cartas espaços onde se articulam linguagens poéticas.

Querida Henriqueta: viajamos entre nuvens e águas e agora chegamos à noite, com frio e saudades. Tudo correu bem, graças decerto ao amuleto dos seus doces e à ternura de sua amizade.<sup>2</sup>

Para o olhar da crítica contemporânea, os textos marginais, os rascunhos, a biografia familiar, a correspondência entre escritores apresentam-se como material renovado, como elementos essenciais para a análise do trabalho artístico e como uma das vias reveladoras de sua gênese e de seus processos de construção.

De quantas aflições nos falam, a nós, os leitores de hoje, as cartas enviadas por Van Gogh a seu irmão Theo, tomando ainda mais vivas as pinceladas

<sup>1</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 5/9/1947.

<sup>2</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 14/7/1947.



angustiadas de seus quadros? Ou, ainda, quanto fala de nós e do outro que nos colonizou a carta de Caminha ao rei Dom Manuel de Portugal? Ou mesmo Gramsci e suas Cartas do Cárcere, nas quais tece na mesma trama as reflexões sobre os intelectuais, as lembranças familiares e as dores físicas causadas pela prisão? E a "Carta ao Pai", escrita por Kafka, texto jamais enviado mas que permanece como uma garrafa jogada ao mar, como um grito lançado ao futuro? Foi em carta a Wilhelm Fliess que Freud confessou seu sentimento sobre Viena, respondendo com um ódio tingido pela paixão à hostilidade que lhe infligia a cidade. Que retrato ternamente inusitado revela-se o de Machado de Assis nas cartas que escrevia todos os dias para a noiva Carolina!

Para os estudos da Crítica Genética e de Historiografia Literária, a correspondência entre escritores é um caminho que pode levar a novas leituras do texto literário e de sua história, ajudando a recuperar sua memória. Como diz o escritor argentino Ricardo Piglia, escrever uma carta é sempre enviar uma mensagem que anula o presente, transformando o futuro no único lugar em que o diálogo é possível. "Ao sol, carta é farol", escreveu Mário de Andrade ao crítico Guilherme Figueiredo, sabendo, como poucos, o poder revelador que tem o que se deixa registrado em correspondência. Estes vários exemplos mostram bem a importância de tal estudo – vozes em eco – para a recuperação das dissonâncias e coerências das escrituras.

Do acervo de Henriqueta Lisboa, situado na Biblioteca Central da UFMG, fazem parte, entre outros documentos, as cartas que trocou durante toda a vida com intelectuais importantes. A poeta se correspondeu com Mário de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Gabriela Mistral e tantos outros escritores ao longo de sua vida. Os acervos, metáfora da história, da memória e de seus recalques, nos colocam diante da efervescência das rupturas, mas fazem, igualmente, emergir as longas continuidades subterrâneas que, gota a gota, também constroem a história.

Do patrimônio de Cecília Meireles muito ainda há que se trazer à luz, já que a própria escritora confessa a verdadeira compulsão que tinha por colecionar anotações, papéis. Estas "folhas soltas", no caso de Cecília, ainda estão, em grande parte, à espera do crítico, do historiador da literatura. Sua correspondência é bastante reveladora e parece ter grande importância para a escritora. Para falar de seus irmãos mortos, por exemplo, escreveu a crônica *Carta a meus irmãos*, como um texto, mensagem sem data, com destinatários imaginados, suspensos na sua intemporalidade.

A correspondência entre as duas poetisas versa sobre os mais variados assuntos. Através dela, por exemplo, sabemos que Henriqueta Lisboa manda à amiga todos os livros que publica, que são comentados por esta última. Veja-se trecho em carta de 1931:

Deste livrinho que V. teve a gentileza de me enviar, já deve ter ouvido todas as boas palavras que ele merece. De você mesma, da sua arte, da sua intenção



poética e do caminho que escolhe para seguir, só V. mesma é que deve falar: porque o valor de cada um de nós vive, com a sua forma total, só na nossa consciência, inatingível à curiosidade alheia.<sup>3</sup>

Em carta em que se queixa da morosidade do Correio, fala sobre a amiga, revelando toda a sensibilidade ao captar-lhe o perfil psicológico, ao desenhá-la com palavras a fragilidade física, que também percebemos nos retratos:

(...) quando vejo você me alegro. Porque você é quase aérea. Eu tenho a impressão de que você não tem estômago, rins, fígado. Você tem isso tudo? Você pouca, mas só um pouquinho. Não tem peso suficiente para pousar... Quando você me fala que tem dor de cabeça, custo a entender. Você deve ser sem dor, como a luz. A luz sofrerá? E que remédio lhe posso ensinar? Só se lhe fizer um poema porque dar a você uma caflaspirina me parece violência. Henriqueta, seja sempre assim alada! Se a Academia lhe tocar nas asas, liberte-se! Devia haver uma Academia Etérea para você.<sup>4</sup>

A correspondência refere amizades comuns, como a que ambas têm por Gabriela Mistral, ou sobre o partilhamento da dor pela perda de alguém próximo.

Embora a Poesia prepare tanto para a dor, há dores, Henriqueta, que se nos afiguram muito maiores que a Poesia. Não nos resta mesmo senão amar a própria dor: trazê-la em nossa companhia para sempre, como sombra inseparável.<sup>5</sup>

A dor assim dividida acaba por suscitar reflexões inclusive com ressonâncias na própria concepção do fazer poético:

Não haverá uma grandeza necessária na dor? (...) Há uma solução certa para cada coisa. Às vezes, custamos a descobri-la; às vezes, não nos conformamos com ela; pode até acontecer que nos pareça absurda. Mas estamos dentro de uma engrenagem de tal perfeição que não se pode acreditar na insuficiência de nenhuma peça. Perdoe-me este tom, que pareceria "mecanicista". Mas a matemática, profundamente vista, confunde-se (como todas as coisas vistas assim) com as minhas noções de divindade.<sup>6</sup>

O consolo à amiga abalada pela morte de Mário de Andrade acaba por ser um autoconsolo. Registre-se que a carta data de poucos dias após a morte do poeta paulista:<sup>7</sup>

Desde o princípio deste mês tenho passado bastante mal, com o tremendo abalo da morte de Mário. V. não imagina que chegue! Já tenho passado tantos sofrimentos, e ainda não compreendo que havia de tão secreto íntimo entre nós

<sup>3</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 8/1/1931.

<sup>4</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 10/10/1945.

<sup>5</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 29/10/1947.

<sup>6</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 29/10/1947.

<sup>7</sup> A carta é do dia 19 de março. Mário de Andrade morreu em 25 de fevereiro.

dois – pois nem nos frequentamos muito – para que sua morte fosse como um desabamento por cima de mim. Passei dias e dias sem poder fazer nada com muita clareza, tonta, desgovernada, sentindo tudo que se pode imaginar. Seja ainda capaz de sentir um ausente que se acompanha de longe, em mistério. Fiquei como sonâmbula, sem achar sentido em nada, viajando fora da vida.<sup>8</sup>

A poeta se mostra sensível diante da morte que tantas vezes a golpeara duramente. Sente-se ligada pela *philia*, pela amizade intelectual a Mário de Andrade, como a indicar uma comunidade poética que ultrapassaria e dispensaria o contato físico mais freqüente. O culto à figura de Mário de Andrade, por exemplo, se revela em muitas cartas enviadas a Henriqueta. Numa delas, Cecília Meireles conta o sonho que tivera, poucos dias depois da morte do escritor:

No sétimo dia da morte de Mário, aconteceu-me uma coisa estranha, tão estranha quanto aquele meu sonho de estar fechando um cemitério, na véspera do dia terrível: sonhei meio acordada que Mário entrou aqui em casa, com uma senhora e um rapaz que não conheço. Havia outras pessoas, e eu, no sonho, me dizia: "Mário está morto, e veio. Será que os outros estão vendo que ele está morto?" E ele não olhou para ninguém, embora fosse cordial. Seus olhos estavam fitando longe, longe, como cegos. E ele me calçou umas luvas de fitô preto. Depois, esteve conversando com as outras pessoas, e por fim se dispôs a retirar, quase aéreo, flutuando nas roupas e nas pessoas. É como ele queria dizer adeus aos outros, eu sofria com que não viessem ao seu encontro, pois me parecia que não avistava nada, e estendia a mão ao acaso, cegamente. A mim disse-me: "Adeus Cecília". E sua mão ainda estava morna. E saiu pela praia, meio transparente, e o vento do mar movia sua roupa, que era esbranquiçada, e eu via de costas, seguindo, e achei-o magro, e perguntam: "Por que ele vai por aquele lado...?" Mas ele andava como quem se recorda da direção, e ao mesmo tempo com um certo abandono. E as pessoas que tinham vindo com ele sumiam-se, sem nenhuma relação com os seus passos. Isso me impressionou extremamente, mas também me consolou, porque de certo modo eu me sentia em comunicação com ele, e tendo podido apertar-lhe a mão.<sup>9</sup>

Pouco tempo depois, em abril de 45, volta ao assunto, desta vez abrindo-se mais:

Não se preocupe comigo, Henriqueta: o meu sofrimento é sempre de natureza especial, perdoe. Não creio que nenhum aspecto de dor me possa surpreender mais.<sup>10</sup>

Numa das cartas, fala mal da Academia Brasileira de Letras, rebelando-se contra a institucionalização da poesia. Em outra, manifesta passar por "uma grande miséria de publicações", embora registre que em breve publicará "uns

<sup>8</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 19/3/1945.

<sup>9</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 19/3/1945.

<sup>10</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 5/4/1945.

livrinhos de literatura infantil”, deixando entrever um julgamento até preconceituoso com relação a este gênero de publicação.

Permita que, enquanto não aparecem os versos sérios, eu lhe mande estas coisas mais engraçadas que as crianças me fazem escrever mesmo quando eu tenho tão pouca força...<sup>11</sup>

O posicionamento, ainda que circunstancial, causa estranheza no leitor de Cecília, cuja obra voltada para o público infantil é testemunha do alto padrão de sua escrita poética.

Num cartão, datado de 1944, afirma que os livros da amiga lhe fornecem material para seus próprios escritos:

Estou para escrever um artigo sobre elementos de folclore na poesia brasileira – e encontro em seus livros muitos exemplos; o que me dará feliz oportunidade para tratar de você.<sup>12</sup>

Observe-se que um estudo comparativo pode revelar influências e diálogos literários insuspeitados.

Algumas vezes, discutem-se coisas sem importância, “supérfluas”, como a questão colocada por Cecília numa das cartas, indagando que vestido deveria levar a Belo Horizonte para participar de um congresso – coisas tão femininas, nos diz ela –, ou ainda de queixas de uma dona de casa numa residência em reforma.<sup>13</sup>

A escritora se justifica, em carta, rebelando-se contra exigências do “mundo literário”, refletindo sobre as “urgências” do país:

Quanto ao Congresso de poesia, Henriqueta, apesar de muito convidada (...) Parece-me tão impossível um Congresso sobre Poesia! Já me explicaram que os assuntos seriam mais sobre Estética. Isso é diferente. Mas um pouco “luxuoso”, num país como o nosso, com tantas urgências.<sup>14</sup>

Na correspondência, vemos uma Cecília preocupada – coisas tão suas e tão nossas – com preparação de cursos, organização de eventos, desabafando com Henriqueta:

(...) o mesmo programa febril: convencer o conferencista, redigir convites, imprimi-los, arranjar música, sala, etc, etc, etc. Sempre lutas, dificuldades... os homens são difíceis, a vida é difícil, tudo é difícil, – até me acho fácil diante de tanta complicação!<sup>15</sup>

Mas também se fazem alianças entre elas, deixando transparecer dificuldades da vida intelectual. A postura intelectual e as formas de intervenção no

<sup>11</sup> Cartão de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datado de novembro de 1937.

<sup>12</sup> Cartão de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datado de 2/2/1944.

<sup>13</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 16/1/1945.

<sup>14</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 23/4/1948.

<sup>15</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 12/12/1944.



domínio da cultura, sonhadas ou realizadas pelos escritores, podem se esclarecer através de uma compreensão mais aprofundada e adequada com a leitura e análise deste tipo de material.

Sabe o que eu acho cada vez mais admirável? A amizade entre gente de letras, principalmente quando essa gente é do nosso sexo. O mundo está ficando tão horrível que a amizade vai perdendo o sentido.<sup>16</sup>

A *philia* perfeita, nos lembra Aristóteles, é comum aos homens afins na virtude porque desejam bem uns aos outros enquanto bons em si mesmos. Para o filósofo, só entre os bons se encontra, verdadeiramente, amizade e confiança, em virtude de algo bom e semelhante no sentido absoluto do termo. Observe-se como Cecília demarca a diferença, ressaltando o quanto há de especial na amizade entre ela e Henriqueta.

Mesclam-se neste conjunto ora analisado comentários pessoais e considerações de ordem literária, facetas encobertas do processo textual:

Esta semana, enfim, entrego a tradução de "Orlando", e vou ocupar-me de outras coisas. "Flor da morte" é um belo título. Mas Henriqueta, V. não está entristecendo mais, não? Não era isso que lhe devia perguntar. Mas o que lhe queria perguntar é extremamente difícil, de tão longe. Oxalá possamos conversar em breve.<sup>17</sup>

Pela correspondência, vemos que as escritoras trocam bibliografias, e podemos acompanhar um pouco da trajetória da escrita de ambas. É o caso da "ajuda" fornecida por Henriqueta para o futuro *Romanceiro da Inconfidência*:

Agradeço-lhe muito o livro sobre Tiradentes. Há pouco li uma genealogia do mártir, e fiquei triste ao saber que nem teve madrinha de batismo. É certo que, como acontece nesses casos, recorreu a Nossa Senhora. Mas V. não sente uma angústia, ao pensar nessa criancinha, destinada a forçar, sem uma figura humana que a segurasse nos braços, sob sua proteção, desde o nascimento? Estou preparando umas "baladas" de Ouro Preto, e esse é o tema de uma.<sup>18</sup>

Em 1945, comenta a finalização de tradução de Virginia Woolf, a visita de Érico Veríssimo, vindo dos EUA, e também o lançamento de livro de Murilo Mendes, chegando a dizer que a época é de um novo lirismo.<sup>19</sup> Uma das cartas tem um final enigmático:

E oxalá, Henriqueta, sejam ainda para o nosso tempo as comunicações com a lua, que eu parto logo, nem que seja, como diziam os nossos, na qualidade de ajudante do último lixeiro. (Mas haverá lixo naquelas paragens??).<sup>20</sup>

O estudo destas cartas, de que meu texto deu apenas uma idéia rápida, e do

<sup>16</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 16/1/1945.

<sup>17</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 9/7/1948.

<sup>18</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 22/1/1948.

<sup>19</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 14/10/1945.

<sup>20</sup> Carta de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, datada de 6/2/1946.

entrecruzamento de seus dados podem desenhar um panorama da intelectualidade da época, colocando luz nos processos de criação, nas angústias pessoais, desmitificando, de alguma forma, a figura do escritor, não mais o considerando como alguém que paira sobre os problemas do homem comum de seu tempo.

Volto, agora, ao conceito aristotélico de *philia* como uma categoria que possibilita a compreensão da atividade de correspondência entre as escritoras.

Segundo Aristóteles, a amizade é o que há de mais necessário à vida: ninguém escolheria, nos diz ele, viver sem amigos, ainda que estivesse provido em abundância de todos os outros bens. A amizade que se funda sobre o bem, nos diz ainda Aristóteles, comporta-se para com o amigo como se comporta consigo mesmo, porque o amigo é um outro ele, semelhante a ele. À amizade deu o filósofo o lugar mais alto em sua ética, considerando-a a mais alta virtude política, aquela que é a mais necessária para a vida e uma virtude que não existe sem a virtude (CHAUL, 2002).

As cartas trocadas pelas duas escritoras revelam esta correspondência, o responder compartilhado, recíproco, uma das características da *philia*, amizade procurada e cultivada por ambas.

Porém, se é verdade que o prazer se origina da semelhança e a utilidade da diferença e complementaridade dos contrários, ao inscrever sua investigação no terreno psicológico, Aristóteles nos faz ver que eles não se realizam por uma legalidade e necessidade exclusivamente naturais mas implicam a mediação de uma esfera de dependência da ação humana. (CARDOSO, 1987, p. 171).

É, pois, o preceito da *philia* o que mantém os homens a salvo dos erros, bem como estimularia a prática de nobres ações. "pois estando os homens juntos são capazes de agir e de pensar". Em uma amizade afeita na virtude, as qualidades são semelhantes em sentido absoluto do termo, ou seja, o que é bom é agradável; portanto, tais amizades são raras porque requerem tempo para se constituírem.

O que é a amizade? É benevolência mútua, cada um desejando o bem do outro; benevolência que não pode permanecer ignorada, mas deve ser conhecida e reconhecida pelas partes envolvidas na relação; e tem como condição e finalidade a virtude, jamais a utilidade ou a obrigação. Só pode existir entre os iguais e semelhantes por caráter, isto é, somente entre os virtuosos (CHAUL, 2002, p. 461).

É a *philia* que nos permite a contemplação de nós mesmos, que nos vemos refletidos no espelho que é o amigo.

(...) juntos, os amigos formam uma unidade mais completa e mais perfeita do que os indivíduos isolados e, pela ajuda recíproca e desinteressada, fazem com que cada um seja mais independente do que se estivesse só. A amizade é nossa parte no divino, a maneira como a ação humana imita a autarquia divina e faz a polis imitar a autarquia do κόσμος. (CHAUL, 2002, p. 462)

As cartas são, pois, este espaço revelador de compartilhamentos vários, de oferta de compreensão para um olhar futuro. Apossar-se desse patrimônio que é de todos, da comunidade que se congrega em torno, que se volta sobre os processos de criação de nossos poetas é a participação que cabe à crítica nesta *philia*.

Cartas abertas: trabalhar sobre o remanejamento da memória na correspondência obriga o pesquisador a se voltar sobre sua própria memória, sobre a memória cultural e a de seus poetas.

Termino com dois poemas, um de Cecília Meireles, outro de sua amiga Henriqueta Lisboa:

**Supérfluo**

A chuva coloca no bico dos pássaros  
um gulzo d'água.  
A tarde levanta da verde folhagem  
uma espuma de aroma.  
Uma vida, quase a teus pés, dirige-te  
um terno pensamento.  
Oh, as pequenas coisas supérfluas  
extraviadas no mundo.  
Quem ouve? quem vê? quem entende?

E o de Henriqueta Lisboa:

que tenho a ver contigo  
se não leste o livro que li  
não viste a rosa que plantei  
nem contempleste o por-de-sol  
a hora em que o amor se foi?  
que tens a ver comigo  
se dentro em ti não prevalecem  
as coisas – todavia supérfluas –  
do meu intransferível patrimônio?

Os dois poemas, testemunhas da profunda sensibilidade de suas autoras em face das escolhas, mesmo as mais supérfluas, podem ser tomados como metáfora do trabalho de busca realizado nas fontes primárias, onde se dá um lugar privilegiado à correspondência. Tal trabalho revela um partilhar de experiências e, simultaneamente, é um indicador da postura sensível necessária ao pesquisador diante do patrimônio de nossos poetas. O olhar do crítico também é, pois, um olhar de amizade, de *philia*, em que a partilha, mesmo aquela do supérfluo, ou talvez, sobretudo esta, se dá como um legado para quem ouve e vê, para quem entende.



## Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. (1973). Livros VIII e IX. In: *OS PENSADORES*. v. IV. Rio de Janeiro: Abril.
- BOSI, Alfredo. (1994). O tempo dos tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal da Cultura.
- CARDOSO, Sérgio. (1987). Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne. In: CARDOSO, Sérgio et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CHAUÍ, Marilena. (2002). *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras.
- CIXOUS, Hélène. (1997). *Or: les lettres de mon père*. Paris: Des femmes.
- CURY, Maria Zilda Ferreira (2001). Au soleil, une lettre est un phare. In: *Cahiers du Centre de Recherche sur les Pays Lusophones*, Paris, n. 8.
- MEIRELES, Cecília. (1976). *Poésias completas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 7.

# Cantoria nordestina: aspectos da cultura oral na atualidade

Elba Braga Ramalho

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

This article deals with sung words. It focuses on some of the relevant aspects in which certain characteristic traits of the oral way of thinking prevail. An analytical proposal which encompasses criteria from the very culture under analysis may lead the researcher to think about an oral cultural aesthetics. The researcher must take into consideration that the norms for the study of verse and rhythm, which are derived from the academic theories that rule music and literary arts, do not correspond to the needs of explanation that intellectuals search for in an oral culture; oral tradition culture must have its own field of theoretical approach, irrespective of the models imposed by the written culture.

ABSTRACT

Este artigo trata da palavra cantada, trazendo à discussão alguns de seus aspectos relevantes nos quais se evidencia a prevalência de traços que caracterizam o modo de pensar oral. Uma proposta de análise que comporte critérios oriundos dessa própria cultura poderá conduzir o pesquisador a pensar sobre uma estética de cultura oral, levando-se em consideração que as normas para o estudo do ritmo e do verso, a partir das teorias que regem as artes literária e musical cultas, não respondem às necessidades de explicação que nós, intelectuais, buscamos para a cultura da oralidade; a cultura de tradição oral deve ter seu próprio campo de abordagem teórica, independente dos modelos impostos pela cultura escrita.

O ser humano, até mesmo mais do que os pássaros, é um ser cantante extraordinário. A música provoca uma atenção-plena porque vem de fontes do ser onde a vontade calculadora, controladora, não detém o controle. A canção surge simplesmente, brota de alguma raiz escondida de nosso ser. A carne torna-se livre na canção e faz ressoar sua presença. Um sujeito canta, mas existe algo na canção que vai além de uma auto-educação completa. Nós temos a expressão: uma pessoa 'rompe' a cantar. A canção é uma linguagem primordial de afirmação do sujeito em comunicação com a alteridade (DESMOND, 2000, p. 464).

### 1. Breve introdução

O contexto atual revela-nos que estamos experimentando uma multiplicidade de eventos de comunicação artística pela voz que denotam a confluência de dois modelos de transmissão da herança cultural – oralidade e escrita – com ampliação de paradigmas, se levarmos em consideração a introdução progressiva dos recursos tecnológicos que remontam à revolução da imprensa no Renascimento, para chegar-se aos *media* atuais com suas tecnologias que vão do rádio à televisão, da informática à computação gráfica. Ambos os modelos têm evidenciado formas de cognição variadas, nas distintas organizações sociais, sem contudo nenhuma desmerecer a outra. Os novos estudos sobre tradição oral e cultura escrita têm configurado importantes aportes para entender melhor essa confluência de modos de pensar com os quais estamos convivendo.

Neste artigo, pretendo deter-me no âmbito da palavra cantada, trazendo à discussão alguns de seus aspectos relevantes nos quais se evidencia a prevalência de traços que caracterizam o modo de pensar oral. Uma proposta de análise que comporte critérios oriundos dessa própria cultura poderá conduzir o pesquisador a pensar sobre uma estética da cultura oral, levando-se em consideração que as normas para o estudo do ritmo e do verso, a partir das teorias que regem as artes literária e musical cultas, não respondem às necessidades de explicação que nós, intelectuais, buscamos para a cultura da oralidade; a cultura de tradição oral deve ter seu próprio campo de abordagem teórica, independente dos modelos impostos pela cultura escrita.



Para objeto de estudo, fiz minha escolha pela cantoria nordestina, forma de expressão artística representativa do Nordeste brasileiro. Pode-se afirmar, sem dúvida, que é um tempo privilegiado para a arte da cantoria. Gerada no âmbito da cultura tradicional brasileira, demonstra sua vitalidade no modo como se adapta às mais diversas revoluções tecnológicas sem perder sua essência. A contextualização da cantoria na cultura brasileira hoje, bem como o delineamento desse evento em função da elaboração de um arcabouço teórico para explicá-lo esteticamente, estão esboçados neste artigo.

## 2. Cantoria: particularidades

A cantoria nordestina – também cognominada repente, desafio, improviso cantado, cantoria da viola – significa arte poético-musical, considerada como cristalização de sobrevivências das tradições que se imbricaram no processo de miscigenação racial, forjando uma arte que se configura como tipicamente regional. Como uma das formas populares de manifestação artística poético-musical do Brasil, circunscreve-se, principalmente, à zona sertaneja da região nordestina. Embora, em todos os seus elementos constitutivos, seja parte da cultura rural, ela também pertence – de fito – à cultura urbana. Várias das razões para sua expansão têm sido as contínuas migrações dos nordestinos, fugindo das secas periódicas, e sua consequente inserção nos meios de comunicação, permitindo a abertura de novos espaços em outros pontos do país. Essa situação vem ampliando, geograficamente, a atuação dos profissionais de cantoria. Por isso, é lícito dizer que a cultura brasileira contemporânea experimenta continuamente a dialética entre os valores culturais do mundo rural e as imposições da vida urbana. Hoje, muitos elementos da cultura urbana, produzidos e propagados pelos empresários de *shows* e *discos*, vivem da exploração da cultura rural<sup>2</sup>. O consumo de música dessa natureza, nos bolsões de periferia dos centros urbanos e nos lares das populações rurais, é intenso. Isso é mais um dado comprovador de que as cidades brasileiras continuam a ser a extensão do mundo rural, que sempre foi predominante e que prevalece na cultura (RAMALHO, 2000).

Os estudiosos do assunto, em geral, têm destacado a vertente escrita que se expressa nos folhetos de literatura popular, embora, desde as pesquisas pioneiras de Mário de Andrade nos anos de 1928, já se venha esboçando uma preocupação maior dos musicólogos em resgatar o evento sonoro-musical. O papel da cantoria no contexto da tradição oral encontra-se bem delineado nos trabalhos de Ronald Daus (1982) e Elizabeth Travassos. Todos a situam como o berço de várias outras formas de expressão: o repente, a épica, os folhetos de cordel.

<sup>2</sup> Observe-se, por exemplo, no âmbito musical, a apropriação do *farrô-de-pé-de-serra* pela indústria cultural.

A *cantoria* estabeleceu a elaboração formal da poesia épica nordestina, afirma Ronald Daus (1982, p. 10-39) em seu livro intitulado *O ciclo épico das canga-ceiros na poesia popular do Nordeste*. Assevera ainda o autor que, já no século XIX, a *cantoria* abrigava o repente e os poemas épicos. Estes complementavam a luta poético-musical dos repentistas, os quais acumulavam ambas as atividades. No início do século XX é que se deu a ascensão da poesia épica no Nordeste brasileiro, decorrente de sua divulgação impressa em folhetos, em detrimento da primazia do repente. Esse fato teve como resultado uma primeira divisão de trabalho que mais favoreceu os poetas do que os cantadores. Aquela perda de prestígio no sertão, provocada pela ascensão dos folhetos, ocorreu, paralelamente, o despertar do interesse, por parte de intelectuais da época, pelo improviso<sup>3</sup>. Certamente, em razão desse fato, a *cantoria* continuou a ser divulgada. As gerações sucessivas de cantadores também têm demonstrado sua vitalidade mediante a revalorização de formas tradicionais e a incorporação de outras.

Elizabeth Travassos considera a cantoria de repente como uma forma de expressão artística que se entrecruza com outros gêneros, tais como o coco de embolada<sup>4</sup> – mais especificamente o coco improvisado –, os aboios versificados e os benditos. Poderíamos ainda acrescentar a canção romântica, também cognominada “canção de vaquejada” – versão moderna dos longos romances tradicionais.

### 3. Cantoria: a disputa poético-musical em performance

Os eventos de *cantoria* – improviso cantado em desafio – ocorrem numa situação de performance e tanto se realizam em seu modelo tradicional – a cantoria de pé-de-parede – quanto integram o calendário de atividades artísticas nos centros urbanos dos estados nordestinos, principalmente em forma de festivais e congressos. O modo como tais eventos se conservam e se adaptam a novas situações, certamente, dependem do processo de articulação entre seus segmentos internos, os componentes do sistema da cantoria: público ouvinte e cantadores. Vale ressaltar que na produção do evento integram-se, em contínua relação, cantadores e público ouvinte, estabelecendo-se assim um elo de comunicação intersubjetiva propiciador de sociabilidade.

Os ouvintes de *cantoria* comportam um universo muito heterogêneo em termos de status social, mas conseguem manter-se unificados diante dos poetas e cantadores, certamente porque eles representam, simbolicamente, a memória viva

<sup>3</sup> Vejam-se obras de Juvenal Galeno, Sílvio Romero, Rodrigues de Carvalho, Pereira da Costa, Gustavo Barroso, Leonardo Mota e Câmara Cascudo.

<sup>4</sup> Improviso realizado por uma dupla de “emboladores” que se acompanham de instrumentos de percussão como o pandeiro ou o ganzá.



de sua cultura. Desse público, fazem parte o rurícola, o vaqueiro, o pescador, o pequeno comerciante, o fazendeiro, o político, o profissional liberal, o padre, o empresário, enfim, os representantes das diversas camadas sociais, que se diferenciam pelas variadas condições de sobrevivência, mas que têm em comum sua origem sertaneja. Estão todos unificados pela identificação com o mundo rural, pelo linguajar específico da região, pelos hábitos comuns de convivência social, pela relação com a natureza, pelos mesmos sentimentos da religiosidade e da moral tradicional cristã.

Merecem destaque, entre os ouvintes, aquelas figuras aficcionadas que intermediam as relações entre cantadores e público. São os *apologistas*, os principais articuladores de cantorias. Organizam o evento, acolhem os cantadores em casa com honras especiais, se necessário for, e se sobressaem pela sua capacidade de lidar com o público, de conduzir o evento, familiarizados que são na compreensão das técnicas da arte de improvisar poeticamente. Mais do que isso, os *apologistas* representam uma categoria de ouvintes possuidores de aguçada sensibilidade artística. O caminho para se tornar cantador, muitas vezes, passa pela experiência como *apologista*, pois o *apologista* é um ouvinte diferenciado. É o poeta que se revela nos cantadores. Ele se forja no ambiente de cantoria. Aprende dos cantadores e irradia seu entusiasmo com interferências durante o evento: propondo motes – criações suas ou dos ouvintes mais tímidos – ou ainda expressando, de viva voz, críticas e elogios.

A expressão máxima desta arte é o *cantador*. O repentista cantador, que também é o instrumentista que se acompanha na viola, conta, cantando ao seu público, tanto os eventos do mundo real em que vive quanto as fantasias que povoam a sua imaginação. O poeta-cantador mostra traços de uma memória viva que tem marcado a tradição desse porta-voz da cultura e dos sentimentos do povo nordestino.

O cantador é o protagonista da história do Nordeste brasileiro. É o informante de seu povo, o crítico das injustiças sociais, o baluarte da moral tradicional, o tradutor das ocorrências que ultrapassam os limites do sertão, transformando no linguajar comum o que vem acontecendo no resto do mundo. Mesmo a presença do rádio e da televisão não substitui a versão dos poetas repentistas. As pessoas ainda prosseguem com a idéia reforçada de que o repentista é o melhor analista da sociedade, sob o prisma empírico, sendo, muitas vezes, fonte mais fidedigna do que *media* como rádio e televisão, por exemplo. Os poetas-músicos da cantoria improvisada têm se inserido com sucesso no âmbito da oralidade dos meios de comunicação de massa, criando um estilo peculiar de performance no modo de conduzir seus eventos, quer nos programas "ao vivo" ou na reprodução em estúdio.

Com efeito, é o cantador cada vez mais intérprete das sensibilidades gerais do povo simples a propalar (sem maiores interesses pecuniários para além das necessidades de manutenção da cantoria e do próprio cantador) os fatos e os feitos da sociedade e a repreender acrimoniosamente os que se afastam dos interesses



comunitários com atos reprováveis, demonstrando, *ipso facto*, constituir-se o “jornalista”, cujo suporte é a viola, informante descerimonioso, lidimo representante dos seus iguais.

#### 4. Propondo critérios para compreensão estética

Antes de estabelecer qualquer diretriz para uma proposta de compreensão estética da cantoria, é relevante observar, em detalhe, alguns dos aspectos que caracterizam eventos dessa natureza, ou seja, eventos cujos processos de criação-transmissão ocorrem, preferencialmente, em situação de performance.

A cantoria nordestina pode inserir-se no âmbito da “oralidade mista”, que, na acepção de Paul Zumthor (1997a, p. 37)<sup>5</sup>, opera simultaneamente à cultura escrita, mesmo vivendo à margem desta.

Aqui vale ressaltar que, com referência ao modo de pensar das culturas de tradição oral, em geral as pesquisas têm alcançado um desenvolvimento significativo, no sentido de revelar o resgate de critérios que lhe sejam inerentes, os quais substituem aqueles convencionais da cultura escrita que por muito tempo constituíram-se nós únicos referenciais teóricos. No universo de oralidade constroem-se, socialmente, padrões expressivos que revelam um modo de pensar paratático, agregativo, redundante, conservador, agonístico, situacional, próximo ao cotidiano. Podemos exemplificar essa constatação se observarmos a lógica do conteúdo da maioria das canções tradicionais: elas, geralmente, não se prendem ao modelo de

<sup>5</sup> Paul Zumthor propõe o estabelecimento de tipos ideais de oralidade, dentre sua gama diversificada entre os limites do oral e do escrito: 1) a oralidade *para* ou *primária*, aquela que não tem qualquer contato com os códigos da escrita; ela, que fez parte de comunidades arcaicas há tempos desaparecidas, apresenta apenas elementos fossilizados; verdadeiramente, representa uma “civilização da voz viva, elemento fundador onde esta constitui um dinamismo fundador, ao mesmo tempo preservador dos valores da palavra e criador de formas de discurso próprias a manter a coesão social e a moralidade do grupo”. Zumthor considera que esse tipo de oralidade apresenta uma função “trans-histórica”, ou seja, “ela se exerce independentemente das mudanças que ocorrem nas estruturas sociopolíticas, nos hábitos e modos de sensibilidade, engajada num processo incessante, algumas vezes muito lento, de enculturação, de aculturação e de re-enculturação”. Como exemplo, situam-se as formas poéticas que não apresentam qualquer cronologia – conforme entendermos –, fíctas, este, premisa para o mundo da escrita. A oralidade *para*, mesmo com a expansão da escrita, “subsiste e pode evoluir no seio de um universo transformado, entre elementos deste que a nomeiam ‘arguocivilização’, preenchendo o vazio do outro”. A escrita não eliminou a oralidade. Esta sempre se renova, mesmo tendo sido fixada em livro. Ela também recebe influência de certos procedimentos lingüísticos, de determinados temas próprios do universo da escrita, operando-se aqui um exercício de intertextualidade; 2) a oralidade que convive com a escrita e que, conforme circunstâncias, se apresenta sob a forma de oralidade *mixta*, ou seja, um tipo de oralidade que opera simultaneamente à escrita estando esta a distância (a exemplo do que ocorre com as massas de analfabetos do Terceiro Mundo), ou como oralidade *segunda*, a qual convive com a escrita e procede dela; 3) finalmente, a oralidade dos meios de comunicação, aquela que recorre aos meios audiovisuais, *alijado no tempo e no espaço*. Esta já pertence à cultura de massa. Para Zumthor, “[...] não difere da antiga, senão por algumas modalidades. Do outro lado dos séculos do livro, a invenção das máquinas de registrar e de reproduzir a voz restitui a esta uma autoridade que ela havia perdido quase totalmente, e seus direitos caídos em desuso” (1997, p. 37).

começo-meio-fim do discurso racional. Trata-se de um tipo de racionalidade que se exerce sobre situações concretas, sendo que a formulação das idéias encontra-se, muitas vezes, ao sabor do inusitado. Num universo de oralidade, portanto, predomina a "racionalidade concreta".

O fato de a transmissão da tradição cultural em sociedades de oralidade se dar face a face revela o recurso ao processo "homeostático", ou seja, nessas sociedades vive-se num presente que se mantém em equilíbrio graças à alternância entre memória e esquecimento, capacitando os indivíduos a transformar tudo aquilo que deixa de ser relevante. Na tradição escrita, entretanto, a transmissão face a face perde sua eficácia e o processo homeostático deixa de ser necessário. Além disso, a leitura é uma atividade solitária.

Paul Zumthor (1997a, p. 36) considera esses "dois universos" como *dois extremos de uma série contínua*, na qual as diferenças são muito mais *históricas* do que *categoriais*. Assegura que "em todas as épocas coexistem e colaboram homens provenientes da oralidade e outros provenientes da escrita". Não se pode deixar de evidenciar que se trata de modos distintos de apreensão do mundo, os quais requerem uma sistemática de compreensão estética diferenciada, em que se levem em conta as peculiaridades específicas de cada um.

O mergulho na produção dos cantadores, por mim registrada durante pesquisa de campo realizada em 1991<sup>6</sup> e, mais recentemente, acompanhando cantorias ao vivo em festivais, em casas noturnas, nos meios de comunicação, constitui um rico material sobre o qual tenho me debruçado ao longo desses anos. Considerando-se que a situação de performance é o espaço privilegiado para todos os processos que envolvem a concretização da obra, recorro agora à classificação dos estádios de existência do evento de cantoria fazendo alusão às categorias propostas por Paul Zumthor para o estudo da poética da oralidade: *produção-transmissão-recepção-conservação-repetição* (1994, p. 33-34).

Em se tratando da *produção*, dois de seus aspectos cruciais dizem respeito à criação (originalidade) e à autoria, por exemplo. Estas premissas, relevantes na cultura escrita, não apresentam tanto realce na cultura oral. Uma obra de arte nascida na oralidade apresenta outros paradigmas que caracterizam o processo de criação. Ruth Finnegan (1992, p. 13) nos lembra a importância das relações entre os processos de composição e performance. Os etnomusicólogos também têm trazido contribuições substanciais quanto ao que as várias culturas pensam sobre seu processo de criação, que a meu ver oferecem subsídios ao entendimento do assunto em questão. Bruno Nettl (1983, 26-35) adverte-nos para o fato de que, do

<sup>6</sup> Essa pesquisa empírica consta, principalmente, de cerca de 60 horas de gravações que contêm tanto performances de cantorias inteiras a que assisti no Ceará – Mocada Nova, Limoeiro do Norte, Flores, Juazeiro do Norte, Cascavel, Beberibe, Parajuru (município de Beberibe), Messejana (distrito de Fortaleza), Fortaleza – e no Recife quanto entrevistas com cantadores e apologistas.



ponto de vista intercultural, aquilo que se considera "nova composição" numa cultura, em outra pode parecer muito mais uma "repetição" ou "variação" sobre material existente.

No processo de produção da cantoria nordestina, é na articulação entre cantadores e ouvintes, intermediados pelo apologista, a que me referi anteriormente, que a obra se constrói, é transmitida e recebida pelo público. O ouvinte (aqui integrados apologistas e público), entretanto, é parte ativa na performance. Receptor direto e também "co-autor", recria, na intimidade do seu ser e em função de seu próprio uso, sobre aquilo que recebe na performance, sem necessariamente exteriorizá-lo de imediato. Além disso, ele participa com sugestões de estilos e com sua crítica explícita pelo modo como tece comentários sobre a atuação dos repentistas.

Zumthor considera que

[...] poderíamos assim, sem paradoxo, distinguir na pessoa do ouvinte, dois papéis: aquele do receptor e aquele do co-autor. Este desdobramento pertence à natureza da comunicação interpessoal e, quaisquer que sejam as modalidades no curso do tempo e do espaço, seus efeitos variam pouco [...] Em meio ao universo teatralizado a que pertencem um e outro [ouvinte e intérprete] por um tempo, o ouvinte reage à ação do intérprete como "amador esclarecido", ao mesmo tempo consumidor e juiz, sempre exigente. As sociedades modernas, onde são mantidas vivas, mesmo isoladamente velhas tradições de oralidade, conservam intacta a prática dessas interferências: das populares cantorias brasileiras ao sutil rakugo japonês [...] O ouvinte contribui, portanto, com a produção da obra na performance. Ele é ouvinte-autor, a menos que o executante não seja autor. Daí a especificidade do fenômeno da recepção na poesia oral (1997b, p. 242-247).

Entretanto, a sobrevivência da cantoria não estaria apenas no processo de produção em situação de performance. A memória viva exerce papel fundamental. A importância dessa memória viva que é coletiva, e da qual fazem uso seus porta-vozes, é destacada por Paul Zumthor:

A memória de um grupo (não menos que a faculdade individual à qual se dá o mesmo nome) [...] tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida. Seria paradoxal sustentar que ela cria o tempo. É evidente que cria a história, até o liame social e, por conseguinte, confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura (1997b, p. 13).

É essa memória que significa a dimensão "conservadora" da cantoria, ou seja, a dimensão de preservar os seus elementos de identificação: ela guarda seus elementos estáveis: as "fórmulas" por assim dizer, tais como as de cunho poético – estruturas da versificação dos vários estilos, disposição das rimas, organização silábica e distribuição interna dos acentos poéticos, os refrãos, a adequação dos estilos a conteúdos específicos – e aquelas relacionadas com a música: os arquétipos melódico-rítmicos das toadas, os bordões da viola com seus motivos rítmicos – plenamente



internalizados pelos cantadores e o público ouvinte. Tudo isso são itens que se conservam na mente e permitem a recriação constante de eventos renovados. A linguagem gestual, a emissão vocal, por exemplo, são ainda instrumentos que garantem a dimensão conservadora da cantoria.

Sem dúvida, há um processo *moto continuam* de retroalimentação. Os festivais e encontros de cantoria vêm sendo gravados em fitas cassete e em vídeos, nas últimas décadas, entre os aficionados. Os programas de cantorias no rádio<sup>7</sup> e na TV demonstram a demanda por essa arte. Mas a documentação feita por esses meios audiovisuais ou mesmo umas poucas publicações em livro<sup>8</sup> constituem um tímido registro das performances.

Em tempo, pode-se abordar o componente *repetição*, que se revela na apresentação dos mesmos estilos com a particularidade de que seus conteúdos mudam com o contexto e emergem renovados, revestidos de outras toadas, à exceção de alguns poucos que possuem toadas fixas – *Martelo alagoano*, *O boi amarrado no pé da cajarana*, *No tempo de Pai Tomás*, etc. –, ou seja, estilos esses mais recentes, estruturados no idioma da música tonal e que possuem refrão, o qual é sempre cantado simultaneamente por cantadores e público. Aliás, Ruth Finnegan (1992) nos lembra da importância do refrão como elemento integrador da participação conjunta de ouvintes e artistas durante a performance. O conteúdo da letra pode até ser repetido, pois há temas recorrentes<sup>9</sup>, mas ele surge com nova organização estrutural. Até mesmo porque as duplas de cantadores geralmente se revezam. Portanto, a repetição renovada não deixa de ser também um modo de conservar a tradição. É no âmago desse movimento provocador de tensões criadoras que se recupera a raiz de formas rechaçadas, as quais, em novos contextos e nas mãos de sensibilidades diferentes, tomam outra feição.

É mais uma assertiva de Paul Zumthor que nos torna esclarecedora essa articulação entre memória e esquecimento na mente do poeta improvisador:

O que transmite, numa performance, a voz de um recitante, de um cantor, de um leitor público, existe na memória do executante como um todo: com suas zonas incertas, suas vibrações, seu movimento; não uma totalidade, mas uma intenção

<sup>7</sup> Os apologistas relatam a presença da cantoria no rádio já nos anos de 1960.

<sup>8</sup> A publicação da cantoria em livros tem ocorrido desde o começo do século que há pouco espirou, a partir do interesse de intelectuais. Nos meios acadêmicos algumas teses e dissertações, sobre o assunto, estão sendo produzidas e mesmo publicadas. Nesses trabalhos, observa-se a prevalência do texto em detrimento da música. São poucasíssimas as transcrições musicais constantes nessas publicações, até mesmo porque a ótica de estudos tem sido mais direcionada às Ciências Sociais, à Comunicação ou às Letras. A formação de pesquisadores musicólogos no Brasil é recente, pois os programas de pós-graduação *stricto sensu* têm se desenvolvido há cerca de pouco mais de uma década. Não se pode negar o registro musical dos trabalhos pioneiros de Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga, Luiz Heitor Correia de Azevedo, Guerra Peixe e de alguns especialistas em folclore musical.

<sup>9</sup> Temas que versam sobre conhecimentos gerais, sobre figuras heróicas como Lampião, Padre Cicero, Luiz Gonzaga, sobre acontecimentos do cotidiano, ou mesmo aqueles que geram debates sobre casados e solteiros, por exemplo.

totalizante, de agora e já, provida dos meios de se manifestar. A letra do texto não importa como tal. O 'buraco da memória' em regime de performance é menos acidente que ocasião para um episódio criador: as culturas da Alta Idade Média forjando, em todas as línguas do Ocidente, o que se chama hoje de 'estilo foemalar', tinham integrado à sua arte poética estas oscilações da memória viva. O particular deste estilo é, com efeito, assegurar no intérprete a predominância, sobre a memorização, do que se diria melhor com o termo antigo de relembrança (remembrance): por oposição à lembrança pura e simples do já-sabião, a recreação de um saber colocado sempre em questão quanto ao seu detalhe, e do qual cada performance instaura uma integridade nova (1997b, p. 21).

Penso que outro aspecto relevante para a conservação dessa tradição viva, em articulação contínua na mente dos artistas e de seu público, resulta do fato de ambos manterem-se relacionados por uma atração que lhes é mútua – a atração dos ouvintes e cantadores pela arte do repente. Como bem expressa Michael Löwy (1989, p. 13-18), as aproximações entre idéias e/ou pessoas não se dão por acaso. Elas ocorrem por uma questão de relação de confluência que o autor categoriza como *afinidade eletiva*<sup>10</sup>. Neste sentido é que se pode assegurar a confluência de elementos comuns a vários contextos sociais que contribuíram e ainda contribuem para a permanência de manifestações culturais de traços semelhantes. Entre eles, estão as ligações dos aficionados com o mundo rural, especificamente o espaço geográfico do sertão nordestino<sup>11</sup>. Mesmo em performances realizadas nos centros urbanos, esse mundo virtual é resgatado na imaginação dos envolvidos com o evento. Possivelmente, trata-se de uma situação de fortalecimento da identidade de cada um deles com um "espaço cultural" que faz parte de sua história de vida. É a cantoria em performance que tanto alude a um passado de significação, transportando os partícipes para o território das lembranças, como põe em destaque essa memória viva que representa o modo de ser da cultura da oralidade em nossos dias.

<sup>10</sup> Löwy define *afinidade eletiva* como "um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou à influência no sentido tradicional. Trata-se, a partir de uma certa analogia estrutural, de um movimento de convergência, de atração recíproca, de confluência ativa, de combinação capaz de chegar até à fusão." [...] "Naturalmente, [diz Löwy] a afinidade eletiva não se dá no vazio ou na placidez da espiritualidade pura: ela é favorecida (ou desfavorecida) por condições históricas e sociais. Se a analogia, o parentesco enquanto tal procedem unicamente do conteúdo espiritual das estruturas significativas em questão, seu relacionamento e sua interação ativa dependem de circunstâncias sócio-econômicas, políticas e culturais precisas" (LÖWY, 1989, p. 13-18).

<sup>11</sup> Vale salientar que, segundo depoimento dos apologistas Manoel Rodrigues Santiago de Oliveira, Wilson Raulino, Carlito de Assis Bezerra e Orlando Queiroz, em entrevista realizada em Morada Nova em 8/6/1991, os estados do Nordeste – a partir de Pernambuco e subindo até o Piauí – constituem os maiores celeiros da cantoria de viola.

## 5. Concluindo

Poderíamos supor possíveis razões para a compreensão estética da cantoria nordestina recorrendo aos nossos amigos filósofos. Aristóteles dizia que há vários modos de dizer o ser. Os filósofos modernos têm buscado nova leitura desta expressão aristotélica. A hipótese de William Desmond é de que o ser pode se expressar não somente autotmediando no pensamento, mas através da intermediação com seus outros, quais sejam, o ser acadêmico, o ser técnico, o ser cientista, o ser poeta, o ser sacerdote, o ser revolucionário, o ser herói, o ser sábio. Há, portanto, várias vozes no olhar filosófico – uma *plurivocidade* como promessa de *convivência* com sua riqueza de significados (2000, p. 48). A arte, portanto, é um desses outros. É a arte da cantoria se faz outro com a particularidade de remeter-nos ao elemento fundamental do ser. A cultura brasileira, a nordestina, em especial, tem a particularidade de nos oferecer um laboratório vivo de expressões dessa “canção primordial” nascida da oralidade. É nossa tarefa compreender esse modo de pensar específico que nos distingue e nos identifica culturalmente.

## Referências

- ANDRADE, Mário de (1972). *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins Fontes.
- ANDRADE, Mário de (1993). *Vida do cantador*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Vila Rica. Edição Crítica de Raimunda de Brito Batista.
- BARROSO, Gustavo (1994). *Ao som da viola*. 2 ed. Rio de Janeiro: Depto. de Imprensa Nacional.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da (1970). *Façoiteiros e cantadores*. 1970. Porto Alegre: Ed. de Ouro.
- CARVALHO, José Rodrigues de (1928). *Cancioneiro do norte*. João Pessoa: Livraria São Paulo.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da (1939). Folclore pernambucano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 70, parte II.
- DAUS, Ronald (1982). *O ciclo épico dos congaceiros na poesia popular do nordeste*. Col. Estudos/Nova série.
- DESMOND, William. (2000). *A filosofia e os outros*. Trad. de José Carlos Aguiar de Souza. São Paulo: Loyola.
- FINNEGAN, Ruth (1992). *Oral poetry: its nature, significance and social context*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- GOODY, Jack & WATT, Ian (1968). The consequences of literacy. In: *Literacy in traditional societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LINDLEY, Mark (1992). Composition. *The New Grove*, London, v. 4, p. 599-602.
- LÓWY, Michael (1989). *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central (Um estado de afinidade eletiva)*.
- MOTA, Leonardo (1987). *Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia.



- MOTA, Leonardo. (1965). *Viola de Norte*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- MOTA, Leonardo (1962). *Sertão alegre*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- NETTL, Bruno (1983). *The study of ethnomusicology: twenty-nine issues and concepts*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- RAMALHO, Elba Braga (2000). *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem.
- RAMALHO, Elba Braga (2001). *Cantoria nordestina: novo enredo para o metro cantado*. Tese apresentada no concurso de professor titular da UECE. Não publicada.
- TRAVASSOS, Elizabeth. (1999). Melodias para a improvisação poética do Nordeste: as toadas de sextilhas segundo a apreciação dos cantadores. *Revista Brasileira de Música*, v. 18, p. 115-129.
- TRAVASSOS, Elizabeth (1989). Repente e música popular: a autoria em debate. *Brasília*, v. 1, p. 6-15, jan. 1999: 06-15.
- TRAVASSOS, Elizabeth (1987). Toadas de cantoria. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E MÚSICA, 3., 1987, Ouro Preto. *Anais ...* Ouro Preto: UFMG.
- ZUMTHOR, Paul. (1997a). *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec/EDUC.
- ZUMTHOR, Paul (1997b). *Tradição e esquecimento*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Hucitec.
- ZUMTHOR, Paul (1993). *A letra e a voz*. Tradução de Amílho Pinheiro (parte I) e de Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Cia. das Letras.

Livros  
e revistas

## 1 Livros

- ADAM, Gérard (2004). *L'Arbre blanc dans la forêt noire*; roman. Bruxelles: Labor.
- ALGOUD, Albert (2003). *L'Archipel Tintin*. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.
- ALVES, Maria Theresa Abelha (2002). *Gil Vicente; sob o signo da derrisão*. Feira de Santana: UEFS.
- ATLAS, Anatole (2003). *Global viewpoint*. Bruxelles: Maelström.
- BAETENS, Jan (2003). *Cent fois sur le métier*. Paris: Les Impressions Nouvelles.
- BALTHAZAR, André (2001). *La Trompette*. Bruxelles: Daily-Bul, t. 8.
- BALTHAZAR, André (2002). *Le Pain*. Bruxelles: Daily-Bul, t. 9.
- BARONIAN, Jean-Baptiste (2002). *Simenon ou le roman gris; neuf études sentimentales*. Bruxelles: Textuel.
- BAUCHAU, Henri (2002). *Passage de la bonne-graine; journal (1997-2001)*. Bruxelles: Actes du Sud.
- BECK, Béatrix (2002). *Confidences de Gargouille*. Bruxelles: Labor.
- BEECKMANS, Roger (2004). *Des écoles dans le vent; récits*. Bruxelles: Espace Nord.
- BENOÎT-JEANNIN, Maxime (2003). *Bourgogne!*; roman. Bruxelles: Le Cri.
- BERENBOOM, Alain (2003). *La Fille du super-8*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- BERGEN, Véronique (2003). *Rapsodies pour l'ange bleu; roman*. Bruxelles: Wilquin.
- BERTIN, Charles (2003). *L'Art et les hommes*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- BLASBAND, Philippe (2003). *Une Liaison pornographique*. Bruxelles: Actes du Sud.
- BOLOGNE, Jean-Claude (2003). *L'Arpenteur de mémoire; roman*. Bruxelles: Fayard.



- BOLOGNE, Jean-Claude (2003). *Sherlock Holmes et le secret des lettres*. Bruxelles: Rocher.
- BROGNIET, Éric (2003). *Christian Hubin; le lieu et la formule*. Bruxelles: Wilquin.
- BRUNE, Elisa (2003). *La Tentation d'Édouard*; roman. Bruxelles: Belfond.
- BUSCH, Wilhelm (2003). *Le Corbeau*. Bruxelles: Le Cri.
- BUSCH, Wilhelm (2003). *Le Virtuose*. Bruxelles: Le Cri.
- BUSSY, Alain de (2003). *Les Otages de la dent blanche*; roman. Bruxelles: Hêtre.
- BUYSE, Sophie (2002). *L'Organiste*; roman. Bruxelles: Maelström.
- CARLY, Michel (2004). *Les Vrais crimes de Simenon*. Bruxelles: Les Amis de Georges Simenon.
- CARON, Jean-François (2003). *5 petites comédies pour une comédie*. Bruxelles: Lansman.
- CARVALHO NETO, Joviniano Soares de (2002). *Brasil e movimento docente; crise e perspectivas*. Salvador: APUB.
- CATÁLOGO GERAL DAS FACULDADES INTEGRADAS DA FERP (2002). Volta Redonda: FERP, 2002.
- CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES; 1973-2002. Porto Alegre: PUCRS.
- CELS, Jacques (2002). *La Poudrière*; roman. Bruxelles: Luce Wilquin.
- CHENOT, Francis (2003). *Carnets d'écorce*. Bruxelles: L'Arbre à Paroles.
- CLIFF, William (2002). *Écrasez-le précédé de Homo sum*; poèmes. Bruxelles: Gallimard.
- CLIFF, William (2004). *La Dodge*; roman. Bruxelles: Rocher.
- CLIFF, William (2003). *Le Passager*; roman. Bruxelles: Rocher.
- COLAUX, Denys-Louis (2002). *Nelly Kaplan*; portrait d'une flibustière. Bruxelles: Dreamland.
- COLLECTION ESSAIS (2002). *Parler l'amour*. Bruxelles: La Lettre Volée.
- CONGRESSO CIENTÍFICO, 3 (2003). anais. Palmas (TO): ULBRA, (2 ex.).
- CORAN, Pierre (2003). *Terminus Odéon*; roman. Bruxelles: Espace Nord.
- COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (org.) (2004). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: Instituto de Letras/EDUFBA.
- DARRAS, Jacques (2003). *Adam de la Halle, le jeu de la feuillée*; théâtre. Bruxelles: Le Cri.
- DELAUNOIS, Jean-Marie (2003). *Dans la mêlée du XX<sup>e</sup> siècle*. Bruxelles: De Krijger.
- DELIGNY, Pierre; MENGUY, Claude (2003). *Simenon de porquerolles*. Bruxelles: Les Amis de Georges Simenon.

- DELPÉRDANGE, Patrick (2004). *Comme une bombe*; roman. Bruxelles: Espace Nord.
- DELZENNE, Yves-William (2003). *Oeuvre complète*. Bruxelles: Le Cri, (2 ex.)
- DEPREZ, Bérengère (2004). *Le Livre des deuils*; roman. Bruxelles: Wilquin.
- DESPRET, Vinciane (2002). *Quand le loup habitera avec l'agneau*. Bruxelles: Les Empêcheurs.
- DEVOLDER, Eddy (2003). *La Ligne de partage*; récit. Bruxelles: CEFAL, 2003.
- EMMANUEL, François (2004). *La Lente mue des paysages*; poésie 1982-2003. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- EMMANUEL, François (2003). *Le Sentiment du fleuve*; roman. Bruxelles: Stock.
- FANO, Daniel (2003). *Fables et fantasies*. Bruxelles: Les Carnets du Dessert de Lune.
- FLAMANT, Ludovic (2003). *Etre Vera*; roman. Bruxelles: Luc Pire.
- FLEM, Lydia (2002). *La Voix des amants*. Bruxelles: Seuil.
- FONCK, Jean-Luc (2003). *Histoires à délire debout*. Bruxelles: Casterman.
- FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (Org.) (2000). *Rotas & imagens*; literatura e outras viagens. Feira de Santana (BA): UEFS.
- FONTENEAU, Pascale; LENOIR, Thierry (2001). *Du début à la fin*. Bruxelles: La Pierre d'Alumn.
- FOUREZ, Michelle (2004). *À contretemps*; récit. Bruxelles: Wilquin.
- GALEFFI, Eugenia Maria (2002). Labirinto e iniziazione; la metafora della caduta ne *Il Paradiso terrestre* di Sergio Campailla. *Meroope*, Pescara, anno 14, n. 37, set. Sep.
- GANZ, Otto. *Leçon de souffle* (2003). Bruxelles: Le Taillis Pré.
- GASSEL, Nathalie (2004). *Stratégie d'une passion*. Bruxelles: Wilquin. Préf. de Pierre Mertens.
- GENOT, Alain (2003). *Qui meurt perd!*; nouvelles. Bruxelles: Le Cri.
- GERMOZ, Alain (2002). *L'Ombre et le masque*. Bruxelles: Archipel.
- GEVERS, Marie (2003). *Des milles collines aus neuf volcans*. Bruxelles: AML, (2 ex.)
- GEVERS, Marie (2003). *Poésie*. Bruxelles: Le Cri.
- GHELDERODE, Michel de (2003). *La Mort du docteur Faust (tragédie) et Fastes d'enfer (tragédie-bouffe)*. Bruxelles: Labor.
- GHEUDE, Michel (2003). *Le Catalogue de la déroute*; roman. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- GIVERT, Yvon (2001). *Marche solaire*; poèmes. Bruxelles: Acanthe.
- GOFFETTE, Guy (2002). *Max Elskamps*. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- GUNZIG, Thomas (2003). *Le Plus petit zoo du monde*. Bruxelles: Au Diable.

- HANOTTE, Xavier (2003). *Poussières d'histoires et bribes des voyages*. Bruxelles: Escales du Nord.
- HARPMAN, Jacqueline (2004). *Jusqu'au dernier jour des mes jours*. Bruxelles: Labor.
- HARPMAN, Jacqueline (2003). *La Lucarne; nouvelles*. Bruxelles: Labor.
- HÉNOUMONT, René (2002). *Les Épinettes noires; roman*. Bruxelles: Rocher.
- HENROT, Geneviève (2003). *Henri Bauchau poète; le vertige du seuil*. Bruxelles: Droz.
- HONS, Gaspard (2002). *Ly's light; poèmes*. Québec: P.H.L.
- HOTTOIS, Gilbert (2002). *Species technica*. Paris: Vrin.
- HUBIN, Christian (2002). *Le Sens des perdants*. Bruxelles: Corti.
- JAVEAU, Claude (2002). *Éloge de l'elitisme*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- JOB, Arnel (2003). *Le Conseiller du roi; roman*. Paris: Robert Lafont.
- JUIN, Hubert (2004). *Célébration du grand-père*. Bruxelles: Gilson.
- KAVIAN, Eva (2004). *Trois siècles d'amour; roman*. Bruxelles: Escales du Nord, 2003.
- LAMARCHE, Caroline (2004). *Carnets d'une soumise de province*. Bruxelles: Gallimard.
- LAMARCHE, Caroline (2003). *Lettres du pays froid; roman*. Bruxelles: Gallimard.
- LAMBERSY, Werner (2002). *Puits, cachettes et passages*. Paris: Syllepse.
- LAMBIOTTE, Michel (2004). *Partage de l'aveu*. Bruxelles: Le Cormier.
- LEFORT, Ariane (2003). *Beau-fils; roman*. Bruxelles: Seuil.
- LEFORT, Ariane (2003). *La Madone des plaines de jeux*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- LEMOINE, Michel (2003). *Écrire l'homme*. Bruxelles: Gallimard.
- LEMOINE, Michel (2002). *Liège couleur Simenon*. Bruxelles: CEFAL.
- LEMONNIER, Camille (2002). *Sedan ou les charniers*. Bruxelles: Labor.
- LEYS, Simon (2003). *Les naufragés du Batavia; suivi de Prosper*. Bruxelles: Arléa.
- LIMA, Diógenes Cândido de (2004). *Foreign-language learning and teaching; from theory to practice*. Vitória da Conquista (BA): EDUESB.
- LIMA, Francisco Ferreira de (2002). *Do inventário à invenção; Redol e o neo-realismo*. Feira de Santana (BA): UEFS.
- LISON-LEROY, Françoise (2001). *L'Affûteurs*. Bruxelles: Rougerie.
- LOREAU, Dominique (2004). *L'Eau du bain*. Bruxelles: Esperluète.
- LOUVET, Jean (2003). *Ma nuit est plus profonde que la tienne*. Bruxelles: Lansman.



- MACEDO, José Rivair (Org.) (2003). *Os estudos medievais no Brasil: catálogo de dissertações e teses, Filosofia, História, Letras (1990-2002)*. Porto Alegre: ABREM-EDUFRGS.
- MADI, Malika (2003). *Les Silences de Médée*. Bruxelles: Labor.
- MALINCONI, Nicole (2003). *À l'étranger*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- MARLAIR, J. C. (2003). *Congo le septième lot*. Bruxelles: Le Cri.
- MEC (2003). *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC.
- MEURANT, Serge (2004). *Le Don*. Bruxelles: Le Cormier.
- MICHAUX, Henri (2004). *Oeuvres complètes III*. Bruxelles: Pléiade.
- MILLER, Richard (2003). *Adulte terre; nouvelles*. Bruxelles; Luce Wilquin.
- MOREAU, Marcel (2002). *Corpus scripti*. Paris: Denoël.
- MOREAU, Marcel (2002). *Orgambide; scènes de la vue perdante*. Bruxelles: Lettres Vives.
- MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise (Org.) (2004). *Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras*. Salvador: EDUFBA.
- NAMUR, Yves (2002). *La petite cuisine bleue; poèmes*. Québec: P.H.L.
- NORAC, Carl (2003). *Métropolitaines*. Bruxelles: Escampette.
- NORIN, Luc (2002). *Villa Juliette; roman*. Bruxelles: Bernard Gilson.
- NOTHOMB, Amélie (2004). *Antéchrista; roman*. Paris: Albin Michel.
- NÚÑEZ TOLIN, Serge (2002). *Silo II*. Bruxelles: Le Cormier.
- NYS-MAZURE, Colette (2003). *Feux dans la nuit; poésie 1969-2002*. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- NYS-MAZURE, Colette (2004). *Sans y toucher; nouvelles*. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- NYSSSEN, Hubert (2002). *Zeg ou les infortunes de la fiction; sottie*. Bruxelles: Actes du Sud.
- OLIVEIRA, Ilca Vieira de (Org.) (2003). *Escritos de corpo, da terra e do imaginário*. Montes Claros (MG): EDUNIMONTES.
- OLIVIERI-GODET, Rita; PEREIRA, Rubens Alves (Org.) (2003). *Memória em movimento; o sertão na arte de Juraci Dórea*. Feira de Santana (BA): UEFS.
- OTTE, Jean-Pierre (2004). *La sexualité domestique*. Paris: Julliard.
- OTTE, Jean-Pierre (2004). *Le cœur dans sa gousse; trilogie, romans*. Bruxelles: La Renaissance du Livre.
- PAQUÉ, Jeannine (2003). *Jacqueline Harpman*. Bruxelles: Wilquin.
- PÊCHE D'ENFER (2002). *solidarité femmes et théâtre des rues*. Bruxelles: Cerisier.
- PIEMME, Jean-Marie (2003). *L'illusion faim-soif; théâtre*. Bruxelles: Lansman.

- PIEMME, Jean-Marie (2003). *Les B@lges*; théâtre. Bruxelles: Lansman.
- PIEMME, Jean-Marie (2003). *Tango/tangage trompe l'oeil*. Bruxelles: Lansman.
- PIEMME, Jean-Marie (2002). *Tribulations d'un homme mouillé*; récit. Bruxelles: Labor.
- RAY, Jean (2003). *Otrante*; art et littérature fantastiques. Paris: Kimé.
- RINGELHEIM, Foulek (2003). *La seconde vie d' Abram Potz*. Bruxelles: Luc Pire.
- RINGLET, Gabriel (2002). *Ces chers disparus*. Bruxelles: Labor.
- ROEGIERS, Patrick (2003). *Le mal du pays*; autobiographie de la Belgique. Bruxelles: Seuil.
- ROLIN, Dominique (2003). *Lettre à Lise*; roman. Bruxelles: Gallimard.
- ROLIN, Dominique (2002). *Plaisirs*; entretiens avec Patricia Boyer de Latour. Bruxelles: Gallimard.
- ROMBAUT, Marc (2003). *Ville sanguine*; roman. Bruxelles: Seuil.
- ROSI, Rossano (2001). *Approximativement*. Bruxelles: Le Fram.
- ROYER, Jean (2003). *Demeures du silence*. Québec: P.H.I.
- RUIZ, Raoul; PEETERS, Benoît (2002). *Le Transpatagonien*; roman. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.
- SALKIN, Paul (2001). *L'Afrique centrale dans cent ans*. Bruxelles: AML.
- SAMAÏN, Pascal (2003). *Des filles invincibles*; contes berbelges. Bruxelles: Cerisier.
- SANTOS, Jair de Oliveira (2004). *Um paradigma para a educação*. Salvador: Fac. Castro Alves/EDUFBA.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos (2001). *O livro fúcsia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Orti, (4 ex.)
- SAUBLAINS, Raymond (2003). *Jean Louvet et le studio-théâtre de La Louvière*. Bruxelles: Labor.
- SAVITZKAYA, Eugène (2003). *Esquisse Louise*; roman. Bruxelles: Minuit.
- SEXAS, Cid (2003). *Os riscos da cabra-cega*; recortes de crítica ligeira. Org., introd. e notas de Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana (BA): UEFS.
- SEMPOUX, André (2003). *Le bol à moustaches*; récits. Bruxelles: Wilquin.
- SERSTEVENS, Albert (2003). *La grande plantation*; roman tahitien. Bruxelles: Labor.
- SOJCHER, Jacques (2001). *Histoire et fiction*. Bruxelles: Lansman.
- SOJCHER, Jacques (2004). *Le sexe mort*. Bruxelles: Fata Morgana.
- STAS, André (2003). *Le grand Carnaval*; fable. Bruxelles: Galopin.
- STENGERS, Jean (2002). *Le grand siècle de la nationalité belge; de 1830-*

1918. Bruxelles: Racine, t.2.
- SWENNEN, René (2003). *Les trois frères*; roman. Bruxelles: Labor.
- TESSA, Francis (2003). *Demeure du deuil*; *dimora del lutto*. Bruxelles: Arbre à Paroles.
- THINÈS, Georges (2003). *Voix d'Ovide en sa première mort*. Bruxelles: Arbre à Paroles.
- THIRION, Virginie (2002). *Zéphira. Les pieds dans la poussière*; théâtre. Bruxelles: Lansman.
- THIRY, Marcel (2002). *Grandes proses*. Bruxelles: Actes du Sud.
- THIRY, Marcel (2003). *Le tour du monde en guerre des autos-canon belges*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- THOLOMÉ, Vincent (2002). *Faits divers*. Bruxelles: Acanthe.
- THORAN, Bosquet de (2002). *Le Cavalier de la Monalena*. Bruxelles: L'Aube.
- TISON, Pascale (2004). *Dis-moi que je t'aime*; théâtre. Bruxelles: Lansman.
- TISON, Pascale (2003). *La joie des autres*. Bruxelles: Esperluète.
- TOUSSAINT, Jean-Philippe (2002). *Faire l'amour*; roman. Bruxelles: Minuit.
- VALÉRY, Paul (2002). *Narcisse au monument*; correspondance 1893-1945. Paris: Le Félin.
- VANBRABANT, Laurence (2003). *Il était 9 fois Julos Beaucarne*. Bruxelles: Le Grand Miroir.
- VANCRUTGEN, Alain (2003). *Korsakoff*; roman. Bruxelles: Wilquin.
- VANDROMME, Pol (2002). *La singularité d'être wallon*. Bruxelles: l'Age d'Homme.
- VANEIGEM, Raoul (2003). *Salut à Rabelais! une lecture au présent*; littérature. Bruxelles: Complexe.
- VANEIGEN, Raoul (2002). *Pour l'abolition de la société marchande pour une société vivante*. Paris: Payot.
- VERHEGGEN, Jean-Pierre (2004). *Gisella*. Bruxelles: Rochet.
- VREBOS, Pascal (2003). *Entrechats*; comédie. Bruxelles: Le Cri, (2ex.).
- WATTHEL-DELMOTTE, Myriam (2002). *Bauchau avant Bauchau*. Bruxelles: Académie Bruylant.
- WILLEMS, Paul. *L'Enchanteur*. Bruxelles: BFL.
- WILLEMS, Sandrine (2002). *Franju et le porc*. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.
- WILLEMS, Sandrine (2004). *Le sourire de Bérénice*; roman. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.
- WILLEMS, Sandrine. *Nietzsche et les oiseaux*. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2002.



WILLEMS, Sandrine (2003). *Le roman dans les romces*. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles.

WOLF, Dominique de (2002). *Rejoindre hélène*; roman. Bruxelles: Gilson.

YOURCENAIR, Marguerite (2003). *L'Oeuvre au noir*. Bruxelles: La Renaissance du Livre.

YOURCENAIR, Marguerite (2002). *Mémoires d'Hadrien*. Bruxelles: Cidmy.

ZUMKIR, Michel (2003). *Amélie Nothomb de A à Z*; portrait d'un monstre littéraire. Bruxelles: Le Grand Miroir.

## 2 Revistas

ÁGORA FILOSÓFICA (2002). Recife, ano 2, n. 1-2, jan.-dez.

ALETRIA; (2002). Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, n. 9, dez.

ALFA; (2004). Revista de Lingüística, São Paulo, v.48, n. 1.

ALPHA; (2003). Revista de Artes, Letras y Filosofía, Osorno (Chile), n. 19.

ANUARIO BRASILENO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS, (2002). São Paulo, v. 12.

ANUARIO DE ESTUDIOS FILOLÓGICOS, (2003). Extremadura, v. 24.

ANUÁRIO DE LITERATURA; (2001). Murilo Mendes: centenário de nascimento, 1901-2001, Florianópolis, n. 9.

ANUÁRIO DE LITERATURA; (2002). Murilo Mendes: centenário de nascimento, 1901-2001, Florianópolis, n. 10.

AO PÉ DA LETRA; (2002). Revista dos Alunos de Graduação em Letras, jul.

AO PÉ DA LETRA; (2002). Revista dos Alunos de Graduação em Letras, dez.

ASAS DA PALAVRA; (2003). Revista do Curso de Letras, Belém, v.7, n. 15, jun.

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI; (2001). Antropologia, Belém, v. 17, n. 1-2, jul.-dez.

CADERNO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, (2002). Campinas, n. 43, jul.-dez.

CADERNO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, (2003). Campinas, n. 44, jan.-jun.

CADERNO DO CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS DA PUCRS, (2003). Porto Alegre, v.9, n. 1, jun.

CADERNO DO CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS DA PUCRS, (2003). Porto Alegre, v.9, n. 2, out.

CADERNOS DE LITERATURA E DIVERSIDADE, (2002). Feira de Santana (BA), v. 1, n. 1.

- CADERNOS DE LITERATURA E DIVERSIDADE, (2003). Feira de Santana (BA), v. 1, n. 4 dez.
- CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, (2002). São Paulo, v. 2, n.1.
- CADERNOS DE TRADUÇÃO, (2001/2002). Florianópolis, n. 8.
- CADERNOS DE TRADUÇÃO, (2002). Florianópolis, n. 9-10.
- CADERNOS DO GIPE-CIT, (2004). Salvador, n. 11-12. jan.-jul.
- CAHIER n. 10; (2003). Au fil de la plume, Paris.
- CAHIERS SIMENON; (2003). Rapprochement et parallèles, Bruxelles, n. 17.
- CALIDOSCÓPIO, (2003). São Leopoldo (RS), v.1, n.1, dez.
- CALIGRAMA; (2003). Revista de Estudos Românicos, Belo Horizonte, v. 8, nov.
- CANCIONEIRO; (2004). antologia do Curso de Letras, Ribeirão Preto, ano 7, n. 7.
- CERRADOS; (2003). Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Brasília, ano 12, n. 16.
- CLARETIANO, (2001). Batatais, n. 1.
- CLARETIANO, (2002). Batatais, n. 2.
- CLARETIANO, (2003). Batatais, n. esp.
- COLEÇÃO DE IDÉIAS, (2004). Santo Antônio de Jesus, ano 1, v.2, n. 2, (2 ex.).
- COLLECTIF; (1998). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *L'Institution Littéraire*, Textyles, Bruxelles, n. 15.
- COLLECTIF; (1999). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Fernand Crommenlynck*, Textyles, Bruxelles, n. 16.
- COLLECTIF; (2001). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Michel Senphor*, Bruxelles.
- COLLECTIF; (2001). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *La classe des lettres; enseigner la littérature francophone de Belgique*, Textyles, Bruxelles, n. 19.
- COLLECTIF; (2001). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Alternatives modernistes*, Textyles, Bruxelles, n. 20.
- COLLECTIF; (2002). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Du fantastique réel au réalisme magique*, Textyles, Bruxelles, n. 21, (2 ex.).
- COLLECTIF; (2003). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Max Elskamp et Charles van Lerberghe*, Textyles, Bruxelles, n. 22.
- COLLECTIF; (2003). Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Les Mots de la faim: les écrivains et la nourriture*, Textyles, Bruxelles, n. 23.

- COLLECTIF; Revue de Lettres Belges de Langue Française, *Histoire de la littérature belge 1830-2000*, Bruxelles, 2003.
- COLLECTIF; Revue Pylone, Bruxelles, n. 1, printemps 2003.
- COMUNICAÇÃO & POLÍTICA; Pela Integração Latino-Americana, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, set.-dez. 2003.
- COMUNICAÇÃO & POLÍTICA, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, set.-dez. 2004.
- ECCOS; Revista Científica, São Paulo, v.5, n. 2, dez. 2003.
- ENCONTRO; Revista do Curso de Psicologia da UNI-A; Santo André, n. 4, 1999.
- ENCONTRO; Revista do Curso de Psicologia da UNI-A; Santo André, n. 5, 2000.
- ENCONTRO; Revista do Curso de Psicologia da UNI-A; Santo André, n. 6, 2001.
- ENCONTRO; Revista do Curso de Psicologia da UNI-A; Santo André, n. 7, 2002.
- ENCONTRO; Revista do Curso de Psicologia da UNI-A; Santo André, n. 8, 2003.
- ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS, Brasília, v.1, 2003.
- ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS, Brasília, v.2, 2003.
- ESBOÇO, Ribeirão Preto, n. 16, 4. trim. 2003.
- ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, Brasília, n.22, jul.-dez. 2003.
- ESTUDIOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA; Línguas, sociedades e culturas, Vigo, v.1, n. 2, 2000.
- ESTUDIOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA; Línguas, sociedades e culturas, Vigo, v.2, n. 1, 2001.
- ESTUDIOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA; Línguas, sociedades e culturas, Vigo, v.2, n. 2, 2001.
- ESTUDIOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA; Línguas, sociedades e culturas, Vigo, v.3, n. 1, 2002.
- ESTUDOS; Campo Grande, n. 17, jan.-jun. 2004.
- ESTUDOS AVANÇADOS, São Paulo, v. 17, n. 48-49, maio-dez. 2003.
- ESTUDOS AVANÇADOS, São Paulo, v. 18, n. 50, jan.-abr. 2004.
- ESTUDOS AVANÇADOS, São Paulo, v. 18, n. 51, maio-ago. 2004.
- ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, Brasília, n. 23, jan.-jun. 2004.
- ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS, Campinas, n. 40, jul.-dez. 2002.
- FOCO; Revista do Curso de Letras, Ribeirão Preto, ano 6, n.9, 2003.



- FORMAS E LINGUAGENS, Ijuí (RS), n. 1, jan.-mar. 2002.
- FORMAS E LINGUAGENS, Ijuí (RS), n. 3, jul.-set. 2002.
- FORMAS E LINGUAGENS, Ijuí (RS), n. 4, out.-dez. 2002.
- FORMAS E LINGUAGENS, Ijuí (RS), n. 5, jan.-jun. 2003.
- FORMAS E LINGUAGENS, Ijuí (RS), n. 6, jul.-dez. 2003.
- FORMAS E LINGUAGENS, Ijuí (RS), n. 7, jan.-jun. 2004.
- FRAGMENTOS, Florianópolis, v. 20, 2001.
- FRAGMENTOS, Florianópolis, v. 21, 2001.
- FRAGMENTOS, Florianópolis, v. 22, 2002.
- GÊNERO; Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, Niterói, v. 3, n. 1, 2. sem. 2002.
- GRAGOATÁ, Revista do PPG em Letras da UFF, Niterói, n. 13, 2. sem. 2002.
- HERMENÊUTICA; Revista do Centro de Pesquisa de Literatura Bíblica, Cachoeira (BA), v.1, 2001.
- HUMBOLDT, Bonn, ano 46, n. 88, 2004.
- INTERLOCUÇÕES; Revista de Psicologia da UNICAP, Recife, ano 2, n. 1-2, jan.-dez. 2002.
- IPOTESI, Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora (MG), v. 7, n. 1, jan.-jun. 2003.
- ITINERÁRIOS; Revista de Literatura, Araraquara, n. 21, 2003.
- LA SCÈNE AUX ADOS, Bruxelles, n. 7, 2004.
- LA SCÈNE AUX ADOS, Bruxelles, n. 8, 2004.
- LÊGUA E MEIA; Revista de Literatura e Diversidade Cultural, Feira de Santana (BA), n. 1, jul. 2001-jun. 2002
- LETRAS; Literatura e pensamento entre o final da Renascença, o Barroco e a Idade Média, Santa Maria, n. 24, jan.-jun. 2002.
- LETRAS; Língua e literatura: limites e fronteiras, Santa Maria, n. 26, jan.-jun. 2003 (2 ex.).
- LETRAS DE HOJE, Porto Alegre, n. 135, 2004.
- LETRAS & LETRAS; Revista do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, v. 19, n. 1-2, jan.-dez. 2003.
- LINGUAGEM & ENSINO; Revista do Curso de Mestrado em Letras, Pelotas, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2003. (2 ex.).
- LINGUAGEM & ENSINO; Revista do Curso de Mestrado em Letras, Pelotas, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2004. (2 ex.).
- LINGUAGEM & ENSINO; Revista do Curso de Mestrado em Letras, Pelotas, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2005.

- LITERARY RESEARCH, (2002). Ontario, v. 19, n. 37-38.
- LUMEN; (2003). Revista de Estudos e Comunicações, São Paulo, v. 9, n. 22, set.-dez.
- LUMEN; (2003). Revista de Estudos e Comunicações, São Paulo, v. 9, n. 21, maio-ago.
- MADRYGAL; (2003). Revista de Estudios Gallegos, Madrid, v. 6.
- MOENIA; (2002). Revista Lucense de Lingüística & Literatura, Santiago de Compostela, v. 8.
- MOENIA; (2003). Revista Lucense de Lingüística & Literatura, Santiago de Compostela, v. 9.
- ORGANON; (2000). Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 14, n. 28-29.
- PALAVRA; (2002). Revista do Departamento de Letras da UFRJ, n. 9.
- POLÍTICA EXTERIOR, (2002). Madrid, v. 16, n. 85, ene.-feb.
- PRIMEIROS PASSOS, (2003). Ribeirão Preto, ano 3, n. 10, 4. trim.
- QVINTO IMPÉRIO; (2003). Revista de Cultura e Literatura de Língua Portuguesa, Salvador, n. 18, jul.
- REVISTA CIENTÍFICA DA FACEL, Curitiba, n. 2.
- REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA, (1996). Salvador, n. 42, mar.
- REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA, (1998). Salvador, n. 43, mar.
- REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA, (2000). Salvador, n. 44, nov.
- REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA, (2002). Salvador, n. 45, jul.
- REVISTA DA FAEBA; (2003). Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 19, jul.-dez.
- REVISTA DA FAEBA; (2003). Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 20, jul.-dez.
- REVISTA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS, (2003). Salvador, v. 2, n. 1, jan.-jun.
- REVISTA DE FILOLOGÍA ROMÁNICA, (2003). Madrid, n. 20.
- REVISTA DE LETRAS, (2002). Fortaleza, n. 24, v. 1-2, jan.-dez.
- REVISTA DE LETRAS (UNESP), (2003). São Paulo, v. 43, n. 2, jul.-dez. (2 ex.).
- REVISTA DO GELNE, (2001). Fortaleza, v. 3, n. 1.
- REVISTA FALA PALAVRA, (2002). Aracruz (ES), n. 2, nov.
- REVISTA FGB/FERP, (2003). volta Redonda, ano 6, n. 3, dez.

- REVISTA LETRAS, (2003). Curitiba, n. 59, jan.-jun.
- REVISTA LETRAS, (2003). Curitiba, n. 60.
- REVISTA LETRAS, (2003). Curitiba, n. 61.
- REVISTA NOBEL IURIS, (2003). Maringá, v.1, n.1, 2. sem.
- REVISTA PORTUGUESA DE HUMANIDADES; (2003). *Linguística, Literatura, Estudos Clássicos*, Braga, v. 7, fasc. 1-2.
- REVISTA PLURES HUMANIDADES, (2003). Ribeirão Preto, v. 4, n. 1.
- REVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA; (2003). *Linguas sen estado e planificación lingüística (I): Italia e Francia*, Vigo.
- REVUE DES LETTRES BELGES; (2000). *La peinture (d)écrite*, Bruxelles, n. 17-18.
- SIGNÓTICA, (1986). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 1, jul.-dez.
- SIGNÓTICA, (1994). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 6, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (1995). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 7, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (1998). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 10, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (1994). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 11, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (2000). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 12, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (2001). *Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 13, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (2002). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 14, jan.-dez.
- SIGNÓTICA, (2003). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 15, n. 1, jan.-jun.
- SIGNÓTICA, (2003). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística*, Goiânia, v. 15, n. 2, jul.-dez.
- SCRIPTA; (2003). *Revista de Ciências Humanas*, Curitiba, n. 1.
- TEMA; (2002). *Revista das Faculdades Integradas Teresa Martin, Pinheiros (SP)*, n. 41, jul.-dez.
- TEMA; (2003). *Revista das Faculdades Integradas Teresa Martin, Pinheiros (SP)*, n. 42, jan.-jun.
- TEMPO SOCIAL; (2003). *Revista de Sociologia da USP, São Paulo*, v. 15, n. 1, abr.